



Demóstenes Romano Filho
Patrícia Sartini
Margarida Maria Ferreira

Gente
cuidando das
Águas

DIRECCION GENERAL DE AGUAS
Centro de Información Recursos Hídricos
Área de Documentación

Copyright © 2002 by Instituto de Resultados em Gestão Social
Todos os direitos reservados.

Organização:

Demóstenes Romano Filho
Patrícia Sartini
Margarida Maria Ferreira

Revisão:

Maria de Lourdes Costa de Queiroz (Tucha)

Especialistas consultados:

Maria do Carmo Zinato
Maurício Andrés
Paulo Afonso Romano

Capa e ilustrações das aberturas:

Maurizio Manzo

Formatação:

Pablo Guimarães

R759a Romano Filho, Demóstenes.
Gente cuidando das águas / Demóstenes Romano
Filho, Patrícia Sartini, Margarida Maria Ferreira. –
Belo Horizonte : Mazza Edições, 2002.
208 p.

ISBN 85-89296-01-6

1. Água – aspectos ambientais. I. Título. II. Sartini,
Patrícia. III. Ferreira, Margarida Maria.

CDD: 574.5
CDU: 577.4

*Instituto de Resultados
em Gestão Social*

Rua Silva Freire, 133 – Bairro Horto
31035-070 Belo Horizonte – MG
Telefax: (0xx31) 3481-1188
E-mail: central@voluntarios-mg.org.br
www.voluntarios-mg.org.br

Produção gráfico-editorial:

Mazza Edições Ltda.

Rua Bragança, 101 – Bairro Pompéia
30280-410 Belo Horizonte – MG
Telefax: (0xx31) 3481-0591
E-mail: edmazza@uai.com.br
www.mazzaedicoes.com.br

DIRECCIÓN GENERAL DE AGUAS
Centro de Información Recursos Hídricos
Área de Documentación

*Um jeito diferente de
ver, sentir e cuidar
das Águas*

Raramente são os novos paradigmas que nos despertam para transformações: a crença em transformação, a vontade de transformar e o compromisso ético, existencial e espontâneo de sermos transformadores é que nos levam a buscar novos paradigmas.

Metodologia: fontes e usos

As bases filosóficas, conceituais e operacionais expressas neste livro são suportes e frutos do êxito de um trabalho de Mobilização Social que começou em janeiro de 1994, na articulação cidadã do "Pacto de Minas pela Educação"; se expandiu nas atividades do "Movimento de Cidadania pelas Águas", desde 22/03/1996; ganhou consistência no Projeto "Cidadãos para o Século XXI", lançado em 10/06/1997, em Belo Horizonte; passou a ter mais visibilidade na Central do Voluntariado de Minas Gerais, depois de 28/10/1997; se consolidou como Metodologia no Projeto "Meu Quarteirão no Mundo e o Mundo no Meu Quarteirão", a partir de 04/04/2000, e desde 21/01/2002 está organizado, formatado e registrado no Instituto de Resultados em Gestão Social.

Esta Metodologia tem sido aplicada em projetos sociais de resultados transformadores, em vilas, favelas, aglomerados, bairros, etc. é em gestão cidadã de Águas especialmente na articulação de uma rede de cidadania pelas Águas.

Este jeito diferente de ver, sentir e cuidar está sendo explicitado, neste livro, como tecnologia de Mobilização Social útil à gestão cidadã de águas, como parte do convênio MMA 2001-CV-000136, assinado entre a Central do Voluntariado de Minas Gerais e o Ministério do Meio Ambiente, para viabilizar o projeto "Capacitação em Mobilização Social e Referências Metodológicas para uma gestão cidadã de recursos hídricos na bacia do Rio São Francisco em Minas Gerais", que teve sua maior expressão operacional em ações do projeto "Gente cuidando das Águas".



Instituto de Resultados
em Gestão Social



Gente cuidando das águas.

AGRADECIMENTOS

Um livro sempre tem a identificação de quem o escreveu, explicitando autoria.

Neste, até onde foi possível, estão citados muitos nomes em créditos de pensamentos, opiniões e informações.

Impossível é dar créditos e agradecer a todos e tantos outros co-autores que possibilitaram esta obra, cada um no seu espaço, no seu tempo e no seu jeito: quem nos oxigenou com generoso apoio, quem nos orientou de outras dimensões, quem nos animou na caminhada, quem falhou conosco e nos exigiu capacidade de superação, quem se opôs a nós e nos fez testar convicções, quem acreditou nesta linha de trabalho e acrescentou em nossa evolução pessoal, profissional, cívica e espiritual.

Assim, a todos e a tantos (a uns já éramos devedores de gratidão antes deste livro e a outros somos gratos por esta oportunidade), queremos agradecer pela indescritível sensação de estarmos mais perto de Deus, ao nos exercitarmos na fraternidade com as Águas, no amor à Natureza e na evolução do Ser Humano como o mais transcendente sentido da Vida.

Os autores

ÍNDICE

Apresentação	11
Prefácio	13

PARTE I – “Caminhante, o caminho são teus passos, nada mais”	15
Capítulo I – “O caminho se faz ao andar”: Uma visão cidadã para a gestão de Águas	17

PARTE II – Água, Amor, Deus, Homem, Terra, Vida	23
Capítulo II – Humanizar o Homem	25
Capítulo III – Transcender ao ideal para engrandecer o real	27
Capítulo IV – Cuidar da Terra ou cuidar de mim?	29
Capítulo V – A Água não precisa de nós. Nós é que precisamos dela	33
Textos: Entrevista com Masaru Emoto: “Mais Mensagens na Água” (Reiko Myamoto Dewey)	41
“Água: Essencial para a Existência” – (Dan Stewart e Denise Routledge)	46
“O poder da Água” – (Jeanne Manning)	53

PARTE III – A gestão de Águas costuma se perder entre raízes do passado, utilitarismo do presente e ameaças do futuro	59
Capítulo VI – Luzes, lanternas e reflexões em mudanças de paradigmas	63
Textos: “A Verdadeira Seguradora” – Joe Lewis Powell	66
“Onde estamos? Para onde vamos?”	70
“Fábula dos Porcos Assados”	73
Capítulo VII – Mudanças de paradigmas retrovisor no passado e praia balsa para o futuro	76

PARTE IV – Uma opção metodológica que possibilite fluir ações como é da Natureza fluir a Água	81
Capítulo VIII – Cada jeito de ver, sentir e cuidar precisa de um jeito diferente de fazer bem-feito	85

PARTE V – Resultados como compromisso ético: o jeito de fazer faz a diferença	131
Capítulo IX – Quem sabe faz a hora, não espera acontecer	133
Capítulo X – Um dilema para mudanças em gestão de Águas: a atração pela mesmice e a dificuldade de transcender	141
Capítulo XI – O rei está nu em Nascentes, Zonas de Recargas, Barraginhas, Lixo e Alternativas Econômicas Ecológicas	148
Capítulo XII – Cuidar de gente: resultados dependem do conforto emocional dos participantes, sem sacrifícios e sem heroísmos	158
Capítulo XIII – Uma decisão pessoal: “Isto faz sentido”, “Isto EU POSSO fazer”, “Isto EU VOU fazer”	166
Capítulo XIV – Meia dúzia de toques para quem quer ser articulador e reeditor nesta rede de inovação e transformação da gestão de Águas ..	177
Anexos: “Prece”	181
“Planeta Água”	182
“Declaração Universal dos Direitos da Água”	183
“Teste de Cidadania”	185
“Complementariedade: os papéis de cada um”	190
“Quem faz o quê, onde?”	191

PARTE VI – Rede de Cidadania pelas Águas: ponto de encontro para sonhos possíveis	193
Capítulo XV – Um abrigo novo neste jeito diferente de ver, sentir e cuidar	195
Capítulo XVI – Sugestões de leitura e de endereços	203

APRESENTAÇÃO

Os últimos anos têm sido marcados pelas articulações entre países e instituições na busca de implementação dos conceitos e práticas para a melhoria da gestão ambiental.

São exemplos dessas iniciativas as Cúpulas da Terra – Rio/92 e Rio+10, recentemente realizada na África do Sul, em Joanesburgo.

O Brasil, por suas iniciativas, tem sido reconhecido mundialmente no aprimoramento do aparato legal e institucional dos instrumentos relativos à gestão ambiental.

No que se refere à gestão dos recursos hídricos, a edição de leis federais, como a "Lei das Águas" e a Lei de criação da Agência Nacional de Águas, complementadas com leis estaduais relativas aos recursos hídricos, compõem um arcabouço adequado aos novos conceitos de gestão ambiental e às nossas características federativas e de marcante diversidade social, biótica, econômica, cultural e geográfica.

Minha convicção é de que os mecanismos de comando e controle estabelecidos na legislação vigente são suficientes para uma satisfatória gestão ambiental e das águas em especial.

Reconheço, todavia, que a descentralização, a integração, a articulação e a democratização desses instrumentos é indispensável. A participação das pessoas e das comunidades como protagonistas do processo de gestão participativa e compartilhada é necessária.

A raiz da sustentabilidade e da eficácia do processo de gestão ambiental é, sem dúvida, também de gestão social e até política.

Tenho afirmado que, sem quebrar o ciclo vicioso entre pobreza e degradação ambiental muitos problemas não terão solução em nossa sociedade. Por isso, devem ser valorizadas, incentivadas e apoiadas as iniciativas de mobilização social pela Água, que aparecem sempre como vetor de processos, revelando todos os impactos da forma de viver e agir da sociedade.

GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS é mais do que uma metodologia. O livro, rico em conceitos e com base filosófica, mas de linguagem simples e clara, é uma atualíssima contribuição e estímulo para mudanças de comportamento e estabelecimento de postura ética em nossa relação com a natureza e nossos semelhantes.

Reconheço que o governo pode muito, mas não pode tudo e que as ações dos cidadãos são fundamentais e complementares ao processo formal de gestão das Águas.

Por compreender que um corpo d'Água não é simplesmente um corpo d'Água, mas sim o resultado de vários processos, e que desses processos deve participar a sociedade, acolhi no Comitê Gestor do Projeto de Conservação e Revitalização da Bacia do Rio São Francisco, a proposta de mobilização social para cuidar das cabeceiras e nascentes desse importante patrimônio hídrico nacional.

Parte do resultado desse trabalho está compreendido nesse livro adequada e oportunamente chamado de GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS, que certamente orientará muitos movimentos locais, regionais e nacionais de mobilização social pela Água.

Seu lançamento na mesma época em que ocorre a instalação do Comitê da Bacia do São Francisco é mais do que simbólico, porque assim fica claro à toda a sociedade sobre a importância da complementaridade entre a gestão institucional e a autogestão - a ação das pessoas cuidando da Água.

José Carlos Carvalho
Ministro do Meio Ambiente

PREFÁCIO

Para a ambientação do leitor com GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS são úteis duas indagações: 1) você está indignado com o estado das Águas, do meio ambiente e da sociedade? 2) você está disposto a se mobilizar para ser agente de mudanças e melhorar o mundo? Sendo positivas as respostas, você está diante de possibilidades concretas de encontrar-se, a si mesmo e com outras pessoas, e iniciar ou evoluir em um processo onde seu poder de cidadão e sua vontade de viver melhor sejam os elementos essenciais da construção de um novo modo de ser e agir. Nada a ver com auto-ajuda. Certamente, haverá, em alguns momentos, o saudável suor desintoxicador de uma boa jornada.

GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS ajuda e orienta no processo de mobilização pelas águas com exemplos do dia a dia associados à necessária profundidade do trato das coisas transcendentais. A força da cidadania é realçada como caminho da tão sonhada autogestão. Seu poder libertador é capaz de espantar mazelas, como o paternalismo e a acomodação.

Importante é a ênfase e o equilíbrio com que é tratada a participação cidadã na perspectiva de complementariedade no processo de gestão das Águas. Perguntas simples e necessárias devem ser repercutidas: quem melhor do que você, do que sua comunidade, para preservar uma nascente, reconhecendo-a como berço das Águas?

Ao articular o Movimento de Cidadania pelas Águas, em 1996, como 1º Secretário de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, eu expressava, como membro do governo, a

convicção da essencialidade da participação das pessoas na gestão das Águas. "Cada pessoa em cada momento e lugar buscando o melhor modo de cuidar da Água". É apropriado, merecido e necessário falar do cuidado com a Água, como fazemos com outros seres até menos vulneráveis do que ela, como gente, animais ou plantas. Por que não cuidaríamos bem da Água, que também é Vida? Com isso estaremos exercitando a "ética dos cuidados", proposta por Leonardo Boff, e fortalecendo os valores da fraternidade e da solidariedade, onde a emoção está sempre presente. E, no processo de mobilização social, enquanto a "emoção move a razão organizada".

GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS propõe várias entradas para quem quiser participar em processos de gestão de Água e gestão social.

No momento em que estudiosos, como o dr. Emoto, demonstram a singularidade da Água como ser sensível, nada mais oportuno do que nos mobilizarmos para cuidar dela generosa e amorosamente.

Uma reflexão: a Água é renovável no plano global. A quantidade é a mesma ao longo dos tempos. Mas, e a Água próxima de nós que minguou, o riacho que secou? Ou aquela que de tão poluída não é mais Água? Estas Águas migraram, fugiram dos maus tratos, assim como pessoas também fogem.

Por fim, GENTE CUIDANDO DAS ÁGUAS, mostra que pessoas devem se relacionar com a Água não apenas por sua utilidade, mas por sua transcendência de também ser Vida.

Paulo Afonso Romão
Articulador do Movimento de Cidadania pelas Águas

PARTE I

“Caminhante, o caminho são teus passos,
nada mais;
caminhante, não há caminho:
o caminho se faz ao andar”.

Antonio Machado





“O caminho se faz ao andar” – Uma visão cidadã para a gestão de Águas

*“Se quero chegar em algum lugar que não conheço,
tenho que percorrer caminhos que também desconheço.”*

São João da Cruz

O conteúdo deste livro foi organizado, experimentado e agora editado, porque este jeito de caminhar tem servido, em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores a quem quer evolução, inovação, transformação e resultados,

- com simplicidade ao abordar temas complexos,
- com ousadia ao propor novas formas de ver, sentir e cuidar de situações antigas e
- com coerência, consistência e consequência ao tratar de participação popular, inclusão, democratização, auto-sustentabilidade e cidadania como fatores de sucesso em gestão cidadã de Águas.

Na sua intenção geral, este livro parte de algumas obviedades nem sempre consideradas, pelo menos na prática, em gestão de Águas:

- Futuramente, quando historiadores e analistas tiverem isenção para estudar gestão de Águas e “gestão de Gente” dos últimos séculos até hoje, esta fase da Humanidade deverá ser apontada como uma das mais obscurantistas de toda a história do Homem. O paradoxo é que temos recursos suficientes (leis, tecnologias, conhecimentos acadêmicos, informações, dinheiro, estruturas administrativas, etc.) e os resultados não são proporcionais ao volume de recursos aplicados.
- É rotina, na imprensa, informações sobre recortes de assassínios, de seqüestros e de outras formas de autodestruição do Homem, e nós divulgamos e comentamos detalhes como se isso não estivesse acontecendo conosco, comigo, com a essencialidade de minha espécie, com a Vida. E, se acontece assim com gente, acaba acontecendo também com outros elementos essenciais como as Águas.

- Por que tão poucas pessoas cuidam de Águas, gente, harmonia, equilíbrio e Paz como cuidam de roupas, de farrugas, de Poder, de mico-leão-dourado, de equipamentos eletrônicos, de cachorros de estimação, etc., etc., etc.? Um dos pressupostos neste livro é que muitos burocratas, muitos tecnocratas, muitos acadêmicos, muitos militantes, muitos políticos e, por conseqüência, muitas leis e muitas instituições corporativistas procuram fazer do "cuidado oficial e legal" com as Águas e com Gente uma reserva de mercado. Ainda que não propositadamente, essas forças institucionais inibem o cidadão comum, no seu cotidiano, de ser um guardião e um agente ativo, por não ter cargo, autoridade governamental, especializações, registro profissional, cartão de visita ou crachá de alguma organização governamental ou não-governamental;

Conceitualmente, dois pressupostos irrigam este livro: o primeiro é o de que a emoção move e a razão organiza; o segundo, sustentado no primeiro, é o de que uma gestão de Águas só dará grandes saltos qualitativos e quantitativos quando se caracterizar mais por libertação do que por dominação, mais por civilidade do que por legalidade, mais por abundância do que por escassez, mais por autonomia do que por burocracia e mais por "empowerment" do que por infantilização.

A partir destes pressupostos e em coerência com eles, todas as páginas explicitam, reforçam e detalham conceitos e informações que possibilitam melhoria de resultados na gestão de Águas e de projetos sociais.

Enfim, eis o que sintetiza a proposta deste livro:

- METODOLOGIAS QUE ASSEGUREM TRANSFORMAÇÕES, GEREM AUTO-SUSTENTABILIDADE E SEJAM REEDITÁVEIS ONDE O LEITOR QUISER, EM SEU MUNICÍPIO, EM OUTRAS REGIÕES, OUTROS ESTADOS E ATÉ EM OUTROS PAISES;
- RESULTADOS COMO COMPROMISSO ÉTICO, EXISTENCIAL, ESSENCIAL, NATURAL E PRAZEROSO.

A idéia básica é a convicção de que dificilmente chegaremos a essa síntese de proposta sem passarmos, naturalmente, por quatro pontos estratégicos essenciais:

Primeiro ponto – Missão, visão, objetivo geral, imaginário, ideal, horizonte, sonho, onde quero chegar, o que eu quero alcançar, etc. – é claro que todo empreendedor minimamente conseqüente sabe, desde tempos remotos, que "vento algum é favorável a quem não sabe para onde ir". Mas aqui começa o desafio de discernir o que é meio e o que é fim, o que é processo e o que é produto, o que é febre e o que é termômetro. Exemplos: vender drogas é só um meio para o narcotraficante que busca dinheiro e poder como fins; dar aulas pode ser apenas uma forma de manter um

emprego e uma remuneração para um professor que não consegue anteciper um futuro na vida de seus alunos; fazer o discurso de educação ambiental é somente um meio, quando bem-feito, para ações ambientais; cuidar adequadamente de qualidade e quantidade de Águas não deve ser apenas um fim: a grandeza deste cuidado é ser um meio de vivermos num Mundo melhor.

E, na gestão cidadã de Águas, qual o nosso imaginário, qual a nossa visão, qual o nosso objetivo, onde queremos chegar? Queremos cuidar efetivamente do que mais afeta a quantidade e a qualidade das Águas (contaminações de Águas subterrâneas, usos e ocupações inadequados de solos em áreas de recargas, falta de coleta de Águas de chuvas, agrotóxicos e elementos químicos não biodegradáveis, etc., etc.) ou preferimos ficar no sofrimento da escassez em pouco eficazes campanhas de economia dos cidadãos, pessoas físicas, quando os maiores gastadores, predadores e poluidores são pessoas jurídicas, muitas vezes governamentais?

Em resumo, este primeiro ponto estratégico enfatiza a necessidade de não confundirmos meios, instrumentos, táticas e técnicas com fins, missão, ideal, sonho. E também clama por grandeza: em vez de gastarmos energias com a mesmice, com o que outros já fazem, com o que está esclerosado e desgastado, cuidemos de Água e de Gente de um jeito diferente, no qual sejam claros, explícitos e impactantes os avanços em Evolução, Inovação, Transformação e Construção de uma Nova Ordem Ambiental, Social e Econômica.

Segundo ponto – Nenhum resultado será efetivamente inovador, transformador e significativo no processo de evolução e construção de uma nova ordem se não tiver autogestão e auto-sustentabilidade no mais alto grau que se conseguir alcançar (veja no Capítulo VIII o conceito de autogestão e auto-sustentabilidade utilizado neste livro).

Terceiro ponto – Este ponto cuida do que é tão essencial em bons resultados na gestão cidadã de Águas e na gestão de projetos sociais de resultados transformadores como são essenciais a Água e o Oxigênio para o corpo humano: sentido da vida, transcendentalidade, civismo, cidadania, humanismo, virtudes e valores permanentes da Humanidade, espiritualidade e resultados como compromisso ético.

O pressuposto é que a emoção move. E aqui, neste terceiro ponto estratégico de gestão, tudo é emoção, sentimento, abstração, intangibilidade. Vale destacar uma obviedade comumente negligenciada: os principais atos do Ser Humano são praticados por Amor ou por desAmor. Daí a diferença entre cuidar das Águas pela grandeza do Amor ou pela obrigação de um emprego, pela conveniência de um cargo ou pela responsabilidade de uma representação.

Difícilmente darei grandeza às respostas às questões
"Onde quero chegar"? e "o que quero alcançar"?
se não vivo em função do "por que chegar"?
Se não priorizo, valorizo e engrandeço
o "por quê"? antes do "como"? "como"? antes do "o que"?,
do "onde", do "quando" e do "quem",
é quase inevitável eu perder de vista o sentido da vida e a eterna, saudável
e mobilizadora dúvida sobre
"de onde vim, onde estou e pra onde vou"? ou
"quem eu era, quem eu sou e quem eu serei"?

E, sem o tempero filosófico destas indagações, com ênfase no "por
quê"?; passo a ser mais um naufrago nas ondas da burocracia, da compe-
tição, das vaidades, dos ciúmes, das exhibições e da mesmice.

Quarto ponto – A mesma relevância do terceiro ponto estratégico
ao tratar da EMOÇÃO QUE MOVE, tem o quarto ponto ao cuidar da
RAZÃO QUE ORGANIZA. E os dois são praticamente indissociáveis, por-
que um motor convencional de um veículo também convencional não con-
segue mover o veículo sem combustível e nem o combustível o move sem
motor. É o que ocorre com Emoção e Razão: os terroristas que derrubaram
as torres do World Trade Center não teriam chegado ao que chegaram sem
a racionalidade dos treinamentos, das falsificações de identidades, dos
planejamentos de detalhes e das simulações operacionais, mas também
teriam desistido dos seus compromissos racionais a qualquer momento que
lhes faltasse a emoção de colocar suas vidas e milhares de outras vidas a
serviço de uma missão, por Amor e por desAmor.

"A emoção ensinou o homem a pensar."

Luc de Vaudenargues

Este livro não foi escrito com a intenção de "fazer a cabeça" de
ninguém e, menos ainda, de "chover no molhado" em conceitos e informa-
ções convencionalmente vistos em educação ambiental. Para isto existem
bons especialistas e boas obras especializadas.

Ele foi escrito com o propósito de prestar um serviço de
"empowerment" (fortalecimento, empoderamento, energização) a quem es-
teja querendo ser um novo ator e um novo autor, num jeito diferente de ver,
sentir e cuidar da gestão cidadã de Águas. É bem provável que ele mais
sirva em duas situações extremas: a quem esteja desconfortável por achar
que não participa de ações ambientalistas como deveria participar, ou a
quem participa muito e está incomodado por não ver resultados proporcio-
nais ao seu esforço e aos recursos empenhados.

Basicamente, não é um texto para aumentar sentimentos de culpa, para desassossegurar com ameaças, para repetir que você também é responsável.

O título de capa deste livro, Gente cuidando das Águas – “meia dúzia de toques e uma dúzia de idéias para um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Água” – quer dizer, como nas prosas do interior de Minas Gerais, que “meia dúzia” é uma medida para expressar “uns poucos”, “alguns”, “um punhadinho”. Já “uma dúzia” expressa um modo de falar “uma boa quantidade”, “um conjunto de”, “uma quantidade razoável”, “um punhado”. E “toques” e “idéias” não querem dizer regras, conclusões e nem mesmo sugestões, porque aqui não se trata de receituário tipo “Dez passos para...”, “Decálogo do...”, “Dez razões para...”, “Dez regras de ouro para...”

Em palavras mais cruas, este livro pouco vai servir a quem esteja satisfeito consigo, com suas idéias e com suas realizações na gestão de Águas, achando que só não está melhor por falta de dinheiro, de poder institucional e de mais leis, decretos, portarias e instruções normativas. Em compensação, deve servir à dona de casa que nunca foi devidamente considerada na “hierarquia” ambientalista, deve servir a cidadãos que até hoje não passaram de coadjuvantes em projetos apregoados como democráticos e também deve servir a angustiados mobilizadores sociais à procura de bases conceituais e referências metodológicas que assegurem mais e melhores resultados no cuidado com as Águas.

“O mundo não vai superar sua crise atual usando o mesmo pensamento que criou essa situação.”

Albert Einstein



PARTE II

Água, Amor, Deus, Homem, Terra, Vida

Como cuidar bem da Água sem cuidar bem do Planeta Terra?

Como cuidar bem do Planeta Terra sem cuidar bem do Homem?

Como cuidar bem do Homem sem cuidar bem de mim?

Como cuidar bem de mim sem um sentido para a minha vida?

Como cuidar do Sentido da Vida sem transcender a mim, ao Homem, à Água e ao Planeta Terra?

Como cuidar bem de transcendência sem cuidar bem do processo de Evolução que me possibilite cuidar de mim, da Água, da Terra, do Homem e da essencialidade da Vida?





Humanizar o Homem

“Ao longo deste século, vêm ocorrendo mudanças sociais, políticas e tecnológicas sem precedentes. Mudanças mais profundas estão à nossa frente. Para tomarmos as decisões que nos serão exigidas, devemos compreender a natureza da própria mudança — suas causas e seus efeitos —, os riscos e possibilidades que ela traz. É urgente e vital saber como criar um futuro mais desejável e mais humano.”

Instituto Smithsonian
The Phenomenon of Change

De onde vim, para onde vou?

A falta de resposta a esta pergunta leva o Homem ao paradoxo de, ao mesmo tempo, querer a resposta e negar a validade da pergunta. E aí se manifesta o paradoxo dos paradoxos: o Homem se desumanizando na prática de ser Homem.

Faltandó o projeto arquitetônico da sua própria Razão de Ser, pela indefinição de quem ele quer ser, deve ser, pode ser ou consegue ser, o Homem costuma partir para a engenharia do viver como um Animal que parece só ter uma certeza: a negação do Homem como animal Homem. Então, com indesejável freqüência, ele se alimenta como uma hiena, marca seu espaço como um leão, tenta se proteger como um cágado, repete outros como papagaio, é traiçoeiro como escorpião, esconde-se da realidade como avestruz, ameaça como cascavel, aproveita-se da fraqueza de outros como abutre e acaba passando a vida como um pato que na Água não consegue nadar como peixe, no ar não consegue voar como pássaro e no solo não consegue correr nem como galinha.

E, nessa desastrada engenharia do viver, mais marcante ainda no Homem é o seu instinto canibal e autofágico: certamente, entre todos os animais, o Homem é o que mais agride e elimina os elementos de sua própria espécie, fisicamente (matando), economicamente (dominando) e emocionalmente (excluindo, rejeitando).

A melhor das hipóteses, para alguns homens é parecer um terráqueo humano ao cuidar da ararinha-azul, da baleia branca, do mico-leão-dourado, do cãozinho de estimação, de seu cavalo marchador, de sua vaca leiteira ou do que nem vida tem: drogas, computador, telefone, conta bancária, poder institucional, etc., etc.

E Homem que não cuida bem da Humanização dele e de sua espécie vai cuidar bem de Água? Não é à toa que os Homens utilitaristas, de olhos dominadores, de tentáculos escravizadores e de convicções materialistas, que reduzem seus semelhantes ao plano econômico de Recursos Humanos, são os mesmos que tratam a Água como Recursos Hídricos, como instrumento de Poder, como valor econômico, como insumo de produção, e não como Ser.

Por isso, ter Homens Humanos é fator de sucesso quando se quer um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de uma boa gestão cidadã de Águas.

Daí a necessidade de busca de transição de uma cultura tecnicista, utilitarista, para uma cultura humanista, naturalista.

*"A vida é cheia e transbordante do novo.
Mas é necessário esvaziar o velho para dar
espaço à entrada do novo."*

Eileen Caddy
Footprints on the Path





Transcender ao ideal para engrandecer o real

*"Somos os criadores da nossa própria vida.
A nossa vida é o fruto de tudo o que fazemos."*

Joseph Campbell
The Power of Myth

Leonardo Boff disse que transcendência talvez seja o desafio mais escondido do ser humano, quando ele se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhado, porque se sente maior do que tudo que o cerca. Com seu pensamento, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços. Essa capacidade é o que nós chamamos de transcendência, isto é, transcende, rompe, vai além daquilo que é dado. Numa palavra, o ser humano é um projeto infinito. Ninguém segura os pensamentos, ninguém amarra as emoções. Elas podem nos levar longe no universo. Rompemos tudo, ninguém nos aprisiona. Mesmo os escravos mantidos nos calabouços são livres nas emoções, porque sua essência está na liberdade.

Transcender é dar alma ao sentido da vida. Quase sempre, só transcendendo o cego vê, só transcendendo a mediocridade dá lugar à grandeza, só transcendendo a mesmice cede espaço à mudança e só transcendendo o mundo restrito das certezas se abre para ser oxigenado no infinito das possibilidades.

Foi isso que o psicoterapeuta Viktor Frankl registrou nos campos de concentração de Auschwitz e Dachau. Ele relata que prisioneiros famélicos, com a pele nos ossos, se levantavam cambaleantes e se jogavam em cercas eletrificadas para morrerem eletrocutados, procurando o fim de seu sofrimento. Na mesma situação de penúria, de humilhação e de indignidade, outros prisioneiros faziam o contrário: esperavam com altivez a sua hora de serem levados ao forno crematório e, quando iam, reuniam suas reservas finais de energia para cantar canções de resistência, de Amor, de louvor, de transcendência.

É também um pouco do que disse Fernando Pessoa, ao versar que "tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Essa transcendência que dá grandeza e alma ao sentido de vida do Homem é um toque de Deus, um sopro de mistério e uma carícia do Criador.

A diferença entre fazer pelas razões dos homens (com minúsculo 'h' de hipotrofiado) e fazer pelas razões do Homem (com maiúsculo 'H' de Honra) é a diferença entre consagrar o jeito ao que transcende ou reduzir o jeito ao que não engrandecé. Exemplos: um homem na mesmice de dirigir um ônibus ou um Homem que consagra seu trabalho de motorista ao nobre objetivo de facilitar o ir e vir das pessoas; um homem que é professor no ensino de conhecimentos convencionais ou um Homem que é professor para antecipar a visão de futuro, com Paz, Harmonia, Felicidade; um homem que ensina profissão de pobre para pobre, a pretexto de necessidades imediatas ou um Homem que identifica talentos e realiza potencialidades em comunidades de baixa renda e baixa escolaridade; um pedreiro que trabalha na construção de uma parede como uma obra qualquer ou um pedreiro que faz a mesma parede com a percepção e o prazer de estar erguendo uma catedral.

Na transcendência ninguém faz só por si e nem faz por outras pessoas. Eu transcendendo necessariamente quem eu sou na evolução ao que desejo ser. E o meu processo de evolução será tão mais continuado quanto mais for um constante ritual de consagração a um mundo melhor.

Esta visão de transcendência nos cuidados do Homem com o Planeta Terra e com a Água é uma esperança de um novo tempo de respeito à Vida.

"Venham para a beira, disse ele.

Eles disseram: temos medo.

Venham para a beira, disse ele.

Eles foram.

Eles os empurrou... e eles voaram."

Guillaume Apollinaire





Cuidar da Terra ou cuidar de mim?

*“Nós, seres humanos, podemos ser o satã da Terra,
como podemos ser seu anjo de guarda bom.”*

Leonardo Boff

Você já notou que ao nos referirmos aos planetas do Sistema Solar (Marte, Vênus, Terra, Urano, Júpiter, Mercúrio, Saturno, Netuno e Plutão) nós, os terráqueos, tratamos o nosso como feminino (dizemos a Terra e não o Terra)? Inconscientemente, o consideramos nossa mãe e nossa morada, que também são femininas. Na verdade, não é apenas uma questão de considerarmos ou não: o nosso corpo efetivamente é uma ínfima parte deste Planeta que se constitui, como o nosso corpo, de sólidos, líquidos e gases.

Daí o gravíssimo equívoco de quase todos os terráqueos que não prestam atenção nisso, quando a realidade absoluta e concreta é que todos nós não apenas estamos na Terra, nós somos da Terra, ou melhor, nós também somos a Terra.

Segundo Marcelo Barros, em seu livro *O Espírito vem pelas Águas*, “... a concepção da Terra como um ser vivo com propriedades divinas vem do mundo antigo e se concretizou no mito grego de Gaia, a deusa Terra. Há alguns anos, o cientista inglês James Lovelock lançou a tese de que esse mito tem fundamentos científicos. Essa pesquisa foi retomada e completada por William Golding. Assim se chegou a “hipótese Gaia”.

Os cientistas descobriram que a biosfera da terra, junto com a atmosfera, os oceanos, as Águas dos rios e lagos, enfim, tudo o que constitui o sistema de vida na Terra, se revela como um único e complexo sistema, uma espécie de “organismo”, capaz de conservar o Planeta nas condições favoráveis à vida e a uma vida garantida pela assunção da energia solar.

O sistema Terra dispõe de um eficiente sistema de segurança que o protege de associações genéticas danosas à vida. Dispõe de uma inteligência superior e uma memória acumulada no curso de milhões de anos. Hoje se fala numa “sabedoria do corpo” (body wisdom)...

Creio que essa hipótese Gaia pode contribuir para nossa forma de conviver com a Água. Oferece uma base para a “espiritualidade ecológica”:

a convicção de pertencermos orgânica e espiritualmente à Terra e à Água, como a todo o seu contexto vital... Crer nessa "pertença" pode nos ajudar a não nos comportarmos como donos (as) da Terra, do córrego que passa atrás de casa e da caixa d'Água que fornece Água à cozinha e ao banheiro. Somos participantes e elementos integrantes do Universo."

Segundo Fritjof Capra, "a ecologia profunda centraliza-se em valores holísticos e, mais propriamente, ecocêntricos (centralizados na Terra como um sistema vivo, Gaia). Nesta acepção, todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências, formando uma rede de vida dinâmica e auto-consistente. Aliás, com estas características, a própria rede parece ser um organismo. Neste sentido, o homem não é melhor ou pior que qualquer outra espécie, mas um componente fundamental desta rede, criado por ela, mantido por ela, influenciado por ela e tendo o poder de influenciá-la (tanto positiva quanto negativamente) tanto quanto é influenciado por ela. Aliás, somos meros nódulos da rede da vida, juntamente com todas as outras espécies vivas, tendo a única diferença de sermos complexamente racionais, o que nos faz quase sempre nos identificarmos apenas com esta qualidade, esquecendo-nos de que o organismo, como um todo, possui uma racionalidade ainda mais sábia que a racionalidade intelectual."

ESSA DISTORÇÃO É UMA DAS RAZÕES QUE LEVAM TANTA GENTE AO NÃO MENOS EQUIVOCADO CONCEITO DE "SALVAR O PLANETA TERRA", COMO SE, NESTE CASO, COUBESSEM O "NÓS E ELE". PIOR AINDA: ALÉM DE NEGAR A EVIDÊNCIA DE QUE SOMOS ELE OU PELO MENOS A CLAREZA DE QUE SOMOS DELE, AINDA NOS POSICIONAMOS COMO SUPERIORES A ELE, AO NOS PROCLAMARMOS SALVADORES DELE.

Também por isso é que tanta gente comete o engano de dizer "jogar fora" ao tirar coisas de uma moradia ou de um veículo de transporte para "jogar dentro" de algum espaço (rio, mar, rua, praça, lote vago, pasto ou lavoura), que é mais natural e original da Terra do que uma casa ou um carro, que são artificiais no Planeta.

São observações assim que apontam para uma hoje dramática e amanhã promissora circunstância: cada um de nós, terráqueos, vai melhorando seus cuidados com o Planeta Terra quanto mais tiver a humildade e sabedoria de se colocar ativamente como parte de um sistema que não corre riscos, porque apenas se transmuta, colocando em risco, sim, o frágil Homem ao provocar tantas mutações.

Se pensarmos, por exemplo, numa lata velha que jogada fora acaba no fundo do leito de um ribeirão, o que isso representa para o Planeta Terra, para a Água e para o Homem? E se o lixo for um prego, um pára-choque de caminhão ou qualquer outro objeto fabricado a partir de ferro,

choque de caminhão ou qualquer outro objeto fabricado a partir de ferro, alumínio ou outra matéria-prima mineral? Como na natureza "nada se cria, nada se perde, tudo se transforma", segundo Lavoisier, o que deve acontecer para o Planeta Terra é que estes materiais um dia, ainda que em décadas ou séculos ou milênios depois, se transformarão.

Então, se o lixo polui e atrapalha o curso da Água, agrava as condições de assoreamento do leito, contribui para as enchentes, em forma de excedentes do líquido na calha do ribeirão, QUEM PERDE, DE IMEDIATO, SÃO O HOMEM E OUTROS SERES VIVOS DIRETAMENTE AFETADOS, NÃO O PLANETA TERRA E NEM A ÁGUA, EM SI.

Cientistas dizem que as primeiras vidas no Planeta Terra (a vida nele, não ele) começaram há mais de 3.800.000.000 (três bilhões e oitocentos milhões) de anos. E elas não se extinguiram todas (como se extinguiram os dinossauros) nem quando o Planeta sofreu poucos, mas fortíssimos choques de asteróides, cometas e outros corpos do sistema planetário. Num desses choques, o que chamamos de Continente Africano separou-se do que consideramos ser América do Sul. Em outro choque, o que hoje chamamos de Índia saiu de perto de onde é atualmente a Austrália e se chocou com a Ásia, formando, pela colisão, o Himalaia, com o Monte Everest e sua cadeia de nove dos mais elevados picos do mundo.

"A civilização existe por consentimento geológico, sujeito a mudança sem aviso prévio."

Will Durand



225 milhões de anos atrás

135 milhões de anos atrás

Hoje

Fonte: Guia para o Planeta Terra – Art Sussman

Enfim, nós passaremos (eu passarei, você passará, nós passaremos), como tantos passaram, e a Terra continuará reciclando tudo, incluindo eu, você, nós.

Antes que um acomodado pergunte: "Então, não há o que fazer?", antes que um desanimado afirme "Então, eu não preciso fazer" ou antes que um fatalista se comporte passivamente apenas como material reciclável, eu grito junto com outros e espero que o eco de nosso grito seja referência para um belo espetáculo de som da Vida:

"EU SOU ENERGIA, EU SOU VIDA, EU SOU MILHÕES DE MOLÉCULAS DE ÁGUA, SOU SUBSTÂNCIA DA TERRA, EU SOU PRESENÇA DO HOMEM, EU SOU ESSÊNCIA DO CRIADOR!"

A enorme diferença entre cuidar da Terra para "salvá-la" ou cuidar da Terra pelo Amor à Vida é que o Cuidado pelo Amor à Vida é um Cuidado Transcendente, Consistente, Coerente, Conseqüente, Puro, Essencial, Permanente.

"Estamos todos neste planeta, por assim dizer, como turistas. Nenhum de nós pode morar aqui para sempre. O maior tempo que podemos ficar são aproximadamente cem anos. Sendo assim, enquanto estamos aqui, deveríamos procurar ter um bom coração e fazer de nossas vidas algo de positivo e útil. Quer vivamos poucos anos ou um século inteiro, seria lamentável e triste passar este tempo agravando os problemas que afligem as outras pessoas, os animais e o ambiente."

Dalai-Lama





A Água não precisa de nós. Nós é que precisamos dela

"A explosão de um fósforo é tão maravilhosa quanto o funcionamento de um cérebro; a união de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio numa molécula de Água é tão maravilhosa quanto o crescimento de uma criança. A natureza não classifica suas obras em ordem de mérito; para ela, cada coisa é tão fácil quanto as outras: ela põe toda a sua atenção em tudo o que faz... [ela] vive através de toda vida, se estende por toda extensão, se espalha individualmente, trabalha sem se esgotar."

Stephen Paget

Uma obviedade pouco considerada: quem está mais tempo no Planeta Terra, o leitor deste texto ou a Água? E qual dos dois vai ficar mais tempo na sua configuração física e química atual?

A Água não só está na Terra antes de nós como vai continuar depois de nós: nosso corpo nem teria a forma que tem sem ela, já que ela constitui cerca de 70% do corpo humano e de 50% a 90% de quase todas as frutas, vegetais e outros alimentos consumidos por nós todos os dias.

Agora, prestemos atenção nesta obviedade que, geralmente, fingimos não saber, como se fosse possível escondê-la de nós mesmos: **A ÁGUA NÃO PRECISA QUE EU A SALVE. EU É QUE ESTOU AMEAÇADO.** Então, eu que trate de cuidar da Água com muito empenho, com muita urgência, com muito respeito às vidas que ela abriga e às vidas dos seres que asseguram a presença dela próxima a mim.

O INTERESSE É MEU. EU É QUE PRECISO DE ÁGUA PARA VIVER. A ÁGUA NÃO PRECISA DE MIM.

A necessidade vital da Água para mim e para todo ser vivo, todos nós sabemos, até por instinto de sobrevivência, independente de nossa escolaridade, de nossos conhecimentos de química, de física, de ciências biológicas.

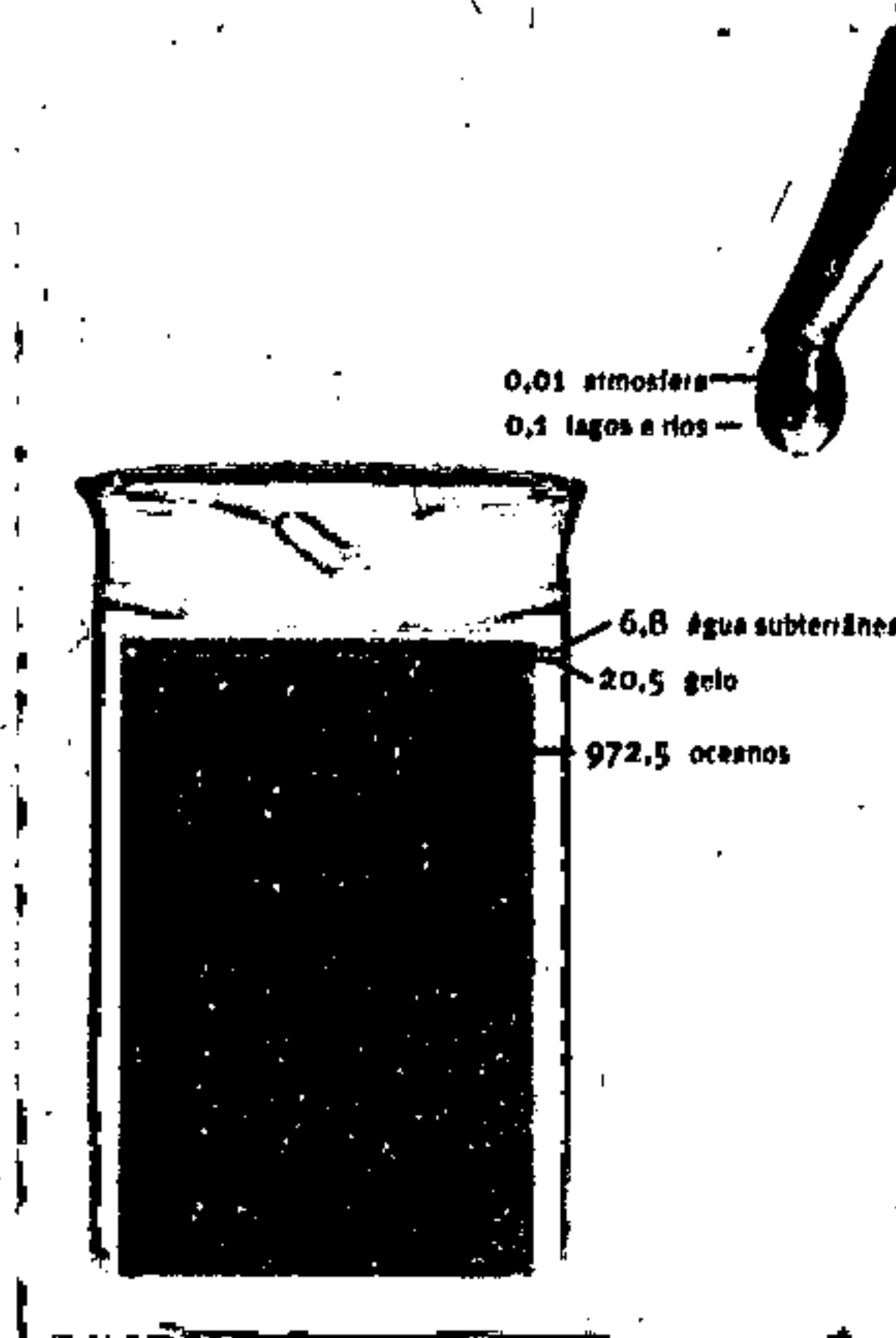
Agora de outro ângulo, vejamos como a Água é livre, leve e solta, comigo ou sem mim, conosco ou sem nós.

Começemos pelo que dizem doutores nesta matéria:

- 1) a menor porção de Água é uma molécula de H_2O .
- 2) H_2O é uma molécula formada por dois átomos de hidrogênio ligados a um átomo de oxigênio.

- 3) Uma gota d'Água contém cerca de 3.000.000.000.000.000.000.000 de moléculas de H_2O .
- 4) Uma mesma molécula muda seu estado físico, quando, por exemplo, ela sozinha ou toda uma gota em estado líquido se evapora (como gás) ou se solidifica como gelo. E assim, esta mesma molécula também muda sua localização física, às vezes ficando num rio, às vezes ficando na atmosfera, às vezes ficando debaixo da terra, numa geleira ou num oceano, ou num animal ou num vegetal.
- 5) Segundo Art Sussman, em seu Guia para o Planeta Terra, "de uma perspectiva global de longo prazo, vemos que as mesmas moléculas de Água são usadas indefinidamente. A hidrosfera, o sistema de Água do Planeta Terra, é um sistema fechado. Nenhuma Água nova entra na hidrosfera. Nenhuma Água usada sai da hidrosfera. A mesma Água passa de um reservatório a outro, circulando continuamente, e sugerindo o nome que damos a este fenômeno – Ciclo da Água."

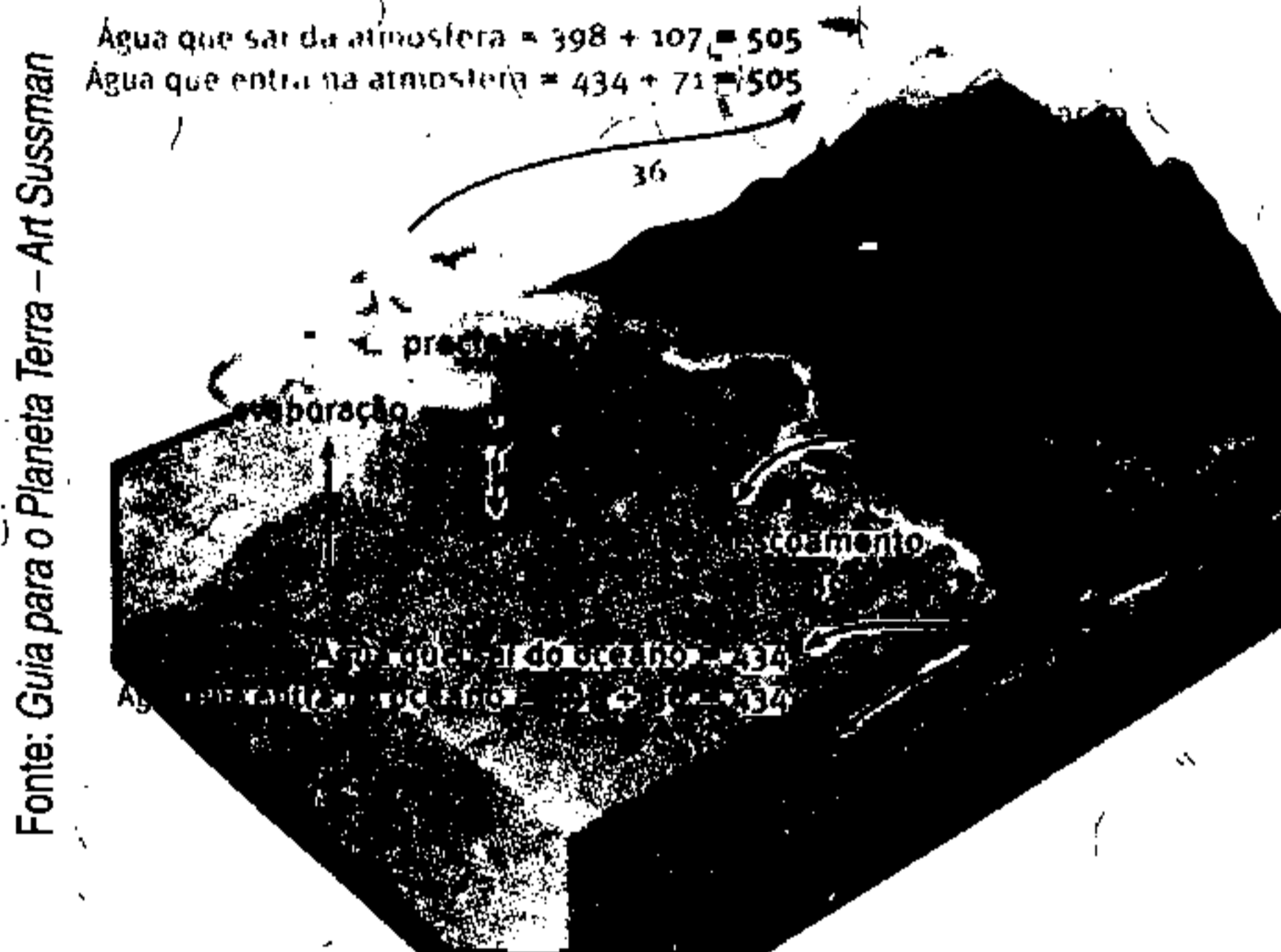
RESERVATÓRIOS DE ÁGUA DA TERRA		
Reservatório	% do total	Volume em quilômetros cúbicos
Oceano	97,25%	1.370.000.000
Calotas polares/geleiras	2,05%	29.000.000
Água subterrânea	0,68%	9.500.000
Lagos	0,01%	125.000
Solos	0,005%	65.000
Atmosfera	0,001%	13.000
Rios	0,0001%	1.700
Biosfera	0,00004%	600
Total	100%	1.408.700.000



Fonte: Guia para o Planeta Terra - Art Sussman

6) Para exemplificar o parágrafo anterior, ilustrando o Ciclo da Água, o dr. Art explica o vaivém das moléculas de H_2O , só que em medidas de unidades:

"No caso do oceano, 434 unidades (cada unidade é igual a 1.000 quilômetros cúbicos de Água) saem dele anualmente, através da evaporação. Entretanto, 398 dessas unidades retornam diretamente a ele como precipitação (chuva). As 36 unidades restantes se dispersam e caem sobre o solo, principalmente como chuva ou neve. Se estas não voltassem ao oceano, ele aos poucos perderia Água. Mas não é isso o que acontece. No decorrer de um ano, 36 unidades de Água escoam da Terra para o mar. Assim, exatamente a mesma quantidade de Água que sai do oceano volta a ele, o que deixa seu volume total inalterado. A quantidade de Água na atmosfera também, permanece constante porque o volume que entra é igual ao volume que sai."



7) Deixando ao leitor a provocação de imaginar as moléculas das Águas que banharam Cleópatra, ou as que João Batista usou para batizar Jesus, ou as que compuseram o sangue contido num pernilongo, o dr. Art Sussman também fala do Ciclo das Águas com uma didática simples e bem-humorada:

"Outra maneira de entender o Ciclo da Água: pense num dos nossos ancestrais que viveram na África um milhão de anos atrás; ou num dinossauro que viveu há 70 milhões de anos; ou, ainda, imagine um búfalo que vagava no meio-oeste americano milhões de anos antes da chegada de seres humanos. Seja o que for que você resolva levar em consideração, esse organismo bebeu Água durante toda a sua vida. Essa Água estava presente em cada gole, cada grão, peixe ou carne que ele consumia. As moléculas de Água se tornaram parte do corpo desse organismo e dele voltaram para a Terra como sangue, suor, urina e vapor d'Água exalado. Mas... encha um copo com Água.

Esse copo que você segura nas mãos hoje contém mais de dez milhões de moléculas de Água que um dia passaram pelo corpo do búfalo, mais de dez milhões de moléculas de Água que percorreram o corpo do dinossauro e mais de dez milhões de moléculas de Água que estiveram em contato com os nossos ancestrais africanos! A Água que nós bebemos nos une estreitamente aos seres vivos que habitaram o Planeta antes de nós, aos que nele vivem atualmente e aos que estarão aqui no futuro.”

Maurizio Manzo



Então, por estas palavras do dr. Art Sussman e pelos conhecimentos disponíveis sobre este tema, A ÁGUA NÃO VAI ACABAR NO PLANETA TERRA.

Repetindo: A ÁGUA DO PLANETA TERRA NÃO ESTÁ DIMINUINDO E NÃO VAI ACABAR.

Numa analogia bem simples, está acontecendo com a Água ao nosso alcance o que costuma acontecer entre nós e um cachorro ou outro animal: o que nós maltratamos, acaba fugindo de nós, ficando longe de nós, nos evitando.

Assim, A ÁGUA DO PLANETA TERRA NÃO ESTÁ DIMINUINDO NEM UMA MOLÉCULA E NEM VAI DIMINUIR NO RESERVATÓRIO TOTAL DOS OCEANOS, DAS GELEIRAS, DOS RIOS, DOS SUBSOLOS E DA ATMOSFERA: ela só está ficando mais longe dos que não cuidam de Nascentes, de Águas de chuvas e de áreas de recargas. Ela só foge de quem não zela por sua qualidade, como um cachorro corre de quem o maltrata.

Daí ser crescente a quantidade de pessoas que evoluem na gestão cidadã de Águas, sabendo que devemos cuidar bem delas por nós mesmos, por nossas razões de fraternidade (as Águas são criaturas do nosso reino espiritual, da nossa irmandade), por nossas razões de civilidade (afi-

nal, somos seres sociais, em coletividades), por nossas razões de sobrevivência (sem ela não temos negócios, não temos lucros, não temos serviços, não temos Poder, não temos vidas).

Essas razões são verdadeiras, são universais, são permanentes; são tão minhas quanto suas e tão nossas quanto de todos os seres vivos do Planeta Terra. E servem às pessoas espiritualizadas como servem às materialistas, tanto quanto servem aos crédulos e aos céticos ou aos doutores e aos de baixa escolaridade.

E a natureza dessas razões, em sua essência, implícita e intrinsecamente, caracteriza-se como natureza de libertação, de "empowerment", de fortalecimento, de empoderamento, de energização.

Se cuido das Águas por essas razões, cuido porque **EU POSSO CUIDAR**, cuido porque **EU QUERO CUIDAR**. Cuido por minhas razões, por uma ética existencial, e não por razões dos outros, por conveniências ou por obrigações que me são impostas, explícita ou subliminarmente, em forma de campanhas terroristas (o fim da Água no Planeta Terra), de "marquetagens" manipuladoras ("salvar" os rios e não nós mesmos), de sentimentos de culpa (assumir responsabilidade ao invés de cuidar por oportunidade).

Sintetizando, em destaque, com ênfase:

CUIDAR DA ÁGUA, SIM; MAS CUIDAR COM A LEVEZA, A GENEROSIDADE E A EMPATIA QUE UMA PESSOA EVOLUÍDA DEDICA AOS SERES VIVOS QUE ELA MAIS VALORIZA.

Em nossa cultura ainda não há espaço confortável para se admitir naturalmente que "a **ÁGUA POSSUI TRÊS CORPOS: O FÍSICO, O EMOCIONAL E O MENTAL**".

Quem diz e prova isto não é um leigo acobertado por sua ignorância e nem um esotérico alando em sua fuga ao convencional – é o cientista Jean Pierre Garel, biólogo molecular, diretor-honorário de pesquisas do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRAS) de Clermont Ferrand, na França.

Ele costuma ser didático e acessível ao falar de seus estudos e de suas conclusões sobre o tema "A Água como Vetor de Informação".

No início da década de 1990, Garel recebeu especial atenção de acadêmicos de todo o mundo por estas conclusões:

"A Água se comporta como um meio de comunicação supramolecular, capaz de captar informações, armazená-las e restituí-las, como um emissor-receptor. Além do mais, este comportamento de conjunto é sintonizado como o de um sistema não linear ou global onde cada molécula de cada casulo é informada do estado do conjunto de casulos. Os físicos falam de um efeito laser ou de coerência eletrodinâmica. Deixemo-los com seus modelos e retenhamos isto: de acordo com a nossa imagem biológica de um organismo evoluído, esta dimensão da rede ressonante constituirá 'o corpo sensível ou emocional' da Água. Ele é análogo ao nosso sistema nervoso.

Por mais espantoso que isso possa parecer, existe um terceiro nível de comunicação através da Água. Exames clínicos e terapêuticos realizados por numerosos especialistas, utilizando o pulso do dr. Nogler de Lyon – mais conhecido como reflexo aurículo cardíaco (RAC) – corroborados por experiências biomédicas utilizando aparelhos alemães tipo Mora ou Veja, demonstram a existência de um sinal ou de uma transferência de informações altamente específica induzida por uma solução aquosa, à curta distância (algumas dezenas de centímetros).”

Na mesma linha de observação, é ainda oportuno considerar as seguintes observações de Jean Pierre Garel:

“A Água é capaz de se associar a si mesma, mas também a qualquer tipo de composto, de carga positiva, negativa ou neutra. No estado sólido, como gelo, ela se condensa sobre si mesma para constituir conjuntos sólidos altamente ordenados. Por outro lado, em estado gasoso ou de vapor ela é completamente dissociada: neste estado, a fórmula H_2O tem um sentido. Em estado líquido, ela é infinitamente mais complexa. Encontramos ‘flocos de neve’ na Água, cadeias lineares ou poligonais, mais curtas à medida que a temperatura é mais elevada. Esta capacidade de formar conjuntos supramoleculares altamente variados em tamanho e forma se baseia numa particular forma de ligação entre a flecha e a cúpula: a ligação fraca ou ponte de Hidrogênio. Ela se ‘funde’ a cerca de 70 graus, como as cadeias do DNA.”

Para facilitar o entendimento a leigos e para possibilitar comprovação a céticos sobre “A Água como Vetor de Informação”, Jean Pierre Garel propõe um exercício de fotos de cristais de Água em situações ambientais diversas, registrando nas fotos formas simétricas, “bonitas” e “harmônicas” quando a Água fotografada está em ambiente harmônico e em condições harmônicas, e registrando formas “desordenadas” quando a Água está submetida a condições de estresse, de muito barulho, de desordenação, de poluição.

A propósito, Garel faz a seguinte afirmação sobre a Água como um bioindicador de impactos ambientais e estresse:

“A Água de torneira exposta por alguns minutos a uma tela de TV se torna tóxica quando observada por uma bateria de métodos diferentes, como a sobrevivência de flores cortadas. Ressonância magnética nuclear (isótopo 170) mostra a desordem da conformação supermacromolecular de casulos ou aglomerados e redes hídricas. Ligações de hidrogênio são parcialmente quebradas. Organismos vivos se recusam a absorver esta Água desestruturada e não biocompatível, mesmo quando a sua composição química permanece a mesma.

Além disso, esta Água modificada por irradiação aparece numa base clínica pronta para induzir estresse neurovegetativo. Ela pode ser balanceada pelo uso de um barro especificamente modificado ou por cerâmica. Estes

materiais são capazes de reorganizar a estrutura supermacromolecular da Água e fazê-la biocompatível. Ela pode vantajosamente ser utilizada para neutralizar o estresse causado pela tela de TV, melhorar a resistência de plantas e de animais, adocicar Águas, aumentar a idade de vinhos, melhorar o gosto de alimentos. Água estruturada = Água saudável."

Outra forma ainda mais simples que Jean Pierre Garel encontrou para provar que "a Água está indissolúvelmente associada à vida" e que "sem Água não há vida biológica", é o teste da salsinha, um exercício que qualquer pessoa pode fazer em casa ou no seu trabalho.

Para fazer o teste da salsinha, pegue dois copos iguais e encha-os de Água da mesma origem, na mesma medida e na mesma hora, de maneira que as condições sejam iguais (melhor que a Água seja natural e pura, sem tratamento químico e com um mínimo de tempo de envazamento). Paralelamente, pegue dois ramos de salsinha, de um mesmo pé e em condições semelhantes, e coloque-os cada um em um dos copos cheios d'Água. Imediatamente depois disso, leve um dos copos para um ambiente próximo ao natural de uma fonte d'Água, de uma Nascente (um jardim, um canteiro ou pelo menos um banheiro que seja limpo, arejado, tranquilo) e leve o outro para um local de ruídos e de ondas eletromagnéticas, perto de equipamentos de TV, de computação e de sons que fiquem normalmente ligados. Entre vinte e quatro e quarenta e oito horas depois, veja o que acontece com um ramo de salsinha e com outro: o que está na Água preservada se nutre dela e vive muito mais do que o outro que "adoece" e "morre" com a "doença" e "morte" da Água estressada.

Outros trabalhos têm sido realizados nesta linha de constatar que a Água é um ser semelhante ao Homem, às plantas e aos animais. A seguir, foram selecionados alguns deles, para exemplificar melhor o que estamos dizendo.

Uma pesquisa sobre como as palavras, sentimentos, pensamentos e energias vibracionais humanas afetam a estrutura molecular da Água é do japonês Masaru Emoto, 59 anos.

Masaru Emoto, nasceu no Japão, na cidade de Yokohama, em julho de 1943. Ele formou-se na Universidade Municipal de Yokohama, no departamento de Ciências Humanas, com ênfase em Relações Internacionais. Em 1986 ele abriu a IHM Corporation em Tokyo. Em outubro de 1992, recebeu a certificação da Universidade Aberta Internacional como doutor em Medicina Alternativa. Apresentado ao conceito de microaglomerados de Água na Tecnologia de Análise de Ressonância Magnética dos Estados Unidos, ele começou a busca para descobrir o mistério da Água.

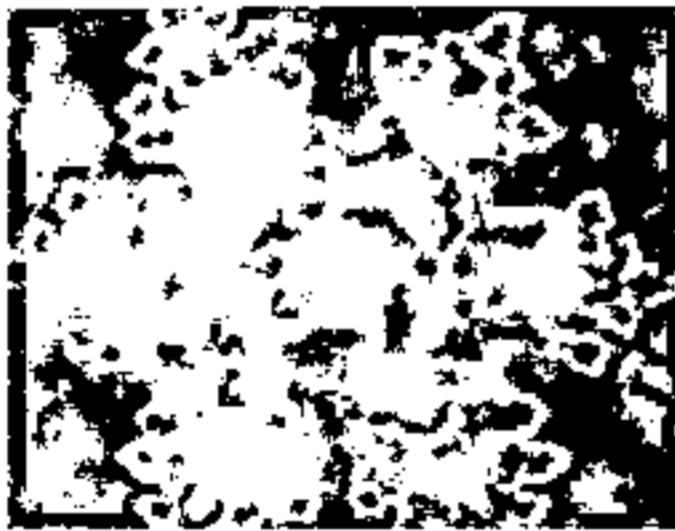
Ele se comprometeu a fazer pesquisas extensivas sobre Água pelo Planeta não tanto como um cientista, mas voltado à perspectiva de um

pensador original. Durante suas pesquisas, ele descobriu que é pela forma de cristal congelado que a Água nos mostra a sua verdadeira natureza, avançando seus estudos nos parâmetros considerados por Jean Pierre Garel.

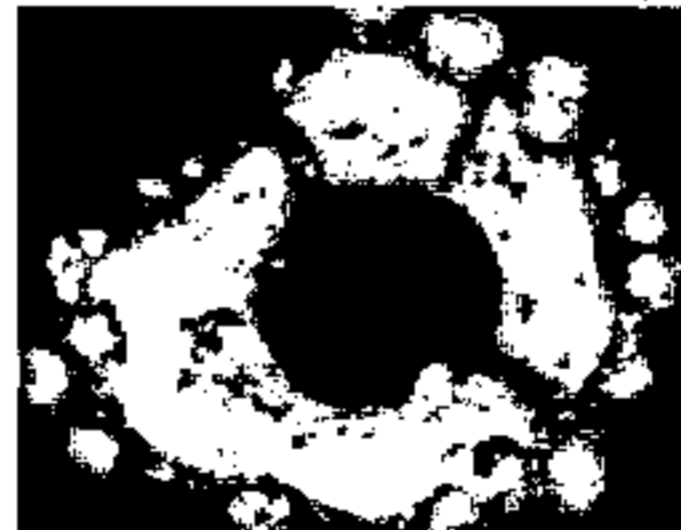
Chefe representativo do International Hado Fellowship, ele criou a Organização WISE Crystal em Zurique, na Suíça (Instituto Mundial de Energia Sutil) e divide o seu tempo entre o Japão e um circuito de conferências pelo mundo. Em seu livro A Mensagem da Água, ele revela um ensaio fotográfico de beleza ímpar.

Emoto descobriu diferenças fascinantes nas estruturas cristalinas das mais diferentes fontes de Água ao redor do Planeta. É impressionante como sons, símbolos arquetípicos, imagens vivas, a música e a natureza provocam uma intensa modificação na estrutura molecular da Água, criando formas exóticas, belas e estranhas.

A Nascente de Água pura que jorra da montanha mostra maravilhosos desenhos geométricos em padrões cristalinos. Águas poluídas e tóxicas de áreas industriais e povoadas, Águas estagnadas das tubulações e represadas mostram estruturas cristalinas definitivamente distorcidas e formadas aleatoriamente. Músicas clássicas emitem vibrações que cristalizam formas magníficas, ao passo que a música "heavy metal" produz formas medonhas.



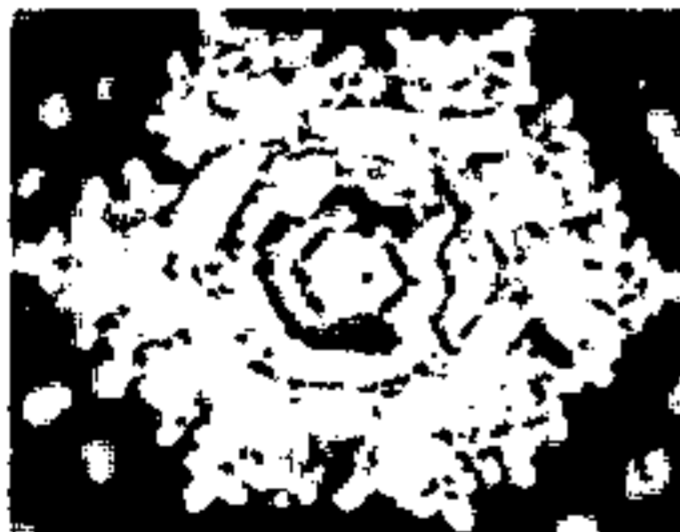
Esta é a forma perfeita da molécula de água pura.



A molécula distorcida é de água poluída.



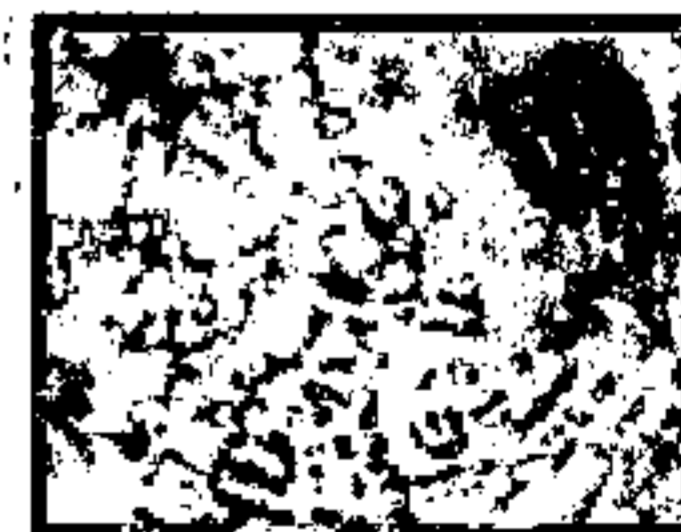
Represa Fujiwara, Japão, antes de uma oração...



... E depois das palavras e intenções da prece.



... Água reagindo ao som da música clássica



... E vibrando com rock pesado



Captando amor e admiração...



... E a água submetida a pensamentos de ódio e raiva

Entrevista com Masaru Emoto

Entrevistador: Reiko Myamoto Dewey

Mais mensagens na Água

Pergunta: Nós lemos o seu livro *A Mensagem da Água* e o apresentamos no nosso website (veja *Cristais de Água Conscientes: o poder da oração se tornou visível*). Este tem sido o nosso artigo mais popular, com a sua leitura crescendo toda semana, e suscitou muitas questões. Você mencionou no seu livro como escrevia palavras em um pedaço de papel e as colava em uma garrafa e via como a Água reagia a elas, observando que tipos de cristais eram formados pelas palavras. Da sua pesquisa, você pôde discernir se a reação da Água veio da vibração das palavras que foram coladas nas garrafas ou se a intenção da pessoa que estava colando as palavras na garrafa influenciou este experimento de alguma forma?

Dr. Emoto: Esta é uma das áreas mais difíceis de entender. Porém, na continuação desses experimentos, chegamos à conclusão de que é a Água que está reagindo às palavras. Na nossa viagem à Europa, por exemplo, nós tentamos usar as palavras "obrigado" e "você é tolo" em alemão. As pessoas da nossa equipe que tiraram as fotografias dos cristais de Água não conheciam a expressão em alemão para "você é tolo" e mesmo assim nós obtivemos exatamente o mesmo tipo de resultado nas diferentes formações de cristal baseado nas palavras usadas.

Pergunta: Você descobriu se a distância fez alguma diferença quando as pessoas oraram para a Água? Por exemplo, se as pessoas no Japão fossem orar para a Água na Rússia, isso seria diferente das pessoas rezando para a Água que está bem diante delas?

Dr. Emoto: Nós só experimentamos isso uma vez para o livro. Mas, nesse experimento, a distância não pareceu importar. A intenção e as orações das pessoas continuaram influenciando a Água. Nós ainda não tentamos mais experimentos de longa distância. Porém, imagino que a distância não faria muita diferença. O que faria a diferença é a pureza da intenção da pessoa que está fazendo a oração. Quanto maior for a pureza da intenção, menor será a diferença que fará a distância.

Pergunta: Você percebeu alguma diferença entre uma pessoa orando para a Água comparativamente a um grupo inteiro orando para a Água?

Dr. Emoto: Desde que a Água reflete a energia composta do que está sendo mandado para ela, a estrutura cristalina reflete as vibrações compostas do grupo. Então, uma pessoa rezando reflete a energia da intenção daquela pessoa. Em termos do poder que o efeito pode ter, se você tiver uma

pessoa orando com um senso profundo de clareza e pureza, a estrutura cristalina será clara e pura. E mesmo se você tiver um grande grupo de pessoas, se a intenção deles, como um grupo, não é coesa, isso resulta em uma estrutura de Água incoesa. Porém, se todos estão unidos, juntos, você encontrará um harmônico e bonito cristal como um criado por uma oração de uma pessoa com grande pureza.

Em um de nossos experimentos, tínhamos um pouco de Água em uma mesa e 17 participantes, todos em pé, em um círculo em volta da mesa, segurando as mãos. Então, cada um dos participantes disse uma palavra bonita de sua escolha para a Água. Palavras como unidade, Amor e amizade. Tiramos fotos antes e depois e pudemos obter algumas bonitas estruturas de cristais como resultado.

Pergunta: A Água é influenciada imediatamente ou tem um intervalo para reação?

Dr. Emoto: Nesses casos nós observamos a Água imediatamente, então nós podemos dizer que a Água é mudada instantaneamente.

Pergunta: Você alguma vez já testou líquidos humanos, como sangue, saliva, urina, etc.?

Dr. Emoto: Sim, porém os líquidos com outros elementos como Água do mar, sangue e urina não formam cristais. Mas nós pudemos diluí-los com Água destilada para alguma coisa em torno de 10 para 12 ou 20. Isso dilui o componente dos outros elementos a ponto de podermos congelar uma amostra e obter cristais.

Pergunta: Então você pode ver o efeito na energia curadora que tem uma oração em uma pessoa olhando os cristais formados pelo seu sangue ou urina?

Dr. Emoto: Até onde dizem os experimentos relatados com o corpo humano, existem várias influências sutis que também devem ser levadas em consideração. Apesar de estarmos observando isso, nós não publicamos nenhuma informação ainda. Mas você vai ouvir falar nas nossas descobertas sobre isso no futuro.

Pergunta: Se pudermos "contaminar" Água com a energia de várias palavras, por exemplo, com a palavra "saúde", então poderemos ter a Água com essa vibração e usá-la para coisas como regar plantas, cozinhar, etc.?

Dr. Emoto: Não tentamos isso, mas algumas pessoas que leram o livro estão experimentando, rotulando garrafas com Água de torneira com palavras como "Amor" e "gratidão" e usando essa Água para regar as plantas ou colocando flores na Água. Eles estão descobrindo que as flores duram muito mais e as plantas neste jardim estão muito mais radiantes.

Pergunta: Uma vez que uma certa vibração é apresentada à Água, por quanto tempo a Água se "lembra" desta estrutura cristalina?

Dr. Emoto: Isso será diferente, dependendo da estrutura original da Água. A Água de torneira perde a sua memória rapidamente. Nós nos referimos às estruturas de Água cristalina como "aglomerados". Quanto menor o aglomerado, mais tempo a Água retém a memória. Se existe muito espaço entre os aglomerados, outra informação pode facilmente se infiltrar nesse espaço, tornando difícil para os aglomerados manterem a integridade da informação. Outros microorganismos também podem entrar nesse espaço. Uma estrutura mais próxima mantém melhor a integridade da informação.

Pergunta: Que tipos de palavras criam aglomerados menores e que tipos de palavras criam aglomerados maiores?

Dr. Emoto: Palavras de insulto, como "estúpido", destroem aglomerados. Você não verá qualquer tipo de cristal nesses casos. Palavras e frases negativas criam grandes aglomerados ou não os formarão. E palavras e frases positivas e bonitas criam aglomerados pequenos e próximos.

Pergunta: Você disse que algumas palavras negativas não formam aglomerados, mas vimos nas suas fotos que elas ainda assim formam padrões característicos. Como você classifica estes modelos?

Dr. Emoto: Pense nisso em termos de vibração. É fácil entender que a língua – a língua falada – tem uma vibração. Palavras escritas também têm uma vibração. Se eu fosse desenhar um círculo, a vibração do círculo seria criada. Tudo na existência tem uma vibração. O desenho de uma cruz vai criar a vibração de uma cruz. Então, se eu escrever as letras A M O R, estas letras formarão a vibração de Amor. A Água pode imprimir essas vibrações. Palavras bonitas têm vibrações bonitas e claras. Mas palavras negativas colocam vibrações feias e incoerentes, que não formam aglomerados. A língua não é algo artificial, mas alguma coisa que existe naturalmente. Acredito que a língua é criada pela natureza.

Pergunta: Isso significa que toda palavra tem a sua própria assinatura de vibração ou aglomerado que é único?

Dr. Emoto: Sim. Durante a nossa evolução, nós aprendemos quais sons são perigosos, quais sons são calmantes e seguros, quais sons são prazerosos e assim por diante. Nós, vagarosamente, aprendemos sobre as várias vibrações das leis da natureza. Nós aprendemos isso pelo instinto e pela experiência. Nós acumulamos estas informações pelos tempos. Começamos por sons simples como "a" ou "u" ou "e", que foi se envolvendo em sons mais complexos como "Amor". E estas palavras positivas criaram estruturas cristalinas "naturais" – que são todas baseadas no hexágono.

De fato, a estrutura de toda evolução na natureza, de uma perspectiva informacional, é baseada no hexágono. A razão pela qual o hexágono é formado tem a ver com a reação química do anel de benzeno. Assim como uma estrutura hexagonal é sinal de vibração positiva, acredito que a falta de estrutura básica hexagonal, de acordo com as leis da natureza, contém uma vibração destrutiva. Então, quando olhamos para coisas que não existem naturalmente – coisas que são artificialmente criadas –, muitas delas têm a falta dessa estrutura hexagonal e então elas têm, acredito, uma vibração destrutiva. Esse princípio é o que penso que torna palavras de xingamento e insulto destrutivas. Essas palavras não estão de acordo com as leis da natureza. Então, por exemplo, eu penso que você provavelmente achará taxas mais altas de crimes violentos em locais onde muita linguagem negativa está sendo usada. Assim como diz a Bíblia, primeiro veio a palavra, e Deus criou toda a criação da palavra.

Então as palavras convertem as vibrações da natureza em som. E cada língua é diferente. O idioma japonês tem o seu próprio conjunto de vibrações que difere do inglês. A natureza na América é diferente da natureza no Japão. Um cedro americano é diferente de um cedro japonês, então as vibrações que vêm dessas palavras são diferentes. Dessa forma, nada contém a mesma vibração que a palavra "arigatô". Em japonês, "arigatô" significa "obrigado". Mas mesmo quando existe um mesmo significado, "arigatô" e "obrigado" criam diferentes estruturas de cristais. Toda palavra em toda língua é única e existe somente naquela língua.

Pergunta: Você já deparou com uma palavra ou frase na sua pesquisa que identificou como a que mais ajuda a limpar as Águas do mundo?

Dr. Emoto: Sim. Existe uma combinação especial que parece perfeita para isso, que é Amor mais a combinação de obrigado e reconhecimento refletidos na palavra gratidão. Somente uma delas não é suficiente. Amor precisa ser baseado em gratidão, e gratidão precisa ser baseada no Amor. Essas duas palavras juntas criam a mais importante vibração. É ainda mais importante que entendamos o valor dessas palavras. Por exemplo, nós sabemos que a Água é descrita como H_2O . Se olharmos para Amor e gratidão como um par, gratidão é o H e o Amor é o O. Água é a base que não apenas apóia, mas permite a experiência da vida. No meu entendimento da concepção de Yin e Yang, da mesma forma que existem um O e dois Hs, nós também precisamos de uma parte Yang/Amor para duas partes de Yin/gratidão, para chegar em um lugar de equilíbrio na equação.

Para a palavra gratidão – uma combinação de reconhecimento e obrigado – existe uma qualidade de desculpa. A palavra em japonês para gratidão é kansha, consistindo em dois caracteres chineses: kañ, que significa

sentimento, e sha, desculpa. Está vindo de um espaço de reverência, dando um ou dois passos para trás. Eu acredito que o Amor vindo desta forma é Amor otimista e pode até levar ao fim de guerras e conflitos no mundo. Kan-sha é inerente à substância H₂O – um elemento essencial para a vida.

Pergunta: Então, se desenvolvêssemos um carro que andasse com Água ao invés de gasolina e devolvêssemos a Água para a atmosfera que subsequentemente, voltaria ao espaço dessa forma, esta seria uma forma de cumprir nossa tarefa?

Dr. Emoto: Penso que seria maravilhoso, e em consideração à preservação da Mãe Natureza esta é a direção que precisamos ir. Porém, desde que a Água é o espelho que reflete o nosso nível de consciência, uma grande porcentagem das pessoas no Planeta, pelo menos 10% delas precisam da consciência do Amor e do kansha. Quando elas o fizerem, então chegará o tempo que a Água poderá ser usada para substituir a gasolina. E a razão de eu dizer 10% é que esta taxa é refletida na natureza. Quando olhamos para o mundo das bactérias, por exemplo, existem 10% de bactérias boas, 10% de bactérias ruins e a maioria, 80%, é composta por bactérias oportunistas que podem ir em qualquer uma das duas direções. Olhando para os vários assuntos ambientais com que deparamos e as tarefas que precisamos cumprir para o Planeta, se pudermos ter mais de 10% das pessoas conscientes, acredito que poderemos trazer os 80% nessa direção.

E também acredito que as pessoas que seguem um caminho espiritual estão promovendo paz para o Planeta e para as outras pessoas. Se pudermos apenas unir neste nível de consciência, então estaremos lá.

Sinto que o meu livro A Mensagem da Água está dando nascimento a uma mensagem convincente por uma língua comum para o mundo inteiro. Não porque eu o escrevi, mas porque sei que ele nasceu através de kan-sha pela humanidade.

Fonte: site <http://www.spiritofmaat.com/archive/nov1/cwater.htm>

"Natureza! Encontramo-nos cercados e acolhidos por ela; incapazes de nos separarmos dela... Ela não tem linguagem nem discurso; mas cria línguas e corações, por meio dos quais sente e fala... Ela é todas as coisas."

Goethe

Água: Essencial para a Existência

Dan Stewart e Denise Routledge

A sociedade está rapidamente se tornando mais consciente de sua saúde. Muitas pessoas prestam mais atenção agora para o que elas oferecem aos seus corpos. Vitaminas, ervas e comidas orgânicas estão crescendo regularmente. A Água, porém, essencial para todos os seres vivos, é frequentemente ignorada ou tratada principalmente por sistemas de filtragem. A Água é a base de toda a vida na Terra. A Água é o sangue da vida do nosso Planeta, o fluido que dá a vida a todos os organismos, plantas, animais e humanos. Nossa existência está intimamente conectada com a qualidade da Água disponível para nós.

"Cerca de 25% do corpo humano é feito de matéria sólida e 75% está no estado de Água", diz F. Batman Ghelidji, autor de *Seu Corpo Chora por Água*. "É sabido que o cérebro é 85% de Água. O sangue humano é 90% de Água, os músculos são 75% de Água, o fígado é 82% de Água e nossos ossos são 22% de Água. Todas as partes do corpo humano dependem de Água. Se as nossas glândulas e órgãos não são nutridos com Água boa e limpa, as suas funções começam a se deteriorar. É vital que nós preocupemos, não só com a saúde, a vitalidade e a qualidade da Água que bebemos, mas também com a sua fonte original e com o tratamento que ela recebe. Se a Água de qualidade e vitalidade é tão importante para nós, por que continuamos a adicionar-lhe químicos e toxinas?"

A tecnologia moderna está rapidamente destruindo as capacidades geradoras de vida da Água. Aumento da população, lixo industrial e agrotóxicos da agricultura estão contaminando as nossas fontes d'Água. Exemplos podem ser encontrados nos derramamentos de produtos químicos, saturação de terras, excesso de uso de herbicidas e pesticidas, lixo químico e fertilizantes e nitrato espalhados que afetam nossos lagos, aquíferos subterrâneos e rios. A revista *Time* diz que "mais de 4.000 produtos químicos já foram encontrados na Água potável. Os governos, em todos os níveis, estão agindo muito devagar. Enquanto isso, mais e mais produtos químicos estão aparecendo nos reservatórios d'Água das cidades americanas". Todo ano, nos Estados Unidos, aproximadamente 9 bilhões de quilos de produtos químicos são soltos na atmosfera, solo e Águas superficiais. Dos milhares de produtos químicos encontrados na Água, a Agência de Proteção Ambiental (EPA) considera seguros apenas 60. Mesmo entre esses produtos químicos, a EPA considera que quase a metade dos reservatórios municipais de Água dos Estados Unidos anualmente viola os padrões federais de saúde. De poucos anos para cá, sérias violações já afetaram mais de 120 milhões de pessoas.

Os poços não estão muito melhores, com dois terços deles violando pelo menos um padrão da Lei da Água Potável. A condição sofrível da Água nos Estados Unidos é refletida em discurso do ex-presidente Clinton de que 40% dos cursos d'Água nos Estados Unidos não servem para nadar e não são suscetíveis à vida.

O naturalista Viktor Schauberger (1885-1958) antecipou este problema nos anos 40 e tentou alertar o governo da época. Schauberger é conhecido como o pai da observação da Água. Ele iniciou seus trabalhos com energias naturais observando os frios e puros córregos montanhosos. Ele disse que, "via de regra, a cloração é julgada satisfatória para obter Água pura, cristalina e sem germes".

"É difícil encontrar uma cidade onde a Água não é desinfetada ou esterilizada pela adição de cloro, compostos de prata ou irradiação com lâmpadas de quartzo. Se a Água tratada é bebida continuamente, então, o mesmo processo da esterilização da Água vai também acontecer nos nossos corpos. Conseqüências pavorosas podem resultar do consumo constante desta Água. Quando apenas a esterilização é levada em conta, há o crescimento de várias formas de doença que nós, coletivamente, chamamos "câncer", diz Richard C. Sweeting, que vai além: "Quando o cloro entra em contato com o material orgânico ou é dissolvido em Água nos intestinos, muitos compostos de halogênio são formados". O dr. Joseph M. Price afirma que "o cloro é o maior destruidor e matador dos tempos modernos. É um veneno insidioso. A maioria das pesquisas médicas nos levaram a acreditar que era seguro, mas agora nós estamos vendo o resultado do difícil aprendizado de que quando pensamos que estávamos prevenindo uma epidemia de uma doença, estávamos criando outra". O autor do livro *Energias Vivas*, Callum Coats, diz: "Os métodos de tratamento da Água utilizados matam a Água...o que destrói os organismos constantemente forçados a bebê-la. Nós esterilizamos nosso sangue quando bebemos Água clorada, iniciando um processo de doença".

Ele também é radical em relação à fluoretação da Água, que também gera conseqüências tão perigosas à saúde quanto a cloração. Infelizmente, o uso de flúor na Água é quase tão comum quanto o uso de cloro.

Apesar de o fluoreto de cálcio ser encontrado em algumas Águas de superfície, estudos demonstraram que ele é benéfico para a prevenção dos dentes. Apesar disso, é o fluoreto de sódio que é adicionado à Água que bebemos. É um derivado tóxico criado pela fundição do alumínio. "Mas o que fazer com esta quantidade crescente de veneno? Não podemos meramente descarregá-lo nos rios ou usá-lo indiscriminadamente na agricultura, porque ele mata os peixes, a vida selvagem e as plantações... Como e porque o fluoreto de sódio foi utilizado na pasta de dente é um

mistério. Talvez algum burocrata enganado pensou que teria o mesmo efeito benéfico que o fluoreto de cálcio e solicitou sua adição à Água potável. O Departamento de Saúde de Nova Jersey fez um estudo recente dizendo que a fluoretação está ligada ao aparecimento de um tipo raro de câncer nos ossos, conhecido como "osteossarcoma", diz Callum Coats.

Os municípios estão lentamente questionando a adição de fluoreto nos reservatórios de Água. O Conselho da cidade de Calgary (Canadá) recebeu um estudo de professores universitários, em abril de 98, recomendando uma redução de 30% de fluoreto adicionado à Água. Em muitos municípios onde o fluoreto não é adicionado à Água potável, este tema é regularmente debatido e as pessoas são rotineiramente convidadas a votar sobre esse assunto. Será que a pressão pela fluoretação vem do lobby das grandes companhias químicas?

O Departamento de Saúde do Canadá disse em um jornal local que "o processo de purificação da Água utilizado nas cidades do país, desde o início do século, deve ser melhorado para eliminar o aumento do risco de câncer ligado aos clorofórmios (Edm. Journal, 7 de maio de 92). Uma reportagem de 1992, do governo do Canadá, indicou que a Água fresca do país está sob estresse de costa a costa e sua deterioração é a maior preocupação para a saúde dos homens (Edm. Journal, 9 de abril de 1992). Apesar de todas estas considerações, muitas pessoas não dão atenção suficiente à nossa Água. A sociedade constantemente espera que a Água 'limpa' saia de nossas torneiras". Nossa Água "quimicalizada" com cloro e fluoreto é aceita sem restrições como a melhor para nós. Mesmo os nossos médicos recomendam oito copos d'Água por dia. Muitos pensam que a nossa Água é segura e limpa para beber.

Agora, a saúde e vitalidade da nossa Água envolve ainda mais que apenas remover a contaminação física. A Água carrega informação que afeta diretamente a nossa saúde. Um dos pioneiros nesta área de pesquisa foi Samuel Hahnemann (1755-1843). Conhecido atualmente como o pai da homeopatia, ele observou que a doença era uma alteração da informação que ocorria no seu nível mais alto. Em 1796, ele descobriu os princípios da homeopatia que agora são conhecidos como a "lei dos similares". Hahnemann acreditou que dosagens diluídas de remédios eram tanto mais efetivas quanto mais fossem cruzadas com a doença. O desenvolvimento e a aceitabilidade da homeopatia é baseado no fato de que a Água carrega informação.

O dr. Klaus Kronenberg (Universidade Politécnica do Estado da Califórnia) diz que "Água é quimicamente neutra, mas é um dos melhores solventes conhecidos do homem. Ela tem a habilidade de envolver outras subs-

tâncias. Em outras palavras, a Água tende a se ajuntar em volta de toda partícula que não seja Água, formando conglomerados ou complexos. Thelma MacAdam, da Health Action Network Society, fala da estrutura aberta da Água e sua habilidade de combinar com quase tudo que entra em contato, permitindo absorver outros elementos e dissolvê-los."

Wolfgang Ludwig, médico e conselheiro da Fundação Mundial de Pesquisas, vai a detalhes quando diz que a Água tem a capacidade de armazenar informações que foram impressas anteriormente nela, em um nível de frequência, e de transferir suas informações para outros sistemas. Ele constatou que a Água pode ser purificada quimicamente e livrada de bactérias, mas ela ainda vai conter oscilações eletromagnéticas em certos comprimentos de onda, que podem ser ligadas precisamente aos contaminantes. Mesmo após a purificação, a Água contém sinais que podem ser prejudiciais à saúde. Sim, a Água tem memória.

Ele continua a explicação: "Uma vez que a Água é prejudicada com metais pesados (nitrato, etc.), permanece perigosa mesmo após um minucioso processamento (por químicos ou filtração), por causa de vibrações, informações, que uma vez foram armazenadas e estão preservadas". A memória da Água foi também pesquisada pelo professor Jacques Benveniste, do Instituto Nacional Francês de Saúde e Pesquisa Médica da Universidade de Paris. Ele conduziu vários experimentos para confirmar isso. Os experimentos e pesquisas se constituíram no estudo dos efeitos de repetidas diluições de substâncias em Água destilada. O físico teórico, Lynn Trainer, da Universidade de Toronto, fez experimentos paralelos e admitiu que estas reações podem ser o resultado de uma memória "física" deixada na Água.

O dr. Horst Felsch, oficialmente indicado como autoridade legal para a proteção ambiental, diz que "não há dúvida de que exista relação entre informação e saúde".

"De acordo com testes feitos por Engler e Kokoschinegg, em 1988, a Água tem memória estrutural e variabilidade estruturáveis e, por isso, ela pode armazenar informações adquiridas por um longo período de tempo e pode levá-las ao corpo", continua Felsch. Existe uma grande probabilidade para os dois conceitos: 'Água transporta informação' e 'Água tem memória'. O terceiro conceito de 'apagar informação' também é bem documentado. Para entendê-lo, vamos primeiro olhar de perto como tratamos nossa Água e como "apagar informações" está ligado à energia da Água.

O autor do livro *Em Busca do Segredo da Água*, Hans Kronberger, diz: "As agressões à natureza começam por pequenas coisas. Por exemplo, a Água de torneira é levada aos consumidores por encanamentos convencionais. De acordo com os naturalistas, a Água perde sua energia original pela fricção

nos canos e no tipo de transporte sem muitas curvas... Não é coincidência que os romanos construíram sistemas de transporte de Águas longos e abertos em construções sinuosas, usando materiais naturais: madeira, rochas e pedra".

Em condições normais a Água flui, seja pela superfície ou pelo subsolo, e sempre procura um curso natural. No nosso sistema de abastecimento, porém, a Água é coletada e forçada a percorrer encanamentos sob pressão. Nesse estágio, a Água sofre sérias agressões pela primeira vez. As altas pressões são altamente prejudiciais ao líquido. Depois, a Água é contaminada pela adição de produtos químicos como o cloro. Apesar do uso desses produtos, a Água eventualmente encontra seu caminho de volta à natureza pelos escoamentos. Nós utilizamos a Água limpa da natureza e a devolvemos suja e doente.

"A maioria das pessoas, atualmente, perdeu todo o conhecimento sobre o que realmente acontece à natureza" diz o inventor e naturalista austríaco, Johann Grandner. "É por isso que eu desejo que as pessoas comecem a pensar por si próprias sobre os processos da natureza novamente e, através disso, aprendam a respeitá-la outra vez". Ele sente que este conhecimento foi perdido porque "em tempos de constante crescimento econômico e progresso técnico as pessoas tentam nos convencer que a pesquisa científica oferece soluções que tornam supérfluas as observações das leis da natureza".

Depois de décadas de pesquisas, Johann Grandner teve sucesso colocando energia natural e universal de volta à Água. Implosão é o ponto-chave na ciência de revitalização da Água, ou da eliminação de informação. Mas o que é implosão? Muito simples: é o oposto de explosão. "Todas as nossas tecnologias contemporâneas e reservas de energia são baseadas na 'expansão' pela geração de calor, pela queima de materiais brutos ou refinados" diz Hans Kronenberger, autor de *Em Busca do Segredo da Água*. "Explosão e expansão são forças centrífugas enquanto implosão trabalha para dentro, ou centripetamente. A implosão concentra a sua força no centro, onde ela se torna mais forte. A natureza leva este sistema à perfeição. Podemos observar estes processos nos movimentos que são feitos na natureza."

O sistema atual de confinar a Água por quilômetros e quilômetros de canos está em contradição direta com as teorias de Schauberger. Como pode ser mantida a alta energia positiva da Água natural quando ela é confinada a estes sistemas restritivos? Ele estudou os efeitos da natureza na Água por muitos anos. "A Água precisa de liberdade. A Água viva procura sua fonte de energia por conta própria. Ela flui pela terra, dentro da terra e faz longas voltas".

Ele declara que "até nós reconhecermos as interconexões perfeitas e a mútua dependência dos quatro elementos – Terra, Água, Ar e Fogo... podemos imaginar quão destrutiva será a interferência com a natureza e quanto os distúrbios afetarão a balança da ordem das coisas".

A Água é o elemento essencial que gera toda a vida, seja vegetal ou animal, com as energias essenciais da vida. Mas de onde a Água consegue a sua energia? As propriedades da Água estão mudando perpetuamente.

Naturalistas descobriram que a Água transporta energia e informação em proporções imensas. Na natureza, corpos d' Água que não são incomodados pelo homem se movimentam por si próprios, através do vento, de curvas, bolhas, espumas, esguichos e cascatas. As Águas intocadas têm a capacidade de rejuvenescer o resíduo que é adicionado a elas e são revitalizadas. A Água absorve energia. A Água carrega energia. A Água emite energia.

Olaf Alexanderson, autor do livro *Água Viva (Living Water)*, mostra como Viktor Schauberger também acreditou nisso. Ele estudou a Água e as suas curvas e construiu toras para utilizar melhor as curvas da natureza. As teorias de Schauberger são baseadas no movimento da Água. Na natureza, a Água está continuamente se movendo: constantemente balançando, de lado a lado, se dobrando, se curvando, se espiralando, fluindo pelas pedras. Des-tes movimentos, uma forte renovação acontece.

O trabalho de Johann Grander tem envolvido três princípios fundamentais: 1) a Água transporta informação, 2) a Água tem memória, 3) informações negativas podem ser removidas da Água. Ele desenvolveu um processo de renovação da estrutura da Água. A sua pesquisa o levou a encerrar um concentrado eletromagnético melhorado, que renova a alta energia de vibração da natureza na estrutura da Água.

O processo de Grander muda a polaridade da Água do negativo para o positivo durante o processo de implosão dinâmica. Ao modificar a polaridade negativa para positiva, a quantidade de oxigênio dissolvido é aumentada. Isso permite que compostos prejudiciais a ela passem pelos nossos corpos sem causar danos. A Água normal de torneira se transforma em uma Água semelhante à Água da nascente de uma montanha. O dr. Horst Felsch estudou a Água para examinar se continha coisas como bactérias e nitratos. Originalmente, o dr. Felsch não pôde tirar conclusões definitivas sobre a "Água revitalizada" então, ele se concentrou na higiene. Ele logo se tornou curioso. A questão lógica para o cientista naturalista era: "Será que a Água Grander tem uma estrutura energética diferente da Água normal de beber e, se sim, isto pode ser provado?". "Eu acho que fui o primeiro a olhar seriamente para a microbiologia da Água Grander. Eu fiz testes de rotina de contagem de germes para checar a redução de viscosidade e a dissolução de moléculas perigosas. E é altamente surpreen-

dente que o estado energético do líquido ativado é preservado, não se apaga". O estudo de Felsch também incluiu a contagem de germes usando o método de filtração da membrana (diâmetro de 45 milímetros). Em qualquer amostra de Água normal, os microorganismos (bactérias) estão distribuídos sem simetria e caoticamente na membrana do filtro. Na Água revitalizada, os microorganismos reduzem sua chance de distribuição e se alinham simetricamente.

Ele diz que o processo de reenergizar a Água é simplesmente seguir as leis da natureza e "o fato de que para tantas pessoas parece ser um segredo indica o quão longe a ciência se distanciou da natureza". A ciência, no entanto, dominou completamente o fato de que a Água – como transportadora da vida – é viva e precisa ser mantida nessa condição para cumprir a sua função natural.

A origem da vida é a Água. Água é vida. Precisamos de atenção imediata para retificar os problemas que nós criamos pela falta de cuidados, poluição e técnicas de modernização. Revitalizar a Água é a solução para esses problemas. Por meio da revitalização, ela retorna ao seu estado natural: clara, pura, cristalina e completa, com suas energias vitais criadas pela Mãe Natureza. **Nossa existência depende disso.**

Fonte: Artigo extraído do site www.wellnessgoods.com

"A sobrevivência da humanidade depende de toda a nossa disposição para compreender de maneira sensível a maneira como a natureza funciona."

Buckminster Fuller

O poder da Água

Jeanne Manning

Nosso aparato de pensamento funciona na Água e nosso corpo físico é dois terços de Água. Então, obviamente, a sua qualidade pode curar-nos ou nos prejudicar. Agora sabemos que a Água parece lembrar e depois transferir "informação". Não é de impressionar que a fronteira mais dinâmica da ciência atualmente é a pesquisa da Água. Ou é uma repesquisa, acho, após encontrar cientistas que mostram como a neurociência tende a confirmar os conceitos medievais sobre memória, imaginação e razão nas cavidades de Água do cérebro. Experimentos com transferência da Água para nós, da energia da vida chi, também chamada de prana pelos tempos ou estudos que mostram canos d'Água especialmente desenhados usados pela antiga cultura Minoan em Creta, mostram como as emanções das mãos de curandeiros modificam a Água. Medidas as qualidades físicas da "Água-benta", ou efeitos da intenção consciente sobre a estrutura cristalina da Água, estamos construindo protótipos de invenções feitas para utilizar a Água como fonte de energia.

Alguns estudam o quadro geral, como os que afirmam que os rios se auto-organizam e energeticamente se recarregam, a si próprios, por meio de movimentos giratórios. E algo aponta para as bem conhecidas anomalias da Água que é mais densa a 4º Celsius, estranhamente se expande quando é esfriada um pouco mais e, em estado sólido, flutua em cima do estado líquido.

A Água como "solvente universal" se mistura com quase todo elemento. Hidrogênio, o principal elemento da Água, está espalhado pelas galáxias, e o gelo é encontrado em nuvens de poeira pelo espaço.

Todo esse assunto sobre a Água é o que Marilyn Ferguson chama, em seu livro *Conspiração de Aquário*, de "a coisa mais estranha por aí". Aprender sobre os mistérios da Água evoca um conhecimento primordial, como uma memória racial, talvez pró-ciência, alguma coisa que já sabíamos há muito tempo.

Antes da nossa era materialista perder as habilidades para sentir as energias sutis, a Água era central em rituais sagrados e simbolismos: Batismo, o Rio Sagrado, visões espirituais do Oceano de Amor, Mitos do dilúvio ou da criação, beber Águas sagradas quando for visitar um oráculo ou santuário. O deus sumério Inanna tinha um vaso no lugar do coração, onde fluía Água milagrosa. A civilização da Idade do Bronze do Rei Minos na sua cidade de Knossosna, ilha de Creta, aparentemente viveu pelo princípio de que a Água deve retornar à terra nas mesmas condições em que foi emprestada, tratando-a como sagrada. Em contraste, as pessoas de nossa era tratam rios e oceanos como lixões, e deparamos com cada vez menos Água potável. O dr. Karl Marel previu que a Água se tornará a moeda no novo século. Enquanto isso, os pesqui-

sadores dos mistérios da Água lutam por fundos. Ferguson diz: "A busca para entender a Água não levantou o capital tanto quanto o glamour da pesquisa espacial, apesar de ter mais consequência para as nossas vidas. Enquanto os humanos queimam as florestas tropicais e alteram outros fatores que mantêm nosso habitat úmido, devemos nos lembrar da aborrecida suspeita de que Marte foi um dia um planeta aquático."

Deixe a Água se mover, mantenha-a fria.

Tivemos grandes alertas. O guarda florestal austríaco, Viktor Schaubergger (1885-1958), alertou sobre as terras degradadas que apareceram e vão aparecer no nosso Planeta quando as vastas florestas desaparecerem. Ele observou que há interação entre Água e floresta e também há vitalidade de frio em Água pura de córregos protegidos por árvores. Ele ensinou: "compreenda a natureza e então copie a natureza". Ele pensou a Água como uma substância rítmica, viva. Na maturidade, ela se dá para tudo o que precisa de vida. A Água, porém, pode se tornar doente, se mal manejada. Água morta é perigosa para animais e plantas.

Esteja em uma barragem ou em uma garrafa, Águas estagnadas e mornas começam a se deteriorar. Se convertida a uma temperatura de 4° Celsius, a Água, quando se move, é mais densa, mais forte e tem mais capacidade de transporte. Os rios selvagens têm mecanismos inerentes de autocontrole, se deixados sozinhos, para criar sua própria homeostase, se se mantiverem frescos e cobertos por vegetação, se puderem serpentejar por curvas e rodopiar em movimento livremente. A visão curta da engenharia humana, cortando florestas, com megabarragens e rios confinados em canais, mexeu com o sistema circulatório do nosso Planeta. Com a intervenção no ciclo hidrológico, nós acabamos provocando inundações, secas e outros extremos do clima.

Olaf Alexanderson no seu livro *Águas com Vida* nos apresenta as idéias de Schaubergger sobre o trato com os rios, aparelhos movidos a Água e energia. Seu sucessor é o livro de Callum Coats, *Energias Vivas*, que pode ser o livro de uma nova ecotecnologia, para encorajar processos que trabalham em harmonia com a natureza ao invés de lutar contra ela. Ele, por duas décadas, estudou as descobertas de Schaubergger sobre o controle de inundações de florestas para a fertilidade do solo e purificação da Água. Hidrologistas podem aprender, lendo este livro, quão cruciais são as pequenas variações na temperatura de um rio e como o movimento de rodopio da Água se recarrega de energias sutis.

Poder da Água sem barragens

Os ecos dos alertas que deram os naturalistas através das décadas perduram: "A tecnologia prevalecente usa as formas erradas de movimentos". Prova disso são as máquinas do século XXI, que deixaram para trás lixo de produtos porque os seus processos usam a metade destrutiva do ciclo de cria-

ção/destruição da natureza: movimento centrífugo de aquecimento, radiação e explosão. Eles canalizaram ar, Água e combustíveis no sentido de movimento que a natureza usa para decompor matéria. Schauberger observou que a força centrípeta espiral é criativa, fria, suga o movimento sem fricção, o que resulta em aumento da ordem ao invés da destruição. Ele aplicou o seu conhecimento do ciclóide espiral em movimento para uma grande variedade de invenções; métodos que estão em harmonia com o ciclo criativo da natureza.

A "mágica da Água" encontrou soluções para a agricultura, para a geração de energia e também para transportar Água em encanamentos que encorajam o movimento espiral central da Água. Atualmente, os pesquisadores se basearam e expandiram o conhecimento inicial de Schauberger. Até agora, o grupo sueco Malmo utiliza a frase "fluxo de auto-organização" para descrever o que eles estão criando, desde que a tecnologia de Schauberger fez uso da ordem natural espontânea, criada por um sistema sob as condições corretas. Enquanto isso, surgiram novos processos de geração de energia, como a Luz Negra de Energia, de Randall Mills, que converte Água normal em hidrogênio e oxigênio. Paul Pantone, de Utah, coloca motores em funcionamento movidos à Água misturada com resíduos de substâncias, e o ar do cano de descarga não suja um pano branco.

Há cerca de um século atrás, John Worrel Keely descobriu como fazer um motor funcionar pela energia da cavidade ou implosão, enquanto comprimia e expandia Água, alternadamente. Ele aproveitou o que nós desprezamos como excedente – o martelo de Água – em canos d'Água. Dale Pond, pesquisador da física de Keely, diz que o motor de hidrovácuo criava uma onda de choque pelo martelo d'Água que quando sincronizado com a onda de eco, "resulta em um aumento da Síntese de Amplitude, um processo que aumenta estrondosamente a acumulação de energia rapidamente". Ele alertou que esta amplificação da ressonância é similar ao processo, que é capaz de quebrar taças de vinho.

Nas conferências de Ciência da Água de que esta jornalista participou nos últimos anos como a do Seniamhoo Resort, WA, em novembro de 98 (pela Living Water International); um encontro em 97 em Los Angeles organizado por Linda Macclain; e pelo simpósio do Instituto Avançado de Ciências das Águas (AWS) no ano passado, em Dallas, a conclusão comum é de que a Água não é um produto simples e homogêneo da natureza.

A Água em células vivas tem uma estrutura única, e os aglomerados das suas moléculas organizam relações. Outro fator é o que Schauberger chamou de Água de "receptores imaturos" versus "maduros que dão a vida". Desde que a Água sem minerais é um solvente implacável, se nós pudermos destilar 100% de impurezas de um lote de Água, será perigoso usá-la para beber, porque ela não teria os minerais essenciais para os nossos ossos.

Existe também o fator de movimento e vitalidade. Água engarrafada parada, mesmo sendo quimicamente limpa, é morta se comparada com a Água em corredeiras. Mas ela tem de ter movimento próprio. Como a Água é

levada pelas cidades confinadas artificialmente em canos de metal, suas oscilações energéticas interferem e a ordem natural na estrutura da Água é cancelada. Como sabemos disso? Em primeiro lugar, o engenheiro alemão Theodor Schwenk e seu Instituto de Ciência Fluida desenvolveram uma técnica de fotografar a estrutura interna da Água. Em gotas d'Água coletadas perto de fontes, um padrão de roda dentada simétrico foi revelado. Por outro lado, a estrutura interna da Água municipal estragada é caótica. Contaminação química e poluição eletromagnética compõem o estrago e causam aglomerados caóticos das moléculas de Água. Isso comprova que a "Água com vida" é um estado organizado de matéria e energia e capaz de armazenar e transmitir informação. Se é assim, as implicações vão além da homeopatia e "medicina da energia" e a interação entre Água e consciência.

O dr. David Schweitzer é o primeiro cientista a fotografar os efeitos de pensamentos capturados na Água. Isso mostra que a Água pode agir como um sistema de memória líquido capaz de armazenar informação. Ele foi o primeiro a trilhar esse caminho, tornando-se uma autoridade em análise de sangue. Aprendeu que as células de sangue se expressam em geometria sagrada e em cores e formas harmoniosas. Como as células de sangue se movem pela Água, ele atentou para esta substância à procura de respostas sobre os nossos processos de pensamento. Depois de dez anos observando sangue, em 1996, ele fez a descoberta que abriu as portas para fotografar as frequências armazenadas em remédios naturais e homeopáticos e para pesquisar o impacto de pensamentos positivos ou negativos nos fluídos do corpo.

Ele disse a Joseph Duggan, em Vancouver: "Tendo estudado a relação entre cérebro, células e emoções, eu descobri que isso certamente traça os elementos necessários para enviar informação de uma parte do cérebro para outra." Minerais sozinhos não podem transferir informação. Para descobrir se era mesmo a Água que carregava informação, o dr. Schweitzer realizou experimentos. O cientista francês Jacques Benveniste já tinha esclarecido sobre a memória da Água na homeopatia. Ele e uma dúzia de outros cientistas demonstraram que a Água pode reter a memória de moléculas que contiveram. A revista "Nature" publicou em 1988 seus experimentos mostrando que se Água contendo anticorpos for diluída continuamente até não conter nenhuma molécula de anticorpo, as células imunológicas ainda vão reagir à Água.

A publicação causou fortes reações de professores ortodoxos, o que fez a revista enviar uma equipe para o laboratório de Benveniste, que incluía o mágico James Randi e Walter Stewart, um auto-intitulado investigador de fraudes científicas. A equipe julgou que os resultados do cientista francês eram uma alucinação. Porém, um recente livro de Michel Schiff diz que a calúnia a Benveniste é que era uma alucinação.

Dr. Schweitzer diz que aspectos da pesquisa homeopática não podem ser medidos pelos instrumentos dos investigadores. A "caça às bruxas" na França não

o impediu do pensamento radical. Ele lembra a idéia de Albert Einstein de que 'corpos de luz' particulares agem de formas que ainda não entendemos. Acordando uma manhã com um 'insight' sobre como tornar estes corpos visíveis, Schweitzer começou a trabalhar num microscópio fluorescente com certa intensidade de luz. Ele queria ver somátides mudarem em resposta a pensamentos e outras influências. Logo antes de a Água do microscópio evaporar, ele viu algumas formações se desenvolverem dependentes de pensamentos ou energia da atmosfera, dos quais estavam impregnadas." "Eu observei que este aglomerado pode ser modificado pela vontade. Um trabalho posterior mostrou que os corpos microscópicos de luz na Água se intensificavam com a presença de pensamentos positivos. Eles brilham mais se os pensamentos são trazidos com emoção, e faz uma grande diferença se as emoções são negativas ou positivas."

Intrigados pelos minúsculos corpos de luz, ele testou Águas sagradas de rituais religiosos da Itália, Rússia, Iugoslávia e América do Norte e viu somátides (partes de uma célula somática). O corpo humano é formado pela soma das células somáticas boiando mesmo após engarrafadas e armazenadas por anos. "Isso significa que há um equilíbrio ideal quando somátides não se chocam, o que possibilita uma maior capacidade de armazenar informação".

O imunologista francês Jacques Benveniste havia aprendido que circuitos eletrônicos podem imprimir a informação contida na Água, e radiação eletromagnética de baixa frequência e calor destroem a força homeopática. Posteriormente, dr. Schweitzer alerta sobre a Água mineral que compramos em garrafas de plástico transparente que foram expostas à luz fluorescente. Quando tomamos apenas essa Água, nossos lábios secam e ficam ressecados e rachados. "Normalmente, a Água para se beber não resseca a boca, mas a luz fluorescente muda a estrutura da Água de maneira que resseca as membranas mucosas".

Randy Ziezenus, de Edmund, Oklahoma, diz que qualquer um pode mudar a Água que usa. "É impressionante o que acontece quando você pega um copo d'Água e segura-o entre as palmas das mãos e pede para o seu eu superior trabalhar essa Água, e qualquer coisa que você precise para o seu bem. E depois beba-a. É incrível o que este pequeno ritual faz" afirma Ziezenus, presidente da Bio-Com, uma empresa especializada em desenvolvimento de biotecnologia usando rádio-freqüências para alterar estrutura de ligação da Água. Ele diz: "Se você beber Água que é harmonizada para o corpo humano, ela passará pelo corpo entre 10 e 15 minutos. Depois, você terá que ir ao banheiro. Essa Água harmonizada vai eliminar melhor as toxinas".

Uma de suas invenções condensa a Água do ar. "Essa é uma das pesquisas mais importantes que venho trabalhando usando freqüências que tiram umidade da Água." Ele e pesquisadores do Los Alamos National Laboratory estão trabalhando em um "programa onde podemos pegar um aparelho de fotocélulas, colocá-lo no deserto e ele recolhe um galão de Água durante a noite." Essa unidade funciona com fotovoltagem (eletricidade pro-

vinda da luz do sol). Zienesus concorda com o dr. Schweitzer a respeito de que a nossa eletricidade convencional deixa uma impressão danosa na Água.

O professor William Tiller e o pesquisador Walter Dibble Jr. vêem a Água como um material especial, "bem apropriada para a transferência de energia e informação dessa frequência para nosso domínio convencional de cognição: o físico." Em relação à capacidade mental dos manipuladores da Água em dominar ciência o suficiente para visualizar mudanças no PH, dr. Tiller afirma: "A inteligência desconhecida do Universo é um fator muito mais importante. No meu ponto de vista, é a faísca espiritual das células que permitem a força de vida." Outro cientista no encontro, dr. Glen Rein, afirma que físicos sabem sobre a existência de energia que retém propriedades, que não são explicadas pelas equações clássicas. Ele se refere aos campos não clássicos como campos quânticos. O trabalho de Rein novamente mostra que essa informação de energia não magnética do vácuo de espaço primordial pode ser armazenada em Água e depois se comunicar com células vivas.

Para finalizar, vale lembrar que talvez a observação mais brilhante de Viktor Schaubergger seja que diferenças sutis de Água podem afetar os humanos mental e espiritualmente, revitalizando ou deteriorando a sociedade. Também o dr. Thomas Narvaez provou que um fator de vitalidade existe e pode aumentar ou diminuir na Água pela atividade humana: "Nós agora podemos ver que nossos pensamentos não afetam apenas nossos corpos, mas também os corpos que nós rodeiam. Membros desse grupo (falando sobre o Instituto de Ciências Avançadas da Água, em 1996) que engarrafaram Água ou trabalharam com a transmissão de energia através de cristais ou ímãs, conseqüentemente, têm uma responsabilidade de manter uma visão do mundo positiva."

Jeanne Manning, autora deste texto, é uma jornalista "free lance" que desde 1971 viaja pela América do Norte e Europa para acompanhar tecnologias de novas energias. Suas publicações têm aparecido em numerosos jornais sobre energia e também em vários livros. Ela também é representante de duas organizações sobre novas energias.

Fonte: Artigo extraído do site www.wellnessgoods.com

*"O que somos hoje resulta dos nossos pensamentos de ontem,
e o nosso pensamento atual constrói a nossa vida de amanhã:
nossa vida é uma criação da nossa mente."*

Buda



PARTH III

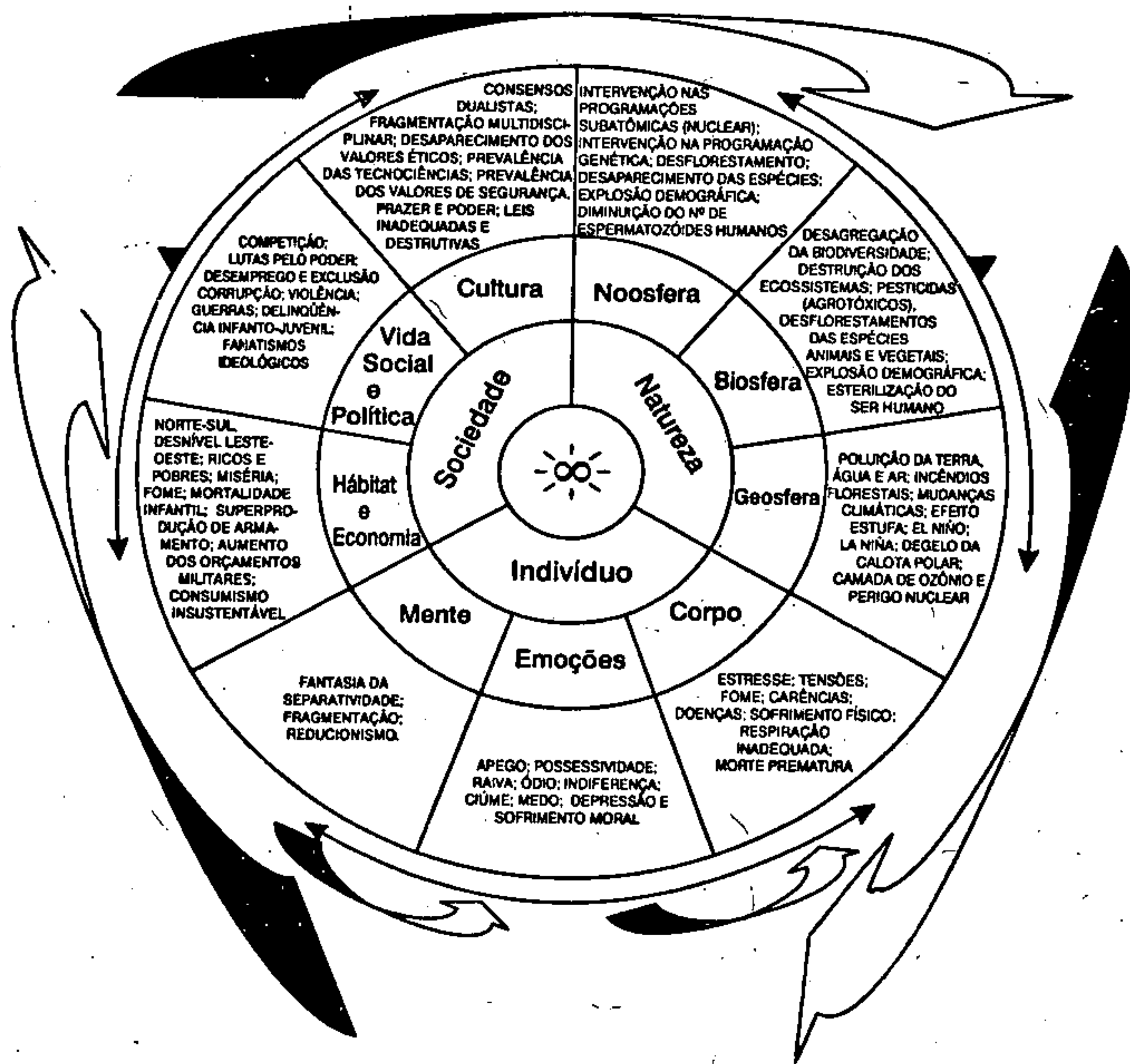
A gestão de Águas costuma se perder entre raízes do passado, utilitarismo do presente e ameaças do futuro

*"No princípio Deus criou o céu e a terra.
A terra, porém, estava vazia e vazia,
e as trevas cobriam a face do abismo,
e o espírito de Deus pairava sobre as águas."*

Gênesis 1, 1-5



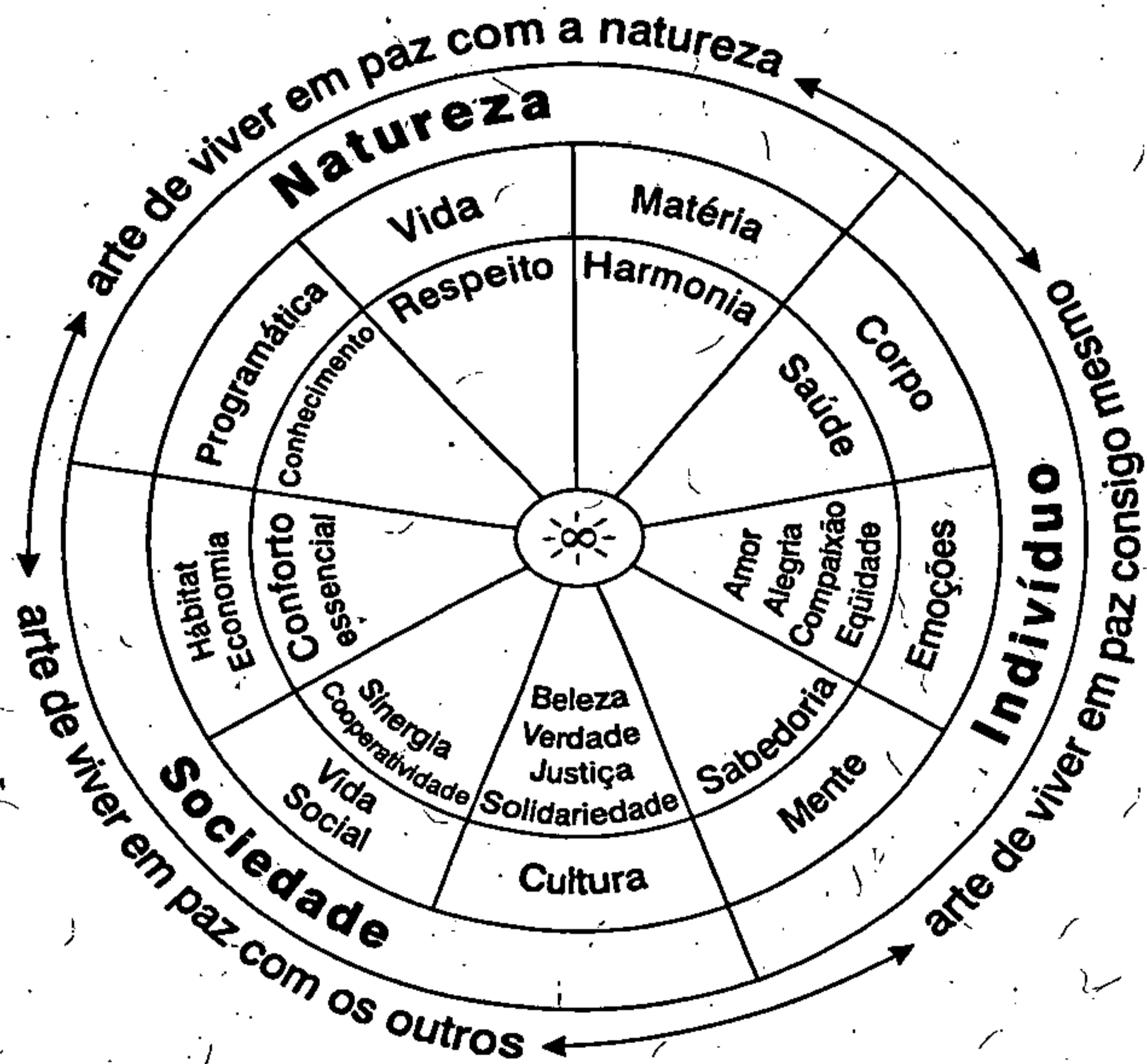
Círculo vicioso auto-reforçador da autodestruição do Ser Humano e da Vida Planetária.



Fonte: Prof. Pierre Weil, em seu livro "A Mudança de Sentido e o Sentido da Mudança", no capítulo "Teoria Fundamental da Universidade Holística Internacional de Brasília."

Transformar os obstáculos em formas construtivas de energia

A roda da Paz



Fonte: Prof. Pierre Weil, em seu livro "A Mudança de Sentido e o Sentido da Mudança", no capítulo "Teoria Fundamental da Universidade Holística Internacional de Brasília."



Luzes, ferramentas e referências em mudanças de paradigmas

*"Você cria a sua realidade de acordo com as suas crenças.
É sua a energia criativa que faz o seu mundo. Não há
limites para o eu, exceto aqueles em que você acredita."*

Jane Roberts

The Nature of Personal Reality

Os estudiosos e os observadores de comportamento humano sabem que, geralmente, nós somos a expressão daquilo que acreditamos ser "a verdade" e/ou daquilo que adotamos como mais conveniente ao que julgamos mais confortável a nós nos aspectos emocional, social econômico e profissional.

Exemplos disso? Quem se compromete com o "clichê" "palavra de rei não volta atrás" costuma ser o tipo de pessoa que tem dificuldade em reconsiderar posições, em admitir falhas, em "dar o braço a torcer", sem perceber, em primeiro lugar, que ela não é rei; em segundo, que hoje existem pouquíssimos reis, talvez porque os muitos que existiam pensassem mesmo assim ou deixassem que os súditos acreditassem nesta inconveniência; e, em terceiro, o que pode ter dado origem à história de que "palavra de rei não volta atrás" é que um rei forte e autoritário sempre fazia valer sua nova e última palavra, ainda que ela fosse conflitante e superposta ao que ele havia dito antes, o que o liberava de voltar atrás.

Quem acha que "manda quem pode e obedece quem tem juízo" tende a querer dominar quem ele considera "inferior" e a aceitar dominação de quem ele considerar "superior". Este tipo de pessoa tem dificuldade em dialogar, é pouco recomendável para negociar e sofre quando precisa ser minimamente liberto ou minimamente libertador.

"Cada macaco em seu galho" e "macaco que mexe quer chumbo" são "clichês" comportamentais de quem prefere se omitir e se isolar. E, assim, outros "clichês" se somam a esses, influenciando nossas decisões, moldando nossas ações, padronizando nossas reações.

Como mudar comportamentos? Como "quebrar" clichês?

O que fazer para mudar tanta gente?

Em resposta a estas perguntas, primeiro devemos ter disciplina metodológica para priorizar o "por quê?" antes do "como?" e o "como?" antes do "o que?"

Então, "Por que 'quebrar' clichês?", "Por que mudar de paradigmas?", "Por que procurar outros jeitos de ver, sentir e cuidar de gestão de Águas e de gestão de Gente?" As respostas são da Razão e da Emoção: porque os jeitos de ver, sentir e cuidar, vigentes, estão produzindo muito e eliminando pouco angústias, sensação de incompetência, impossibilidades de ação, pobreza, violência, poluição, esclerosamento dos sistemas, descrenças, desconfianças, incredulidade, desesperança, etc., etc., etc.

Para quem estiver interessado nas respostas a essas indagações e empenhado em mudanças de comportamentos, aqui vão algumas luzes, ferramentas e referências.

Mais uma vez, RARAMENTE SÃO OS NOVOS PARADIGMAS QUE NOS DESPERTAM PARA MUDANÇAS E PARA TRANSFORMAÇÕES: A CRENÇA EM TRANSFORMAÇÕES, A VONTADE DE TRANSFORMAR E O COMPROMISSO ÉTICO, EXISTENCIAL E ESPONTÂNEO DE SERMOS TRANSFORMADORES É QUE NOS LEVAM A BUSCAR NOVOS PARADIGMAS, NOVOS JEITOS DE VER, SENTIR E CUIDAR DE GESTÃO DE ÁGUAS E DE GESTÃO EM PROJETOS SOCIAIS.

O processo de mudança não é um ato isolado de mudar, mas, muito antes, ele começa na percepção de que mudar é uma ação contínua semelhante ao sistema respiratório, no qual eu expiro e inspiro o tempo todo, antes que me falte oxigênio e para que não me falte oxigênio. Como acontece conosco em tantas outras situações, os processos de mudanças costumam necessitar de umas sacudidas para "cair fichas" em nossos jeitos de avançar. Como diz um antigo e sábio ditado, "OS HOMENS SÃO COMO TAPETES: DE VEZ EM QUANDO PRECISAM SER SACUDIDOS." Uma forma de sacudir sem dor e sem sofrimento é ler, ouvir e prestar atenção nas bobagens, nos equívocos e nos atrasos dos outros e admitir que alguma bobagem estou fazendo, algum equívoco estou cometendo e algum atraso estou vivendo. É só uma questão de procurar, sem culpa, sem autoflagelação, com humildade, com honestidade, querendo evoluir.

"Há hoje um descompasso entre a mente humana e o mundo que as pessoas habitam..."

Precisamos ser 'alfabetizados' em disciplinas inteiramente novas...

"Precisamos substituir por novas as nossas velhas mentes."

Paul Ehrlich e Robert Ornstein
New World, New Mind

Para facilitar avanços a quem sinceramente queira evoluir em processos de mudanças, as próximas páginas deste livro trazem interessantes textos:

1 – O primeiro deles, nesta série sobre paradigmas, sobre novos e velhos clichês, intitula-se A Verdadeira Segurança e pode ser sintetizado num pensamento do filósofo Heráclito: "O que há de permanente é a mudança". Ou como também nos ensina uma outra, não menos sábia e não menos antiga observação: NINGUÉM SE BANHA DUAS VEZES NO MESMO RIO, PORQUE, NA SEGUNDA VEZ, NEM EU E NEM O RIO SOMOS OS MESMOS DO PRIMEIRO BANHO.

2 – O segundo texto, reforçando A Verdadeira Segurança, conta algumas situações que levaram "donos da verdade" a cometerem graves equívocos por apego a certezas do passado que os impediram de cuidar adequadamente do futuro. Esse texto, intitulado Onde estamos? Para onde vamos?, mostra, por exemplo, como dirigentes da Western Union, então líder no mercado de telegrafia, perderam a oportunidade de se renovarem no futuro da telefonia.

3 – Um terceiro texto, com o título de Fábula dos Porcos Assados, trata de uma interessante alegoria sobre a organização de instituições governamentais e não-governamentais.

"Toda atitude do Homem para com a Vida é uma atitude na qual cada acontecimento encontra uma reação baseada na possibilidade de torná-lo ou não mais humano.

Erich Fromm

A Verdadeira Segurança

Joe Lewis Powell

O que é a verdadeira segurança? Outrora pensávamos que era poder, tamanho, organização. Mas eu gostaria de lhes apresentar... Diny, o Dinossauro. Ora, ele era uma das mais poderosas, mais bem organizadas, mais dinâmicas criaturas da Terra, por milhares de anos. Há apenas um senão. Diny não existe mais.

Diny tinha uma falha: ele não era adaptável. E num mundo de mudança, se você não é adaptável, desaparece...

Houve um tempo em que a segurança devia ser encontrada na rotina. As pessoas, inclusive eu, costumavam achar a rotina confortável, entravam nela e pensavam que tinham segurança.

Não há mais segurança na rotina. Num mundo em mudanças há sempre menos segurança na rotina: "quem tem mais segurança, atualmente, é quem mais se adapta."

Quanto mais rápido muda o mundo, mais segurança encontramos sendo adaptáveis a um mundo mutável.

Você quer saber quanto o passo do progresso foi acelerado? Relembre apenas um pouco. O homem inventou a alavanca e esperou cem ou duzentos mil anos para que as pessoas a isso se acostumassem, antes de inventar a roda. Na verdade ele descobriu como montar um cavalo, mas levou centenas de anos para inventar um arreio.

Esta mudança será uma ameaça ou lhe dará segurança: depende de sua maneira de reagir. Se você tiver medo dela, a mudança é constante ameaça. Se, ao contrário, você a reconhece como uma oportunidade, a mudança constante significará oportunidade sem fim...

Costumávamos fazer mudanças ao acaso. Um inventor improvisando num sótão inventava algo. Mas, atualmente, não mais fazemos assim. Mudanças não acontecem por acaso; pois temos milhares de pessoas trabalhando em regime de tempo integral todos os dias e cujo objetivo é causar mudanças. A pesquisa é o progresso proposital.

Temos cientistas, engenheiros, cientistas sociais, psicólogos, todos ocupados em mudar o mundo. Eles estão produzindo novos métodos, novos materiais, novas máquinas, novos produtos, novos mercados – todos representando oportunidades ilimitadas aos que acompanham o progresso...

Realmente, temos agora um novo termo em administração, chamado o fator RM. Qual é a sua Resistência à Mudança?

Você a teme ou a acolhe? Você alguma vez apresentou uma nova idéia a um grupo de pessoas e observou sua reação? Os pensadores negati-

vos tornam-se tão nervosos quanto um nudista subindo uma cerca de arame farpado. Eles começam imediatamente a pesar todas as razões pelas quais não haveria de dar certo.

Os positivos, ao contrário, começam imediatamente a pensar em como pode ser feito.

O obstáculo, que para o negativo é um impedimento, para o positivo é um degrau...

À medida que ele sobe vai decidindo como pode ser feito.

Entretanto, um dos nossos problemas é que não sabemos como medir experiência. Uma pessoa fala que tem 15 anos de experiência e, freqüentemente, isso significa que está na mesmice há 15 anos.

Há uma diferença entre ter 15 anos de experiência e ter a experiência de um ano repetida 15 vezes. A diferença é o desenvolvimento. Pela primeira vez um adulto pode determinar sua própria idade – ele pode ser velho aos 40 ou moço aos 70... Depende de sua maneira de reagir aos desafios da mudança... Nesta era de apertar botões, não é o tamanho nem a idade de seus músculos que vale, é a atitude de sua mente. Ela determina quão rápido você andará e quando você deverá avançar ou recuar. Nunca, anteriormente, pode uma pessoa vencer ou falhar tão rapidamente.

Quando desenhamos um gráfico sobre o progresso do homem através da história, podemos começar com o homem das cavernas e seguir por milhares e milhares de anos e não há mudanças no gráfico de 1830. Em 1830 aconteceu algo. Um cavalo apostou uma corrida com uma locomotiva a vapor e esta ganhou.

Um homem quebrou a "bandeira da ferragem". Pela primeira vez no mundo um ser humano viajava mais rapidamente que um cavalo, e assim a curva do progresso começou a subir ...

Considere apenas a diferença nas idades tecnológicas nas quais o Rei Salomão e George Washington viveram. Eles viveram separados por quase 3.000 anos, mas ambos usaram o mesmo sistema de encanamento, aquecimento, iluminação, poder escravo, transporte e comunicação – muita coisa aconteceu entre a vida do primeiro e do segundo, 3.000 anos depois.

É apenas em tempos recentes que mudanças enormes têm acontecido durante a vida de uma pessoa. Assim esta corrida desabalada do progresso fez com que a maior parte da experiência passada ficasse obsoleta. O que não está obsoleto está rapidamente caminhando para isso. É bem verdade esta expressão: **se você está fazendo uma coisa da mesma maneira que costumava fazer, você está, provavelmente, fazendo por método ultrapassado.** Uma das coisas que precisamos encarar é que a maior parte de

nossos métodos atuais de fazer as coisas foram feitos para condições que não existem mais...

Um dos maiores problemas do homem, hoje em dia, é que a sua habilidade em fazer as coisas se distanciou de sua imaginação: ele não pode imaginar coisas que devem ser feitas tão depressa quanto ele as pode fazer.

Se você quer um exemplo para ilustrar, penso apenas que anos atrás um dos mais fantásticos sonhos do homem era do conto de fadas árabe do Tapete Voador. Agora, compare o tapete voador ao conforto e à utilidade do jato moderno. Quem no seu juízo perfeito quererá sentar-se em pleno vento e chuva, com o granizo batendo no rosto, sem aeromoça, sem refeições quentes?

Isso parece não um sonho distante, mas um sonho de algum retardado com a imaginação retrógrada: O jato atual excedeu aos sonhos do homem.

O homem pode exceder os seus sonhos por vezes sem conta. Tudo que ele necessita é de coragem para romper com as limitações do passado...

Experiência é uma coisa muito engraçada. Experiência é como uma ferramenta. Ela tem muito pouco valor sozinha. Seu valor real depende da habilidade e da inteligência de quem a está manejando. O que se pode fazer com ela?

Uma pessoa pode usar a sua experiência como um trampolim para lançar-se no futuro ou como um espelho retrovisor para focalizar a sua atenção no passado. Se ele a usar como um espelho retrovisor, ela será tão valiosa como um pára-quedas que só abre no segundo salto.

A experiência reunida pode ser um ativo formidável ou uma carga enorme, dependendo de como a organização a usar. Ela pode ser um potencial para penetrar no futuro ou uma prisão que confina o passado.

Você duvida que a experiência possa aprisioná-lo? O que aconteceu com os construtores e canais, aos homens que iniciaram os canais? O que aconteceu para que eles não desenvolvessem as estradas de ferro? Como aconteceu que nenhuma companhia de seda pensasse no náilon? Como nenhuma companhia telegráfica inventou o telefone?

Uma vez dois cavalos cresceram juntos num pasto. Quando eram potrinhos tentaram pular a cerca, descobrindo que não podiam fazê-lo. Para um dos potrinhos isto foi uma experiência e, para o resto da vida, nunca mais pôde pular a cerca. O outro teve uma atitude diferente? Mal podia esperar crescer para novamente tentar pular a cerca. Essa é a diferença.

A invenção do telefone, por exemplo, foi algo que os homens não puderam entender, a princípio. Gostaria de ler para você, um editorial que apareceu num jornal de Nova York nos idos de 1880. Cumprimentava a polí-

cia de Nova York por ter prendido um homem que vendia o que obviamente era um conto do vigário. Era assim redigido:

Editorial

Congratulações!

Alerta do Departamento de Polícia.

Um homem com cerca de 46 anos foi preso em Nova York por tentar extorquir dinheiro de pessoas ignorantes e supersticiosas exibindo um aparelho que, segundo ele, transmitia a voz humana a qualquer distância, através de fios metálicos. Ele chama o instrumento de telefone, com o que certamente pretende imitar a palavra telégrafo e, assim, ganhar a confiança de quem conhece o sucesso deste último aparelho. As pessoas bem informadas sabem que é impossível transmitir a voz através de fios, e que, se isso fosse possível, não teria quase nenhum valor prático.

Ora, meus antepassados tinham a mesma espécie de bom senso que o indivíduo que escreveu isto. E porque tinham essa mesma experiência sabiam que o telefone não funcionaria jamais e nunca compraram ações da Companhia Telefônica. Na verdade porque tinham bom senso, sabiam que a terra era plana. Bom senso, assim como experiência, muda com os tempos.

Vejamos, agora, se a instrução faria diferença. Se esse homem fosse cientista, teria acreditado no telefone? Bem, leiamos outro artigo. Esta foi uma entrevista com um dos primeiros cientistas americanos. Quando lhe perguntaram sobre a possibilidade de o homem voar, em outubro de 1903, o professor Simon Newcomb, um dos cientistas americanos mais conhecidos na época, respondeu:

Máquina voadora...

Impossível! — diz o notável professor.

O exemplo dos pássaros não prova que o homem possa voar. Imagine só o orgulhoso possuidor de um aeroplano arremessando-se no ar a muitas centenas de metros por segundo. E apenas a velocidade que o sustenta. Como poderá parar? Quando diminuir a velocidade começará a cair. Como chegará ao solo sem destruir a máquina?

Eu não acredito que um inventor, por maior que seja sua imaginação, tenha provado até agora uma maneira bem sucedida de superar essa dificuldade.

Cinquenta e dois dias mais tarde, Santos Dumont voava! Ele tinha uma enorme vantagem sobre o professor: não sabia que não podia fazer!

Vocês sabem que cada vez que ouço falar nessa asneira de que a necessidade é a mãe da invenção fico zangado? Necessidade pouco ou nada tem a ver com a invenção. Se a necessidade fosse a mãe da

invenção, os egípcios teriam inventado o trator para construir as pirâmides; Colombo teria inventado um vapor para ir até a América; os selvagens estariam liderando as invenções, e todas as grandes invenções estariam surgindo das nações mais atrasadas do mundo, onde é maior a necessidade.

A verdade é que a necessidade tem mesmo muito pouco ou mesmo nada a ver com a invenção. Os pais da invenção são inteligência e insatisfação. Quando um homem inteligente não está satisfeito com alguma coisa, ele faz algo a respeito.

Thomas Edson disse: "Mostre-me um homem satisfeito e eu lhe mostrarei um fracassado". Eu fico fora de mim quando ouço patrões dizerem que têm empregados satisfeitos. O que precisamos é de pessoas descontentes com as coisas certas.

Tudo o que sabemos são os mais modernos métodos obsoletos de fazer as coisas. Tudo que está sendo feito agora será feito de modo diferente, será feito melhor e, se você não o fizer, seu competidor o fará.

Você não pode parar a marcha do progresso. Você não pode parar as mudanças, do mesmo modo que não pode empurrar de novo a pasta de dente dentro do tubo.

Você não pode ter evolução sem mudanças e não pode ter segurança sem evolução. A segurança verdadeira é ser um homem em desenvolvimento numa comunidade também em desenvolvimento.

*"Transforme o seu medo numa
curiosidade a-experimentar."*

Jean Claude Obry

Onde estamos? Para onde vamos?

Certezas do Passado

(afirmações, opiniões e atitudes relatadas no "Livro das Révelações", de Eduardo Castor Borgonovi, Editora Alegro)

- "Não existe nenhuma razão que justifique uma pessoa ter um computador em casa." (Ken Olson, fundador da Digital Equipment Corporation, a maior concorrente da IBM, em 1967)
- "Penso que há talvez no mundo, mercado para cinco computadores." (Thomaz Watson, presidente da IBM, 1943)
- "Máquinas voadoras mais pesadas do que o ar são impossíveis." (Lord Kelvin, presidente da Royal Society, Inglaterra, 1895)
- "Furar para encontrar petróleo? Você quer dizer, furar o chão para encontrar petróleo? Você é louco!" (Empresários de perfuração de solo convidados por Edwin L. Drake a montar com ele um negócio de prospecção de petróleo em solo norte-americano, em 1859)
- "Viajei por todos os lados deste País e posso assegurar-lhes que processamento de dados é uma ilusão que não perdura até o fim do ano." (Editor encarregado de livros técnicos da Editora Prentice Hall, 1957)
- "Tudo que poderia ser inventado, já foi inventado." (Charles H. Duell, diretor do Departamento de Patentes dos Estados Unidos, 1899)
- "Quem se interessaria em ouvir atores falarem?" (H. M. Warner, um dos fundadores da Warner Brothers, em 1927, no auge do cinema mudo)
- "Então nós fomos na Atari e dissemos: 'Nós fizemos essa coisa engraçada, construída com algumas peças de vocês; o que vocês acham de nos financiar? Ou então nós a damos para vocês. Nós só queremos produzi-la. Paguem nossos salários e nós trabalharemos para vocês'. E eles disseram não. Então nós fomos para a Hewlett-Packard e eles disseram: 'Nós não queremos vocês. Vocês nem terminaram a faculdade'." (Steve Jobs, fundador da Apple Computer, na tentativa de atrair o interesse da Atari e da HP para o computador pessoal projetado por ele e Steve Wozniak's)
- "Não gostamos do seu som e a música de guitarra está acabando." (Argumentos de uma das maiores gravadoras do mundo para recusar os Beatles, em 1962)
- "A caixa de música sem fio não tem nenhum valor comercial imaginável. Quem pagaria para ouvir uma mensagem enviada a ninguém em particular?" (Sócios do industrial norte-americano David

- Sarnoff em resposta à sua consulta sobre investimentos num aparelho recém-inventado, chamado "rádio", na década de 1920)
- "Interessante, mas não serve para nada." (Um engenheiro da divisão de projetos de uma das maiores empresas de informática do mundo, ao conhecer o microchip, em 1968)
 - "As bolsas de valores alcançaram o que parecem ser as suas maiores altas possíveis." (Irving Fisher, professor de economia, Universidade de Yale, 1929)
 - "Esse tal de telefone tem inconvenientes demais para ser seriamente considerado um meio de comunicação. Esta geringonça não tem nenhum valor para nós." (Memorando interno da Western Union, 1876)
 - "A teoria dos germes de Louis Pasteur é uma ficção ridícula." (Pierre Pouchet, professor de fisiologia em Toulouse, 1872)
 - "O abdome, o peito e o cérebro vão continuar para sempre longe da intrusão do cirurgião sábio e humano." (Sir John Eric Ericksen, cirurgião britânico, nomeado, em 1873, cirurgião-extraordinário da rainha Vitória)
 - "O professor Goddard não conhece a relação entre ação e reação, e a necessidade de ter algo melhor do que o vácuo contra a qual reagir. Ele parece não ter o conhecimento básico ensinado diariamente em nossas escolas secundárias." (Editorial do jornal The New York Times em 1921, a respeito do estudo revolucionário de Robert Goddard sobre os foguetes, muito antes de Von Braun e da corrida espacial)
 - "Aviões são brinquedos interessantes, mas sem nenhum valor militar." (Marechal Ferdinand Foch, professor de estratégia na Escola Superior de Guerra; Paris, no começo do século XX)
 - "Quem imagina que a transformação do átomo possa ser uma fonte de energia está falando bobagem." (Lorde Rutherford, o descobridor da fissão nuclear, em 1930)
 - "Estou feliz de que seja Clark Gable quem vai quebrar a cara nesse filme e não Gary Cooper." (Gary Cooper, ao justificar sua decisão de não ser o astro principal de ... E o Vento Levou)

"Somente por meio de uma mudança radical de pensamento poderemos ser bem-sucedidos nesta nova era."

John Sculley, Presidente do Conselho e Chefe Executivo da Apple Computer

Fábula dos Porcos Assados

Uma das possíveis variações de uma velha história sobre a origem do assado é esta:

Certa vez, aconteceu um incêndio num bosque onde se encontravam alguns porcos e eles foram assados pelo fogo. Os homens, acostumados a comer carne crua, experimentaram e acharam os porcos assados deliciosos. Logo, toda vez que queriam comer porcos assados incendiavam um bosque.

Fazia tempo que as coisas não iam bem; às vezes os animais ficavam queimados ou parcialmente crus; outras vezes, de tal maneira queimados, que era impossível utilizá-los. Como era um procedimento montado em grande escala, preocupava muito a todos, porque se o **SISTEMA** falhava, as perdas ocasionadas eram igualmente grandes. Milhões eram os que tinham ocupação nesta tarefa. Mas, curiosamente, à medida que se fazia em maiores escalas, mais parecia falhar e maiores perdas parecia causar.

Em razão das deficiências, aumentavam as queixas. Já era um clamor geral a necessidade de reformar profundamente o **SISTEMA**.

Tanto assim, que todos os anos realizavam-se congressos, seminários, conferências e jornadas para achar a solução, mas parece que não acertavam o melhoramento do mecanismo, porque, no ano seguinte, repetiam-se os congressos, os seminários, as conferências e as jornadas. E assim, sempre.

As causas do fracasso do **SISTEMA**, segundo especialistas, deviam-se atribuir ou à indisciplina dos porcos, que não permaneciam onde deviam, ou à inconstante natureza do fogo, tão difícil de controlar, às árvores excessivamente verdes, ou à umidade da terra, ou ao Serviço de Informações Meteorológicas, que não acertava o lugar, o momento e a quantidade de chuvas, ou ...

As causas eram – como se vê – difíceis de determinar porque, na verdade, o **SISTEMA** para assar porcos era muito complexo. Fora montada uma grande estrutura com inúmeras variáveis. Havia indivíduos dedicados a acender o fogo: os incendiadores, que ao mesmo tempo eram especialistas de setores (zona norte, zona oeste, etc.); incendiador noturno e diurno, com especialização matutina e vespertina; incendiador de verão e inverno, com disputas jurídicas sobre o outono e a primavera.

Havia especialistas em vento: os anemotécnicos. Havia um diretor de Técnicas Igneas (com seu Conselho Geral de Assessores); um administrador-geral de Florestamento Incendiável; uma Comissão Nacional de Treinamento Profissional em Porcologia; um Instituto Superior de Cultura e Técnicas Alimentícias (ISCUA) e o BODRIO (Bureau Orientador de Reforma Igneo-Operativa).

O BODRIO era tão grande que tinha Inspetor de Reforma para cada 7.000 porcos, aproximadamente. E era precisamente o BODRIO que propiciava, anualmente, os congressos, os seminários, as conferências e as jornadas. Mas isto só parecia servir para incrementar o BODRIO em burocracia.

Tinha sido projetada e encontrava-se em pleno crescimento a formação de novos bosques e selvas, seguindo as últimas indicações técnicas (em regiões escolhidas segundo determinada orientação, onde os ventos não sopravam mais do que três horas seguidas e onde era reduzido o percentual de umidade).

Havia milhões de pessoas trabalhando na preparação dos bosques, que logo teriam que ser incendiados. Havia especialistas na Europa, nos Estados Unidos estudando as madeiras, árvores e sementes, de melhores e mais potentes fogos e analisando idéias operativas (por exemplo: como fazer buracos, para que neles caíssem os porcos).

Havia construções e professores formadores dos especialistas na construção de estábulos para porcos. Universidades que preparavam os professores formadores dos especialistas em construção, pesquisadores que forneciam o fruto de seu trabalho às Universidades que preparavam os professores formadores e especialistas em construção e Fundações que apoiavam os pesquisadores que davam o fruto de seu trabalho às Universidades que preparavam os professores formadores dos especialistas em construção.

As soluções que os congressos sugeriam eram, por exemplo, aplicar o fogo triangularmente, logo após a raiz quadrada de $A-1$, pela velocidade do vento sul, e soltar os porcos 15 minutos antes da temperatura média da floresta alcançar 47 graus; outros diziam que era necessário pôr grandes ventiladores, que serviriam para orientar a direção do fogo, e assim por diante... E não é preciso falar que poucos especialistas estavam de acordo entre si. E que cada um tinha pesquisas e dados para provar suas afirmações.

Um dia, um incendiador Categoria SO/DMNCH (isto é, um acendedor de bosques especialista Sudeste, diurno, matutino, com licenciatura em verão chuvoso) falou que o problema era muito fácil de resolver. Tudo consistia, segundo ele, em, primeiramente, matar o porco escolhido, limpando e cortando adequadamente o animal, colocando-o, posteriormente, numa jaula metálica ou armação sobre umas brasas, até que o efeito do calor, e não das chamas, o assasse ao ponto.

Ciente, o diretor-geral do Assamento mandou chamá-lo e perguntou que coisas esquisitas andava falando por ali. Depois de ouvi-lo, disse-lhe:

— O que o senhor fala está bem, mas somente na teoria. Não vai dar certo na prática. Pior ainda, é impraticável. Vamos ver: o que fazer com os anemotécnicos? E os acendedores das diversas especialidades? E os especialistas em sementes, em madeiras? E os desenhistas de estábulos de sete andares, com suas máquinas limpadoras e perfumadoras automáticas? E os indiví-

duos que foram ao estrangeiro para se especializar, durante anos, e cuja formação custou tanto? Vou pô-los para limpar porquinhos? E os que têm se especializado todos esses anos em participar de congressos, seminários e jornadas para a reforma e melhoramentos do **SISTEMA**? Se o que o senhor fala resolve tudo, que faço com eles?

O senhor percebe agora que a sua solução não é a de que nós todos necessitamos? O senhor acredita que, se tudo fosse tão simples, os nossos especialistas não teriam achado a solução antes?

Veja só! Que autores falam isso? Que autoridade pode avaliar a sua sugestão? O senhor, por certo, imagina que eu não posso dizer aos engenheiros em anemotécnica que é questão de por brasinhas sem chamas! O que eu faço com os bosques já preparados, ao ponto de serem queimados, que somente possuem madeira para fogo conjunto, cujas árvores não produzem frutos, cuja falta de folhas faz com que não prestem para dar sombra? O que eu faço? Diga-me.

O que faço com a Comissão Redatora de Programas Assados, com seus Departamentos de Classificação e Seleção de Porcos, com a Arquitetura Funcional de Estábulos, Estatística, População, etc.?

O engenheiro em Porcoterapia não é uma extraordinária personalidade científica? Bem, o simples fato de possuir extraordinários engenheiros em porcopirotecnia indica que o **SISTEMA** é bom. E que faço com indivíduos tão valiosos?

Viu? O senhor tem que trazer a solução certa para certos problemas. Por exemplo, fazer melhores anemotécnicos ou conseguir mais rapidamente acendedores do Oeste (que é a nossa maior dificuldade), como fazer estábulos de oito andares ou mais. Traga-me uma proposta para que nossos bolsistas custem menos ou mostre-me como fazer uma boa revista para análise profunda dos problemas da Reforma do Assamento. É disto que necessitamos.

Agora, o senhor vê que o problema é mais sério e não tão simples como o senhor imaginava.

O incendiador não falou um "A".

Sem despedir-se, meio assustado e meio atordoado, com a sensação de estar caminhando de cabeça para baixo, saiu. E, nunca mais, alguém o viu. Não se sabe para onde foi. Talvez esteja aplicando em gestão cidadã de Águas seu jeito de ver, sentir e cuidar de soluções simples e transformadoras.

(Texto parcialmente adaptado de um artigo de Forcane Tilich, originalmente publicado em Juicio de la Escuela Cirigliano, - Buenos Aires: Humanitas, 1976).





Mudanças de paradigmas: retrovisor no passado e pára-brisa para o futuro

*“Portanto, fiquemos alertas – alertas em duplo sentido.
Desde Auschwitz nós sabemos do que o ser humano é capaz.
Desde Hiroxima nós sabemos o que está em jogo.”*

Viktor Frankl

Não pense que as grandes mudanças só ocorreram no passado, com gente longe de você, como curiosidade, como coisa que não acontece onde você trabalha, como miopia estratégica que você não comete.

Aí é que mora o perigo: muitas vezes não nos damos conta das grandes bobagens que estamos cometendo, porque acreditamos generosamente em nossa genialidade, porque levamos a sério mais do que deveríamos levar o que anda escrito, porque endeusamos o conhecimento convencional, porque vemos televisão demais ou porque abrimos mão de nossos sentidos primários, inclusive a intuição.

Um bom exercício para sabermos, hoje, se o que estamos lendo ou ouvindo será, amanhã, uma grande bobagem é ficarmos com um pequeno retrovisor para uma olhadela no passado, com um grande pára-brisa para ter uma boa visão no presente e com farol de milha e olhar à frente para antecipar o futuro.

Quer um exemplo de olhar à frente? John Naisbitt e Patrícia Aburdene fizeram o seguinte exercício de tendências, de novos paradigmas, em 1982:

De	Para
Sociedade industrial	Sociedade de alta informação
Tecnologia forçada	Alta tecnologia/Alto contato humano
Economia nacional	Economia mundial
Curto prazo	Longo prazo
Centralização	Descentralização
Ajuda institucional	Auto ajuda
Democracia representativa	Democracia participativa
Hierarquias	Redes
Norte	Sul
Este ou aquele	Opção múltipla

Fonte: Megatendências de John Naisbitt e Patrícia Aburdene

"É importante observar que um dos aspectos mais significativos de nossa situação atual é a chamada crise de significado. As visões da vida e do mundo, freqüentemente de natureza científica, proliferam a tal ponto que nos vemos diante de uma crescente fragmentação do conhecimento. Isso torna a busca de significado difícil e, freqüentemente, infrutífera."

Papa João Paulo II

Ao contrário dos resistentes e conservadores que olhavam mais para as certezas do passado do que para as tendências, John Nasbitt e Patrícia Aburdene viram, por exemplo, a passagem do paradigma da "Economia nacional" para "Economia mundial".

Numa época em que a maioria dos empresários, dos políticos, dos sindicalistas e dos intelectuais gastavam boa parte de suas energias de formadores de opinião "olhando para o umbigo" ou prestando atenção na "guerra fria" que era uma espécie de "reality show" entre o bloco político dos Estados Unidos e o bloco da então União Soviética, eles anteviram a globalização e muitas de suas conseqüências com uma clareza que carrega novidades até hoje.

Na mesma linha de "pisca alerta" para quem não quer ser abalroado pela energia do novo, Oscar Motomura, da Amana-Key, também foi arauto de tendências mudancistas nos seus escritos dos anos 80, com observações que viraram o século e o milênio ainda cheirando novidade para muita gente, em gestão de Águas e em projetos sociais. Veja, a seguir, algumas observações divulgadas por Motomura:

Mudanças de Paradigmas em modelos de gerenciamento

De	Para
Pessoas como despesa	Pessoas como um ativo
Apoiando em regras	Focando em resultados
Usando hierarquia	Usando rede
Consistência/uniformidade	Diversidade/Flexibilidade
Sigilo	Informação compartilhada
Passividade	Assunção de riscos
Isolamento	Envolvimento
Gerenciando pessoas	Liderando pessoas
Fazendo certo	Fazer o certo
Administração	Inovação
Manutenção	Desenvolvimento
Sistema/estrutura	Pessoas/confiança
Curto prazo	Longo prazo
Como?	O que/ Por quê
Obediência	Comprometimento
Controle	Poder distribuído
Mudanças nos Paradigmas pessoais	
De Valores de Proteção	Para Valores de Crescimento
Segurança	Espontaneidade (risco/liberdade)
Sentindo-se superior aos demais	Sentindo-se conectado aos outros
Defesas do ego	Vulnerabilidade
Auto Controle	Auto Conhecimento
Conhecimento (fatos)	Sabedoria (verdade, capacidade de aprender)
Desempenho de papéis	Autenticidade (sendo você mesmo onde quer que esteja)
Conforto a todo custo (evitar o sofrimento)	Verdade a qualquer custo (aceitar o sofrimento)
Controle dos outros	Comunicação com os outros
Permanência	Potencial/Mudança
De Comportamento de Segurança	Para Comportamento de Desenvolvimento
Sensação de ter aprendido tudo	Aprendizado nunca termina
Pensamento reducionista	Pensamento sistêmico
Dependência de procedimentos	Foco em resultados
Pseudo simplicidade	Complexidade
São "eles" que devem ser responsabilizados	Responsabilidade social
Virtude de estar certo	Dúvida
Crença na estabilidade	Mudança contínua

Fonte: Amana-Key

"Toda questão, crença, atitude e pressuposto é precisamente a questão que se interpõe entre você e a sua relação com outro ser humano — e entre você e você mesmo."

Gita Bellin

Mudanças de Paradigmas na opção de novos comportamentos
Teste sua capacidade de mudar

Do/Da	Para o/a
Lógico/racional	Criativo/imaginativo
Linear/contínuo	Não linear/descontínuo
Análise	Síntese/integração
Conhecimento	Aprendizagem/exploração
Certeza	Curiosidade
Julgamento	Opções baseadas na visão
Resposta/reação	Iniciação/antecipação
Comparação com o passado	Experiência do presente
Dedução	Indução
Consciente/cálculo	Intuição
Monotonia	Maravilhamento/assombro/entusiasmo

As atitudes e crenças correspondentes a uma visão de mundo criativa passam por uma transição ainda mais radical à medida que aumenta a nossa capacidade de optar por novos comportamentos

Do/Da	Para o/a
Ego/competição	Abandono do ego/cooperação
Co-dependência	Interdependência
Gostar	Amar
Medo/terror/ansiedade	Confiança/maravilhamento/reverência
Culpa	Auto-aceitação
Suspeita	Confiança
Julgar/culpar/erro	Aceitação
Prazer auto centrado	Júbilo
Segredo/fechamento	Abertura/honestidade/franqueza
Competição	Cooperação
Discórdia	Harmonia
Escassez	Abundância
Limitação	Potenciais
Cinismo/negativismo/suspeita	Otimismo/boa fé
Centração nos problemas	Centração nas oportunidades
Possuir/dar ou obter	Compartilhamento
Ganho/perda	Ganha /ganha
Separatividade	União
Sexismo/racismo/xenofobia	Aceitação das diferenças
Apego	Desapego
Simpatia	Empatia
Segurança/garantia	Clima de aventura
Bom/ruim/certo/errado	Não valorativo
Proteção/defensividade	Liberdade/abertura/transparência
Invulnerabilidade	Vulnerabilidade
Conservadorismo/tradicionalismo	Perspectiva evolutiva
Repetição dos velhos padrões	Exploração de novas idéias
Privacidade	Intimidade
Proteção do passado	Criação do futuro

Fonte: George Land, Beth Jarman
 Ponto de Ruptura e Transformação

Mudanças de Paradigmas em Rompimento de Ciclos

<p>De Dependência</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Esperamos que algo acima ou abaixo de nós nos dê uma direção ▪ Quando as coisas saem erradas, colocamos a culpa a "cultura" ▪ A dependência é a escolha do caminho mais seguro ▪ Melhor pedir permissão do que desculpa 	<p>Para Autonomia</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Liberdade de fazer a própria escolha ▪ A organização de que faço parte é minha própria criação ▪ Somos a causa, não o efeito ▪ A autonomia é a escolha do caminho de riscos e ansiedade ▪ Melhor pedir desculpa do que permissão.
<p>De Auto-interesses míopes</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Buscamos aprovação ▪ Queremos ser promovidos para o círculo dos que tem poder e privilégio ▪ A compensação monetária é a medida do nosso valor como pessoa ▪ Desejamos estar seguros e sem culpa ▪ Queremos ter tudo sob nosso controle para não sermos surpreendidos 	<p>Para Auto-interesses esclarecidos</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Nos comprometemos com o que tem significado ▪ Fazemos as coisas que acreditamos realmente contribuir para a Organização ▪ Agimos firmemente de acordo com nossos valores ▪ Tratamos os outros como queremos ser tratados ▪ Aprendemos tudo que é possível sobre a atividade que estamos engajados
<p>De Táticas manipuladoras</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os envolvidos são os últimos a saber ▪ Utilizamos linguagem impessoal para atenuar impactos ▪ Deixamos escapar nomes ▪ Manifestamos apenas certezas ▪ Identificamos apenas a contribuição/responsabilidade dos outros para os problemas ▪ Fazemos apenas mudanças superficiais 	<p>Para Táticas autênticas</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Os envolvidos são os primeiros a saber ▪ Utilizamos linguagem direta, simples, pessoal ▪ Nomeamos com convicção ▪ Manifestamos certezas e dúvidas ▪ Interrompemos o que não funciona ▪ Identificamos também a própria contribuição/responsabilidade para os problemas

"Depois de ser expandida com uma nova idéia, a mente humana jamais retorna às suas dimensões originais."

Oliver Wendell Holmes



PARTE IV

Uma opção metodológica que possibilite
fluir ações como é da natureza fluir a água

"A análise histórica mostra que o grau de complexidade de todos os elementos que compõem a Vida mutaram da seguinte forma: partículas elementares combinaram para formar átomos; combinaram para formar moléculas; combinaram para formar macro moléculas; combinaram para formar células simples; combinaram para formar células complexas; combinaram para formar tecidos e órgãos; combinaram para formar organismos com consciência que estão se combinando para formar um Planeta sinergeticamente integrado e que irão formar a expansão da consciência terráquea para o nível cósmico."

Daniel Hakin



Fatores básicos para uma Metodologia de resultados em gestão cidadã de Águas e gestão de projetos sociais de resultados transformadores



Fonte: Instituto de Resultado em Gestão Social



Cada jeito de ver, sentir é cuidar precisa de um jeito diferente de fazer bem-feito

*“Dar um novo passo; dizer uma nova palavra
é o que as pessoas mais temem.”*

Fiodor Mikhailovitch Dostoievski

Basicamente, uma gestão cidadã de Águas nem é inteiramente igual à gestão de outros bens da Humanidade e nem inteiramente diferente da gestão de outras dádivas da Natureza. Então, haja sensatez e competência para não perdermos cuidados e valores na reinvenção da roda e para não perdermos o sentido da vida na inércia da mesmice.

Para avançarmos nessa proposta de reflexão, partamos da visão consensual de que todos queremos Águas em melhor qualidade e em maior quantidade. A partir desse consenso básico começam a surgir diferenças no jeito de ver, sentir e cuidar da Água, pois, afinal, quase tudo muda se estou tratando de uma Nascente para a Água potável, se estou me referindo ao abastecimento de uma grande cidade, se estou falando de irrigação ou se estou apenas querendo Água com Vida e Vida na Água. E as diferenças se acentuam quanto mais se explicitam interesses divergentes, opiniões variadas e lógicas específicas.

Regra geral, as diferenças, por si sós, não são nem fatores dificultadores e nem fatores facilitadores. O que dificulta é a diferença ser vista como contraposição ou como adversidade ou como falta de sintonia e o que facilita é a diferença ser entendida e vivida como complementariedade, como pluralidade.

Na gestão de Águas, quando a visão complementar é fruto e raiz de uma visão holística, quântica, o jeito de ver e sentir é que vai determinar a qualidade do cuidar e vai sinalizar as coordenadas da Metodologia. Por exemplo, um jeito de ver e sentir Água como recurso econômico, para saneamento urbano ou para irrigação, vai exigir leis, engenharia, poder político e muito dinheiro, com Metodologias específicas desses instrumentos, enquanto ver e sentir Água como elemento da Natureza vai valorizar cuidados e resultados em Metodologias que asse-

gurem cidadania, responsabilidade social, harmonia, cooperação, complementariedade, etc.

Enfim, o importante, fundamental mesmo, é a compatibilidade em toda a linha, da essência filosófica ao detalhe da ação, ao contrário do que comumente ocorre na gestão de Águas, onde se confundem discursos democráticos com práticas autoritárias, acenos de autonomia com controles inibidores, promessas de cidadania com o sufoco do institucional, incentivos à cooperação com rígidos comportamentos de dominação.

Por isso, aqui neste livro o propósito básico é alinhar de forma consistente, coerente e conseqüente um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão cidadã de Águas, transitando de indagações metafísicas sobre a natureza das Águas às relações cotidianas do Homem com as Águas.

Neste Capítulo VIII, que é único da Parte IV, é oportuno lembrar de onde viemos e onde estamos no livro e anunciar e antecipar aonde queremos chegar:

A Parte I, em seu Capítulo I, e a Parte II, em seus Capítulos II, III, IV e V, tratam das relações do Homem com a Água, com o Planeta Terra, com o Cosmos, com a Vida, com ele mesmo, com o sentido da Vida e com a transcendentalidade, num ciclo que será menos vicioso e mais virtuoso quanto mais alimentar e retroalimentar processos de evolução, de equilíbrio e de harmonia.

A Parte III no Capítulo VI mostra, por meio de textos, que uma forma de sacudir velhas crenças e velhos paradigmas é ler, ouvir e prestar atenção nas bobagens que outros andaram dizendo. O Capítulo VII fala de tendências em mudanças de paradigmas – na sociedade, em modelos de gerenciamento, em paradigmas pessoais, na opção de novos comportamentos e em rompimentos de ciclos.

Este Capítulo VIII da Parte IV **É UMA RARIDADE EM PUBLICAÇÕES SOBRE GESTÃO CIDADÃ DE ÁGUAS E DE GESTÃO DE PROJETOS SOCIAIS DE RESULTADOS TRANSFORMADORES, POR EXPLICITAR A "ALMA" DA METODOLOGIA, EM FORMA DE FATORES DE SUCESSO, DANDO VISIBILIDADE ÀS BASES FILOSÓFICAS, IDEOLÓGICAS E CONCEITUAIS, E ASSEGURANDO SUPORTE, COERÊNCIA, CONSISTÊNCIA E CONSEQÜÊNCIA AO DESAFIO DE OPERAÇÕES ADEQUADAS E RESULTADOS EXPRESSIVOS.** O próximo quadro traz uma listagem de novos (fatores transformadores) e velhos (fatores conservadores) paradigmas em processos de mudanças em gestão cidadã de Águas e de gestão de projetos sociais de resultados transformadores. Nas páginas seguintes, também em ordem alfabética, alguns fatores transformadores mais relevantes são apresentados em detalhes.

Uma ressalva feita várias vezes neste livro: estes fatores são a expressão de um jeito de ver, sentir e cuidar que serve mais a trabalhos humanísticos e menos a atividades lucrativas, mais a pessoas em redes e menos a estruturas piramidais, mais a iniciativas cidadãos do que institucionais, mais a atividades autônomas do que a atividades regulamentadas.

A Parte V é muito operacional. O Capítulo IX trata de resultados e complementa as partes anteriores; de base filosófica, conceitual e metodológica e dá instrumentos para saída de situações indesejáveis; o Capítulo X é uma reflexão sobre mudanças e a dificuldade de mudar; o Capítulo XI fala sobre atitudes e técnicas diferentes que devem ser valorizadas na gestão cidadã de Águas; o Capítulo XII explicita razões, emoções e condições de sucesso no trabalho espontâneo e voluntário de gestão cidadã de Águas, no qual a lógica é diferente da lógica materialista das atividades lucrativas e da lógica burocrática das atividades governamentais; o Capítulo XIII trata de sugestões de ações ambientais para "pessoas comuns", individualmente, e também apresenta alternativas para grupos, para organizações não-governamentais e para instituições governamentais, e o Capítulo XIV dá toques para quem quer ser um reeditor, um semeador e um cultivador desse jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão cidadã de Águas e de gestão de projetos sociais de resultados transformadores:

A Parte VI, no Capítulo XV trata da oportunidade e da conveniência de se articular em rede milhares de cidadãos interessados em melhorar resultados em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores. O Capítulo XVI traz sugestões de livros e de endereços.

Novos e velhos Paradigmas em processos de mudança em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores

Fatores conservadores	Fatores transformadores	Fatores transformadores
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acomodação ➤ Adesão ➤ Ajuda ➤ Apego ➤ Artificialidade ➤ Auto-estima baixa ➤ Autoritarismo ➤ Burocracia ➤ Centralização ➤ Certeza ➤ Ceticismo ➤ Cobrança/indução ➤ Coletivo mais do que individual ➤ Competição ➤ Complexidade ➤ Conforto a todo custo (evitar o sofrimento) ➤ Constrangimento ➤ Controle mais do que acompanhamento ➤ Culpa ➤ Cultura do fracasso ➤ Dependência de procedimentos ➤ Desapontamento ➤ Escassez ➤ "Esse filme eu já vi" ➤ Estabilidade ➤ Exclusão ➤ Foco em necessidade mais que em potencialidade ➤ Formalidade ➤ Fragmentação ➤ Frustração ➤ Hierarquia ➤ Indefinição/medo ➤ Isolamento ➤ Julgamento ➤ Manipulação ➤ Manutenção ➤ Medo ➤ Mesmice ➤ Multiplicação ➤ Padronização ➤ Passividade ➤ Paternalismo ➤ Permanência ➤ Prepotência ➤ Público-alvo ➤ Rejeição ➤ Responsabilidade ➤ Sentimento de superioridade ➤ Sonegação de informação ➤ Subserviência ➤ Uniformidade ➤ "Um pé atrás" ➤ Valorização de regras ➤ Velhos paradigmas ➤ Ver para crer ➤ Etc., Etc. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Abundância ➤ Acompanhamento mais do que controle ➤ Agilidade ➤ Agregação de novos atores ➤ Agregação de novos autores ➤ Amor ➤ Antecipar futuro/criar futuro ➤ Aprender fazendo ➤ Articular adequadamente ➤ Atenção ao significado de palavras e ações comunicativas ➤ Autenticidade ➤ Autoconfiança ➤ Auto-estima elevada ➤ Autogestão ➤ Autonomia com interdependência ➤ Auto-sustentabilidade ➤ Benefícios ➤ Cidadania ➤ Circulação de Informações ➤ Coerência ➤ Começar começando ➤ Complementariedade ➤ Confiar para ser confiável ➤ Consequência ➤ Consistência ➤ Cooperação ➤ Crer para ver ➤ Criatividade ➤ Cultura da prosperidade ➤ Desaprender como forma de aprendizado ➤ Descentralização ➤ Desenvolvimento ➤ Diferenças como vantagens ➤ Diversidade ➤ Dúvida ➤ Ecologia ➤ Eficácia ➤ Empatia ➤ Empowerment ➤ Empreendedorismo ➤ Encantamento ➤ Esperança ➤ Espontaneidade ➤ Estruturante ➤ Ético ➤ Evolução ➤ Fazer aprendendo ➤ Fazer fazendo ➤ Flexibilidade ➤ Foco em potencialidade mais que em necessidade ➤ Foco em resultados ➤ Fraternidade ➤ Harmonia ➤ Humildade ➤ Inclusão ➤ Incômodo 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Indignação com o fracasso ➤ Individual mais do que coletivo ➤ Informalidade organizada e/ou organização informal ➤ Inovação ➤ Integração e Interação ➤ Intencionalidade ➤ Interatividade ➤ Libertação para potencialização ➤ Mudança contínua ➤ Naturalidade ➤ Novos paradigmas ➤ Nucleação como fator de eficácia ➤ Participação de novos agentes sociais ➤ Participar por oportunidade mais do que por responsabilidade ➤ Pensar universalmente e cuidar localizadamente ➤ Pluralismo ➤ Persistência ➤ Portador de "Lógica do Social" ➤ Prazer ➤ Preventivo mais que curativo e promotor de desenvolvimento humano mais que preventivo ➤ Protagonismo: decisão ➤ Rede ➤ Reedição ➤ Reordenar para reorganizar ➤ Resultados como compromisso ético ➤ Sentimento de Conexão ➤ Simplicidade ➤ Solidariedade ➤ Sonho possível ➤ Sucesso ➤ Superação de conflitos por avanço ➤ Transcendentalidade ➤ Transformação ➤ Transparência ➤ Universalidade ➤ Verdade a qualquer custo ➤ Virtudes e Valores permanentes da Humanidade ➤ Visão quântica, visão holística ➤ Visibilidade de propósitos, de processos e de oportunidades ➤ Voluntariado como novo ator e novo amor ➤ Zelo ➤ Etc. ➤ Etc.

Fonte: Instituto de Resultados em Gestão Social

"Ficar confuso sobre o que é diferente é ficar confuso sobre tudo. Assim, não é por acidente que nossa forma fragmentária de pensar leva a uma tal disseminação de crises sociais, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas, no indivíduo e na sociedade como um todo... Para atingir uma nova compreensão da fragmentação e da totalidade é preciso um trabalho criativo ainda mais difícil do que aquele que exige as novas descobertas fundamentais da ciência ou as obras de arte originais. De repente, num lampejo de compreensão, alguém vê a irrelevância de toda a sua maneira de pensar... e descobre uma nova abordagem em que todos os elementos se encaixam numa nova ordem e numa nova estrutura."

David Bohm

Abundância

"A abundância é o estado natural da Natureza", dizem George Land e Beth Jarman em seu livro Ponto de Ruptura e Transformação. E eles não se referem apenas à abundância material, à abundância de Água, à abundância de alimentos, mas à "profusão de recursos, de oportunidades e de assistência, que é vital para a plena expressão dos talentos pessoais."

Ao contrário desta afirmação, nossa cultura valoriza a escassez, por muitas razões: porque valorizamos o sofrimento; porque, na sociedade capitalista, a "lei da oferta e da procura" valoriza o que é escasso; porque a ameaça da escassez valoriza quem tem recursos e fragiliza quem não o tem; porque a escassez é mais instrumento de Poder do que a abundância; porque muitas pessoas se consideram "heróis" mais na escassez do que na abundância.

Também é de nossa cultura associar abundância com desperdício, com mau uso e com má administração, enquanto escassez costuma aparecer como oportunidade de economia e boa gerência.

Só mesmo tantos e tão arraigados condicionamentos culturais repetidos, reforçados e introjetados na linha de valorização da escassez poderiam contrariar o que é "naturalmente da Natureza" e naturalmente desejado por todos nós. Ou você não quer Abundância de Saúde, Amor, Água, Alimentos, Paz, Felicidade, Prosperidade, Oxigênio, Nitrogênio, Beleza, Riqueza, etc., etc., etc.?

Acompanhamento é mais do que controle

- Em gestão cidadã de Águas, em projetos ecológicos e em gestão de atividades sociais de resultados transformadores onde se queira

autogestão, autonomia, auto-sustentabilidade, valorização do preventivo e outras características de ação libertadora, acompanhamento efetivo é sempre mais adequado do que controle.

- A linha de controle sinaliza mando, domínio de uns sobre outros, onde eu sou autoridade sobre meu controlado e dependo da boa performance dele para o resultado que eu também controlo. A inconveniência é que o controle "a priori" pode limitar e infantilizar o controlado a, no máximo, fazer o que eu quero, enquanto "a posteriori" o controle costuma ser ineficaz, só me servindo para constatar o que não saiu bem.
- Na linha do acompanhamento, eu sou interessado no êxito do outro e no seu resultado em condições de solidariedade, de cumplicidade e de interesse em cuidar de tudo aos primeiros sinais de distorção, a tempo de evitar o fracasso que, se ocorrer, será tanto meu quanto do outro e tanto nosso quanto de nossa causa.
- Controle é só freio, enquanto acompanhamento também pode ser freio, mas sempre será embreagem e acelerador.

Em nossa cultura, o conceito e a prática de "Acompanhamento" são usuais na proporção inversa de como é natural entre nós o costume doentio de controlar.

Controle costuma até ser fator de sucesso e garantia de resultados imediatos onde haja predomínio de produtos sobre processos, predomínio de mando sobre autonomia, predomínio do curto prazo sobre o longo prazo, predomínio da dependência sobre a autogestão, predomínio do mantenedor sobre a auto-sustentabilidade, predomínio do medo sobre a liberdade, predomínio do curativo sobre o preventivo, predomínio de necessidades sobre potencialidades, predomínio da razão sobre a emoção, predomínio do tecnológico sobre o humano e predomínio do lucro e do Poder sobre o sentido da Vida.

No caso de uma gestão de Águas cidadã, democrática, incluyente e participativa, é absolutamente fundamental passar do paradigma de controle para acompanhamento, por coerência a esses valores de inclusão, para descaracterizar mandos indevidos e para construir condições de autogestão e de auto-sustentabilidade.

Um jeito prático para quem quer experimentar esse jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Águas é trocar os convencionais mapas de controles por mapas de acompanhamentos como este aqui reproduzido, valorizando os objetivos de deixar fluir, fazer fluir, animar e acompanhar o que assegure autogestão e auto-sustentabilidade.

Mapa de Acompanhamento

Programa:					
Ação:					
Data Inicial:					
Providência (quase sempre um ato, um fato, uma solução e nunca um objetivo, um propósito)	Quem providencia (quase sempre um "anjo da guarda")	Dia/Hora (quase sempre prazos limites)	Quem articula: (papel do articulador: animar, fazer fluir, deixar fluir e acompanhar)	Resultado desejado da providência: conforto de quem? (quase sempre referente ao "processo", a um sentimento)	Resultado final operacional da providência (quase sempre um "produto")
Autogestão e auto-sustentabilidade da Ação					
Quais as principais ameaças à continuidade e o que precisa ser acompanhado sistematicamente?	O que deve ser celebrado como êxito e como reforço ao objetivo de autogestão e auto-sustentabilidade?		Quais são e serão indicadores de resultados?		

Antecipação de futuro

- Ao contrário das pessoas e organizações que lidam no mercado de dinheiro e de Poder, os que se empenham em gestão de Águas e atividades sociais nem sempre conseguem ter mais olhos na amplidão do pára-brisas do futuro do que no reduzido espelho retrovisor do passado.
- Antecipar o futuro é cuidar de situações de hoje com foco no amanhã.
- Antecipar o futuro para uma criança ou adolescente é alargar seu horizonte, para que ele sonhe e, para que ao sonhar, se motive a ter projetos de vida.
- Antecipar o futuro, para adultos, costuma ser o fim dos derrotados e o começo dos empreendedores.

Em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores, antecipar o futuro ajuda a sair da mesmice, estimula foco em resultados, facilita critérios de priorização de ações e valoriza tendências transformadoras.

Por exemplo, façamos um exercício de reflexão sobre como cuidar adequadamente de uma cidade ainda privilegiada por ter muitos lotes vagos, conjuntos de árvores nativas e até áreas de Nascentes e de alagadiços. O que costuma ocorrer na cultura urbana é uma forte pressão (até por cobrança diferenciada de impostos) para construções nos lotes, para eliminação de árvores e para aterro de Nascentes, sob a justificativa de combate a mosquitos, ratos e pequenos animais. Ultimamente surgiu o avassalador argumento da insegurança, como se os criminosos gostassem de ficar e de se apoiar mais em áreas ecológicas e como se a polícia tivesse mais dificuldade de agir nesses terrenos do que em áreas construídas.

O contraponto a essa questão são perguntas de antecipação de futuro, arrançando outro jeito de lidar com mosquitos e ratos: O que será desta cidade sem estas condições naturais? As pessoas serão mais ou menos felizes com ou sem áreas ecológicas? A cidade será mais ou menos valorizada e querida? Que cidade encontramos e que cidade queremos deixar para as próximas gerações?

Articular adequadamente é um exercício de jangadeiro

Contam alguns pesquisadores da história do naufrágio do transatlântico Titanic que, ao ser alertado para os riscos de navegar entre os "icebergs", o comandante disse que tinha vinte e seis anos de navegação em condições semelhantes. E foi dormir o sono dos especialistas, dos capacitados, dos diplomados, dos que pouco aprendem porque se consideram cheios de conhecimentos.

Além de se acomodar na sua experiência, o comandante também se acomodou na infalibilidade dos profissionais das diversas ciências aplicadas na construção do que deveria ser tão seguro quanto grandioso.

Situação diferente do comandante do Titanic é a de um jangadeiro que não tem carta náutica e nem outros condicionamentos acadêmicos para navegar. Ele apenas sabe que se a jangada virar ou se ela for partida em pedaços, cada madeira vai flutuar e lhe servir de salva-vida. E, transitando entre a segurança e a fragilidade, ele é cuidadoso, humilde e atento.

Em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores, o espaço para comandantes, para coordenadores e para lideranças convencionais fica melhor ocupado quando o "rosto", a "cara" da organização, do projeto, do movimento, da ação, da atividade tem um "jangadeiro" ARTICULADOR que FAZ FLUIR quando necessário, DEIXA FLUIR porque não é autoridade formal, ANIMA como um sanfoneiro no forró e ACOMPANHA para potencializar resultados.

Em nossa cultura piramidal (uns mandam em outros, que mandam em outros, que mandam...), autoritária ("manda quem pode, obedece quem tem juízo"), institucional (quem é quem?) e paternalista, patriarcal e infantilizadora, a tendência do articulador, mesmo que ele queira ser libertador, empoderador e animador, é corresponder às expectativas de quem não consegue se arriscar na liberdade e na novidade.

Por isso, se o articulador se parecer com um "comandante", inevitavelmente terá boa parte de seu tempo e de sua energia gasta com "apegos" e "rejeições" de "tripulantes" e de "passageiros", porque o estilo "pai" atrai "filhos", que são rebeldes ou são dependentes.

Voltemos ao ganha-ganha de um "forró", no qual o sanfoneiro tem paixão por tocar, os que dançam têm paixão por dançar, os dançarinos não ensinam o sanfoneiro e nem o sanfoneiro ensina os dançarinos. E o que é relevante: sem sanfoneiro o dançarino vai dançar em outro lugar e sem dançarino o sanfoneiro vai tocar em outro lugar.

Quem quiser ser bom "sanfoneiro" (articulador) em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores, tem de tocar bonito para fluir a "dança" (as atividades); não pode parar de "tocar" (ter resultados) para não desanimar e tem de estar atento (acompanhamento) à animação para saber quando variar a música.

Atenção ao significado de palavras e ações comunicativas

- Se convoco, convido ou intimo alguém, o mais provável é esta pessoa vir por dever, porque gosta de mim ou porque tem medo de

- mim. Ao contrário, se eu informo alguém sobre algo, esta pessoa tem a liberdade de se posicionar para participar ou não.
- Verbos no imperativo, ordenando uma ação, sinalizam autoridade, mando e posse.
 - Se uso palavras como conscientizar, ou sensibilizar, ou capacitar, ou responsabilizar eu coloco o outro como menor, menos consciente do que eu, menos sensível do que eu, menos capaz do que eu, menos responsável do que eu.
 - Multiplicar e reproduzir é menos do que reeditar, por não considerar que o outro, ao fazer, possa fazer diferente de mim e até melhor do que eu.
 - Prestar atenção no significado de palavras e ações comunicativas é respeitar o outro, é ter maior possibilidade de empatia.
 - Quando adequo palavras às minhas ações comunicativas, eu evito atritos e mal-entendidos e estímulo a participação do outro.
 - Palavras e ações comunicativas inadequadas estimulam a cultura da exclusão e a cultura da adesão, enquanto palavras e ações comunicativas adequadas estimulam a cultura da inclusão e a cultura da participação, que deve ser espontânea para não se confundir com adesão.

Está gravado na memória de quase todos os seres humanos urbanos e ocidentais, pavlovianamente, que a palavra, escrita ou falada, "convite", refere-se, necessariamente, à festa comemorativa de alguém que é tão "dono da festa" que pode convidar ou não convidar quem ele quiser.

Variação de convite, com força de lei, de norma e de autoridade, é uma "convocação" que também caracteriza mando do outro sobre mim.

Os verbos convidar, convocar ou aderir para os substantivos convite, convocação e adesão quase nada contribuem para o objetivo de assegurar a entrada, a permanência e a participação de novos atores e novos autores na rede cidadã de gestão de Águas.

Aceitar ou não aceitar um convite, atender ou não atender a uma convocação, assinar ou não assinar uma lista de adesão geralmente é uma relação social, política, profissional, legal ou econômica de quem convida com seus convidados e vice-versa. Na maioria das vezes, eu vou porque devo ir, por conveniência, por agregação ao que já existe, e não por oportunidade, por espontaneidade, por participação.

Se você acha que isso faz sentido, vale experimentar transformar seu próximo convite em texto de informação, como articulador de pessoas e prestador de serviço à Água, e não como "dono" do evento, superior às pessoas presentes e "salvador" das Águas. Verbos no imperativo, então, só tentam mandar: "faça, venha, compareça, diga", como se todo receptor fosse despreparado para agir.

UM EXEMPLO DE CONVITE CONVENCIONAL

Convite para reunião do Projeto Nascentes

A coordenação do Projeto Nascentes tem a honra de convidá-lo para uma reunião de discussão do planejamento de ações na conscientização de pessoas para a preservação dos recursos hídricos. Outros assuntos desta reunião:

- discussão sobre o Plano Diretor da cidade
- apresentação do Programa "Empresas adotam Nascentes"
- apresentação do projeto de canalização de córregos e da usina de lixo pela Secretaria do Meio Ambiente
- apresentação do projeto "Vereador Consciente Amigo da Natureza"

Dia: 28 de setembro, sábado

Horário: 10 h da manhã

Local: Salão da Prefeitura Municipal

Venha ser um multiplicador na luta para salvar a natureza!

Vamos cuidar da Água antes que ela acabe!

UM EXEMPLO DE COMUNICADO CIDADÃO

Movimento de Cidadania pelas Águas

Com apoio do Ministério do Meio Ambiente, o Projeto Manuelzão e a Central do Voluntariado de Minas Gerais vão realizar dez encontros do Movimento de Cidadania pelas Águas na Bacia do Ribeirão da Mata, para tratar de um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão de Água.

O primeiro destes encontros será em Matozinhos, dia 28/05/2002, de 08 às 12 horas, no teatro do Palácio da Cultura, na Praça do Rosário, em frente ao Fórum.

A participação de pessoas interessadas neste assunto, como você, é que dará brilho e sentido a esta iniciativa.

Autogestão e auto-sustentabilidade

- Autogestão e auto-sustentabilidade são desafios de coerência em gestão cidadã de Águas e em gestão de atividades sociais de resultados transformadores onde se queiram ações verdadeiramente transformadoras e resultados duradouros.
- Autogestão é fator de sucesso em gestão cidadã de Águas e em gestão de atividades sociais de resultados transformadores, quando se procura assegurar condições de democracia, visibilidade, flexibilidade, adequação, eficácia, confiança, informalidade, diversidade, universalidade, complementariedade, integração, interação, autonomia, interdependência.
- Toda atividade social e ecológica auto-sustentável em bases éticas e coerentes contribui para o avanço dos movimentos sociais efetivamente empenhados em processos de transformação.
- Tanto ou mais que sustentabilidade financeira, as pessoas e organizações empenhadas em gestão cidadã de Águas e em gestão de

atividades sociais de resultados transformadores devem procurar sustentabilidade de imagem, sustentabilidade de resultados, sustentabilidade de adequação, sustentabilidade de missão e outros tipos de sustentabilidade institucional e operacional que motivam e geram sustentabilidade financeira.

- Orientar uma pessoa ou um grupo para autogestão é tão fácil e tão difícil como pais orientarem filhos para a Vida: não existe receita pronta, cada detalhe é importante no processo de aprendizagem, cada momento exige coerência, consistência, consequência e, principalmente, persistência. Melhor ter menos foco em caminhos e mais foco em jeitos de caminhar: a vontade de caminhar é do aprendiz, é não do orientador.

Autogestão e auto-sustentabilidade em gestão cidadã de Águas, em projetos ambientais e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores deveriam ser considerados tão essenciais ao receber recursos financeiros e apoios institucionais como um estudo de viabilidade econômica é determinante na análise de um projeto que tenha fins lucrativos.

Para explicitação de conceitos, aqui, em autogestão, está sendo considerada a capacidade, o entendimento, o "know-how", o conhecimento, o equilíbrio, a sintonia, a harmonia e demais condições emocionais e técnicas que uma pessoa ou um grupo tenha para gerir por si, de forma continuada e com eficácia, uma atividade social ou econômica. A auto-sustentabilidade pressupõe autogestão e exige êxitos em resultados, respeitabilidade, reprodução continuada, apropriação de Metodologia, disponibilidade constante de recursos, domínio de tecnologias, etc., etc.

Do planejamento à execução, em cada ato, em cada detalhe e a todo momento, é preciso estar atento e forte para contrariar a natureza de nossa cultura e ter clareza de que autogestão e auto-sustentabilidade não são paradigmas de dominação e de competição, que alimentam e retroalimentam dependência.

A pergunta balizadora é uma só, apenas variando tempos e formas verbais: Este jeito de fazer estimula autonomia? Estou possibilitando aos outros irem até seus limites? Se eu não pudesse estar perto, monitorando, o que aconteceria, o que eles fariam? Quem pode fazer no meu lugar?

Autonomia com interdependência e Interdependência com autonomia

- Uma das maiores potencialidades em bons projetos sem fins lucrativos é a crescente participação de voluntários em atividades sociais. Essa potencialidade só não se realiza em larga escala porque

são poucas as pessoas e menos ainda as instituições preparadas e adequadas para lidar com voluntariado.

- Mobilizar cidadãos para trabalhos voluntários e interessá-los em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores é quase "chover no molhado". São muitas e, cada vez mais, as pessoas prontas para agir por estarem cansadas de reclamar, angustiadas pelo agravamento de problemas e incomodadas por não contribuírem mais diretamente para o que lhes parece solução.
- Autonomia é elemento indispensável à permanência e à assiduidade do voluntário, assim como Interdependência é fator de organização do trabalho.
- Autonomia sem Interdependência costuma causar isolamento, fragmentação, dispersão, superposição, do mesmo modo que Interdependência sem Autonomia gera burocratização, insegurança, lentidão, subordinação e atrofia.

Veja alguns jeitos de valorizar e praticar, o conceito "Autonomia com Interdependência", que é absolutamente fundamental na Metodologia aqui explicitada, em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores:

- 1) Definir "onde queremos chegar", "o que queremos", "por que chegar", "por que queremos" e "qual o nosso jeito de caminhar, para chegar". Exemplo: queremos chegar à revitalização do Ribeirão da Mata porque é insuportável nos sentirmos incompetentes por falta de melhores resultados. E o jeito de caminhar fica definido pela base filosófica, conceitual e ética de chegar a resultados como compromisso ético. Isso quer dizer que não vou me contentar com resultados pela metade e menos ainda vou confundir objetivo desejado (Água em maior quantidade e em melhor qualidade) com providência tomada (denúncia formulada, estudo feito, projeto elaborado, melhoria reivindicada, reunião realizada, ata assinada, comitê criado, conselho constituído, correspondência encaminhada, etc., etc.).
- 2) Valorizar a Autonomia como fator de sucesso em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores contraria usos e costumes em nossa cultura de dominação e de controle. Por isso, é preciso dar conforto às pessoas que se sentem inseguras ou se sentem incomodadas com a autonomia das outras pessoas para serem autônomas.
- 3) Um jeito de cuidar desse desconforto é assegurar clima, espaço e tempo para acompanhamento e visibilidade de conexões, de avanços e de sintonia das ações autônomas. Um bom exemplo é a realização de encontros temáticos conectados e sintonizados em

encontros de assuntos gerais. Assim, o cidadão que agir sozinho pode se articular com outras pessoas e deve acompanhar resultados da rede e, ao mesmo tempo, passar suas experiências e buscar e oferecer suas complementariedades.

- 4) Na prática, o ideal seria que ninguém dependesse de ninguém. Como isso é raro, o recomendável é que cada cidadão, no seu espaço geográfico, fazer o que der conta de fazer pelas Águas, encontrar quem potencialize suas ações, levar suas informações e experiências nos encontros temáticos (uns serão para quem cuida do tema Nascentes, outros para o tema lixo, etc., etc.) e, depois, é importante participar com todos os temáticos em encontros de visão geral de todos os assuntos.

Importante: fundamental é que o máximo de pessoas se integre à rede de Cidadania pelas Águas, umas passando a cuidar do que não era cuidado (atenção à escolha do sabão, ao ritual de preservação de Nascentes, etc., etc.) e outras passando a cuidar de um jeito diferente, incluyente, democrático, emocional, coerente, consistente e conseqüente. Para que mais e mais pessoas participem desse jeito diferente de ver, sentir e cuidar, não deve haver restrição à marcação de locais e de horários e nem à definição de temas. Por exemplo, se alguns participantes só podem se reunir à noite, em determinado dia da semana, e outros querem se encontrar domingo cedo, melhor que os dois grupos façam o que podem e querem fazer na condição mais confortável. Não faltará oportunidade para que todos voltem a se encontrar para trocar informações e lições.

Enfim, a Interdependência de estarem muitas pessoas cuidando das Águas de uma mesma sub-bacia ou de um mesmo tema não deve restringir ações autônomas de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, do mesmo modo que ações autônomas devem ser compartilhadas para não prejudicar a visão coletiva e não se perder em fragmentações de idéias e de iniciativas.

Cidadania e Virtudes e Valores permanentes da Humanidade

- Cidadania e Virtudes e Valores permanentes da Humanidade são princípios, conceitos e visões tão fundamentais ao sucesso de gestão cidadã de Águas quanto o lucro mantém os negócios da iniciativa privada e o poder de mando motiva os políticos nos governos.
- Em atividades sociais, meio ambiente e gestão cidadã de Águas, Cidadania e Virtudes e Valores permanentes da Humanidade são rumo e prumo, missão e visão, combustão e retroalimentação.
- Cidadania é rumo e prumo, combustão e retroalimentação quando motiva, baliza e organiza sentimentos, idéias e ações do in-

divíduo consigo mesmo e do indivíduo na coletividade para um posicionamento de afirmação e de respeito, no qual ele seja um protagonista, um empreendedor, um agente social que, por sua condição de contribuinte, eleitor e cidadão, não seja sufocado pelo aparato institucional que deve servir a ele e não se servir dele. Enfim, Cidadania sempre conterà maior poder de transformação quanto mais for além do exercício de direitos e deveres legais e mais até que o exercício nem sempre espontâneo de responsabilidade social, para se caracterizar como um estado de espírito, uma consciência e uma prática de valorização do humanismo.

- Virtudes e Valores permanentes da Humanidade são missão e visão quando sinalizam e sensoram razões elementares do sentido da vida, princípios básicos de convivência social e atitudes fundamentais de preservação e de avanços da Humanidade. Daí ser um dos fatores de sucesso na gestão cidadã de Águas e de gestão de atividades sociais de resultados transformadores, a partir da óbvia constatação de que devo cuidar de mim como cuido do outro, devo cuidar do outro como cuido de mim e devo cuidar do entorno de mim e do outro simplesmente pelo sentido da vida, pela possibilidade da vida, pela necessidade da vida, vida minha, vida do outro, nossa vida.

Boa parte do baixo índice de resultados em mobilização social e em gestão de Águas e de recursos naturais deve-se à visão racionalista, materialista e convencional de que "a parte mais sensível do Homem é o bolso" e ao reducionismo de quase tudo a papéis (estudos, convênios, planos, etc.) e a obras de engenharia.

Quem ainda pensa assim depois de 11 de setembro de 2001 (atentado às torres do World Trade Center) ou tem memória curta ou pensamento fragmentado. Naquele dia, alguns homens mataram e morreram única e exclusivamente por sentimentos, por valores abstratos: ódio, amor, coerência, civismo, religiosidade, espiritualidade. E depois, até hoje, outras muitas pessoas continuam matando e morrendo por causas, e não por construções de cimento, metais e vidros.

Esta é uma prova permanente de que A EMOÇÃO MOVE E A RAZÃO SÓ ORGANIZA.

Se você concorda que anda faltando tempero de emoção, esta é uma boa oportunidade de temperar encontros, seminários, palestras, "workshops", mutirões, barqueatas, etc., com coisas assim:

- no início de atividades, utilizar uma fita de vídeo que seja um "clip" do Hino Nacional com a letra bem legível, belas imagens e um coro cantando (a TV Cultura e afiliadas têm uma fita assim que é veiculada na abertura diária de sua programação);

- estimular e fazer orações de consagração do trabalho;
- decorar o espaço com mensagens destinadas a sacralizar Nascentes;
- distribuir textos e mensagens sobre espiritualidade e Natureza;
- distribuir textos tirados da Constituição que tratem de Cidadania, de Virtudes e Valores e de preservação da Natureza.

Circulação de informações

- De um jeito convencional, até mesmo em gestão de Águas e em atividades sociais, a circulação de informações costuma se dar no código e, no interesse do emissor, só considerando o código do receptor à conta de "atingi-lo" como "público-alvo".
- Ético, adequado e eficaz é circular informações no código do receptor, no interesse dele, como serviço a ele, para seu posicionamento espontâneo, e não para "fazer sua cabeça".
- Circular informações adequadamente é melhorar o processo em visibilidade, integração, democratização, autogestão, autonomia, interdependência, integração, interação e complementariedade.

Um dos grandes desserviços de quase todos os cursos de Comunicação, da maioria das profissionais de Comunicação e dos leigos que se metem a parecer comunicadores convencionais, é aplicar em gestão de Águas e em projetos sociais e ambientais, conceitos, Metodologias e técnicas que podem servir em situações de competição e de dominação, mas não servem em paradigmas de libertação e de cooperação.

Quem vive e se sustenta da imagem e do seu produto, como empresas, instituições vendedoras de serviços e órgãos governamentais, que têm o cargo e o voto como balizadores e avalistas de sua eficácia, necessitam da propaganda e do auto-elogio, que são símbolo e suporte do paradigma de competição e dominação.

Quem se mobiliza por um trabalho de gestão cidadã de Águas dentro de um paradigma de libertação e de cooperação se mobiliza pela causa, pelo seu sonho.

Se efetivamente quero a participação de novos atores e novos autores (textos sobre isto neste Capítulo) só vou conseguir êxito na entrada e permanência desses novos agentes na rede na proporção em que tiver quantidade e qualidade na circulação de informações (entre os fatores de qualidade, convém também ver os textos sobre "atenção ao significado de palavras e ações comunicativas", também neste Capítulo).

Uma circulação de informações em gestão cidadã de Águas e meio ambiente será tão mais adequada quanto mais considerar observações como estas:

- Simplicidade não é pobreza.
- Sempre que possível, usar vocabulário, estrutura gramatical e estilo mais comuns na linguagem oral, falada, do que na escrita. A linguagem oral é nossa "conhecida" desde os primeiros dias de vida.
- Um boletim informativo adequado em conteúdo e forma pode ser melhor recebido e aceito pelo leitor se for digitado e impresso em preto-e-branco do que se for em cores e em papel "couché". O leitor sabe que carta de amor e bilhete para quem a gente considera muito costumam ser escritos à mão, discretamente, sem pirotecnias que roubem a cena das palavras.
- Não escrever demais. Rer ler antes de enviar e cortar sinônimos, excessos... Que as pessoas sintam que em pouco, receberam muito.
- Mencionar as fontes. Não é meramente cuidado acadêmico; é ético, é lealdade com quem escreveu, é indicação de por onde passa a rede, é respeito ao leitor.
- Evitar, em conteúdo e forma, que seu material produzido se pareça ou possa ser associado em imagem gráfica a impressos comerciais.
- Lembrar-se, enfaticamente, de que Comunicação se faz com qualquer palavra, qualquer som e até com silêncio e não necessariamente com peças impressas, fitas e outros instrumentos convencionais de Jornalismo, Propaganda, Relações Públicas e Marketing. Uma alternativa interessante de circulação de informações em iniciativas de gestão cidadã de Águas e meio ambiente, nas quais se queira democratização, é realizar reuniões periódicas (semanais, quinzenais ou mensais), sempre num mesmo dia da semana ou do mês, num mesmo horário e, se possível, num mesmo local, para que a reunião não tenha "dono" e para que a pauta seja sempre de informações sobre os últimos dias e programações de avanços, em regime de autogestão.
- Para evitar os inconvenientes extremos de uma linha só de choro ou uma linha de só exibicionismo, caracterizar sua circulação de informações, em impressos ou em reuniões, pelo critério de sempre estar falando do que "deu pra rir e deu pra chorar". Afinal, as pessoas preferem, geralmente, o que é quente ou o que é gelado, e não o que é morno.
- Circular suas informações em "house-organs" (boletins, quadros de avisos, jornais, revistas) de empresas, de igrejas, de sindicatos, de cooperativas, de associações de empregados; etc., é garantia de bom índice de leitura e sinalização de apoio.
- A circulação de informações é tão mais pura e mais isenta quanto mais estiver informando apenas para o receptor se posicionar ("gostei", "não gostei", "estou nesta", "estou fora", "Isto EU POSSO",

"Isto eu quero", etc.) e não para "fazer sua cabeça", "vender uma idéia". Por isso, falamos em circulação de informações e não em divulgação e menos ainda em promoção ou propaganda. Aqui, trata-se, intencionalmente, do predomínio e da precedência do receptor sobre o emissor e a fonte, caracterizando o emissor como prestador de serviço ao receptor.

Numa próxima oportunidade (encontro, palestra, seminário, mutirão, etc.) vale experimentar, como interesse seu, com naturalidade, com paciência, com tolerância, com persistência, incluir mais atores neste ato de cidadania pelas Águas.!

Uma forma convencional é chamar por escrito, em texto informal e bem informativo (convém reter inconveniência do verbo convidar e do substantivo convite no texto sobre "Atenção ao significado de palavras e ações comunicativas"). Se é sincero o seu interesse pela presença e participação da pessoa chamada, você ou alguém em seu nome deve reforçar e explicitar o interesse, pessoalmente ou por telefone ou por bilhete. Esse contato é personalizado e pode ter efeito contrário se for o mesmo recado "massificado" para diversas pessoas.

Para chamar muitos que costumamos não chamar com a desculpa de que não os conhecemos, basta saber que a maioria das pessoas frequenta pelo menos uma organização (igreja, clube de serviço, associação, sindicato, etc.). Então, convém falar com o padre, o pastor, o presidente, o mestre, o coordenador de cada um dos segmentos sociais, econômicos, religiosos, etc. onde você estiver atuando.

Para reforço e para ampliar seu chamamento à "sociedade civil não organizada", é oportuno dar entrevistas em rádios, jornais e TVs, por faixas nas ruas e pregar cartazes (ainda que feitos à mão) em padarias, farmácias, bares, escolas e outros pontos de maior movimentação de pessoas.

E, para ter bons resultados na participação de novos atores e novos autores em gestão cidadã de Águas, você vai precisar de muita paciência, muita tolerância e muita persistência, até que esses novos agentes sociais se descontaminem dos vírus da infantilização, da desvalorização, da manipulação e da exclusão que vieram no processo de colonização do Brasil e ainda são aceitos e até cultivados com dinheiro do povo na gestão de Águas, até hoje.

Depois de entrar na rede, os melhores cidadãos continuarão participando quanto mais os resultados de sua participação forem coerentes, consistentes e conseqüentes.

Começar começando/ Fazer fazendo

- Uma das formas de praticar o meu compromisso ético com resultados, a minha autonomia, a minha autogestão é "Começar come-

çando e Fazer fazendo". Se eu ajo desta maneira, eu estou sendo natural, simples, decidido, empreendedor, protagonista e também encorajando e estimulando a iniciativa e a autoconfiança de outros.

- Em atividades sociais, "Começar começando e Fazer fazendo" é uma questão de coerência, de afirmação e uma oportunidade de agir na construção de um mundo melhor do jeito que eu faço na minha vida cotidiana.

Em gestão de Águas, de projetos sociais e de projetos ambientais cidadãos, geralmente, depender de planejamento, de recursos materiais e de gente provoca angústia, atrasa iniciativas, desgasta, desestimula e muitas vezes mata idéias, esperanças e realizações. É aí que se gera o círculo vicioso de não se começar por falta de condições e de não se ter condições por falta de começar.

Um jeito prático de sair do círculo vicioso da dependência é você lembrar que você nasceu só, que você morrerá só e que você é só nos momentos mais alegres ou mais sofridos de sua vida, porque os sentimentos não são percebidos "de fora" na intensidade de quem os tem.

A proposta é sair da "cultura de cachô de banana", que nos leva a viver em pencas, a amadurecer espremidos, a apodrecer juntos e a acabar sem deixar semente.

Outro jeito é perguntar o que você pode fazer sozinho, independentemente de outras pessoas e até, se necessário, apesar de alguém. A gente aprende a cavalgar, cavalgando; a andar, andando, a nadar, nadando; a começar, começando e a fazer, fazendo.

Complementariedade

- Bons exemplos de complementariedade são o côncavo com o convexo, a tampa com a panela, a rolha com a garrafa: eles se complementam porque são, ao mesmo tempo, diferentes e adequados complementarmente um ao outro. Não seriam complementares se fossem só diferentes, tanto quanto não seriam complementares se fossem iguais.
- A complementariedade valoriza os que se complementam.
- Em gestão cidadã de Águas e em gestão de atividades sociais de resultados transformadores, complementariedade é mais que apenas um outro nome para o que se costuma chamar de parceria.

Complementariedade é um "antivírus" para muitas "contaminações" em gestão de Águas, em projetos sociais e em projetos ambientais, evitando superposições e omissões, porque o verdadeiramente complementar começa a partir do que é feito pelo outro ou a partir do que o outro não está fazendo.

Sempre que sua idéia, seu projeto, sua iniciativa e sua ação forem complementares, em áreas, em temas e em ângulos não cobertos por outras pessoas, idéias, projetos, iniciativas e ações, você estará justificando melhor sua existência, você estará sendo útil, sem conflitar e sem "invadir reservas de mercado."

Muitas pessoas costumam confundir complementariedade com o que generalizadamente se vulgarizou chamar parceria: complementariedade é um acoplamento, uma conexão, uma complementação, uma ocupação de vazio, uma união de diferentes, um encaixe, enquanto, na parceria, os parceiros podem estar se superpondo em relação a situações até equivocadas e se omitindo em relação a outras situações carentes de complementariedade.

Na prática da complementariedade, é importante ver o conjunto do que lhe interessa para você definir melhor onde atuar. Um exemplo: se revitalização do Rio São Francisco for seu tema, melhor sair do genérico "revitalização", pela abrangência do tema e pela quase impossibilidade de efetivos resultados, por falta de foco. Ainda no tema, mesmo pondo foco no afluente Rio das Velhas você vai ver o mundo de coisas que isso envolve. Aí, para evitar superposições e omissões, é hora de saber o que está programado e o que está em andamento na Bacia: quem faz o que, quem faz onde, quem faz com quem, quem faz por quem, quem faz como, quem faz por quê. O mesmo raciocínio e as mesmas perguntas servem para a revitalização de qualquer ribeirão afluente do Rio das Velhas, como servem para a maioria dos córregos e servem especialmente para Nascentes.

Ao saber o que está em ação, você pode definir a sua entrada para fazer um complemento do que outra pessoa ou outra instituição está fazendo ou para fazer o que não está sendo feito.

CUIDADO COM A TENTATIVA DE FAZER MELHOR O QUE ALGUÉM JÁ ESTEJA FAZENDO: POR QUE NÃO FAZER OUTRA COISA? POR QUE NÃO FAZER DIFERENTE?

Confiar para ser confiável

- Quem confia sinaliza crença em valores permanentes da Humanidade.
- Confiar é um exercício de aceitação e de valorização do outro.
- Quem confia não se sente mais confiável do que o outro.
- Confiar é uma das condições de inclusão.
- Confiança é fator de integração e de interação.

Confiança é uma condição essencial ao processo de um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão cidadã de Águas.

Como não confiar se quero empreendedores, gente tomando iniciativa, gente fazendo acontecer? Se quero novos atores e novos autores? Se

sei que posso tão pouco comparativamente ao muito que há para ser feito e que fazer mais e melhor exige outras pessoas na rede, sendo bem-vindas como são, ainda que operando maneiras diferentes das minhas?

No paradigma da dominação, presente e forte nas relações pessoais de ambientalistas conservadores, não convém confiar porque, confiando, eu fortaleço o outro, eu energizo o outro, eu empodero o outro, eu estimo a autogestão e auto-sustentabilidade no outro.

Por isso, na prática, se você quer resultados libertadores, um passo importante é desconfiar que você não é melhor e mais confiável do que tantas outras pessoas de seu universo. E jogar aberto, como um jogo de vida e pela vida, e não um jogo da morte, cheio de armadilhas e de táticas belicosas, é um outro passo.

Quando suas palavras, atitudes e ações forem sinceras e abertamente pelo bem das Águas e não por seus interesses, quanto mais você abrir e confiar, mais gente e mais confiança você terá para proteger suas palavras, atitudes e ações.

Desaprender como forma de aprendizado

- A Terra gira em torno do Sol ou o Sol gira em torno da Terra? Muita gente foi morta por expressar opinião não enquadrada em paradigmas dos que podiam matar em nome da certeza deles sobre a Terra no sistema planetário. Os que não conseguem desaprender como forma de aprendizado continuam matando e morrendo (fisicamente, psicologicamente e socialmente) por suas certezas, sem perceber que dúvidas e incertezas são valores e paradigmas mais interessantes ao processo de aprendizado e de avanços da Humanidade do que "verdades e certezas".
- Desaprender desperta sentimentos de perda e de desconforto em quem se segura em seus conhecimentos como perenemente válidos, do mesmo modo que desaprender é libertador à quem consegue compreender que malas com alças, malas sem alças ou mochilas de grife não servem a quem esteja indo para um campo de nudismo.
- Aprender pressupõe não ficar com certas antigüidades, da mesma forma que Água nova só cabe em copo cheio se entornar um pouco da Água velha.
- Na gestão cidadã de Águas e em gestão de atividades sociais de resultados transformadores é importante desaprender boa parte de referências, conceitos, Metodologias, tabus e certezas válidas e adequadas a pessoas e organizações em atividades nas quais o sucesso é mensurado por ganhos de dinheiro e de poder hierárquico.

- Desaprender é exercitar a visão de relatividade, da importância de acumulação de certos conhecimentos.
- Desaprender é um exercício de valorização do conceito de que a vida é um eterno aprendizado.
- Desaprender é estar aberto ao novo, segundo o pressuposto de que "mestre é o que aprende".
- Quando as pessoas praticam o exercício da dúvida, desaprender raramente significa algo negativo.

Quase todos os conhecimentos mais divulgados sobre Águas não são contestáveis ou chécáveis por uma "pessoa comum", ainda mais por apenas um cidadão sem instrumentos técnicos e legais que o credenciem burocraticamente, legalmente. Por exemplo, como posso avaliar a qualidade das informações sobre quantidades de Águas num aquífero, sobre o reservatório dos oceanos ou sobre volumes de Águas doces? Tudo o que digo que sei ou tudo o que condiciona minhas posições sobre Águas se fundamenta em números e relatos os quais eu aceito ou não aceito, sem base para aceitar ou para não aceitar, porque não tenho como verificá-los.

Do mesmo jeito que em certo momento da humanidade pessoas se mataram fisicamente na defesa de teses antagônicas sobre o Sol girando em torno da Terra ou a Terra girando em torno do Sol, hoje surgem interessantes e diferentes teses sobre Metodologias em gestão cidadã de Águas e estudos sobre vida e emoção da Água, despertando ira e intolerância em conservadores.

Para amar, respeitár e revitalizar o Rio São Francisco, o Rio das Velhas, o Ribeirão da Mata ou qualquer manifestação de Água eu preciso entender mais de Amor, de respeito e de vida do que de química, de física e de engenharia.

Os conhecimentos clássicos, convencionais e quase sempre apresentados como verdades indiscutíveis são importantíssimos no paradigma da dominação, da competição e da hierarquia de crachás, de certificados e de títulos, mais nas disputas pelas Águas do que no Amor pelas Águas.

No paradigma de libertação, de cooperação e de transcendência de interesses pessoais por uma gestão cidadã das Águas, vale lembrar que a emoção move e a razão organiza, o que faz virtudes e valores permanentes da Humanidade precederem informações e conhecimentos.

Diferenças como vantagens

- Se partirmos da óbvia constatação de que todo movimento social e ambientalista lida com gente e que não existem pessoas iguais, só isso já justifica o respeito à pluralidade e à diferença.

- Se quero realizar um trabalho complementar, devo considerar as diferenças entre os diferentes que se complementarão.
- A variedade do "todo" se configura mais nas diferenças do que nas igualdades.
- Quanto mais pluralista e universal for o movimento, maior oportunidade eu tenho de manter a autonomia, ser complementar e praticar a autogestão.

"Os dedos das mãos não são iguais", dizia-se com muita frequência, antigamente, quando generosidade, tolerância, fraternidade e solidariedade eram virtudes e valores importantes na vida de vizinhos que se visitavam, se amparavam e se gostavam. As mães de muitos filhos usavam muito esse ditado para pedir calma e tolerância a um deles que se exaltasse por algum comportamento peculiar (singular) de outro.

Em boa gestão cidadã de Águas ou em gestão de projetos sociais de resultados transformadores precisamos reviver mais essa sabedoria dos antigos, talvez recorrendo ao que modernamente se chama pluralidade.

Para praticarmos tais virtudes com lastreamento em outros bons costumes, é bom lembrar que nem todo diferente pode ou deve me complementar e nem eu complemento todo diferente de mim (convém ver texto sobre complementariedade e sobre autonomia com interdependência). Afinal, também é bom lembrar que a vantagem da diferença entre os dedos das mãos pode desaparecer se houver sujeira em um deles ou entre eles. E já que estamos recorrendo a metáforas e ditados, "passarinho que anda com morcego acaba dormindo de cabeça para baixo."

Querer ou não querer que um adversário ou um desafeto ou um inimigo participe do que eu estou participando é uma questão que posso decidir eticamente com muita clareza: se se trata de cuidar de Águas ou de Crianças, o mais importante é a Água e mais importante é a Criança, não eu e nem o outro. Se eu e ele somos dedos diferentes de mãos limpas, estarmos juntos por uma causa sinaliza que ambos consideramos a causa maior, mais importante e acima de nossas diferenças. Ao contrário, não estarmos juntos, sinaliza colocarmos a causa menor do que nós e nossas diferenças.

Por isso, uma boa articulação de qualquer iniciativa em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores fica mais valorizada quanto mais reunir pessoas que sejam ao mesmo tempo diferentes e complementares, em idéias, em imagens, em profissões, em partidos políticos, em estilos, etc., desde que todos contribuam limpa e efetivamente para os resultados desejados.

Como disse Teilhard de Chardin, "tudo o que eleva, converge."

**“Empowerment”/“Eu posso” pela crença em mim,
no meu sonho e no sonho coletivo**

- Nós somos o Mundo. Não só eu e nem só você e nem só os outros e nem só o Homem e nem só a tartaruga, o mico-leão-dourado, o jacarandá, o amor-perfeito. Nós todos somos o Mundo.
- Nossa cultura de colonizados nos desvaloriza como cidadãos e nos desestabiliza em nossa individualidade. Primeiro, os colonizadores disseram que não serviam a língua, os costumes e o Deus do nativo. Depois, decretaram que as nossas riquezas não eram nossas. Pior ainda foi o que fizeram com os libertários para mostrar que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”: ao esquartejarem Tiradentes, condenaram à morte a liberdade de manifestação, degredaram sonhos, aprisionaram a cidadania.
- Agora chega de sermos escravos, como chega de sermos escravizadores, dominadores, porque sabemos que “nada mais parecido com um nazista do que um caçador de nazistas”.
- Por isso são fortes e cada vez mais direcionados para se transformarem em energia os sinais de uma nova ordem, que está sendo construída por quem não quer viver pavlovianamente condicionado ao medo de esquartejamento, quando o medo sufoca e nos faz escravos de nós mesmos, degredados em nosso próprio espaço, prisioneiros da mesmice.
- É hora de introduzir e operacionalizar o conceito de “empowerment” como um dos fatores de sucesso em gestões de Águas e de atividades sociais. “Empowerment” é “empoderar”, fortalecer e energizar o outro em relação ao verbo “poder”, que é libertador, e não ao substantivo “poder”, que é dominador, quando se lastreia na formalidade de um cargo ou na força do poder econômico.
- Quando digo “eu posso”, estou dizendo que creio em mim, e se creio em mim como libertador, posso participar da libertação do outro pela valorização de sua liberdade, de seus sonhos e de seus atos.

Na prática de uma gestão cidadã das Águas, além de confiar que outras pessoas podem fazer igual ou melhor do que você, é fundamental criar suas próprias condições de sucesso, para você e para quem estiver atuando.

Uma pessoa equilibrada, harmônica e saudável quer o Rio São Francisco, o Rio das Velhas, o Ribeirão da Mata e todas as Águas cheios de vida e mais próximos possível do que a Natureza os fez.

Uma pessoa assim, saudável, harmônica e equilibrada, com vontade de viver e aproveitar a vida, não quer gastar (gastar, no sentido de

desperdiçar) seu tempo com reuniões, discussões, planos, estudos, leis, projetos, seminários, "workshops", barqueatas, etc., etc., etc.

Com reunião ou sem reunião, seu desafio é ver, sentir e definir em que você complementa outra pessoa e em que outra pessoa complementa você. E não queira dominá-la, subordiná-la, diminuí-la: ao contrário, é hora de ver em que você pode fortalecê-la, energizá-la e empoderá-la.

Se, sinceramente, a causa de vocês não é a vaidade de vocês, mas é a revitalização das Águas, o sucesso de um é o sucesso do outro, porque o sucesso de cada um é um sucesso da causa comum aos dois.

Enfim, aqui, o que precisamos é de que cada um de nós seja um animador e possibilitador do sucesso de outras pessoas, para que aumente a rede dos que se sintam em condições de dizer "assim EU POSSO", "assim eu quero", "assim eu faço". Ou como dizem os jovens: "tô dentro".

Inclusão é mais do que não excluir

- A exclusão é um perverso traço cultural que costuma ser notado e tratado apenas quando se manifesta grosseiramente, em forma de discriminação, e passa praticamente sem ser notado quando aparece nos jogos de dominação, em forma de segmentações, "público-alvo", precedências, concursos, padronizações, titulações, rotulações, etc., etc.
- Incluir o outro não é só chamá-lo de irmão em minhas preces e de companheiro em meus discursos, mas é desenvolver ações efetivas e eficazes para torná-lo tão feliz em seu "habitat" como estão protegidos de extinção a baleia branca, a tartaruga marinha, o mico-leão-dourado.
- Incluir verdadeiramente exige que eu esteja incluído inteiro no processo de inclusão do outro. Só quando eu estou inteiro eu estou pronto para o outro, do jeito que ele está, incondicionalmente.

Possibilitar, facilitar e, principalmente, assegurar a inclusão de novos atores e novos autores na rede de autogestão de Águas é mais do que simplesmente abrir portas para a participação deles, é efetivamente querer que alguém experimente o gosto do que estou gostando, experimente viver a alegria que estou vivendo, experimente a sensação de estar tendo resultados na construção de um novo jeito de ver, sentir e cuidar de Águas como estou tendo.

Uma forma de praticar isso é cuidar adequadamente de circulação de informações de tal maneira que, por exemplo, ninguém deixe de participar de um evento que promovo por falta de saber que é bem-vindo ou que ninguém deixe de se alegrar com um resultado como eu me alegrei por falta de acesso a essa informação.

Em gestão de Águas, incluir donas de casa, empregadas domésticas, produtores e trabalhadores rurais não é somente uma questão elementar de coerência, quando se quer uma gestão cidadã incluyente, democrática, humanista, pluralista, sem discriminação: as atividades deles dependem de Água o tempo todo e impactam a qualidade de Águas o tempo todo, o que lhes confere uma condição de "ambientalistas natos", sem crachás, sem certificados, sem nomes nos "mailing-lists" e sem a consideração da maioria dos burocratas governamentais e dos militantes quase profissionais.

Quantos litros de sabão líquido e de detergente vão para as Águas, diariamente, em qualquer área urbana? As donas de casa compram esses produtos considerando preços, aceitando a recomendação de propagandas na TV, optando pela qualidade química ou escolhendo pelo impacto deles nas Águas? E quais os seus critérios para escolher embalagens de plástico, de papel, de papelão, de lata ou de vidro?

Não adianta lamentar que não haja "sabão preto" artesanal ou "sabão de coco" suficiente para lavar as pilhas de pratos e as montanhas de roupas de uma população que aumenta todo dia, toda hora.

Da mesma forma, ninguém quer voltar aos tempos de embrulhar quase tudo em jornal ou em folha de bananeira. Mas será que não dá para usar mais cestas, mais sacos de "papel de embrulho" em lugar de sacos de plástico até para acondicionar o que já está embrulhado?

E a coleta seletiva de lixo? Uma vantagem desse sistema em cada residência é melhorar a visibilidade sobre desperdícios e até sobre aproveitamento racional da maioria dos resíduos, considerando-se a Natureza física e química deles.

Como acontece na maioria das vezes em gestão de Águas, os cidadãos da "sociedade civil não organizada" não constituem problema. Quer um exemplo? A coleta seletiva de lixo só não é mais praticada porque os militantes "acadêmicos" e os burocratas governamentais não conseguem ter estrutura de coleta, de armazenamento e de industrialização proporcional e suficiente aos seus textos, às suas recomendações, aos seus discursos. Não são poucos os casos de caixas, latas ou cestos bonitos, coloridos e adequados a coletas seletivas instalados em praças e locais públicos que são despejados em caminhões de governos sem nenhum cuidado com a seleção, misturados como se não tivesse havido coleta seletiva.

Dáí, por isso, o especial cuidado no processo de inclusão das donas de casa e de empregadas domésticas como "ambientalistas natos": nada de "conscientização" e de "responsabilidade", como se elas não fossem sensíveis, conscientes e responsáveis. O que geralmente lhes falta são informações confiáveis (como saber, na hora de comprar, qual sabão agri-

de menos a Natureza?) e empatia de uns que só querem vender e de outros que só querem impor regras.

Pior que a situação das donas de casa e das empregadas domésticas é a situação dos produtores rurais e dos trabalhadores rurais, geralmente considerados vilões e quase incapazes pelos urbanos, pelos acadêmicos e pelos burocratas da fiscalização. Esse equivocado jeito de ver os que moram "na roça" acaba gerando inconveniências em cascata. Desconsiderados como adultos, eleitores e contribuintes e tidos como pouco confiáveis, os produtores e trabalhadores rurais são infantilizados e, por isso, geralmente reagem infantilmente.

Uma forma de incluí-los é lidar com eles a partir do que podem e não do que não podem, dando-lhes autonomia e motivando-os a cuidar de suas Nascentes, de seus córregos, de seus ribeirões, de seus rios, de seus pomares, de suas árvores, dos animais silvestres, enfim, da Natureza. Hoje, quase sempre a prática institucional peca por exagerar nos extremos: a fiscalização costuma ser extremamente rigorosa, governamental e míope com os pobres de dinheiro e de Poder e excessivamente frouxa, cúmplice e dependente dos que repartem migalhas de seu poder político e econômico com quem ajuda a aumentar sua riqueza material e sua pobreza cívica, ética e espiritual. Assim, madeireiras e grandes reflorestadoras não costumam ter constrangimentos e limitações como os pequenos e médios produtores. É quando um sacrificado e amendrontado cidadão é obrigado a pedir licença e pagar taxa ao governo pelo corte até de um eucalipto que ele plantou ou, pior ainda, de uma velha jabuticabeira que vai ser substituída por outra, o que fica gravado nele e em seus vizinhos é que o governo é o "dono" e "senhor" das Águas e das Árvores. Isso explica bem a imobilidade de um pequeno e prudente fazendeiro de Itaúna (MG) ao explicar discretamente por que não entrava numa campanha que prometia mudas, assistência técnica, insumos e agradecimentos governamentais a quem cuidasse de matas ciliares: "Vai que um moço desses não agrada do meu jeito de plantar..."

Informalidade organizada ou Organização informal

- A informalidade facilita flexibilidade, adequação, criatividade, naturalidade, autogestão, etc., etc.
- A organização facilita resultados, integração, interação, visibilidade.
- Informalidade combina com organização mais do serviço do que das pessoas, e formalidade exige estruturação hierarquizada mais das pessoas do que do serviço.

Não faltam instituições governamentais e não-governamentais, superformais e hiperorganizadas na gestão de Águas. O que falta são es-

paços para cidadãos da "sociedade civil não organizada" serem autônomos, "free lance", sem crachás e sem formalidades.

Também aqui vale reafirmar que informalidade não é desorganização, assim como o Titanic levou ao fundo do mar as precisões dos cálculos de engenharia e tantas jangadas desafiam os limites da física na manifestação diária de ousadia dos jangadeiros.

Na prática, formalidades só servem se servirem às Águas, sem confundir meios e instrumentos com fins e razões de ser.

Intencionalidade e Coerência

- Crescentemente, as atividades sociais e os projetos de gestão de Águas mais merecedores de apoio institucional e financeiro são os que representam avanço no processo de transformação social e ambiental.
- A intencionalidade de ação transformadora deve se manifestar em cada fase e em cada detalhe operacional, sob pena de pessoas e organizações se desmoralizarem em incoerências que dispersam sonhos, sufocam crenças e inibem esperanças.

Em gestão cidadã de Águas, tanto ou mais do que em outras iniciativas de mobilização social e de preservação de recursos ambientais, intencionalidade e coerência são atrativos para a participação de pessoas físicas e jurídicas que dão importância a virtudes e valores éticos e também são exorcizadores de pessoas e instituições com intenções e interesses inadequados a um trabalho transparente.

Libertar para potencializar

- Em gestão de Águas, em atividades sociais, nas relações interpessoais e nas dinâmicas coletivas, é praticamente impossível eu sair do dilema de ser libertador ou ser dominador, quando sou cativo, condicionado, dominado.
- Dificilmente conseguirei ser libertador se não me sentir liberto, porque se eu estiver dominado, certamente, procurarei ser livre por necessidade/conveniência e não por amor à liberdade.
- Se não sou liberto para amar a liberdade, dificilmente poderei cuidar por amor da liberdade do outro.
- Uma das formas mais sutis e comuns de dominação é a infantilização que impomos ao outro em forma de proteção e de promoção do bem-estar.
- Quando estou dominando, gasto meu tempo, meus "instrumentos" e muita energia. E do meu dominado eu consumo tempo, anulo "instru-

mentos" e desvio energia. É um jogo perde-perde, no qual eu já entro menor do que sou, porque entro sem os mais virtuosos valores que tenho, e meu dominado se rende também por fraquezas e não por virtudes. Assim, ao final de uma rodada de dominação, eu e o dominado nunca somamos dois e, às vezes, nem chegamos a um, pelas perdas de ambos (a propósito disso, é bom lembrar de uma briga de animais, na qual até o vencedor também se fere e se exaure).

- No processo de libertação ocorre o contrário: eu entro com o que tenho de melhor, valorizo o que o outro tem de melhor e, por isso, somados, podemos ser mais que simplesmente um e outro, ao crescermos juntos em um sonho, uma missão, um amor, uma transcendência que potencialize nossas energias.

Libertação é "empowerment", elevação de auto-estima, complementariedade, autonomia, respeito às diferenças, semente de autogestão e seiva de resultados.

Novos paradigmas

- As crises econômicas, os destemperos políticos e os desarranjos sociais são indicadores de esclerosamento e inadequação de muitos paradigmas que, se não se prestam bem a gestões convencionais de mercado, menos ainda servem a gestões transformadoras em atividades sociais.
- Raramente são os novos paradigmas que nos despertam para transformações: a crença em transformações, a vontade de transformar e o compromisso de sermos transformadores é que nos levam a buscar novos paradigmas.
- Se não estamos satisfeitos com a ordem social vigente e queremos uma nova ordem, com mais paz, justiça, equidade e felicidade, temos de reordenar os nossos paradigmas, as nossas posturas, as nossas atitudes, as nossas ações, o nosso universo, para não organizarmos o que hoje compõe uma ordem indesejável, para não otimizarmos a mesmice, para "não salgarmos carne podre".

Aqui, para um novo jeito de ver, sentir e cuidar de gestão participativa em revitalização das Águas, basta repetir, para enfatizar, estes dois pensamentos:

1. de Eileen Caddy: "A vida é cheia e transbordante do novo. Mas é necessário esvaziar o velho para dar espaço à entrada do novo" e
2. de Albert Einstein: "O mundo não vai superar sua crise atual usando o mesmo pensamento que criou esta situação."

(Mais informações sobre novos e velhos paradigmas no Capítulo VII.)

Nucleação

Aqui, o conceito de Nucleação não se condiciona a definições da Física, da Química ou da Biologia: a definição de Núcleo referencia-se muito mais na estilística da Língua Portuguesa, pelos usos e costumes de tratar Núcleo como tema central, como foco de atenção, como local geográfico, como espaço polarizador, como conjunto prioritário, como prioridade estabelecida.

É esse sentido de Nucleação é fundamentalmente um jeito de assegurar resultados de forma dinâmica, flexível, integral, na qual um Núcleo tanto pode ser uma parte cuidada, como também pode ser o todo que contém essa parte e outras partes.

Por exemplo, um Núcleo tanto pode ser uma criança, como pode ser a família com essa criança, como pode ser um grupo de crianças do qual ela faça parte, como pode ser todos os moradores (inclusive ela) do seu "quarteirão" ou como pode ser toda a sua comunidade.

Analogamente, isso pode e deve ser pensado em relação a Nascentes, a um córrego, a um ribeirão, a uma lagoa, a um rio.

O que não se quer perder de vista é o porquê da Nucleação. Esse fator de sucesso em gestão cidadã transformadora não é um capricho intelectual ou uma experiência qualquer: é uma escolha, uma opção, uma definição estratégica, um jeito intencional de assegurar resultados.

Quando se pratica a Nucleação quantitativamente, holisticamente, não há risco de fragmentação, porque tanto o Núcleo como um todo (uma comunidade, a Bacia de um Rio, etc.) ou partes do Núcleo (uma família, os jovens, uma criança ou um ribeirão, um bairro, uma Nascente) serão cuidados em função do universal, do transcendente, da missão, da causa.

Na realidade, a Nucleação é uma estratégia para assegurar coerência, consistência e consequência na prática do "pensar universalmente e cuidar localizadamente": é um jeito eficaz de cuidar das potencialidades e de eventuais carências de um Núcleo ou de partes do Núcleo sentindo cheiro, calor, som e cor de cada um, do individual para o coletivo, do micro para o macro, do local para o universal.

Na gestão cidadã de Águas e na gestão de projetos sociais de resultados transformadores, gerar resultados por Núcleos cria "clima organizacional", porque as pessoas próximas são impactadas como "testemunhas oculares" do êxito, são "contaminadas" pela alegria dos parentes e dos vizinhos, são impulsionadas pelas mudanças de campos energéticos positivos. No mínimo, é uma forma de evitar perda de tempo com pessoas que prometem tudo a todos, porque, na Nucleação, é difícil alguém frequentar um Núcleo com assiduidade sem resultados de ganha-ganha: nem o frequentado aceita a mesmice do frequentador e nem o frequentador aceita a mesmice do frequentado.

Participação de novos agentes sociais

- Quase sempre que alguém diz "este filme eu já vi" é porque estamos repetindo o "script", os atores, os autores ou pelo menos o mesmo tema.
- Novos atores, novos autores, novos temas ou novos ângulos de abordagem costumam oxigenar e revitalizar o que está se esclerosando com a mesmice.
- Assegurar a entrada, a permanência e a participação de novos agentes é uma questão de coerência para quem fala em inclusão, democratização, fraternidade, solidariedade e cidadania.
- Quando declaro Imposto de Renda, quando cumpro as orientações de meu empregador, quando obedeço ao que manda a lei, estou fazendo o que devo fazer por obrigação. Diferentemente, quando amo, quando atendo por fraternidade, quando me movo por solidariedade, quando me motivo por civismo, quando ajo por cidadania, estou fazendo o que quero fazer pela oportunidade de fazer.
- Por que tanta insistência em se proclamar, exigir e cobrar responsabilidade social? Parece que isso tem a ver com as outras duas situações incômodas a pessoas e organizações que têm dificuldade também em assegurar resultados mais significativos na exigência de obrigações legais como vagas em escolas, atendimento médico, trabalho infantil, serviços de transporte, limpeza pública, etc. Enfim, talvez seja mais fácil cobrar responsabilidade, que é ação e culpa do outro, enquanto participar por oportunidade é decisão minha, autônoma e às vezes até solitária, o que me dá realização e prazer, mas me exige segurança e espírito de libertado e de libertador.
- "Participação" por responsabilidade é obrigação ou, no mínimo, adesão. (Quando participo, assumo como meu o motivo de minha participação, mas quando estou aderindo estou ajudando, apoiando, sendo figurante na causa, no motivo, no sonho de alguém.)

Se os agentes sociais sérios, capazes, competentes, cidadãos, efetivamente empenhados em gestão de Águas estivessem, em sua maioria, adotando soluções adequadas, eu não estaria escrevendo esta agressiva obviedade e você não estaria lendo este texto, porque tudo estaria resolvido ou bem encaminhado e não haveria o desconforto que há diante da constatação de que as situações indesejáveis em gestão de Águas carecem de resultados proporcionais ao dinheiro e à intensa movimentação que se faz por este assunto.

Diante disso, uma óbvia conclusão é a de que muitos agentes, principalmente governamentais, não só prejudicam o processo de inclusão, como, inconscientemente, alimentam a exclusão.

Não é por acaso que a maioria dos integrantes de comitês de bacias, de membros de conselhos de meio ambiente, de dirigentes de ONGs ambientais, de prestadores de serviços e de funcionários de instituições governamentais, geralmente, são os mesmos que se encontram em seminários, em audiências públicas, em comemorações, em protestos. E, ao assinar a lista de presença em cada evento aumenta a sua probabilidade de ser incluído no "mailing-list" de convidados do próximo encontro.

É comum dizer que gestão de Águas é um espaço aberto, democrático, do qual só não participa quem não quer! Só que a questão é outra: quando organizo um evento, quando redijo uma proposta de lei, de decreto ou de portaria, quando tenho um projeto, etc., etc., eu procuro e considero a opinião de quem não concorda comigo, eu chamo quem não conheço, eu chamo quem não me chama ou eu me empenho em divulgar informação sobre aquilo de que disponho de tal forma que poucos deixem de participar por não saberem da oportunidade de participação?

Antes que algum conservador inseguro se comprometa mais ainda com a mesmice em função do parágrafo anterior, é oportuno explicitar que, aqui neste texto, a abertura para participação do máximo possível de cidadãos eleitores e contribuintes não é (ou deveria ser) público, por se tratar de causa pública e quase sempre envolvendo dinheiro e outros recursos governamentais que, obviamente, saem desses eleitores e contribuintes excluídos. Aqui, a abertura de participação é lastreada em outro antigo e também sábio ditado: "É preciso toda uma aldeia para educar uma criança". Se na Educação isso é tão verdadeiro, imagine em preservação de meio ambiente e em gestão de Águas, onde ninguém da aldeia é neutro: tudo que alguém faz melhora ou piora, à olho nu ou em vibrações e energias sutis.

Como chamar quem eu não conheço? Isto é fácil, mas, antes, é bom admitir que também aqui a questão é outra: Não considero a maioria das pessoas que conheço como cidadãs eleitoras e contribuintes que podem participar do que eu participo. E quanto mais eu as deixo excluídas, mais elas se auto-excluem. Quem sabe se deixo rolar o processo de exclusão para eu parecer mais consciente do que elas, mais cívico do que elas, mais "moderno" do que elas, enfim, mais importante do que elas, esquecendo-me de que, neste caso, importante é a Água e a nossa relação com ela, não a relação entre nós, meros instrumentos para um mundo melhor.

Quando eu decidir tratar de mobilização social pela gestão de Águas no paradigma da inclusão, o primeiro passo é ter como desafio assegurar a inclusão e não procurar e aceitar justificativas para a exclusão. Assim, os meus verbos não serão convidar, chamar, avisar e outros nesta linha de "quem quer vai, quem não quer arranja uma desculpa"; o meu

verbo, o meu compromisso comigo mesmo, é assegurar a entrada de mais uma pessoa (ou quantos eu conseguir) na rede, acreditando que aqui vale o "quem quer faz, quem não quer fazer arranja uma desculpa".

Pensando deste jeito, você vai "descobrir" ambientalistas ainda sem crachás e sem certificados de participação na sua vizinhança ou no seu trabalho ou nas igrejas de todos os credos ou no Lions ou no Rotary ou na Maçonaria ou no Sindicato ou na padaria ou no supermercado ou no barzinho ou na praça ou até em sua própria casa.

Pensar universalmente e cuidar localizadamente

- Quanto mais sentirmos que as piores coisas do mundo nos atingem diretamente e que pouco podemos fazer globalmente, mais devemos cuidar, localizadamente, do que está perto de nós.
- Quanto mais penso que a violência aumenta em variedade e em intensidade, no mundo todo, mais devo ser pacífico no meu espaço, comigo mesmo, com os outros, com a Natureza.
- Quanto mais me preocupo com a camada de ozônio, com a Floresta Amazônica, com o Rio São Francisco, mais devo ocupar-me com o vaso de plantas, com a Nascente do córrego, com a bateria do celular, com o detergente da lavagem de prato e, principalmente, com a pessoa mais próxima de mim.

Da mesma forma que o Ministro do Meio Ambiente não sujou meu rio, não tenho de esperá-lo para a limpeza.

Este raciocínio elementar é um ponto de partida para a óbvia conclusão de que o grande salto em gestão de Águas depende da ação cotidiana, da atenção continuada, da participação espontânea de cada cidadão que sempre é agente da vida ou da morte das Águas ao seu alcance.

Rede como forma de Integração e de Interação

- Uma rede é como um corpo humano: todos os seus membros a fazem funcionar e todos são a própria rede nas ligações de uns com outros. E uns podem se fortalecer ou se enfraquecer na força ou fraqueza de outros.
- O sistema de organização em rede é uma alternativa, uma opção e uma escolha por uma forma organizacional necessariamente diferente de um sistema piramidal onde, de cima para baixo (do vértice à base) ou, raramente, de baixo para cima (da base ao vértice), um nível manda no outro, que manda no outro, que manda...

- Uma rede pode ser um subsistema oxigenador dentro de uma pirâmide, mas qualquer estrutura piramidal em uma rede será um fator de descaracterização, de disfunção e de esclerosamento da rede.
- A existência e a saúde funcional de uma rede dependem de resultados que atendam às expectativas da maioria dos seus membros, de Metodologias praticadas por boa parte de seus membros e de informações e significados que retroalimentem toda a rede.
- Uma organização em rede facilita a integração e a interação e, por consequência, a agregação de valores essenciais como complementariedade, inclusão, solidariedade, autogestão e auto-sustentabilidade.
- Autonomia com Interdependência e Interdependência com Autonomia talvez sejam a espinha dorsal de uma rede, na qual seus membros devem ter interdependência na missão (visão, causa, razão de ser) e autonomia na ação.
- Ao praticar integração e interação em rede, agrego valores, tenho ganhos de escala e melhora a segurança do processo de gestão.
- Ao receber o outro de maneira integrada e interativa, concilio o individual e o coletivo, agrego valores e pratico respeito à diferença e à universalidade.

Não cuidar, em rede, de integração e de interação de pessoas, idéias, iniciativas, projetos e programas em gestão de Águas é dispersão de esforços, desperdício de dinheiro dos contribuintes, exibição de poder, exacerbação de vaidades e falta de foco em resultados.

Resultados como compromisso ético

- No mercado convencional, por uma questão de sobrevivência e competitividade, as empresas trabalham pelo objetivo de conseguir "Defeito Zero", "Tolerância Zero", "Acidente Zero". Ao acontecer um erro, um acidente, um resserviço, a empresa que quer sobreviver se mobiliza para resolver o problema e cuidar para que ele não se repita.
- Na área social, quando se gasta mal uma verba, quando se cuida do problema e não da causa, quando se "dá o peixe ou se ensina a pescar e não se ensina piscicultura" o desgaste e as consequências são incalculáveis porque quase todas as consequências de muitos erros, acidentes e resserviços são irreparáveis.
- Resultado como compromisso ético é uma questão de coerência para qualquer pessoa, organização ou movimento que queira se respeitar e ser respeitado numa visão de fraternidade, solidariedade, civismo, humanismo e cidadania.

- Um movimento de gestão de Águas ou um projeto social só justifica a sua existência se tiver o compromisso ético com resultados e buscar, dia a dia, a sua viabilidade.
- Ter compromisso ético com resultados, cumpri-lo e alcançá-lo, e além da sua razão de ser, o que proporciona sua sustentabilidade.
- As verbas estão cada vez mais escassas e as organizações sociais que não tiverem resultados certamente terão muita dificuldade em buscar recursos alternativos fora da área governamental, onde os critérios de avaliação são cada vez mais rigorosos.
- O voluntário que tiver resultado como compromisso ético justifica, por si só, a sua razão de estar e de ser voluntário. Ao contrário, o voluntário que não encontrar condições satisfatórias de resultados, dificilmente vai continuar perdendo seu tempo, banalizando seus sonhos, suas esperanças e sua crença na possibilidade de um trabalho conseqüente e eficaz.

É oportuno, para falar de resultados como compromisso ético, relembrar uma história que costuma ser contada como exemplar entre educadores, ambientalistas e militantes em projetos sociais: “Um beija-flor se colocava em risco de vida numa floresta ao enfrentar um incêndio. Com gotas d’Água no bico e nas penas, ele aspergia as labaredas, num vaivém, do fogo ao riacho, que já lhe exauria as energias. E, já exausto, ainda teve de ouvir o atrevimento de um mico que passava pelo local: “Que que é isso beija-flor, você não vê que o fogo só está aumentando?” Ao que o beija-flor respondeu quase sem fôlego: “O que está ao meu alcance eu estou fazendo”.

Essa historinha provoca suspiros como símbolo de heroísmo e altruísmo, como exemplo de generosidade e de empreendedorismo e como referência de ação social e de consciência ecológica.

Pessoas que aceitam essa história como símbolo, como bom exemplo e como referência cultural talvez não percebam que esse jeito de pensar é que nos leva aos resultados sociais e ambientais expressos na quantidade e na qualidade das Águas nos rios, na superpopulação do sistema penitenciário e em tantas mazelas que nos infelicitam.

BEIJA-FLOR NÃO APAGA INCÊNDIO: nem um, nem cem, nem mil, nem milhões. E esse beija-flor ou era ingênuo, ou despreparado, ou exibicionista, ou piromaníaco, ou embusteiro, ou amador, ou irresponsável, ou absolutamente desligado de resultados, ou suicida, ou um pouco de tudo isso.

BEIJA-FLOR FOI CRIADO PARA SER POLINIZADOR E PARA ENFEITAR O MUNDO.

Uma forma de terminar essa história com coerência, consistência e conseqüência é o beija-flor fazer, realmente, o que está ao seu alcance: ser um articulador, um polinizador.

Ao ver o incêndio sem controle, o beija-flor poderia usar suas habilidades naturais, o seu talento, para "polinizar", mobilizar os bichos grandes da floresta e ser um empreendedor. E, assim, sua ação seria efetiva, eficaz: "Vá lá, elefante, e sopra com sua tromba; Uma só cusparada sua, camelo, vale por um ano de minhas aspersões; Papagaio, chame também o hipópotamo, o jacaré, o boi e quem mais puder e quiser fazer aceiro e contrafogo".

Em gestão de Águas, de recursos naturais e de projetos sociais, todos sabemos que o "incêndio" aumenta a cada dia. Agora, a novidade é que cresce o número de cidadãos desconfiados de que assegurar resultados como compromisso ético depende de filosofia, conceitos, Metodologias e ações coerentes, consistentes e conseqüentes, e não de campanhas salvacionistas, de cestas básicas, de educação infantilizadora, de exacerbação de culpas, de derrotismos, de espera dos outros, de falta de humor, de muito interesse material e pouca transcendência.

Sonho Possível

- Há que ser sonho para não ser pequeno e que ser possível para não ser frustrante.
- O sonho coletivo abriga, aconchega e viabiliza os sonhos individuais.
- Sonhos animam crenças e alimentam esperanças.
- Crianças e adolescentes precisam de sonhos para terem projetos de vida.
- O sonho coletivo de paz, harmonia, equilíbrio e amor só se realiza quando mais e mais pessoas têm a oportunidade de sonhar e de realizar os seus sonhos.
- O meu sonho pode ser pequeno, mas, junto com outros sonhos, pequenos ou grandes, ganha grandeza quando contribui para uma ação coletiva.
- Todo sonho coletivo só é realizável quando possibilita a realização de sonhos individuais.
- Um sonho coletivo é o imaginário, o horizonte, a motivação de uma caminhada social.

Ⓞ empreendedor social colombiano José Bernardo Toro Arango costuma lembrar a Terra Prometida como símbolo maior de um imaginário: um povo faminto e se acabando em violências se mobiliza pelo sonho da

Terra Prometida, em busca de fartura ("... jorrará leite e mel...") e paz ("...o lobo dormirá com o cordeiro...").

Em gestão de Águas, para mobilização cotidiana de cidadãos da "sociedade civil não organizada", é importante explicitar objetivos maiores em forma de sonhos coletivos e de imaginários que cuidem de saúde, beleza, paz, espiritualidade, fartura, abundância, harmonia, equilíbrio.

Superação de conflitos por avanços

- Em conflitos e problemas, focar mais situações do que pessoas.
- É sempre importante enfatizar a óbvia constatação de que problema é ausência de solução.
- Problema é apenas uma situação indesejável a ser superada.
- Problema se parece com termômetro: apenas marca febre.
- Problema é uma causa não bem cuidada e um ruído de solução ainda não encontrada.
- Exemplos de superação de desconfortos por avanços: se eu acho que a reunião tem muitos homens, que eu traga mais mulheres; se eu acho que estão com muita teoria, que eu traga mais prática; se eu acho que temos muito foco em problemas, que eu enfoque em soluções.

Em reuniões, em análises de textos, em definições ou propostas ou em outras situações de conflitos, o primeiro cuidado é você fazer parte da solução, e não do problema.

É cuidar de soluções em mobilização de forças sociais, como na gestão cidadã de Águas, é ter tolerância, paciência e persistência para evitar impasse e propor saídas que antecipem o futuro, se possível dando visibilidade a cenários de transcendência, superando limites dos interesses em conflito.

Transcendência

- Na maioria das atividades convencionais de mercado, por mais que se diga que as pessoas são a razão de ser da organização, é comum vermos os normativos burocráticos, as cobranças de lucros ou os jogos de poder como predominantes no cotidiano das relações entre dirigentes, funcionários, empregados e clientes. Nas atividades de gestão de Águas e de projetos sociais, por mais que ocorram distorções, a qualidade de vida deve predominar sobre motivações administrativas.
- O sentido de transcendência é de fundamental importância para assegurar grandeza, para estimular consistência e para gerar coerência nos trabalhos de gestão de Águas e em projetos sociais.

- O sentido de transcendência em gestão de Águas e em projetos sociais deve ser diretamente proporcional ao sentido humanitário do trabalho, expresso nos propósitos, nas práticas e, essencialmente, na qualidade dos resultados.
- Transcendência é alargamento de horizontes para o sentido da vida.
- Transcendência é a superação de meus limites e de meus interesses pessoais por razões e valores da essencialidade do Ser Humano.

Em gestão cidadã de Águas, estaremos mais próximos de transcender nossos limites de ver e nossos interesses pessoais de cuidar quanto mais conseguirmos tratar os rios, as fontes e cachoeiras como manifestação de vidas e essencialidade da Natureza, e não reduzirmos a importância das Águas à categoria econômica de Recursos Hídricos.

Por isso, um desafio essencial é agregar valores de espiritualidade e de vibrações energéticas às atividades de gestão cidadã de Águas, sempre, sempre, sempre.

Valorizar naturalidade e simplicidade como princípios de gestão

- A nossa cultura é uma cultura de artificialidade. Precisamos "sujar Água para vender filtro", "criar dificuldade para oferecer facilidade". Por isso, valorizar o simples e "fazer do limão uma limonada", parecem pouco e menor a olhos convencionais.
- Se eu fico somente dependente de recursos e de condições de trabalho adequadas para agir, eu corro o risco de me imobilizar ou de agir tardiamente.
- Em atividades sociais, mais que em atividades empresariais, diversidades e diferenças de ações e opiniões geram conflitos e conflitos são, ainda que indesejáveis, características da natureza humana.
- Apatia e rebeldia, ainda que também indesejáveis, são naturais se enxergarmos sob a ótica da natureza humana. O que não é natural é pensarmos que, porque temos o conflito, nós não podemos mais ser naturais.

Em seus melhores momentos de pureza, de autenticidade e de espontaneidade, o Homem é tão elemento da Natureza, química e fisicamente, como quase todos os outros seres vivos. O contrário disto é que as pessoas são tão mais artificiais quanto mais são sociais, porque ser social, burocrático e artificial é exclusivo do Homem, e não característica da Natureza cósmica.

Valorização do preventivo sobre o curativo

- Se eu priorizo o preventivo, para evitar a doença, a dor, o problema, a sujeira, a poluição, o desemprego, a violência, a humilha-

ção, a infelicidade, sempre estarei com foco mais nas causas do que nos efeitos.

- Cuidar prioritariamente do preventivo não exclui ações curativas, quando necessárias, mas quem tem foco no curativo dificilmente também é eficaz no preventivo.
- Cuidar prioritariamente do curativo costuma nos levar mais aos sintomas do que às causas.
- Romper com a cultura do fracasso, da doença, da desgraça e do sofrimento é acreditar em si e no outro como agentes de transformação, tanto quanto é um caminho ético para assegurar resultados.
- Não aceitar o inaceitável, o inconveniente, o inoportuno, o indigno, o injusto, o ineficaz é romper com a mesmice, com a hipocrisia, com a cumplicidade.
- Não perder a capacidade de indignação (não se acostumar com a ruindade) como fator de sucesso em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores é uma questão ética.
- Cuidar do curativo quase sempre valoriza socialmente quem cuida e humilha quem é cuidado.

Em gestão cidadã de Águas, em muitos programas de recursos naturais e em quase todos os projetos sociais, valorizar o preventivo sobre o curativo é mais democrático, mais incluído, mais cidadão, mais da Natureza.

(Quem perde mais com enchentes, com deslizamentos, com falta d'Água, com falta de escolaridade, com doenças e com outras distorções?

Além do mais, em situações curativas de meio ambiente e de gestão de Águas, nas quais haja necessidade de obras e de muitos recursos políticos e financeiros, dificilmente há lugar de boa participação para um cidadão comum, enquanto políticas e ações preventivas conseqüentes, necessariamente, incluirão e valorizarão, na rede, as ações cotidianas de todos da "sociedade civil não organizada".

Visão quântica, visão holística

Segundo Fritjof Capra, autor de *O Tao da Física*, *O ponto de Mutação*, *A Teia da Vida* e outras obras revolucionárias, "a teoria quântica ou mecânica quântica, como também é chamada, foi formulada durante as primeiras três décadas do século XX por um grupo internacional de físicos, entre eles Max Planck, Albert Einstein, Niels Bohr, Louis De Broglie, Erwin Schrodinger, Wolfgang Pauli Dirac. Em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, a visão de mundo a partir da física quântica pode caracterizar-se por palavras como orgânica, holística e ecológica."

Em seu livro *Introdução à visão holística*, Roberto Crema, da UNIPAZ, complementa Capra: "A Física do século XX desvelou um universo vivo, dinâmico, interligado, sistêmico, numa só palavra, holístico. Durante muitos anos considerada a base de todas as ciências, objetiva por excelência, coube à própria Física 'desmaterializar' o mundo e, de um certo modo, 'subjetivá-lo', reconhecendo e demonstrando a interdependência e correlação dos conceitos de mente e matéria. Em outras palavras, penetrando a matéria ela se revela energia, ela se traduz em consciência. E o que é mais surpreendente: essa visão tão atual é também a mais antiga, já que coincide com os fulgurantes 'insights' de praticamente todos os grandes mestres das milenares tradições espirituais da Humanidade."

Roberto Crema conta que na preparação do I Congresso Holístico Internacional, um jornal de divulgação do evento foi utilizado para reflexões como esta:

"Somos educados para a fragmentação, para a unilateralidade de visão que, na nossa cultura racional, denominamos especialização. E também interiormente estamos divididos, compartimentalizados, esfacelados. É por estas divisões internas e externas que se retroalimentam, pagamos o doloroso preço da desagregação e do infundável conflito que tem caracterizado a vida humana.

Por outro lado, a Física Quântica demonstra que, em última instância, só existe espaço onde não há fronteira alguma. Somos forçados a constatar que toda fronteira, toda divisão, é criação da analítica mente humana que, como um bisturi, retalha a unidade cósmica, *Holos, o Todo*."

Uma das conclusões deste Congresso; em março de 1987, é animadora: "Uma nova civilização está nascendo, uma mutação de consciência está em curso. Ela se traduz pelo progressivo reconhecimento mundial da visão holística, que estabelece pontes sobre todas as fronteiras do conhecimento humano, resgatando o amor essencial como base da vinculação entre todos os viventes."

Ou como disse Carl Rogers, em 1981, "... o atual caos, o terrorismo, a confusão, o desmoronamento de governos e instituições, poderia ser as dores (do parto) de um mundo envolvido nas aflições do nascimento de uma nova era. Se assim for, estamos também envolvidos no nascimento de um novo Ser Humano, capaz de viver nessa nova era, nesse mundo transformado."

Visibilidade

- Visibilidade de processos, visibilidade de propósitos, visibilidade de oportunidades e visibilidade de resultados são alguns fatores

indispensáveis ao sucesso de gestão em atividades sociais de resultados transformadores e de gestão cidadã de Águas.

- Um desafio de adequação é assegurar conceito e prática de visibilidade como vitrine para exposição no código do receptor, e não exibição no código do emissor.
- Tudo depende do jeito de a gente ver.

Visibilidade, em seu sentido essencial de tornar visível, de "dar à luz", de explicitar o que não era visto, é um dos mais relevantes e expressivos fatores de democratização, de socialização, de compartilhamento, de distribuição, de acesso, de inclusão, em gestão de Águas e em gestão de atividades sociais.

Vale lembrar que não assegurar visibilidade no código do receptor, intencionalmente ou não, resulta em sonegar informação, concentrar poder, dificultar posicionamentos, inibir mobilizações, prejudicar fluidez, reduzir autonomia, excluir desinformados, etc., etc.

Uma grave distorção relativa à visibilidade em gestão social e ambiental é circular informações e conhecimentos por exibicionismo, por exercício de "fazer cabeça", pelo desrespeito de "vender idéia", pela prática de parecer "herói" que faz parte do jogo de dominação do emissor sobre o receptor.

Na gestão cidadã de Águas, dar visibilidade a donas de casa, empregadas domésticas, proprietários rurais, trabalhadores rurais e outros excluídos dos programas ambientais convencionais é uma generosidade, é uma conveniência, é uma oportunidade e é uma condição de êxito, principalmente quando se trata de fazer visível as muitas e simples ações que eles podem desenvolver, como escolher melhor os detergentes ou fazer mudas domesticamente, a partir de sementes de frutas e de árvores de sua preferência.

Voluntariado

É pouco provável que alguém faça algo por obrigação ou por responsabilidade melhor do que o faria espontanea e voluntariamente, por prazer, por fraternidade, por generosidade, por civismo, por solidariedade, por espiritualidade, por cidadania, por amor, pela evolução pessoal de quem faz, pela evolução do processo de fazer e pela evolução de quem se beneficia do que é feito.

Essa é uma das características de qualidade ética e um dos fatores de auto-sustentabilidade do trabalho voluntário em iniciativas transformadoras de gestão de Águas e em projetos sociais.

Cidadãos querendo voluntariar existem aos milhares, como se fossem beija-flores polinizadores prontos para atuar, desde que jardineiros

cuidem de ter canteiros floridos onde eles polinizem. Então, ser jardineiro, e não ser beija-flor, é o grande desafio diário e permanente de quem (dirigentes e técnicos governamentais, lideranças políticas, membros de comitês e de conselhos, dirigentes e técnicos de ONGs, etc.) tem tentação e é tentado a se confundir. Na prática, isso quer dizer articular mais do que operar, acompanhar mais do que controlar, ter foco mais em processos do que em produtos, fazer fluir e deixar fluir mais do que condicionar, animar os outros mais do que ficar animado, possibilitar ao outro dizer "eu posso" mais do que parecer que pode.

Para a maioria de possíveis apoiadores, patrocinadores e financiadores, voluntariado está associado a amadorismo, "apagar incêndio", inconfiabilidade, descontinuidade, conservadorismo, improvisação, religiosidade, filantropia, falta de resultados, como se todo voluntário, fosse conservador, na linha do "dar o peixe".

A imagem do voluntariado sempre foi muito associada a sacrifício, heroísmo, doença, catástrofe, miséria, etc., de madre Tereza de Calcutá aos bombeiros de New York. No Brasil, isso se agravou ao ser incentivado um voluntariado institucional, de carteira, de crachá, "legalizado", assinando Termo de Adesão, mas em compensação também nasce forte um voluntariado cidadão, transformador e libertador, no qual as pessoas percebem que voluntariar assim é parte de seu próprio processo de evolução, é fator de desenvolvimento de outra pessoa e condição para a evolução coletiva de todo um grupo social.

Ao contrário do voluntário conservador, doador de cestas básicas, que costuma "purgar" e "espiar" seus sentimentos de culpas em sofrimentos, sacrifícios, denúncias e delações, o voluntário empenhado em transformações não vai querer "brincar de fazer", "fazer por fazer", "parecer que está fazendo", "chover no molhado", "viajar em bicicleta ergométrica", "apagar incêndio só com boa intenção". Intuitivamente, ele procura resultados como compromisso ético, como evolução dele, de seu trabalho voluntário e de quem se beneficiar por sua iniciativa.

Daí o desafio de cada vez mais termos Metodologias adequadas, a cuidar do conforto emocional e da auto-sustentabilidade emocional dos voluntários transformadores, entendendo suas lógicas e realizando suas potencialidades; para facilitar não só sua entrada, mas sua permanência na rede de gestão das Águas ou na rede de projetos sociais.

Na gestão de atividades desenvolvidas por voluntários, é importante equilibrar fatores de organização, de informalidade e de adequação, considerando que o voluntário estará mais motivado a desenvolver seu trabalho quanto mais:

- saber o que se espera dele e que ele pode corresponder à expectativa;
- sentir que pertence à rede de voluntariado;

- puder participar do trabalho com autonomia, em clima de liberdade;
- saber que o que faz é também feito por outros pelos mesmos propósitos e pelas mesmas razões;
- acompanhar os resultados de seu trabalho, isoladamente e no conjunto do trabalho de toda a rede de voluntariado;
- ser considerado capaz e responsável no limite de suas habilidades e de suas possibilidades na rede de voluntariado;
- dimensionar adequadamente o tempo e as condições de prestação do serviço voluntário, sem sacrifício e sem heroísmo;
- for sempre um "beija-flor polinizador", e não um "beija-flor apagador de incêndio";
- tiver mais foco em potencialidades do que em necessidades;
- for complementar, evitando superposições.

Em quase todas as iniciativas de Águas e em muitos projetos sociais, milhares de pessoas prestam serviços gratuitos e espontaneamente sem serem chamados de voluntárias e sem se darem conta de que exercem trabalho voluntário.

A grandeza de sentido do voluntariado tem crescido em significado e em resultados quanto mais se considera a ampliação dos conceitos de trabalho voluntário em definições éticas e operacionais como estas:

- O voluntário, como ator social e agente de transformação, é aquele que presta serviços não remunerados em benefício de alguma causa social e que, ao aplicar tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pelo seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos da causa, como as suas próprias motivações pessoais, sejam elas de caráter religioso, cultural, filosófico, político, emocional.
- Tanto é relevante o valor social do trabalho voluntário, como expressão de uma ética de solidariedade, como também seu valor para quem o executa, como fator de crescimento pessoal.
- O voluntário é motivado pelo desejo de melhorar a comunidade ou auxiliar pessoas que às vezes nem conhece e se reforça no sentimento de auto-realização que preenche suas necessidades interiores de transcendência do interesse meramente pessoal.
- O trabalho voluntário será tão mais naturalmente valorizado quanto mais se caracterizar pela espontaneidade da aplicação do tempo e conhecimentos, pela relevância dos benefícios gerados e pela oportunidade da ação, nunca podendo ser confundido como estratégia para reduzir custos ou como expediente de recrutamento de mão-de-obra gratuita.

- O trabalho voluntário não deve, nunca, substituir ações de políticas públicas ou desobrigar instituições governamentais, para não se descaracterizar como expressão genuína da criatividade e da generosidade do voluntário, motivadas pelos valores éticos de solidariedade e de participação espontânea.
- O trabalho voluntário deve ser utilizado menos para amenizar situações de carência e mais valorizado no sentido de aprofundar e avançar mudanças positivas em direção a uma maior igualdade de oportunidades, assegurando condições de autonomia, libertação, autogestão e auto-sustentabilidade.
- O trabalho voluntário é intrinsecamente uma expressão de fraternidade e solidariedade, mas voluntariar sempre será também um exercício de evolução cidadã, espiritual, cívica, emocional e social de quem voluntaria. E isso será tão mais evidente quanto mais esse voluntário estiver cuidando da evolução de outra pessoa, "ensinando piscicultura", ao invés de "dar o peixe" ou de "ensinar a pescar".
- O trabalho voluntário, que é por natureza uma ação complementar, será mais eficaz, mais agregador e mais transformador quanto mais tiver o voluntário como novo autor e novo ator em novo filme, e não na mesmice de iniciativas paternalistas que costumam viciar quem doa e quem recebe.

No Brasil, mais do que em qualquer época, cresce a consciência de que os governantes podem muito, mas não podem tudo, principalmente em ações preventivas e fundamentalmente quando se trata de relações que dependem da concepção ética que os envolvidos tenham de si mesmos, da sociedade e da vida.

Um bom exemplo disso são os pacifistas assumindo sua parte na "gestão" da Paz e os ambientalistas na gestão de Águas. É por esse jeito de caminhar que o exercício da Cidadania começa a encontrar novos caminhos na Autogestão de Saúde, Educação, Ocupação e Renda, Meio Ambiente, Equilíbrio, Harmonia, Prosperidade e outras condições essenciais ao Desenvolvimento Humano.

Essa consciência, o desconforto de se sentirem impotentes e a oportunidade de agirem "enquanto o lobo não vem" tem mobilizado cada vez mais pessoas em trabalhos voluntários.

Entretanto, quase todas as instituições que utilizam serviços de voluntários, no Brasil, não dependeriam do voluntariado se tivessem dinheiro para contratação de mão-de-obra remunerada.

Infelizmente, essa afirmação pode ser feita de maneira enfática e revela a gravíssima distorção de se considerar voluntário como mão-de-obra gratuita, "quebra-galho" de estruturas organizacionais deficientes.

Uma das conseqüências disso é o desconforto e a falta de jeito das instituições em lidar com voluntários, gerando incômodos, desgastes e não raramente conflitos entre os que exibem sua autoridade de serem "da casa" e os voluntários que são rotulados como "de fora".

Aí começa outra cascata de equívocos e de inconveniências: voluntários sendo considerados intrusos, voluntários sendo colocados em funções que não lhe interessam, voluntários sendo submetidos a "testes de resistência", voluntários sendo cerceados em sua capacidade empreendedora, voluntários sendo enquadrados como subalternos, voluntários sendo reduzidos em sua potencialidade por falta de autonomia e de confiança.

Quem não consegue entender voluntariado como estado de espírito, como expressão de solidariedade, fraternidade, civismo, empreendedorismo, protagonismo e outros sentimentos que uma pessoa tem ou não tem, acaba infantilizando o voluntário com capacitações e mais capacitações, como se esses sentimentos pudessem ser implantados, de fora-para dentro, da razão para a emoção.

A propósito, é bom lembrar que a emoção move e a razão organiza. Ou seja, tanto a capacitação pode ser inconveniente quando quer conscientizar um voluntário consciente ou sensibilizar um voluntário sensível, como é oportuna e necessária na orientação racional que, em lugar de lições infantilizadoras, lhe dê informações sobre bases conceituais, traços culturais e características operacionais das pessoas e das atividades que vão passar a fazer parte de seu universo tão logo ele entre na rede de voluntariado.

Ou seja, quem mais precisa de "sensibilização", "conscientização" e "capacitação", na maioria das vezes, é quem vai se relacionar com voluntários e se servir de voluntariado.

Geralmente as pessoas que lidam com voluntariado de um "jeito antigo", com cheiro e gosto de relações empregatícias, não se dão conta de que essa relação precisa passar longe de qualquer sentido convencional de hierarquia ou de subordinação.

O que ocorre numa relação produtiva e eficaz de agregação de voluntários a uma organização ou a um plano é que o voluntário se assemelha a um piloto de Fórmula 1: os profissionais e executivos remunerados são a equipe mecânica, os mecânicos são tão melhores quanto melhor prepararem o carro para o piloto ser vencedor, e só a vitória dele faz a equipe vitoriosa. E mecânicos e pilotos se entendem melhor quanto mais tenham sucesso, que ocorre quanto menos houver subordinação, hierarquia, cobranças, fiscalização e quanto mais houver sintonia, harmonia, sinergia, empatia, confiança, respeito e simbiose entre eles.

Outro desafio de sensibilidade, consciência e capacidade de quem quer se servir de voluntariado é a absoluta necessidade de se cuidar do conforto do voluntário e, principalmente, das condições de trabalho e êxito dele na sua pouca disponibilidade de tempo. Ele é como um beija-flor que vem, poliniza, energiza, encanta e se vai.

Zelo

O dicionário Aurélio diz que zelo vem do Latim "zelu", que é "afeição, dedicação, cuidado, desvelo ardente por alguém ou por algo". Daí a definição do verbo zelar como "tomar conta de alguém ou de algo com o maior cuidado e interesse."

Zelo é um relevante fator de sucesso em gestão cidadã de Águas e gestão de projetos sociais de resultados transformadores porque ele está para o compromisso ético com resultados (resultados por minha evolução, pela harmonia do meu entorno, pelo equilíbrio cósmico) como o lucro está para o financista, a boa safra está para o produtor rural e a vitória está para o atleta profissional.

Zelo é, ao mesmo tempo, matéria-prima de resultado, condição de resultado, componente de resultado, guardião de resultado, qualificador de resultado.

O que a fiscalização e o controle fazem por lei, por autoridade e por dominação, o Zelo e o acompanhamento fazem por empatia, por interesse mútuo, por cuidado, por afeição, por dedicação, por espontaneidade e por amor.

Por isso é tão sublime zelar por uma Nascente, zelar por uma criança, zelar pelo Amor, zelar pelo Planeta Terra, zelar por vidas, zelar por mim, zelar por nós.

"As criaturas que habitam esta terra em que vivemos, sejam elas seres humanos ou animais, estão aqui para contribuir, cada uma com sua maneira peculiar, para a beleza e prosperidade do mundo."

Dalai-Lama

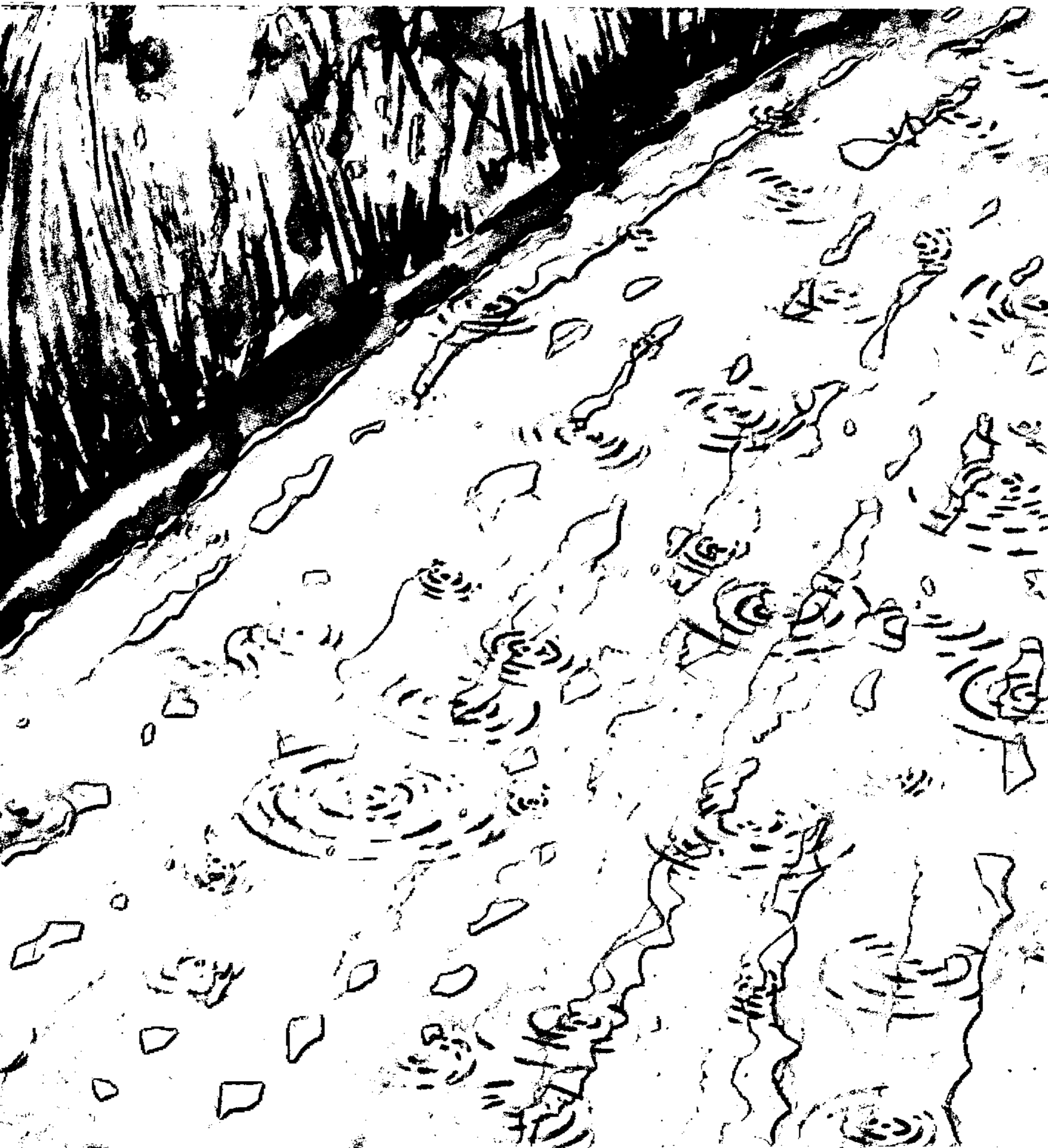


PARTE V

Resultado como compromisso ético: o jeito de fazer faz a diferença

"Até agora a Academia não considera a natureza mais que por parcelas. Nenhum sistema geral, com o risco de cair no inconveniente de sistemas precipitados pela impaciência no espírito humano, se acomoda fielmente, e assim, uma vez estabelecido, se opõem às verdades que se apresentam... Talvez chegará o momento em que se unirão em um corpo regular todos esses membros dispersos; e se são como se os deseja, se separadas, quando o sejam em número elevado, oferecerão tão vivamente ao espírito suas relações e sua dependência mútua que quase parecerão que foram separados de forma violenta umas das outras."

(B. de Fontenelle. Histoire de l'Académie des Sciences. Paris, 1699, p. xix)



Estima, Solidariedade, Fraternidade, Amor, Humanismo, Espiritualidade e Evolução do maior número possível de pessoas que se sentirem participantes e beneficiadas pelo resultado construído e alcançado coletivamente.

- Cada resultado desejado empolgará e atrairá mais pessoas em sua fase de construção quanto mais tiver a grandeza de um ideal, de uma missão, de uma causa, de um sonho possível, de um imaginário coletivo.
- Cada resultado desejado será mais alcançável quanto mais pessoas participantes de sua construção se comportarem como agentes de transformação que desenvolvem suas ações em razão de uma nova ordem. O contrário dessa atitude, comumente freqüente (em gestão de Águas e em gestão social, é a presença de participantes que usam cargos, leis, crachás, normas, certificados, diplomas, dinheiro e outros instrumentos para serem "estrelas" de um "teatro", mais por afirmação própria do que por resultados transformadores.
- Os resultados estão fora de nós e de nossas ações: nós somos agentes, nossas ações são caminhos, nossas Metodologias são jeitos de caminhar e a nossa realização é o sonho concretizado.
- Todo resultado será mais possível quanto mais outras pessoas assumirem nossas propostas como propostas delas: "Isto faz sentido", "Isto eu quero fazer", "Isto EU POSSO fazer", "Isto EU VOU fazer".
- Toda construção de resultados será mais leve, mais efetiva, de mais baixo custo e de mais alta sustentabilidade quanto mais tiver foco em potencialidades do que em necessidades, mais em inclusão do que em exclusão, mais em abundância do que em escassez, mais em "empowerment" (fortalecimento, energização, empoderamento) dos participantes do que em infantilização (sensibilização, conscientização, capacitação, educação, fiscalização, controle).
- Todo participante de um processo de construção de resultados em gestão cidadã de Águas terá mais êxitos quanto mais conseguir atuar com outras pessoas na linha do "empowerment", deixando fluir, fazendo fluir, articulando, animando e acompanhando sem cair na tentação de ser controlador e inibidor de iniciativas.

Na firme convicção de que o jeito de ver, sentir e cuidar é que faz a diferença na quantidade e na qualidade dos resultados, façamos um exercício de passar ações pelo "filtro" da Metodologia deste livro, utilizando um exemplo bem cotidiano, simples e universal, como eliminar ou reduzir ao máximo possível o lixo urbano.

Diante dessa situação, o mais usual é vê-la como "problema" e provocar ação da Prefeitura, parecendo uma criança assustada ou manhosa

ou carente ou impotente se escondendo atrás de uma "autoridade protetora". E a mesmice costuma colocar foco é na consequência, no efeito: no lixo.

Quando meu jeito de ver é este, o meu jeito de sentir não fica muito diferente: meu comportamento infantil tende a fazer-me transitar entre sentimentos de incapacidade e sentimentos de cobrança, sempre me pondo como vítima dos que jogam lixo nas ruas e dos que deveriam coletar o lixo das ruas (e não como adulto que procura ser agente de transformação, empreendedor e autônomo).

Se me vejo e me sinto assim, vou cuidar na mesma linha, reclamando como criança que depende dos adultos ou me metendo a pai ou mãe que se enche de "autoridade" para educar, sensibilizar, conscientizar, manipular, fiscalizar e punir.

Esse é um jeito de ver, sentir e cuidar que geralmente gesta, justifica e sustenta programas, projetos e campanhas salvacionistas ("Salve o Rio São Francisco"), terroristas ("Falta d'água será estopim da Terceira Guerra Mundial") e provocadores de sentimento de culpa ("Cuide da Água hoje para não chorar amanhã").

Água



Se a humanidade não proteger esse recurso, nós ainda vamos ter muitas razões para chorar.



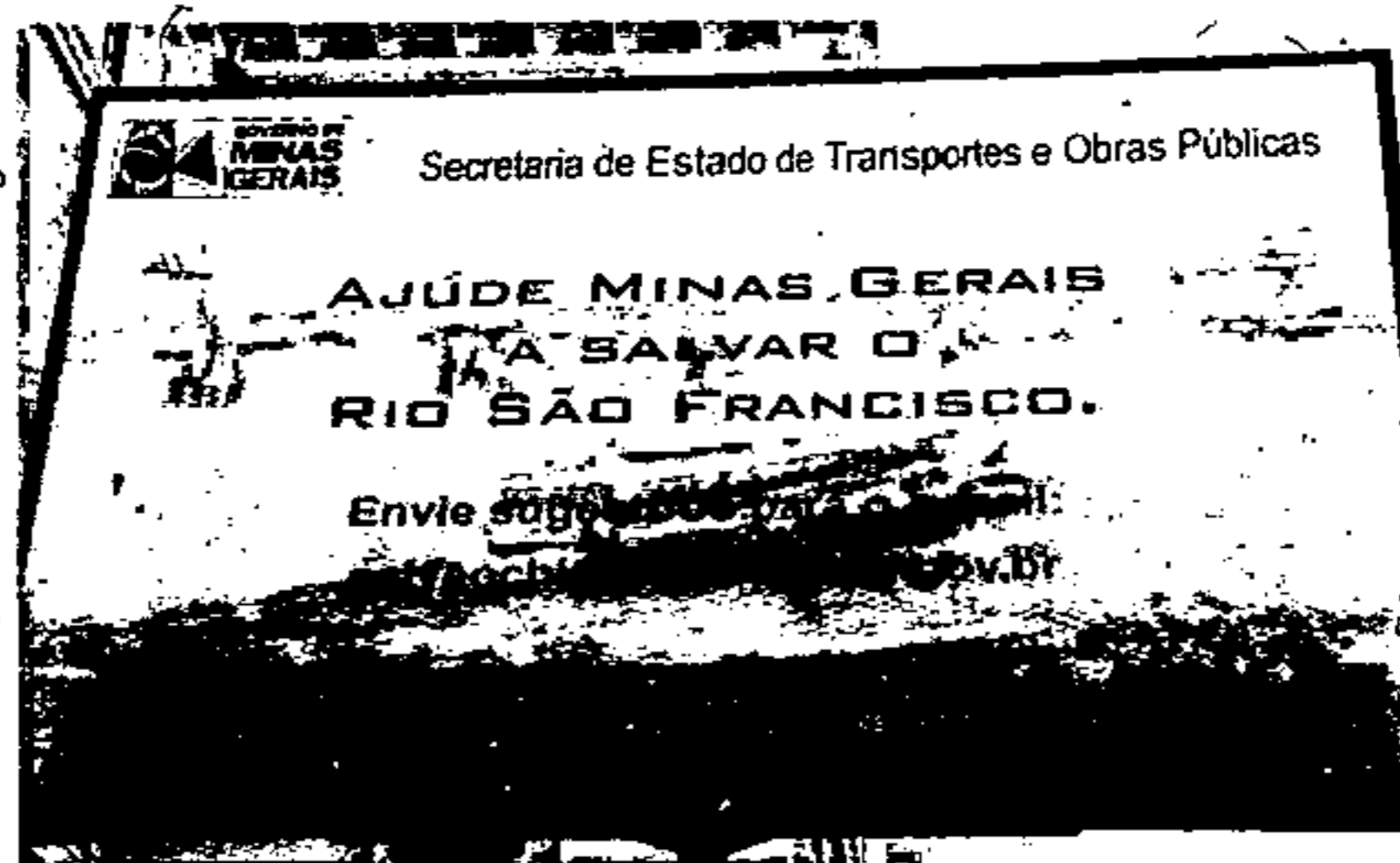
Secretaria de Recursos Hídricos
Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal



Agora, em outro paradigma, façamos um exercício de lidar com a mesma situação vendo, sentindo e cuidando de lixo sem salvacionismo, sem terrorismo e sem culpas.

Um "antivírus" para amenizar as epidemias de "achismo" ("eu acho que...") é aplicar uma técnica metodológica que Karl Albrecht recomenda com o nome de "Diagrama do Por quê". É uma técnica muito simples, partindo do pressuposto de que nenhuma situação indesejável tem uma só causa ou uma só resposta para a pergunta "Por que isto acontece?" E a cada série de "porquês" cabem outros "porquês" até que, geralmente a partir da terceira série, começam a se repetir ou a se assemelhar as respostas (feitos os "porquês", analogamente se fazem os "comos").

Foto: Sérgio Falci



"O homem, ao contrário dos animais, não é informado por seus impulsos e instintos sobre o que tem que fazer. Mas o homem moderno, ao contrário dos homens de épocas passadas, é o único que não possui tradições que lhe digam o que deveria fazer. De modo que agora ele está perdido. Não sabendo o que tem de fazer nem o que deveria, acontece com frequência que ele apenas deseja fazer o que os outros estão fazendo — conformismo — ou ele simplesmente faz o que os outros lhe dizem que faça — totalitarismo."

Bernardo Toro

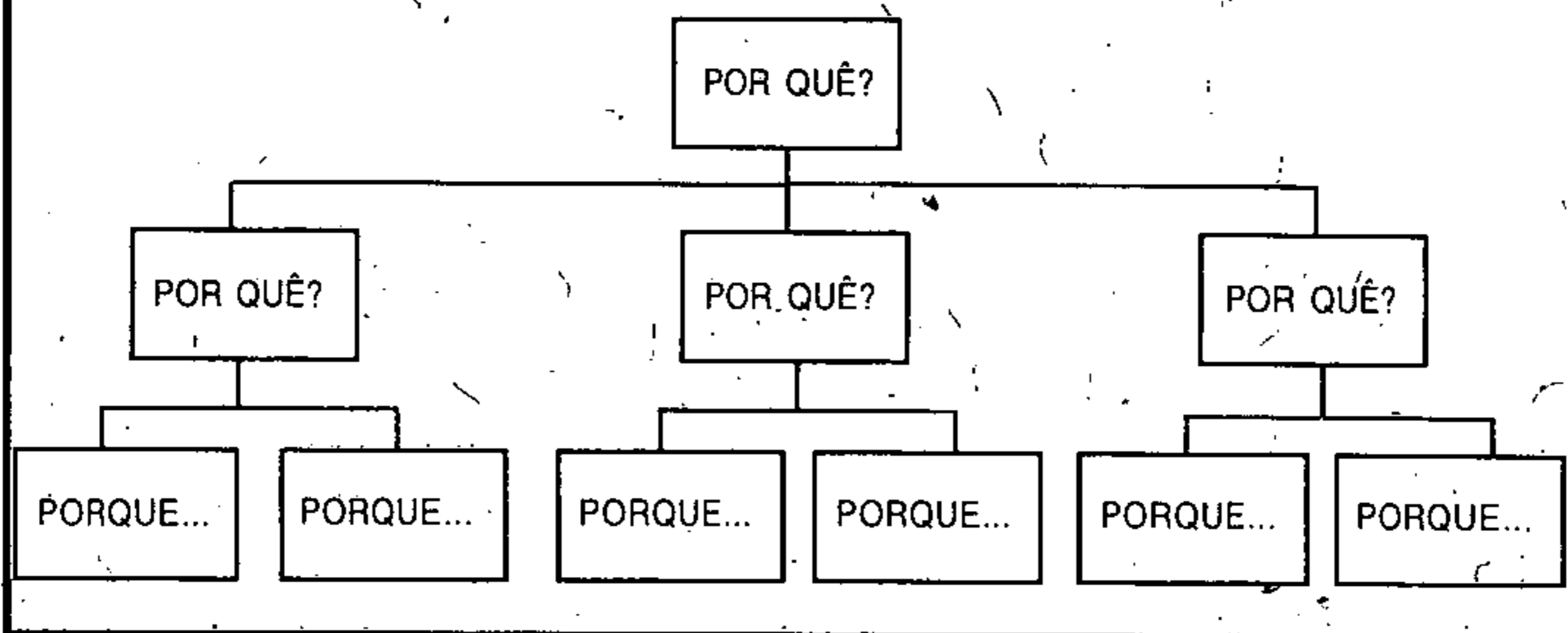
"A causa primária da desordem em nós mesmos é a busca da realidade por outros."

J. Krishnamurti

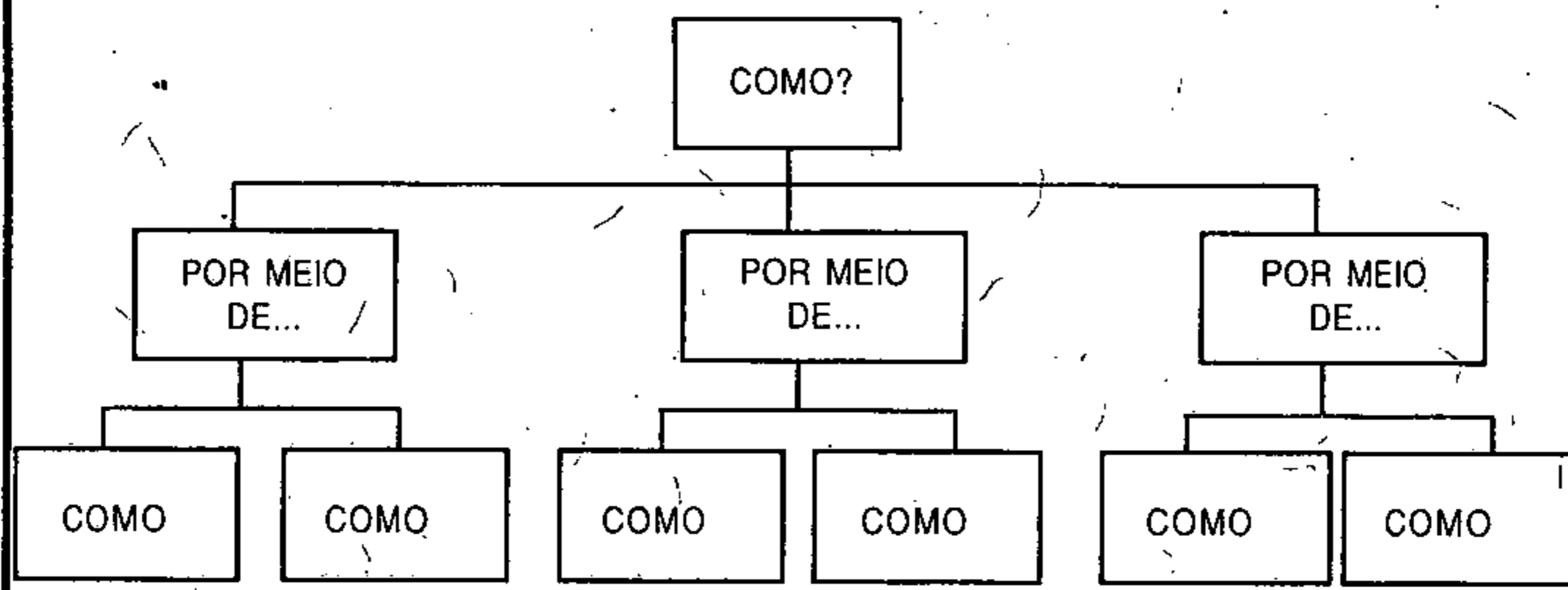
A EMOÇÃO MOVE, A RAZÃO ORGANIZA

Considerando que a emoção é, o mais forte fator de mobilização que o ser humano possui, cada problema que hoje as Águas "sofrem" pode ser relacionado às suas causas. Conhecer as causas não é suficiente. Nossa mobilização visa à ação, aos resultados. Por isso o exercício das soluções é importante.

IDENTIFICANDO CAUSAS DIAGRAMA DO POR QUÊ



CONSTRUINDO SOLUÇÕES DIAGRAMA DO COMO



Voltando ao excesso de lixo como a situação indesejável a ser tratada, vem a primeira pergunta: "Por que tanto lixo?" E a seguir as muitas respostas, os muitos "porquês" : por que há desperdício, por que falta educação, por que falta informação, por que falta fiscalização, porque falta punição, etc., etc. Nesta Metodologia de identificação de causas e de adequação de resultados, a etapa seguinte é responder os "porquês" de cada resposta da série anterior. Exemplo: "Por que há desperdício?" Respostas: porque vivemos na fartura, porque falta educação, porque falta informação, etc., etc., etc. (OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: EM CADA SÉRIE DEVEMOS RESPONDER A TODOS OS "PORQUÊS" E NÃO A APENAS UM, REDUZIDAMENTE, COMO ESTÁ OCORRENDO AQUI, NO EXEMPLO DESTES EXERCÍCIOS).

Feita esta necessária ressalva, tratemos de uma pergunta da próxima série: "por que falta informação?" Respostas: porque há sonegação de informações, porque informação é poder, etc., etc., etc. (REPETINDO: QUANDO FIZER ESTE TRABALHO PRA VALER, "PREENCHA" TODOS OS "PORQUÊS" E TODOS OS "ETC.") Continuando no estilo sintético, quase reducionista: "Por que há sonegação de informações?" Respostas: por egoísmo, por competição, por falta de solidariedade, por falta de fraternidade, etc., etc. E "por que há competição?" Por falta de solidariedade, etc., etc. E "por que falta solidariedade?" Por falta de Humanismo, etc., etc. E "por que falta Humanismo?" Por falta de...

Vale a pena fazer este exercício, com paciência e com atenção. Isto não é "coisa de pé-na-lua" só porque ele parte de "soluções" concretas, pragmáticas e racionais (tipo fiscalização; multas, leis, campanha educativa, coleta de lixo, etc., etc.) e chega a causas que são sentimentos e emoções. (ISTO NÃO É "INVENÇÃO" DESTES DIAGRAMAS: O MUNDO TODO É UM POUCO ASSIM, O SER HUMANO É MUITO ASSIM E O HOMEM SOCIAL, ECONÔMICO E COMPETITIVO, É QUASE SÓ ASSIM.)

Quer comprovar numa "prova dos nove"? É só experimentar outros assuntos, outras situações indesejáveis, e você vai construir soluções diferentes depois de perguntar muitos "porquês". Por exemplo: pergunte os muitos "porquês" da violência e certamente você não aceitará os "achismos" reducionistas que costumam ser apregoados como soluções. No embalo, é bom fazer os diagramas do "porquê" e do "como" em relação a drogas, a conflitos familiares, aos resultados na melhoria da quantidade e da qualidade das Águas).

Para quem, mesmo depois deste exercício, ainda não está convivendo bem com a observação de que "A EMOÇÃO MOVE E A RAZÃO ORGANIZA", vale lembrar a queda das torres do World Trade Center: primeiro os terroristas decidiram, por amor e ódio, colocar a vida a serviço de

uma causa e só depois se organizaram racionalmente (e no planejamento e na operação do atentado não perderam a motivação emocional do amor e do ódio como razão de seus atos).

Rememorando, a situação indesejável de excesso de lixo que teria como "solução" o "ouvido", o "ombro", o "colo" e o "útero" de uma prefeitura, depois do diagrama do "por quê" desaguou na identificação de razões emocionais e abstratas como causas causantes, causas primeiras e causas originais da situação indesejável. Agora, pela Metodologia, a recomendação é procurar, no diagrama do "como", uma solução adequada ao que foi identificado como causas.

Ainda que pareça ESTRANHO CHEGAR À IDENTIFICAÇÃO DE "FALTA DE ESPIRITUALIDADE", "INCOMPLETUDE DO SER HUMANO", "FALTA DE VISÃO CÓSMICA" OU "FALTA DE SENTIDO DA VIDA" COMO ALGUMAS DAS CAUSAS DE EXCESSO DE LIXO NAS RUAS DE UMA CIDADE, convém investir mais tempo e paciência no exercício e ver como fica o processo de construção de soluções (no plural, porque raramente uma situação indesejável tem uma só solução, como raramente tem uma só causa).

Então, seguindo a Metodologia, façamos a primeira pergunta da primeira série no diagrama do "como", tomando por exemplo (repetindo e enfatizando: em trabalhos reais a atenção é igual para todos os fatores causantes) um "por quê" bem abstrato: "como cuidar de falta de espiritualidade para chegar a soluções no excesso de lixo"?

Como? Tratando do assunto com autoridades de Igrejas dos mais variados credos; promovendo pesquisas, encontros e estudos sobre "Lixo e Vida", "O Sistema Planetário, a Terra e o Lixo", "O Lixo como fonte de trabalho, riqueza e evolução do Homem", etc., etc.; promovendo premiação para as melhores propostas de soluções na linha de tratar o lixo como oportunidade e potencialidade de cuidados com o Homem, com a Terra e com o Universo (os Capítulos XI e XIII trazem muitas sugestões).

Um dos maiores desafios para fazer este exercício adequadamente, sem perder a coerência com esse jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão de Águas, gestão de lixo ou gestão de projetos sociais é não cair na tentação de cair nos "como" convencionais, que geralmente desvalorizam novos atores, desvalorizam novos autores, desvalorizam novos "scripts", desvalorizam emoções, desvalorizam pessoas, desvalorizam autogestão e auto-sustentabilidade, desvalorizam o holístico, desvalorizam o quântico, desvalorizam autonomia, desvalorizam liberdade, etc., etc., etc., para valorizar máquinas, dinheiro, papéis, Poder, leis, regras, cargos, diplomas e outros instrumentos de dominação.

Aqui, não se trata apenas de defesa de uma Metodologia que prioriza libertação e não dominação, potencialidade e não necessidade,

"empowerment" e não infantilização. Trata-se de foco em resultados: ao escolhermos uma linha filosófica, conceitual e metodológica convém sermos coerentes, no mínimo por compatibilização (não se toca CD em vitrola, não se faz transporte escolar em carros da Fórmula 1, não se joga futebol com raquete, etc., etc.).

Na realidade, fazendo este exercício bem-feito e seguindo as orientações que nele aparecerem, vamos ter bons e concretos resultados não só no cuidado com o lixo, mas também na autogestão e auto-sustentabilidade de soluções, porque o processo de chegar a elas será intrinsecamente um processo de participação popular, de mobilização social, de inclusão e de avanço na organização social e econômica de pessoas que estarão mais conjugando o verbo Poder ("Isto eu quero", "Isto EU POSSO", "Isto EU VOU fazer") do que esperando e cobrando dos que, no Poder substantivo, sabem que podem muito, mas não podem o suficiente.

"Essa monarquia, acostumando o povo a servir, habituando-o à inércia de quem espera tudo de cima, obliterou o sentimento instintivo de liberdade, quebrou a energia das vontades, adormeceu a iniciativa..."

"Tudo é tarefa do governo, tutelando os indivíduos, eternamente menores, incapazes ou provocadores de catástrofes, se entregues a si mesmos."

Raymundo Faoro
Os Donos do Poder





Um dilema para mudanças em gestão de Águas: a atração pela mesmice e a dificuldade de transcender

“Alguém tem medo de mudança? Mas o que acontece sem mudança? O que agrada mais à natureza universal? E dá para você tomar banho a menos que a madeira sofra uma mudança? E será que consegue alimentar sem que o alimento sofra uma mudança? E pode qualquer outra coisa de útil ser realizada sem uma mudança? Você não percebe que as mudanças que você sofre são igualmente necessárias para a natureza universal?”

Marco Aurélio Antônio

Em meados do século passado, um homenzarrão norte-americano chamado Hermann Khan deu notoriedade a um instituto de pesquisas sobre futurologia, fez palestras mundo a fora e escreveu “best sellers”. Ele era uma mistura de estatístico, de mago, de professor universitário, de consultor.

Duas décadas depois do “boom” dos futurólogos, o avanço nesta linha de explicitar tendências sociais, políticas e econômicas foi fortemente sintetizado nos trabalhos acadêmicos e literários de John Naisbitt e Patrícia Aburdene, que, nos anos 80, se tornaram respeitados como estudiosos e analistas de mudanças de paradigmas.

Uma diferença significativa entre o trabalho de Khan e o de Naisbitt é o enorme peso que o futurólogo colocou em bases de dados convencionais, muitas vezes supervalorizando a racionalidade, a estabilidade, a ponderabilidade e a previsibilidade, enquanto o farejador de megatendências muitas vezes procurou ouvir também batidas de corações.

Lembrar futurologia e mudança de paradigmas ao falar de gestão de Águas é uma questão de oportunidade, de prudência e de sensatez. Mais que isto, é uma questão de sobrevivência do Homem.

Pela futurologia, antecipando cenários, projetando situações, pior do que a realidade são as previsões, as perspectivas. Ainda mais se não tivermos significativas mudanças de paradigmas em nosso jeito de ver, sentir e cuidar das Águas.

Se um jeito novo não é tão claro ou tão palatável ou tão aceitável, pelo menos é um movimento, um gesto, um sinal de vida no que nos liberta do jeito que imobiliza, que fragmenta, que inibe, que exclui, que prejudica, que aprofunda a inadequação.

Uma das principais dificuldades em mudanças de paradigmas é o dilema de quem precisa optar entre o desconforto do não repertoriado e o desconforto do esclerosado. Nessa situação quase sempre vence o conservadorismo e impera a mesmice. As razões são muitas e as explicações maiores ainda. Uma das mais usadas é a tática elementar numa cultura de competição, de dominação, de simulação, de escapismo: achar pessoas culpadas e condená-las sumariamente. Veja alguns "ganhos" imediatos: "Fico bem porque não tenho culpa, me valorizo, enfraqueço um adversário, reconheço um sistema que ajudo a manter, etc., etc., etc."

Na gestão de Águas, este velho e autofágico jeito de ver, sentir e cuidar fica evidente no cotidiano: o rio está morrendo porque deixamos de agir ou porque fizemos alguma coisa de maneira inadequada. Mas esse jeito caduco nos leva a "esconder" atrás de alguém, a procurar um alibi: as indústrias que não são minhas, os governantes que não tiveram meu voto, o lixo dos outros, etc., etc., etc.

É porque estou me escondendo ou porque me sinto escondido, fico à vontade para a inundação de lugares comuns sobre escassez, assoreamento, desertificação e tudo mais que pareça fora de meu alcance. Exemplos: falar da Amazônia como patrimônio da humanidade e não cuidar de uma só planta perto de mim; falar de vidas nas Águas e usar químicos que matam na minha cozinha; falar da preservação do Rio São Francisco e participar da sujeira de Belo Horizonte, que é desaguada no Ribeirão Arrudas, que também suja o Rio das Velhas, até chegar no "Velho Chico".

Mudança de paradigma deveria ser tão natural ou pelo menos tão confortável como quem muda de moradia porque foi para outra melhor, como quem muda de roupa porque a temperatura mudou, como quem muda de sapato porque o pé cresceu. Mas o que acontece não é assim, em quase toda mudança de jeito de ver, sentir e cuidar de seres vivos, principalmente quando se trata de gente e de Água. A maioria das pessoas não tem muita dificuldade em mudar seu comportamento e seu modo de agir quando se trata de uma nova tecnologia para melhorar lucros, uma nova moda, um novo equipamento, enfim, uma nova arma de competição e de dominação.

Parece que deixar a certeza pela dúvida quase sempre é visto e sentido como deixar o conforto pelo desconforto ou até, quem sabe, deixar

o calor do útero pela incerteza de temperaturas extra-uterinas. E isso nos leva a agarrar a certezas confortantes pela vida a fora, como se o útero pudesse ser o nosso aconchego por mais de nove meses, pela vida toda.

Para a maioria dos seres humanos, quase sempre, chega a ser penoso mudar e deixar-se mudar, transformar e deixar-se transformar, renovar e deixar-se renovar, viver e deixar a vida fluir.

O empresário Albert Holzhacker, da Fundação Dixtal, usa sua lógica de engenheiro para expressar uma fórmula sobre mudança de paradigmas

$$M = \frac{I \times B \times S}{R \times D}$$

onde M é mudança, I é o grau de incômodo com uma situação indesejada da qual preciso me livrar, B é a quantidade e qualidade de benefícios que terei com a mudança e S são sucessos, êxitos e resultados na melhoria da minha vida, seja emocional, profissional, espiritual ou financeiramente. Em contraposição a esses fatores propulsores, os fatores inibidores da mudança são o R de riscos (pessoais, institucionais, emocionais, profissionais, etc.) e o D de denúncia (opiniões depreciativas de outros a mim por minha atitude mudancista ou minha própria autodenúncia em forma da conservadora atitude de "não dar o braço a torcer", de não admitir o processo evolutivo sem culpa e sem sentimento de perda).

Cabe lembrar que essa forma esquemática tanto serve para visualizar condições de ação eficaz (motivação, persistência, tolerância, paciência, empreendedorismo, zelo, ética, civismo, humanismo, etc., etc.) de quem se colocar como agente da mudança na articulação de um trabalho transformador, quanto para visualizar condições de eficácia do trabalho pela transformação do beneficiário do processo de mudança (se experimentar usar esta fórmula no seu trabalho ou em sua família, você verá por que umas pessoas estão mudando e outras não).

Façamos um exercício de análise de mudanças de paradigmas ou até simplesmente de mudança de situação em gestão de Águas pela lógica dessa fórmula. Um bom tema é a preservação, a revitalização e a conservação do Rio São Francisco, analisando a fórmula, letra por letra:

M de mudança – Consideremos que a mudança, neste caso, pode ser a da quantidade e da qualidade da Água, a partir de indicadores e medidas físicas e químicas, ou pode ser uma mudança de filosofia, de conceito e de metodologia no jeito de ver, sentir e cuidar do Rio São Francisco.

I de incômodo – Em ambas as pretendidas mudanças, o nível de incômodo é praticamente inexistente fora do Brasil, é baixíssimo fora dos Estados banhados pelo Rio São Francisco, muito baixo longe de seu leito e

ainda baixo mesmo em boa parte da população ribeirinha. As perguntas para aferição desse nível de incômodo são muito simples e diretas: esta é uma situação da qual quantos cidadãos, efetivamente, querem ou precisam se livrar? Para quantos cidadãos conseguir essa mudança é uma prioridade de alta significação comparativamente a outras situações e outras mudanças, que lhes exigem atenção? Na verdade, o incômodo de não revitalizar ou não preservar ou não recuperar o Rio São Francisco é um incômodo genérico, difuso, comum a tantos cidadãos de forma tão pouco efetiva que raríssimas pessoas, em raríssimas ocasiões, perderão, por isso, um minuto de sono.

E quanto mais o incômodo é verbalizado sem emoção e sem ação, mais se acentua o risco de discursos, poemas e canções, que apenas celebram a situação indesejável, naturalizam o fracasso e vulgarizam a questão.

Isto acontece mesmo na situação dramática de "salvar" o Rio São Francisco. Agora, imagine como são poucas as pessoas e como são poucos os minutos delas quando se tratar de incômodo pelo filosófico, pelo conceitual e pelo metodológico do jeito de ver, sentir e cuidar do rio. Quantas pessoas pensam nisso, se incomodam com isso e admitem que podem estar precisando de um jeito diferente?

S de sucesso – Para assegurar bom andamento no processo de mudança, se um fator propulsor está fraco os outros dois precisam estar fortes, para compensar. No nosso exercício, como o fator I de incômodo, não garante resultados eficientes, vejamos o peso do fator S, de sucesso, nessa equação.

Aqui, vale lembrar que o mais significativo do sucesso, dos êxitos, dos resultados é que eles conseguem melhorar a minha vida, emocionalmente ou profissionalmente ou espiritualmente ou financeiramente. Neste exemplo do Rio São Francisco, em outro plano vem o que representa a revitalização dele para outras pessoas e, numa visão ética e estética, o que representa para ele próprio.

Também, quanto ao sucesso, tudo é muito difuso e genérico, pelo menos do jeito que costuma ser feito. Que resultados de revitalização do Rio São Francisco (pior ainda se o foco é a sua calha) eu posso creditar a mim, achando que eu fiz diferença, que se não fosse eu...?

Outra vez, se este fator propulsor já é fraco no operacional, imagine como o peso dele seria ou é ainda menor no processo de mudança de paradigma, quando se tratar de filosofia, de conceitos e de metodologia, e não apenas de engenharia.

B. de benefícios – Qual a quantidade e a qualidade de benefícios terei ou proporcionarei ao revitalizar o Rio São Francisco?

Se partirmos dessa pergunta, a fraqueza do processo de mudança aqui simulado, que já era evidente na análise do I, de incômodo, e do S, de sucesso, fica absolutamente exposta e comprovada também porque os benefícios são genéricos, difusos e comuns a quase todos que participarem da revitalização, a algumas pessoas que nem participarão direito e a poucas pessoas que se apropriarão do que for possível.

R de riscos (pessoais, institucionais, emocionais, profissionais, etc.) – Neste nosso exercício de simulação de análise de mudanças de paradigmas em função de revitalizar o Rio São Francisco, ser diferente na palavra ou na ação implica riscos de admoestação, de rejeição, de desvalorização, de exclusão. Implica risco de parecer indisciplinado, de parecer despreparado, de parecer “raizeiro” entre “botânicos”.

Mais uma vez; se isso é assim na operação, no “o que fazer”, pior ainda se o jeito diferente estiver no “como” e no “por quê”, envolvendo filosofia, conceitos e metodologia.

D de denúncia (opiniões depreciativas de outros a mim por minha posição mudancista ou minha própria autodenúncia em forma da conservadora atitude de “não dar o braço a torcer”, de “palavra de rei não volta atrás”, de não conseguir viver o processo de evolução em jeitos de ver, sentir e cuidar sem culpa e sem sentimentos de perdas) – Na gestão de Águas, como em outras práticas de gestão de pessoas e de ambientes naturais, é raríssimo uma pessoa aceitar mudanças de jeitos de ver, sentir e cuidar com naturalidade, sem achar que adotar uma nova informação, uma nova idéia, uma nova opinião, uma nova posição seja traição e perda de tempo em relação a tantas aulas freqüentadas, tantos textos lidos, tantas coisas ouvidas, tantos compromissos assumidos.

Muitas pessoas se sentem desconfortáveis diante do novo, como se uma nova visão fosse necessariamente a negação da visão antiga, e não uma evolução a partir dela. E isso faz essas pessoas conservadoras carregarem suas velhas informações e suas esclerosadas maneiras de ver, sentir e cuidar do Rio São Francisco como um andarilho que anda carregando suas malas velhas, às vezes sem alças, sempre com quinquilharias cada dia mais inúteis.

Diante dessa evidente e respeitável comprovação sobre dificuldades em mudanças de opinião e de atitudes, duas perguntas muito pertinentes: Então, o que fazer? A propósito, porque este livro comprometido com transformações de jeitos de ver, sentir e cuidar aborda essa realidade imobilizadora?

Quanto ao “o que fazer”, não existem receitas prontas. E este livro trata dessa realidade exatamente porque não é ético e nem conveniente

gerencialmente "fazer de conta" que quase tudo se resolve com "sensibilização", "conscientização", "educação", "capacitação", "vontade política", "fiscalização", "parceria", "responsabilidade", "diagnóstico", "plano diretor", "projeto" e dinheiro, muito dinheiro.

A parte V sugere alguns trajetos e algumas maneiras de caminhar por esse complicado assunto de conservadorismo, que costuma misturar e mascarar justificativas e julgamentos que só conseguem explicar por que tanta mesmice e tanto esclerosamento.

Voltando à fórmula que pode imobilizar ou desmobilizar, a questão não é correr dela e nem desvalorizá-la. Ao contrário, ela é como um placar de uma competição esportiva que só mostrará o que nos agrada se tivermos uma performance de vitória.

Então, mesmo sem ser "receita de bolo", vejamos algumas condições mais ou menos universais em mudanças de pessoas na gestão de Águas e de projetos sociais.

Incômodo e benefício, neste caso, são duas faces de uma mesma moeda: minha postura ética na revitalização e preservação do Rio São Francisco. Num exagero de suposição, imagine eu e você em outra dimensão, fora de nosso corpo atual, sendo perguntados sobre o que efetivamente fizemos pelo São Francisco (ou pelo Rio de sua Bacia). E se a regra do "julgamento" valorizar pequenos gestos (uma boa escolha do sabão e do xampu, fazer muda da semente de uma laranja saborosa, etc., etc., etc.) que eu posso praticar individual, autônoma e anonimamente, deixando como menos valorizado tudo o que depende de outras pessoas.

Se eu sei que a revitalização do Rio São Francisco, em sua calha, em seu leito, depende do que for feito em qualquer espaço de sua Bacia e que, portanto, toda atitude ambiental minha é positiva ou negativa nas vidas do São Francisco, e se a mim interessa ter o São Francisco saudável e cheio de vidas, vou cuidar destas vidas cuidando do que estiver mais ao meu alcance, mais próximo de mim. E, SENDO ASSIM, NEM SABEREI MAIS SE ESTAREI CUIDANDO DAS VIDAS NAS ÁGUAS PELO VALOR DELAS OU PELO EXERCÍCIO DE ÉTICA EXISTENCIAL DE CUIDAR DAS VIDAS DOS OUTROS COMO FORMA DE EVOLUÇÃO ÉTICA, EXISTENCIAL, HUMANA E ESPIRITUAL DE MINHA PRÓPRIA VIDA.

Aí, meu incômodo por maus-tratos ao Rio São Francisco será maior ou menor, suportável ou insuportável, quanto mais ou menos eu estiver atuando, no meu cotidiano, nas dezenas de opções ambientais que faço (EU JÁ FAÇO, EU JÁ FAÇO, EU JÁ FAÇO) por dia, querendo ou não, ao comprar alguma coisa, escolhendo ou não a embalagem, ao escolher meu

transporte, ao escolher alimentos, etc., etc., etc. (outra vez, a propósito disto, convém ler os Capítulos XI e XIII).

Também quanto aos benefícios, minha satisfação será imediata quando eu passar a cuidar da revitalização do Rio São Francisco ao cuidar de meu corpo de modo diferente (um novo sabão), da minha cozinha (escolha de produtos, de embalagens, de detergentes, etc., etc.), da minha moradia (lixo, equipamentos, etc.), da minha cidade (árvores, lotes, quintais, jardins, etc.), do meu Estado (Nascentes, áreas de recarga, fauna e flora, etc.), do meu País (florestas, rios, etc.) e, por conseqüência, do Planeta Terra (elementos químicos e físicos necessários à Vida).

E O SUCESSO DEIXARÁ DE SER GENÉRICO E A LONGO PRAZO PARA SER MEU, PESSOAL E IMEDIATO PORQUE ESTAREI FAZENDO DE UM JEITO DIFERENTE DE VER, SENTIR E CUIDAR DE INOVAÇÃO, MUDANÇAS E EVOLUÇÃO, NÃO APENAS DO SÃO FRANCISCO, MAS DO QUE FAZ PARTE DO MEU SENTIDO DE VIDA, DO SENTIDO DE MINHA VIDA.

"Eis por que é tão difícil explicar o caminho para quem não o experimentou: a pessoa verá apenas o seu atual ponto de vista, ou melhor, a perda de seu ponto de vista atual."

Satprem





O rei está nu em Nascentes, Zonas de Recargas, Barraginhas, Lixo e Alternativas Econômicas Ecológicas

"Evolução implica competência para solucionar o desconhecido."

Jean Claude Obry

Era uma vez um rei muito vaidoso, muito vagaroso e muito burocrata. Para parecer democrata, atualizado e eficiente, ele copiou de um reino mais poderoso do que o dele a mania de comitês, conselhos, normas, eventos, impostos e taxas.

De tanto copiar, um dia ele buscou um alfaiate também em outro reino para fazer uma roupa especial, digna da festa de seu aniversário.

Acontece que o pobre alfaiate não tinha tempo para suas costuras, porque as horas produtivas eram poucas em seu novo reino: até faltavam cadeiras para tantas reuniões, até faltavam contribuintes para tantos fiscais, até faltavam ouvidos para tantos conselheiros, até faltavam bajuladores para tantos vaidosos, até faltava papel para tantos escritos de leis, até faltava gente produzindo para tantos consumidores. E certamente faltavam resultados para tantos diagnósticos, planos, programas e projetos de tantos amigos dos amigos do rei.

Na semana anterior à festa, não podendo mais correr o risco de continuar sem dar resultado ao rei, o alfaiate disse-lhe que sua roupa era tão extraordinária que era tão mais visível quanto mais quem visse fosse possuidor de crachás, atas de reuniões, certificados de cursos, títulos, discursos, participações em governos, conselhos, comitês e associações relativos à gestão de Recursos Hídricos (eles chamavam Água de recurso, assim como telefone era recurso para conversar, cadeira era recurso para sentar, dinheiro era recurso para comprar, faca era recurso para cortar).

Para não parecer menos "Amigo da Água" do que qualquer súdito, o rei "provou" a roupa e disse estar extasiado. E fez a notícia correr a tempo de ninguém ficar sem ver a roupa por falta de alguma manifestação de amizade pelas Águas.

E aí veio o grande dia da festa, e o rei, de pé, em sua carruagem aberta, era aplaudido por todos de um jeito meio sem jeito: todos batiam

palmas uns olhando para outros, parecendo que cada um se preocupava mais em ver se os outros aplaudiam do que em olhar e homenagear o rei.

Tudo corria solto, até que a carruagem passou perto de uma criança e ela não viu motivo para aplaudir: "O REI ESTÁ NU", gritou ela, com emoção e sem razão, com pureza e sem hipocrisia, com naturalidade e sem fantasia. E todo o reino se sentiu nu e ridículo na mesmice já cantada pelo poeta: "Sob o manto diáfano da fantasia, a nudez crua da verdade".

A nudez da gestão convencional de Águas (ou de Recursos Hídricos?) se manifesta cruamente na óbvia constatação de que os resultados deixam a desejar na quantidade, na qualidade, no tempo de realização e na abrangência quando se considera o enorme volume de dinheiro e o tanto de pessoas em função desses acanhados êxitos. Ou quando se compara avanço em gestão de Águas com avanços em atividades mais livres de influências governamentais.

Aqui, vale lembrar alguns assuntos esquecidos, desconsiderados ou desvalorizados pela maioria dos técnicos governamentais (federais, estaduais e municipais), pela maioria dos dirigentes e militantes de ONGs e também pela maioria dos acadêmicos: o cuidado com Nascentes como útero de Vidas; preservação de zonas de recargas como área de alimentação natural dos aquíferos, das Nascentes e dos rios; a construção de barraginhas de contenção de Águas de chuvas como fator de sucesso e de economia na prevenção de assoreamentos e erosões; aproveitamento de Águas de chuvas como reconhecimento da importância de termos Águas molecularmente bem estruturadas; e conferir valor econômico ao que hoje se chama lixo como forma de sinalizar que "lixo é sujeira mental" e "pobreza cultural", porque tudo é matéria reutilizável ou reciclável.

Por que será que tanta gente academicamente e administrativa-mente vinculados a esses assuntos tratam deles como o alfaiate do rei nu tratou da roupa do rei? E por que será que tanta gente se parece com o alfaiate? E por que será que tão poucas crianças deixam de participar da farsa do aplauso?

Dos vários assuntos que ainda são "ROUPAS DO REI NU" no Brasil, aqui vão "fotos 3 por 4" de oito deles, uma pequena amostra, para começar uma proposta de dispensar a eles, com urgência e com abrangência, a importância e os cuidados que merecem passar a ter em gestão cidadã de Águas:

1. Captação de Águas de Chuvas

"É pau, é pedra, é o fim do caminho."

Contam amigos de Tom Jobim que ele escreveu a letra de Águas de março ao ver pela vidraça as enxurradas de uma chuva que o impedia de voltar ao Rio de Janeiro, por causar erosões na estrada de terra do seu sítio.

A bela música de Tom Jobim é um hino ao manejo inadequado de Águas de chuvas, que não precisam e nem devem correr em estradas e menos ainda devem acabar em enchentes que causam prejuízos e desassossegos principalmente a pessoas de mais baixa renda. Uma boa técnica para isso é a construção de barraginhas (ver texto sobre o assunto neste Capítulo) capazes de evitar erosões, de reter "paus e pedras" que iriam para os rios, de armazenar Águas para os lençóis freáticos e de evitar "o fim do caminho".

Outro uso de Águas de chuvas ainda pouco praticado no Brasil, principalmente fora do Nordeste, é o consumo de chuvas captadas em telhados, em áreas cimentadas, em lonas, etc., para serventia doméstica, no trato de animais, na irrigação de plantas ou até mesmo, mediante cuidados especiais, como Água potável de consumo humano. Mais do que por economia, na linha de escassez, a captação de chuvas se justifica pela qualidade estrutural dessas Águas.

A propósito das condições especiais das Águas de chuvas, vale penetrar nos detalhes dos inovadores textos do Capítulo e também refletir sobre a força do simbolismo expresso nestas palavras do professor Pierre Emy, da Universidade de Ciências Humanas de Estrasburgo: "Há dois tipos de Águas: as que vêm do alto e as que surgem da terra. Conforme o modo de pensar antigo, o céu e a terra formam um casal. O céu macho fecunda a terra fêmea pela chuva para fazer nascer seus filhos que são os vegetais. Neste sentido, a Água da chuva é um líquido seminal e tem conotação masculina. Por outro lado, as Águas das fontes e poços são claramente femininas e maternas. São Águas do parto, sangue e linfa da terra, seiva que sobe do útero da terra-mãe."

Se essas duas formas de cuidar de Águas de chuvas não fossem interessantes e convenientes, ainda restaria outra que se sustenta por uma importância vital: o aproveitamento das chuvas diretamente da atmosfera para as zonas de recargas ou áreas de recargas que abastecem as Águas subterrâneas que, por sua vez, afloram seus excedentes nas fontes, nas minas, nas Nascentes (ver texto sobre zonas de recargas também neste Capítulo).

Um aproveitamento igualmente essencial, não só para as Águas subterrâneas, mas principalmente para voltar à atmosfera em forma de vapor, é a queda de chuvas em áreas florestadas, já que as condições de microclima em áreas densamente povoadas de vegetais são altamente favoráveis à evaporação que alimenta o ciclo hidrológico para futuras chuvas.

AS ÁGUAS NÃO VÃO ACABAR NO PLANETA TERRA E NEM MESMO ESTÃO DIMINUINDO EM SEU VOLUME TOTAL DE MOLÉCULAS DE H_2O , porque o ciclo é fechado, estável. Mas a falta de cuidados adequados na captação de chuvas e, conseqüentemente, na alimentação e na

retroalimentação das zonas de recargas, das Nascentes, dos rios, e dos lagos; vai acabar reduzindo o volume de "Águas doces" superficiais e exigindo soluções de alto custo, como a busca de Águas subterrâneas profundas ou a dessalinização de Águas oceânicas.

2. Nascentes

O que é uma nascente para quem tem mentalidade predominantemente urbana, econômica, materialista, industrial, comercial, utilitarista?

Para um pecuarista assim, a Nascente costuma não passar de Água para boi beber; para um frio proprietário de um lote, a Nascente talvez só seja uma ameaça à segurança de futura construção; para um dono de fábrica "pragmático", a Nascente pode ser uma inconveniente possibilidade de contaminação; e para um prefeito pouco sensível, a Nascente sempre será mais um bem público a ser administrado como problema de mau uso da comunidade.

Em algumas outras circunstâncias, a situação é ainda mais grave, como ocorre com crianças urbanas desligadas do meio rural, que só prestam atenção em Água quando ela falta e quando a televisão mostra enchentes.

Nesse contexto, ainda mais sem "identidade" costumam ser as milhares de Nascentes da imensa Bacia do Rio São Francisco.

A cultura de se ver o Rio São Francisco pelas Águas de seu leito, de sua calha, começa pela insistência na divulgação da imagem fotográfica de uma linda queda d'Água, que desce um penhasco no Parque da Canastra, no município de São Roque, poucos metros depois de uma fonte. Na realidade, essa fonte é apenas e tão-somente a Nascente do Rio São Francisco apontada nos estudos oficiais como a Nascente mais à montante, mais acima, entre milhões (ou bilhões?) de minas, fontes e Nascentes nos milhões de hectares que constituem toda a Bacia do São Francisco. Ou seja, é da Bacia do São Francisco toda Água que jorra no solo e que, por gravidade, tende a correr para algum córrego, algum riacho, algum ribeirão ou algum rio que também corre para o São Francisco.

Assim aquela Nascente de São Roque não é mais e nem menos Nascente do Rio São Francisco do que outras também de São Roque, da mesma forma que as bucólicas fontes dos chafarizes de Sabará, ou as sofridas minas que nascem nas fétidas cabeceiras da represa da Pampulha, ou as que são "abortadas" em fundações de prédios urbanos, ou as "afogadas" por asfaltos e cimentos em todas as cidades.

Então, uma proposta cidadã é semear e tornar visível o conceito de que não se cuida de um rio se não se cuidar de suas Nascentes. E NEM SE CUIDA DE NASCENTES SEM SE CUIDAR DE ZONAS DE RECARGAS.

É urgente estimular uma cultura cidadã, ecológica, cívica e espiritual de respeito à Nascentes, de modo que elas passem a ser preservadas como uma criatura de Deus, como um bem da Natureza e como patrimônio da Humanidade, e, em razão dessa mudança de postura, empenhar-se por resultados como estes:

- aumentar quantidade e qualidade de Águas em Nascentes;
- difundir o imaginário de que "Nascente é útero", "Nascente é fonte de vida", "Nascente é berçário", "onde nasce Água, nascem Vidas, "Nascente é seio e Água é leite materno";
- difundir a idéia de consagração de Nascentes, de se ritualizar Nascentes como local especial, como singularidade, como essencialidade;
- dar mais visibilidade e operacionalidade à óbvia informação de que cuidar de Nascentes é o primeiro e mais simbólico passo para se cuidar da preservação e da revitalização de um córrego, de um ribeirão, de um rio, de uma lagoa, de um lago, de uma represa, de qualquer manancial;
- explicitar, disponibilizar e difundir Metodologias que se caracterizem por um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Nascentes;
- associar Nascentes a Áreas de Recargas e a Águas subterrâneas.

3. Zonas de recargas: do abandono à prioridade

Imagine um telhado que tivesse poucas telhas permeáveis. Quando chovesse, a Água pluvial que caísse nessas telhas permeáveis obviamente passariam.

Na realidade, todo o solo do Planeta Terra é assim: a maior parte da Água de chuvas se transforma em enchentes por não encontrar condições de descer e ir aos lençóis freáticos e uma pequena parte desce aos lençóis pelas zonas de recargas ou áreas de recargas, que funcionam no abastecimento das Águas subterrâneas (aquíferos) como as telhas permeáveis ou esponjas que dão passagem.

A partir dessa percepção, é relevante realçar uma dramática e crescente constatação: por não se dar importância à localização e à preservação de zonas de recargas, todo dia algumas delas estão sendo "impermeabilizadas", inteiramente ou parcialmente, por cimento, asfalto, telhado, compactações da terra, etc., etc. E algumas outras não estão sendo "mortas" por coberturas e compactações, mas estão sendo "usadas" para contaminar Águas subterrâneas quando estão servindo de suportes a cemitérios, a depósitos de lixo, a cafezais e culturas frutíferas impregnados de venenosos agrotóxicos, etc., etc., etc.

As construções, compactações e impermeabilizações sobre zonas de recargas "tampam" ou "embaçam" ou anulam ou reduzem a

capacidade de "porosidade", de absorção e de drenagem das Águas de chuvas e, conseqüentemente, de alimentação dos reservatórios que existem debaixo dos solos. Esta é uma das principais explicações para tanta Nascente "secando" e para a preocupante redução dos volumes de Águas em córregos, riachos, lagos, ribeirões e rios. É claro que a falta de abastecimento dos reservatórios abaixam seus níveis até chegar a situações em que a Água não sai na superfície, nas Nascentes, do mesmo jeito que uma caixa d'Água doméstica ou um filtro (ou talha) de cozinha deixa de soltar Água pela torneira quando o nível estiver abaixo da posição da torneira.

NO CASO DE UMA NASCENTE SER ABASTECIDA POR UM RESERVATÓRIO DE MUITOS QUILOMÉTRÓS DE EXTENSÃO QUE SE ALIMENTA DE ÁREAS DE RECARGAS EM REGIÕES LONGÍNQUAS, PODE SER QUE ELA SEQUE MESMO RODEADA DE VEGETAÇÕES, SE AS RECARGAS LONGÍNQUAS PERDERAM A FUNÇÃO DE RECARREGAR.

Circular informações, perguntar, pesquisar sobre zonas de recargas e tratá-las como um dos mais importantes e ignorados fatores de quantidade e qualidade de Águas são alguns dos caminhos para colocarmos zonas de recargas nas leis de uso e ocupação de solos, nas prioridades das pesquisas de Prefeituras e Câmaras Municipais, no cotidiano dos extensionistas, nos compromissos éticos dos engenheiros e arquitetos..

4 . Barragens de contenção de Águas superficiais de Chuvas

Luciano Cordoval de Barros

O homem, desde a história antiga, armazenava águas superficiais de chuva em seu proveito. No ano 106 d.C., os nabateos já produziam alimentos no deserto de Neguev (com precipitação média anual de 100 a 150 mm), utilizando sistemas de captação de água superficial, que era concentrada em tabuleiros nas partes baixas dos terrenos (Evenari, 1968). Antes disso, a umidade residual armazenada no solo já tinha sido usada nos tempos do Rei Salomão, há cerca de dez séculos a.C., na mesma região do Neguev (Evenari, 1983).

Segundo LAL (1982), que desenvolveu trabalhos em região tropical semi-úmida, os danos causados pela erosão em solos cultivados são reflexos de manejo inadequado de solos.

No início da exploração de uma área virgem, quando as terras estão cobertas com matas ou pastagens naturais, a necessidade de conservação do solo é praticamente nula, pois o sistema está em equilíbrio e a erosão é mínima. Após o desmatamento para exploração da terra, verifica-se geralmente

grande degradação causada pela erosão, principalmente na forma invisível, a erosão laminar, que remove o solo em suas camadas superficiais (Andreae, 1965).

Segundo dados obtidos pela Seção de Conservação de Solos do Instituto Agronômico de Campinas, o Estado de São Paulo perde anualmente, por efeito da erosão, cerca de 130 milhões de toneladas de terra (1989). Essa perda representa 25% da perda sofrida pelo Brasil inteiro em igual período. Para se ter uma idéia do volume de tais perdas, basta dizer que ela corresponde ao desgaste de uma camada de 15 cm de espessura, numa área de 60.000 hectares.

Com o desmatamento, foram introduzidas pastagens artificiais, com maior densidade de gado e, conseqüentemente, causando compactação do solo. Alguns produtores rurais, percebendo logo os danos que viriam a ocorrer em seus solos, facilmente erodíveis, começaram, a partir da iniciativa de alguns entusiastas, a construir barraginhas em regiões isoladas. Isso ocorreu nos últimos 30 anos, mas não houve continuidade e nem divulgação adequada, pois na época o espírito conservacionista não era tão forte e não havia um clima ambientalista favorável, como o verificado a partir da ECO 92.

Cuidando do futuro das águas e de sua qualidade está sendo desenvolvido em Sete Lagoas (MG), um projeto de "Barragens de Contenção de Águas Superficiais de Chuvas". O primeiro em propriedade isolada de 70 ha, com 30 minibarragens, têm apresentado resultados altamente positivos.

Em 1998 concretizou-se a idéia de implantação em escala maior, de 960 barraginhas, contemplando toda uma microbacia, a do Ribeirão Paiol, que consiste em dotar cada propriedade, ou toda a microbacia, de pequenas barragens ou miniaçudes, nos locais em que ocorram enxurradas volumosas e erosivas, barrando-as e amenizando seus efeitos desastrosos, retendo juntamente materiais assoreados e poluentes, como solo, adubo, agrotóxicos e outros, que iriam diretamente para os córregos e mananciais, provocando contaminação, enchentes e outros danos.

Como funciona o sistema?

O solo, como um telhado, coleta a água das chuvas e a concentra em forma de enxurrada; ao contê-las com miniaçudes sucessivos serão barrados os seus danos. Ao encher a primeira barraginha, o excesso verte pelo sangradouro à segunda e assim sucessivamente, até chegar às da baixada.

Em toda a região dos cerrados, predominam solos porosos e profundos, os quais, sob barragens, funcionam como uma esponja armazenadora de água filtrada, sob chuvas de 1.000 a 1.600 mm ano. O objetivo principal do sistema consiste em carregar e descarregar o lago, proporcionando a infiltração da água num rápido espaço de tempo entre uma chuva e outra, de modo que ocorram inúmeras recargas durante o ciclo chuvoso, elevando o lençol freático, carregando a caixa d'água natural do solo.

A construção de barraginhas tem como principal função a recuperação de áreas degradadas pela chuva; visa também à perenização de mananciais com água de boa qualidade e de tornar o vale numa vitrine, a exemplo do Ribeirão Paiol, através do "Projeto Piloto de Demonstração de Conservação de Solo e Água", para o Estado de Minas Gerais (recursos patrocinados pela Secretaria Nacional de Recursos Hídricos; IIICA).

Outros objetivos:

provocar umedecimento de baixadas, amenizar veranicos (pequenas estiagens), proporcionar plantios de segunda safra (safrinha), irrigação suplementar, plantio de hortaliças e fruteiras, bem como possibilitar a criação de peixes com abertura de tanques nos baixios, etc. O sistema de barraginha é complementado com outros sistemas de conservação do solo, como terraços, cordões em contornos e outros.

Custo por barraginha: até 1,5 h de máquina, equivalente a R\$ 30,00-50,00.

5 . Preparação de mudas e plantio de árvores frutíferas e de árvores ornamentais

Quando você chupa uma laranja campista, legítima, gostosa, com sabor de gentileza da Natureza, o que você faz com as sementes? Cospe, joga fora? Nunca passou por sua cabeça que semente é Vida e que você só está chupando esta raridade sem agrotóxicos, sem clonagem, porque alguém, há anos, utilizou uma semente para fazer muda e gerar uma laranjeira que daria frutos que talvez nem ele, o plantador, chegou a alcançar? Se ele fez isso por pura generosidade com gerações futuras a ele, por gentileza ao Planeta Terra, não devemos quebrar esta corrente da Natureza, também por generosidade às nossas futuras gerações e por gentileza ao Planeta Terra.

Esse raciocínio vale para outras frutas, vale para todas as flores e vale muito para os ipês de tantas cores e para os jasmims, as magnólias, o sassafrás e outras criaturas que perfumam o mundo.

Ainda que você more no 15º andar , em uma moradia minúscula, convém experimentar: quando a muda estiver pronta, ofereça essa manifestação de vida nova a um parente, comente na padaria, presenteie uma pessoa amiga. Se ocorrer o impossível de ninguém querer, você ainda tem a alternativa cidadã de plantar a muda à beira de uma estrada, só para você, os pássaros, a oxigenação do Planeta e a beleza da Terra.

6 . Monitoramento da quantidade e da qualidade das Águas

As águas precisam ser monitoradas com o mesmo cuidado e com a mesma freqüência que mães zelosas cuidam de seus filhos, fazendeiros

atentos cuidam de seus animais e industriais competentes cuidam da manutenção periódica de suas máquinas.

No caso das mães, elas costumam ser capazes de perceber, num olhar de relance, que um filho está com febre até mesmo ao vê-lo chegando de uma brincadeira, suado, corado, sujo. Seja por instinto maternal, seja por sexto sentido ou seja lá pelo que for, ela não perceberia se não estivesse aberta ao exercício prático da percepção e não tivesse muito interesse em perceber qualquer novidade no filho. Assim, da mesma forma que ela percebe febre, ela percebe arranhão, percebe medos, percebe inseguranças, percebe alegrias. E para cada situação, antes de recorrer a um médico, ela acode com um comprimido, com uma palavra de alento, com uma providência ao seu alcance.

Analogamente, por que não prestar atenção nas Águas com zelo semelhante? Por que não monitorar as Águas para percebermos "febres", "infecções", "anemias" e outras deficiências?

Com a disponibilidade de recursos técnicos simples, de baixo custo e de fácil manejo, o monitoramento de Águas em cisternas, em Nascentes, em córregos, em lagos e lagoas, em ribeirões, etc., pode ser feito por um "cidadão comum" da "sociedade civil não organizada" ou por um grupo de pessoas (alunos de um professor interessado no assunto) ou por um clube de serviço (Lions, Rotary, Maçonaria, Rotaract, Leo, Demolay, etc.) ou por uma instituição que tenha seus membros mais dependentes de quantidade e qualidade de Águas (sindicatos de produtores ou de trabalhadores rurais).

O essencial é alguém dizer "Isto faz sentido", "Isto EU POSSO fazer", "Isto EU VOU fazer". Difícil e indispensável é querer, porque os recursos podem ser comprados, ganhos, emprestados.

Também aqui vale repetir: "Quem quer faz, quem não quer, arranja uma desculpa."

7. Parte do nosso lixo não passa de sujeira mental

Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar do que se convencionou chamar de "LIXO" é aceitar firmemente a convicção de que TODA MATÉRIA SURTIU DE ALGUMA MATÉRIA E SERÁ MATÉRIA DE OUTRAS MATÉRIAS, ainda que sejam matérias sutis.

Em outras palavras: TUDO É RECICLÁVEL PELA NATUREZA E QUASE TUDO PODE SER REUTILIZÁVEL PELO HOMEM.

Os limites para aproveitar e reaproveitar "lixo" são os posicionamentos ético (o Homem na sua relação com a Natureza), econômico (o Homem e suas relações com o Mercado), social (o Homem e suas relações

com outros Homens) e transcendental (o Homem e suas relações com o que transcende seus interesses humanos).

(se você quer tratar do que ainda se chama de "lixo" em paradigmas mais avançados do que ainda ocorre com coleta seletiva e usina de reciclagem, convém dar uma olhada nas sugestões do Capítulo XII. e nos endereços de "Alternativas Econômicas Ecológicas" do Capítulo XV).

8. Alternativas Econômicas Ecológicas

Um filhote de papagaio ou de bicudo com noventa dias de vida, em criatório registrado no Ibama, pode ser vendido, com nota fiscal, até por dois salários mínimos, enquanto um bezerro bom para recria de corte só alcança este valor na desmama, de cento e cinquenta a trezentos dias.

Um hectare plantado de ervas medicinais rende duas a três vezes mais lucro do que a mesma área ocupada com café, sempre exigente em venenosos agrotóxicos matadores de pássaros e de microorganismos, antes de descer para as Águas.

Enfim, são muitas as alternativas econômicas ecológicas. O difícil é uma pessoa querer novidade, não ter medo do novo, experimentar o que não faz parte do seu universo. Há quem prefira viver no desconforto de uma situação conhecida.

Por isso, mais uma vez, os avanços em gestão de Águas e de atividades sociais são mais protagonizados por pessoas em processo de evolução cívica, cidadã e espiritual. Pessoas assim estão olhando mais pra frente e pra cima do que para suas sombras do passado.

E aí fica mais fácil entender São João da Cruz: "Se quero chegar em algum lugar que não conheço, tenho que percorrer caminhos que igualmente desconheço."

"O mais abundante, o mais barato, o menos utilizado e o mais abusado recurso do mundo é a engenhosidade humana."

Dee Hock





Cuidar de gente: resultados dependem do conforto emocional dos participantes, sem sacrifícios e sem heroísmos

"A participação será mais assumida, livre e consciente, na medida em que os que dela participem perceberem que a realização do objetivo perseguido é vital para quem participa da ação e que o objetivo só pode ser alcançado se houver efetiva participação."

Chico Whitaker

("Rede – Estrutura alternativa de organização")

Um campeão, em qualquer esporte, só se mantém vencedor enquanto tiver habilidade, condicionamento físico, controle emocional, harmonia nos relacionamentos, muito prazer no que faz e muita alegria pela vitória. É também assim um bom escultor, um bom médico, um bom ambientalista.

Aqui, nesta parte do texto, mais do que em outras com intencionalidade semelhante, as informações, as observações, as opiniões e as sugestões são direcionadas mais ao "cidadão comum", mais ao membro da "sociedade civil não organizada", mais às pessoas que participam autônoma, espontânea e livremente, por razões pessoais, cívicas, emocionais, espirituais, transcendentais (transcendendo seus interesses ou suas obrigações só profissionais ou econômicos).

É claro que um dirigente ou um técnico ou um funcionário ou um militante de algum órgão governamental, de alguma empresa com fins lucrativos, de alguma ONG, de alguma instituição corporativa (associação, conselho, sindicato, etc.), de alguma representação religiosa, de algum clube de serviço, etc., etc., pode fazer dois proveitos desta circunstância: ler e se posicionar como um "cidadão-comum", "pessoa física" e ver o texto também com olhos de membro de uma "pessoa jurídica". Por exemplo, o técnico do Ibama tem olhos de Governo, tem coração de gente e melhor que tenha cabeça de ambos.

Voltando à alegria e ao prazer como sementes e frutos de quem é campeão, o jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão social e de gestão ambiental que se preconiza como Metodologia neste livro trata com ênfase do conforto emocional do participante na rede de cidadania pelas Águas.

Alguns momentos de um voluntário (é sempre bom lembrar que voluntário é todo cidadão agindo espontânea e gratuitamente por um interesse público) em ação ambiental são de tanta alegria, de tanto prazer, de tanta realização e de tanta resposta positiva ao seu trabalho voluntário que ele se lembrará imediatamente de pessoas que ele ama, com vontade de que elas entendam sua felicidade, vivam sua emoção, comemorem sua vitória.

Outros momentos deste mesmo voluntário, diante de vaidades, ciúmes, humilhações, competições, insensibilidades, petulâncias, inflexibilidades, mesquinhas, prepotências, etc., etc., etc., serão de tanta tristeza, de tanta decepção, de tanta frustração e de tanta insegurança quanto à validade de seu trabalho voluntário do qual ele poderá pensar em desistir, em parar, não voltar, em largar tudo, por não acreditar nas pessoas, por duvidar da proposta ou até mesmo por vacilar quanto à sua capacidade como agente de transformação e como participante desse jeito de construção (ou reconstrução?) de um mundo melhor.

Um risco nessas situações extremas de euforia ou de melancolia é a pessoa se comprometer com uma ou com outra, como se elas fossem mais duradouras do que são; quando, maduramente, elas precisam ser vividas como lições: umas são referências do que queremos reeditar e outras são referências do que devemos evitar.

Daí uma postura absolutamente relevante e constante para uma pessoa não se machucar ou se machucar menos em trabalhos espontâneos e gratuitos em ações ambientais ou em ações sociais: **O VOLUNTÁRIO É O MELHOR CONSTRUTOR E GUARDIÃO DO SEU PRÓPRIO CONFORTO EMOCIONAL.**

Recorrendo outra vez à lembrança de que "saco vazio não para em pé", em primeiríssimo lugar, com ênfase, o voluntário precisa estar preparado para "estar sozinho na multidão". Quanto mais inovadora, quanto mais transformadora e quanto mais diferente da mesmice forem a causa e a Metodologia, maiores os riscos de incompreensão, de medos, de ameaças, de críticas, de rejeições neste mundo de mesmices. Então, para reduzir conflitos, dilemas, inseguranças e angústias, **o voluntário não pode vacilar em relação às motivações essenciais e transcendentais, a partir das mais abstratas: sentido da vida, processo de evolução, ação transformadora, resultados como compromisso ético, etc.**

Um jeito de verificar se estou na linha de coerência, de consistência e de consequência que me fortaleçam para agüentar adversidades é ter um bom "espelho" para perguntas como estas:

O que estou fazendo contribui claramente para minha transformação, minha evolução (cívica, espiritual, profissional, emocional, corporal)?

O que estou fazendo contribui efetivamente para melhorar a quantidade e a qualidade das Águas?

O que estou fazendo faço por prazer ou por obrigação?

O que estou fazendo continuarei fazendo só, mesmo que outros deixem de fazer?

Tenho motivação para fazer o que faço independentemente de outras pessoas e, se necessário, apesar delas?

O que faço é uma oportunidade de cuidar de minha evolução e de participar da evolução da raça Humana, de revitalizar o Planeta Terra e de harmonizar o Homem na ordem cósmica?

O que eu faço, por menor que seja, resulta em alguma evolução, efetiva alguma transformação, dá resultados para a Terra, para a Humanidade, para a Natureza?

Quem tiver firmeza em respostas afirmativas a essas questões humanísticas, cósmicas e espirituais certamente não vacilará ou vacilará menos, diante de ameaças, dilemas, incompreensões e embaraços sociais e econômicos do cotidiano.

Mas, para ter firmeza e positividade ninguém precisa e nem deve entrar por situações sofisticadas, grandes, de difícil alcance, principalmente se, além de grandes e sofisticadas, também forem genéricas, como, por exemplo, "salvar o Rio São Francisco", "conscientizar as crianças e os adolescentes", etc., etc.

Tudo fica ainda mais complicado se o voluntário achar que só chega a ser bom ambientalista quem tiver a coragem de um resistente e bravo militante do "Green Peace" ou tiver a humildade e a paciência de São Francisco.

O desafio contemporâneo e o jeito diferente de ver, sentir e cuidar da gestão de Águas que se explicitam neste livro consideram que vamos avançar em resultados quanto mais tivermos propostas, Metodologias e ações ambientais que efetivamente incluam "gente comum" em iniciativas comuns, de modo comum.

Assim, a dona de casa e a empregada doméstica, o proprietário rural e o trabalhador rural estarão sendo ambientalistas e cuidando de sua evolução e da revitalização do Planeta Terra se escolherem ecologicamente o detergente que usam, se reduzirem o lixo que produzem, se fizerem mudas das sementes de frutas que consomem, se plantarem árvores para as próximas gerações, etc., etc., etc.

SE ISSO É O QUE ELES DÃO CONTA DE FAZER, SEM SACRIFÍCIO, SEM HEROÍSMO E SEM SOFRIMENTO, É ISSO QUE ELES DEVEM FAZER, É ISSO QUE DEVE SER SUGERIDO A ELES QUE FAÇAM E É POR FAZER ISSO QUE DEVEM SER CONSIDERADOS, RESPEITADOS E HOMENAGEADOS COMO AMBIENTALISTAS, TÃO AMBIENTALISTAS COMO OS QUE FAZEM DISCURSOS, PARTICIPAM DE SEMINÁRIOS, CRIAM ESTRUTURAS, MOBILIZAM-SE EM DENÚNCIAS, ETC., ETC.

Um passo para facilitar a inclusão de donas de casa, empregadas domésticas, fazendeiros, sitiantes e trabalhadores rurais na rede de ações ambientais é conversar com eles sobre onde todos nós somos menos competitivos, menos egoístas e menos belicosos: nas igrejas, nos centros espíritas, na Maçonaria, no Lions, no Rotary e onde mais cuidamos de sentimentos, virtudes e valores de cooperação, de solidariedade, de fraternidade, de civismo, de evolução e de transformação. Essas conversas não devem e não podem ser de "vender idéia", de "conscientizar", de "conquistar" ou de qualquer outra "técnica" de dominação, de infantilização, de culpa. Ao contrário, precisa ser conversa libertadora, de "empowerment", de inclusão desses novos atores na rede de cidadania pela melhoria do mundo.

E, aí, o conforto emocional de cada participante (mesmo anônimo e autônomo) da rede é o conforto, saúde, força e energia na rede (detalhes sobre conceito de Rede estão nos Capítulos VIII e XV).

A lógica de uma mobilização cidadã

Para que se trate, efetivamente, de um novo jeito de ver, sentir e cuidar de gestão de Águas e de projetos sociais, é mais importante o "como fazer" do que "o que fazer", que se parece em quase toda iniciativa de mobilização social – palestras, encontros, seminários, informativos, workshops, capacitações, etc., etc.

Não basta fazer o discurso da mudança, principalmente quando queremos só a mudança do outro, como se nós fossemos perfeitos. Sem perceber, nós nos parecemos com os colonizadores do Brasil, que, em nome de Deus e do Rei, se colocavam como donos da verdade e doutrinadores da salvação, querendo fazer crer aos nativos que seu Deus deveria ser outro, como outros e outras devèriam ser sua língua, seus costumes e até mesmo sua relação com a Natureza.

Esse desafio começa pela constatação de que uma adequada e efetiva Mobilização Social para uma boa gestão cidadã depende de uma "Lógica Social" que difere significativamente da "Lógica Empresarial do Lucro" e da "Lógica Governamental", ambas impregnadas da "Lógica da Guerra".

De forma simplificada, pode-se afirmar que a "Lógica Empresarial do Lucro", quando se trata de produção, praticamente dispensa o Homem. Exemplos desta crua e cruel realidade: a indústria substitui o Homem pela máquina em tudo o que for possível; o comércio se automatiza e cobra do consumidor no limite da perda do cliente; as aplicações financeiras são úteis somente a quem delas se apropria; os apelos promocionais de consumo são veiculados para dominar o receptor pelas suas fraquezas, e não para assessorá-lo, na escolha, por suas virtudes. Isso se agrava mais ainda quando a empresa é contaminada pela "Lógica da Guerra" e o espírito de competição chega a tal ponto no "salve-se quem puder" que os empregados, os clientes e consumidores são alvos ("públicos-alvo") na guerra de mercado, onde mercadorias, produtos e serviços são armamentos no objetivo do lucro e na eliminação dos concorrentes. Não raramente, os empregados costumam ser munição nessa guerra, movidos por dinheiro, por promoções ou pelo medo de perder o emprego.

Na "Lógica de Governo" a palavra-chave, embora não explicitada, é o substantivo Poder como forma de corresponder ao propósito sempre alardeado de praticar o verbo Poder, desde que essa prática não coloque em risco a estabilidade do cargo que faz o ocupante poderoso ao dispor de máquinas, equipamentos, pessoas, assinatura autorizada, palavra acatada, etc., etc.

Diferentemente das outras Lógicas, a "Lógica Social" nutre-se basicamente de valores permanentes da Humanidade, do que se sente mais do que se vê, do que se toca mais com o coração do que se toca com as mãos. É a Lógica do Humanismo, da Cidadania, da Cooperação, da Ética, da Fraternidade, da Solidariedade, da Paz, da Generosidade, da Harmonia, do Amor, da Libertação.

UM GIGANTESCO PROBLEMA NA ÁREA SOCIAL E NA GESTÃO DE ÁGUAS É A FALTA DE REALIZAÇÃO DE RESULTADOS COMO COMPROMISSO ÉTICO, NA MESMA PROPORÇÃO QUE A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO ASSEGURAM LUCROS COMO SUA RAZÃO DE EXISTIR E OS GOVERNANTES BUSCAM ACEITAÇÃO DE CONTRIBUINTES E ELEITORES COMO COMPROVAÇÃO DE SUCESSO E FATOR DE SUA ESTABILIDADE.

A falta de maior compromisso e de mais êxitos nos resultados de atividades sociais se reflete nas páginas de jornais, nos chocantes noticiários de TV, nos nossos medos, nos nossos sentimentos de desconforto, no sofrimento de milhares de excluídos e na degradação do meio ambiente, fazendo-nos reféns de nós mesmos.

Uma das mais fortes razões do pouco sucesso na área social, principalmente no atendimento a crianças, e no cuidado com as Águas, é que as pessoas empenhadas em educação ambiental e em mobilização, ainda

que inadvertidamente, por usos e costumes, pela mesmice de acadêmicos, teimam em "importar" das empresas lucrativas e também dos Governos alguns traços de suas Lógicas e muitos de seus "armamentos". Copiar competição, hierarquia, dominação, desconfiança, padronização e outras características típicas da guerra de mercado e aplicar em atividades sociais é tão impróprio, ingênuo e pouco gerador de resultados como seria inadequado e pouco eficaz uma atividade lucrativa depender de trabalho voluntário, liberdade, informalidade, fraternidade e outros valores inerentes a relações cidadãs.

Um texto que ilustra bem esta questão das Lógicas de cada setor com seus caminhos e jeitos de caminhar rumo à libertação ou rumo à dominação é este do humanista, pedagogo e consultor Antônio Carlos Gomes da Costa:

Estórias de Gado e Gente

"Os bois de carro são escolhidos no meio da novilhada ainda mamando. O olho experiente do fazendeiro, ou do camarada incumbido da tarefa, vai distinguindo no meio da jovem boiada os bezerros de maior porte, peitaria mais larga e postura mais firme. Seus olhos vão juntando-os em duplas, considerando o tamanho, o jeitão dos bichos e a cor da pelagem.

Formada a dupla, ou melhor, a junta de bois de carro, o passo seguinte é colocar uma canga no pescoço dos novilhos, um pau forquilhado, que é para ele já ir se acostumando aos adereços do carro. Depois, as cangas são juntadas uma à outra por uma corrente e os bichos vão aprendendo a ficar juntos, ligados um ao outro, como se fossem um. O passo seguinte é atrelar nas cangas um pedaço de tronco, para a dupla arrastar por todo o canto e, assim, desenvolver a musculatura das pernas e do peito, aprendendo ainda a deslocar pesos maiores que o próprio corpo.

Só depois de passar por estágios de iniciação é que a dupla é atrelada ao carro e, aí, é que começa o trabalho do carreiro, cujas ferramentas principais de comando são a voz e o ferrão. Quando o boi desvia do comportamento esperado, o ferrão entra e cumpre seu papel. Quando o animal vai fazendo o que dele se espera, a toada melodiosa do carreiro vai adoçando seus ouvidos, de vez em quando uma lizada ou uns tapinhas de leve e palavras em tom de elogio completam a sensação de aprovação e aceitação. A junta marcha satisfeita e a carga transportada parece até que fica mais leve.

Um detalhe. Na ponta do ferrão existem umas argolinhas, que tilintam, quando ele é manejado. Chega um ponto em que nem é mais necessário furar o bicho. Só de ouvir o tilintar das argolas, o boi já sabe que está se desviando do esperado e rapidamente se enquadra no figurino. Essa é a "pedagogia" do boi de carro.

Essa "pedagogia", no entanto, pode se transformar num desastre, se tentarmos aplicá-la às vacas leiteiras. Uma vaca, para dar muito leite, não pode estar tensa, estressada. Ao contrário, ela tem de sentir-se bem, de estar satisfeita, de estar feliz consigo mesma, relaxada. Não está nela. Não depende dela. Se ela estiver sentindo medo, dor ou raiva, o leite ou cessa ou vem de pouquinho e em quantidade muito menor do que aquela que ela, em outras condições, seria capaz de produzir.

Aqui, a ação do fazendeiro é outra. Ele vai primeiro sentir e conhecer a vaca. Saber o jeito dela se comportar em distintas ocasiões, conhecer o seu temperamento e o modo como ele se manifesta, gostos, preferências, manhas, treitas, carinhos que lhe fazem a delícia, nada pode ser ignorado. Tudo é importante, pois tudo se converte em leite no final das contas. Leite generoso, cremoso, que chega fácil, farto e sem nenhuma adrenalina.

Tirando os bois de carro e as vacas leiteiras, o resto é gado de corte, que é tangido de lá pra cá, e daqui pra lá pelo boiadeiro, o cavalo e o cachorro sem maiores considerações. Sua única função é ganhar peso e seu único destino, o frigorífico. Seu comportamento, desde que engorde e não cause danos, não importa muito.

Na atividade econômica a lógica do lucro é tão forte, que todo mundo se submete à lógica da pura exterioridade, que é a lógica do que tem de ser feito para atrair, satisfazer, conquistar e manter clientes. O mercado é o grande carreiro, o grande condutor. Para uns ele é lucro ou prejuízo, para outros, ele é emprego e ascensão na carreira ou carreira estagnada e demissão. O mercado é um bom mestre, pena que, às vezes, seja muito cruel. Ele mete o ferrão sem dó e quando seus guizos tilintam, quem se atreve a não se enquadrar? Quem ousa bater de frente? As debandadas das bolsas são o melhor exemplo disto.

Na atividade social, a lógica é aquela das vacas leiteiras. Aqui, para você conquistar pessoas e grupos e levá-los a atuar, dentro de determinados parâmetros, a lógica das sanções (ferrão do carreiro), que é a lógica da pura exterioridade, não funciona. Para você chegar a influir na exterioridade do processo, você tem de passar primeiro pela dimensão da interioridade (crenças, valores, motivações, sentido e outras experiências do mundo interior das pessoas e dos grupos).

Aqui, falamos de ideário comum, e não de modelo ou padrão. Aqui, falamos de visão e motivação compartilhados e não de operações padronizadas. Aqui, falamos de unidade na diversidade e não de uniformização. Ou seja, inculturamos, e não, aculturamos. Prezamos a extensividade, mas não desprezamos a identidade. E, para chegar a uma externalidade limitada por parâmetros comuns, empenhamo-nos em passar, antes, pela via da

interioridade. O caminho do social deve ser o da compreensão weberiana, e não o do comportamentalismo americano.

No modelo vaca leiteira, para você ter o domínio das regras que informam uma relação, você tem, antes, de fazer uma imersão no processo e, weberianamente, compreender as relações culturais que o informam, ou seja, passar pela interioridade antes de atingir a dimensão das normas, dos padrões e das estereotípias.

A lógica do social é geradora e construtora de identidades e de singularidades, como matéria-prima e condição para a construção de práticas verdadeiramente extensivas.

O propósito de disseminar as melhores práticas é lúcido e generoso. A pretensão de fazê-lo de forma mecanicista é, além de reducionista, mesquinho. Mesquinho porque tolhe a iniciativa e a criatividade das bases e, por isso mesmo, nega-lhes oportunidades reais de empoderamento.

O que precisamos aprender é disseminar iniciativas na "pedagogia vaca leiteira" sem ignorar ou deixar de reconhecer a importância dos demais paradigmas (boi de carro e gado de corte), para proceder à extensão de bens e serviços. O principal, porém, é entender que abraçar um modelo enquadrador em vez de um modelo emancipador é negar a natureza essencial, ou seja, a vocação ontológica de desenvolver o potencial de pessoas e organizações para que elas possam ser elas mesmas."

"É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indelévels e permanece definitivamente."

Leonardo Boff





Uma decisão pessoal: “Isto faz sentido”, “Isto EU POSSO fazer”, “Isto EU VOU fazer”

“Nunca duvide da capacidade de um pequeno grupo de dedicados cidadãos para mudar os rumos do Planeta. Na verdade eles são a única esperança de que isto possa ocorrer.”

Margareth Mead

Sempre que alguém quiser cuidar de gestão de Águas ou gestão de projetos sociais empenhando-se em resultados como um compromisso ético, pessoal, individual, existencial, convém lembrar de uma óbvia, universal e permanente constatação: “sacos vazios não param em pé”. Esta lembrança não é para excluir participantes vazios de filosofia, de conceitos, de Metodologia, de “empowerment”, de empenho e de virtudes e valores que transcendam suas obrigações funcionais e seus interesses materiais: é para enfatizar que melhores resultados costumam ser alcançados quanto mais participantes não dependam uns dos outros para agir (“antes só do que mal acompanhado”), mas ajam juntos apenas e tão-somente por conveniências de complementariedade entre eles, em função de objetivos, causas e missões que os unam (veja, a propósito, convém ver o texto sobre “Autonomia com Interdependência e Interdependência com Autonomia” no Capítulo VIII).

Neste caso, atuar do individual para o coletivo, do micro para o macro, do específico para o genérico, do local para o geral é uma opção estratégica para um posicionamento de complementariedade, evitando superposições com tantas pessoas e tantas instituições que mais atuam do coletivo para o individual, do macro para o micro, do geral para o local. Dessa direção estratégica é que surgem iniciativas cidadãs altamente significativas, como assegurar a preservação de uma Nascente ou trocar uma atividade econômica poluidora por uma adequadamente ecológica e igualmente rentável. É UMA DECISÃO PESSOAL E UMA OPERAÇÃO SOLITÁRIA. Também é assim que acontece quando uma dona de casa faz uma opção consciente pelo detergente biodegradável ou por um material reciclável deixando de comprar produtos poluidores só por estarem em promoção ou por terem sido recomendados na televisão, decidindo pelo que é melhor ou

não à Vida. Enfim, é grande o espaço e relevante a importância de quem queira ser ambientalista e gestor de Águas, individualmente em seu cotidiano, em suas atividades rotineiras, sem sair de suas funções, sem trocar de roupa e sem usar crachá, como podem fazer milhares de donas de casa em seus afazeres domésticos e milhares de produtores e trabalhadores rurais em seu trabalho sempre dependente de Água.

A ação individual é uma questão de ética, cidadania, civismo, humanismo de cada um que desenvolva por razões pessoais, íntimas e únicas. E a ação se torna mais exemplar quanto mais for espontânea e despojada de exibicionismo.

Iniciativas cidadãs individuais

Exemplos de atitudes e de ações individuais que posso adotar independente e até apesar de outras pessoas:

- escolher detergentes, desinfetantes, sabão em pó, sabão em barra, sabonetes, xampus e outros produtos domésticos lembrando-se que o resíduo deles vai para alguma Água. Por isso dar preferência aos biodegradáveis e aos naturais;
- coletar e disseminar informações sobre preservação e revitalização de Águas;
- dar preferência a embalagens de papéis e papelões recicláveis ou de outros materiais degradáveis, em lugar de embalagens de plástico e de isopor;
- reduzir a produção de lixo;
- produzir mudas a partir de sementes de frutas saborosas, de flores bonitas e de árvores frondosas;
- incluir minha família, minha igreja, meus amigos neste jeito diferente de cuidar das Águas;
- visitar e incentivar visitas a Nascentes, cachoeiras, córregos e ribeirões;
- plantar e cuidar de árvores;
- plantar e cuidar de flores;
- incentivar e desenvolver atividades de piscicultura;
- fazer e incentivar coletas seletivas de lixo;
- produzir textos, ler textos e incentivar a produção de textos sobre Águas;
- produzir fotos e vídeos e incentivar a produção de fotos e vídeos sobre Águas;
- coletar e usar Águas de chuvas;

- produzir artesanatos com matérias-primas que seriam consideradas lixo ou direcioná-las a quem faça bom uso artístico ou econômico delas;
- evitar saquinhos e sacolas de plásticos oferecidos exageradamente por padarias, sacolões, supermercados, bancas de jornais, etc.;
- plantar, usar e distribuir mudas de plantas medicinais;
- incentivar e desenvolver criação de animais silvestres em projetos cadastrados no Ibama;
- incentivar e desenvolver atividades de produção de adubo orgânico;
- demonstrar efetivo interesse pela proteção de zonas de recargas ou áreas de recargas;
- demonstrar efetivo interesse pela preservação de Águas subterrâneas;
- conhecer, utilizar e difundir Metodologias eficazes em gestão (Cidadã de Águas);
- dar preferência a produtos de madeiras cultivados ecologicamente, com selo verde;
- em lazer e turismo, dar preferência a atividades que não poluam e não agredam o meio ambiente;
- dar preferência a produtos naturais, cultivados organicamente;
- incentivar e desenvolver atividades de monitoramento de qualidade e de quantidade das Águas;
- incentivar e desenvolver atividades de circulação de informações que contribuam, fortaleçam ou reforcem a rede de Cidadania pelas Águas.

Veja mais ações e atitudes individuais interessantes ao meio ambiente no texto a seguir, de Rosângela Rezende, publicado no suplemento feminino do Jornal "O Estado de São Paulo", dia 18.11.2000.

"Se o assunto é lixo, a reciclagem é apenas o último 'R' de uma sequência de três ações para atacar o problema. Antes dela, estão os dois que realmente fazem a diferença na mudança de comportamento com relação aos resíduos: a redução (na geração) e a reutilização. Por meio deles racionaliza-se o uso de materiais no nosso cotidiano, poupa-se a natureza da extração constante de matéria-prima e diminui-se o acúmulo diário de lixo.

A redução de resíduos é importantíssima. Os números relativos ao lixo da cidade de São Paulo apontam nessa direção. São produzidas, todos os dias, 13 mil toneladas de resíduos, ou um prédio de 20 andares – um quilo por paulistano, em média. Todo este material consome em torno de 7% do orçamento municipal e está lotando os dois aterros da cidade que, até o final de 2001, estarão totalmente saturados.

O crescimento da Capital paulista e as leis de preservação ambiental impedem a instalação de novos aterros. A solução, para qualquer cidade passa,

irremediavelmente, pela menor produção de lixo. "Temos de aumentar a vida útil dos materiais, diminuir o consumo exagerado e o uso de descartáveis", orienta a bióloga e educadora Patrícia Blauth, consultora na área.

Poder de mudança – Para isso, é preciso mudar valores e hábitos. Trocar guardanapos, toalhas, coadores de papel pelo tecido.

Substituir fraldas descartáveis pelas de pano. Comprar frutas e verduras a granel, levando à feira as próprias sacolas, ou carrinho, para não acumular mais sacos plásticos. Preferir embalagens retornáveis, como as garrafas de vidro para bebidas.

Optar por produtos de limpeza biodegradáveis, que ajudam a diminuir o acúmulo de resíduos tóxicos nos rios e mares também é importante. Utilizar os dois lados de um papel diminui o corte de árvores para a produção de mais papel. Trocar o copo e a colher de plástico, descartáveis, no local de trabalho por uma caneca e colherinha de metal contribui mais ainda.

Estas dicas podem parecer um retrocesso diante da tecnologia que poupa tempo. Mas, se lembrarmos que nossas mães e avós passavam sem ela (e algumas já trabalhavam fora), as mudanças, talvez, não pareçam tão impossíveis.

Prova disso são os países que já mudaram seus hábitos de consumo. Na Dinamarca, as embalagens descartáveis de bebidas não-alcoólicas e cerveja foram proibidas em 1981. Apenas as retornáveis são permitidas.

"Só informar, não faz as pessoas alterarem seu comportamento", garante a educadora Patrícia. "O que motiva é o vínculo de amor que se tem pelo meio ambiente e a confiança no próprio poder de mudança." Quando se acredita que não jogar papel na rua ou separar o lixo de casa e doá-lo a uma entidade faz diferença, isto realmente acontece. É o exemplo do cidadão consciente, preocupado com a cidade e a natureza, que mobiliza outras pessoas. São esforços individuais somados que realizam as verdadeiras transformações.

"Para termos menos lixo, precisamos rever nosso paradigma de felicidade", afirma Patrícia, citando o "lixólogo" austríaco Gerard Gilnreiner. "Ter menos lixo significa ter mais qualidade, menos quantidade; mais cultura, menos símbolos de status; mais esporte, menos material esportivo; mais tempo para as crianças, menos dinheiro trocado; mais animação, menos tecnologia de diversão; mais carinho, menos presente; mais charme, menos maquiagem."

Disposição de cada um – Se você já se convenceu a tratar o lixo de maneira diferente (reduzindo e reutilizando o possível), pode ainda separar os resíduos de sua casa para a reciclagem. A primeira dica para a triagem domiciliar é começar pelo fim, garantindo o destino dos resíduos a serem selecionados.

No caso de seu município não possuir um programa organizado de coleta seletiva é preciso procurar uma entidade assistencial, instituição ou catador que colete o material separado. Sem este procedimento, de nada adiantará seu esforço de seleção e armazenamento, pois os resíduos recicláveis serão misturados no caminhão da coleta regular de lixo.

A triagem caseira dependerá, então, do que a entidade escolhida receber e da participação dos moradores da casa. Caso ela só aceite papel, não valerá a pena separar o resto. É claro que a empolgação pode levar à busca de novos locais que aceitem os outros recicláveis. Ainda vai depender do envolvimento pessoal de cada um, a forma de seleção a ser feita.

Quem se motiva, não divide os resíduos apenas em recicláveis e não-recicláveis. O entusiasta da coleta seletiva separa o lixo em pelo menos quatro categorias: metal, vidro, plástico e papel. Este cuidado diminui o trabalho de quem recolhe, poupando seu tempo na triagem. Existem outros que, conhecendo a divisão minuciosa que será feita pela instituição recolhadora, e podendo realizá-la, subdividem mais ainda. Tipo: um saco para vidro branco, outro para o verde e outro para o marrom.

O passo seguinte é escolher um espaço para armazenar os recipientes com recicláveis até a hora da coleta. Algum canto da área de serviço, ou debaixo da pia, pode ser adaptado para recebê-los. Ao contrário do lixo comum (que continuará recebendo as sobras de comida), os recicláveis separados devem ser lavados com água, para retirar os restos alimentares. Depois, é só deixá-los secar naturalmente e descartá-los para armazenagem.

"Isto cria outro vínculo com o material", explica Patrícia. "Perde-se o nojo e o que era lixo virá algo nobre." Há ainda a vantagem sanitária: o que está limpo não atrai insetos, nem provoca mau cheiro. Diminuir o volume dos recicláveis é outra dica importante para facilitar o armazenamento e o transporte. Latas de alumínio devem ser amassadas, caixas podem ser desmontadas e papéis, como folhas, revistas e jornais, empilhados sem embolar.

Se a entidade que fica com seus resíduos não coleta em sua casa, (o que é comum, já que a quantidade do lixo doméstico individual é pequena) e não há espaço suficiente para guardá-los, existem soluções. O porta-malas do carro pode quebrar um galho. Como o material já está limpo, é só ir colocando os sacos de material selecionado. Quando o porta-malas lotar, é hora da entrega.

Maioria tem mercado – Conhecer um pouco mais sobre os materiais do lixo doméstico ajuda na seleção e, principalmente, na hora da compra. Sabendo-se que o isopor não é reciclado no Brasil – embora exista tecnologia para isso e outros países o façam – pode-se optar pela substituição. Melhor ignorar filés de frango em pratinhos de isopor e comprar em pratinhos de plástico, que são recicláveis.

As embalagens de biscoitos, bolachas e salgadinhos (que fazem barulho e, muitas vezes, são aluminizadas) também não são recicladas no País. Vã lhes fazer companhia nos aterros sanitários os papéis carbono, etiquetas adesivas, fitas crepe, fotos, esponjas de aço, porcelana, cerâmica, couro e espelhos.

Felizmente, dos dejetos domésticos, a maior parte já encontra mercado de reciclagem. Mas não para o mesmo fim. Este é um dos principais mitos que envolvem a reciclagem: a idéia do ciclo fechado perfeito. As pessoas acham que a transformação de uma garrafa de plástico em outra, por exemplo, após seu descarte, é ilimitada. Uma inverdade. "O ciclo fechado é especialmente inadequado no caso dos plásticos", informa a consultora Patrícia.

Garrafa descartável de refrigerante ou de Água não será transformada numa nova garrafa, mas sim em outros produtos, como enchimento para sacos de dormir, jaquetas de ski, solados, cano (destino da maior parte dos objetos de plásticos PVC). E como a oferta de garrafas descartadas é maior do que a demanda por sacos de dormir, jaquetas de ski, solados, cano, mais duráveis, haverá sempre garrafas sobrando que acabam no lixo.

A produção de novas garrafas descartáveis (ou de outros materiais de plástico) continuará dependendo da exploração de matéria-prima virgem, no caso, o petróleo. Daí a importância de, primeiro, priorizar a redução e a reutilização. Mas se não der, então opte, pelo menos, por materiais que possam ser reciclados, como o filme de PVC (aquele plástico fininho que embala alimentos), que se transforma em cordas para varal, cano, cartão magnético (também reciclável).

A caixa longa vida (conhecida pela marca Tetra Pak), usada para embalar leite, molhos de tomate, sucos, etc., também não se transforma no mesmo objeto – e nem é reciclada por inteiro. Como a embalagem é um misto de plástico, papel e alumínio, só um deles é aproveitado (normalmente o papel) e os outros, eliminados.

Lei bem-vinda! – Outro tipo de lixo que não pode ser esquecido é o denominado 'resíduo perigoso'. São as pilhas, baterias de celular e de carro, tintas, solventes, lâmpadas fluorescentes, e outros. Eles possuem substâncias prejudiciais ao meio ambiente e à saúde das pessoas, como mercúrio, cádmio, lítio, níquel e chumbo. Nos lixões e aterros, esses resíduos tóxicos contaminam o solo e o lençol freático.

Desde 22 de julho, porém, a resolução 257/99 do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama), órgão do Ministério do Meio Ambiente, obriga os fabricantes e importadores de pilhas e baterias a recolhê-las e tratá-las de maneira ambientalmente correta. Existe também a resolução 258/99 que exige o mesmo para pneus. A lei de crimes ambientais 9605 prevê punição aos infratores flagrados jogando estes materiais no lixo comum: 1 a 4 anos de

prisão e multa. O Brasil é o único país da América do Sul que já tem leis sobre o assunto.

"Há uma tendência clara da legislação que vem sendo elaborada em estimular uma política de consumo sustentável", informa o advogado Fernando Pinheiro Pedro, que foi presidente da Comissão de Meio Ambiente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Para que as leis sejam cumpridas, no entanto, é necessário que a população exija dos pontos de venda a criação de postos de recolhimento destes produtos. Só assim, eles poderão chegar a fabricantes e importadores e receber a destinação final adequada."

TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO DE MATERIAIS USUALMENTE JOGADOS NOS RIOS, NOS LAGOS E NO MAR	
Material	Tempo de decomposição
Papel	De 3 a 6 meses
Pano	De 6 meses a 1 ano
Filtro de cigarro	5 anos
Chicletes	5 anos
Madeira pintada	13 anos
Nailon	Mais de 30 anos
Plástico	Mais de 100 anos
Metal	Mais de 100 anos
Borracha	Tempo indeterminado
Vidro	1 milhão de anos

Fonte: A Água nossa de cada dia. Ziraldo

Iniciativas cidadãs individuais podem ser conjugadas e potencializadas com outras pessoas

Da mesma forma que algumas atitudes e ações podem e devem ser individuais, outras podem e devem ser expressas em atos compartilhados.

Aqui, ao tratar disso, ainda não estamos nos referindo a projetos, programas e movimentos institucionais, como faremos nas próximas páginas, porque estamos falando só de ações que podem ser individuais, mas que se potencializam quando desenvolvidas em pequenos grupos ou pequenas equipes de trabalho.

Esse tipo de movimentações da "sociedade civil não organizada" tem potencial para ser uma interessante forma de mobilização social e de participação popular em gestão de Águas.

Na prática, esta linha de trabalho é uma das que mais podem dar visibilidade e resultados neste jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Águas, pela possibilidade de preservar características de ética, empreendedorismo,

cidadania, emoção e cuidados de uma iniciativa pessoal e ganhar em organização, pela complementariedade de valores agregados.

Exemplos de ações individuais conjugadas e potencializadas com a participação de outras pessoas:

- Organizar encontros e desenvolver atividades sobre boa gestão de Águas em Igrejas, Lojas Maçônicas, Lions, Rotary, centros espíritas, etc., integrando à gestão de Águas pessoas que geralmente não são consideradas nesse assunto, com destaque para donas de casa, empregadas domésticas, fazendeiros, sitiantes, trabalhadores rurais e outros profissionais, com especial atenção e especial respeito para quem seja de mais baixa escolaridade.
- Ser referência de articulação e de animação em passeios ecológicos a Nascentes, cachoeiras, córregos, ribeirões e rios.
- Integrar em iniciativas de gestão cidadã de Águas e lixo jovens de clubes de serviços (Leo Clube, Rotaract, Interact, Demolay, Filhas de Jó, etc.) e jovens de movimentos religiosos.
- Organizar mutirões de preservação e revitalização de Nascentes e córregos com crianças e adolescentes.
- Incentivar e dar visibilidade à produção de textos sobre Águas.
- Organizar exposições de fotos e de artes plásticas.
- Incentivar a produção de peças teatrais e de músicas sobre revitalização de Águas.
- Organizar celebrações religiosas e espirituais (missas, cultos, sessões, meditações, etc.) em Nascentes, córregos, cachoeiras, ribeirões e rios em bom estado de preservação como rituais de homenagens e agradecimentos pelas Águas.
- Organizar celebrações cívicas em datas comemorativas de Águas (Dia Mundial da Água, Dia do Meio Ambiente, etc.).
- Organizar homenagens (placas, certificados, etc.) de reconhecimento a produtores e trabalhadores rurais que se destaquem em boa gestão de Águas.
- Incentivar o plantio e uso de plantas medicinais e de hortas orgânicas.
- Organizar e incentivar grupos de estudos sobre Águas.
- Organizar e incentivar palestras, encontros e atividades sobre Água e Vida ou Natureza e Paz ou Água e Amor ou Água e Cidadania.
- Organizar e incentivar grupos de pessoas interessadas em conceitos e Metodologias sobre participação popular e sobre voluntariado.
- Articular e estimular outras pessoas para que em grupo desenvolvam um trabalho de persuasão e, se necessário, de pressão, para que as autoridades façam levantamentos e disponibilizem informações sobre zonas de recargas.

- Articular reuniões, palestras, encontros sobre assuntos pouco trabalhados em meio ambiente e que precisam ser valorizados, tais como: monitoramento da quantidade e da qualidade da Água, reaproveitamento da Água de chuva, áreas de recargas, barraginhas e alternativas econômicas ecológicas.
- Conversar sobre alternativas econômicas ecológicas em clubes de serviços, igrejas de todos os credos, etc.
- Organizar oficinas sobre alternativas econômicas ecológicas.
- Organizar mutirões e oficinas sobre redução, reutilização e reciclagem do lixo.
- Organizar exposições de produtos artesanais feitos a partir do lixo.
- Organizar e disponibilizar informações sobre quem está fazendo o quê, onde, para outras pessoas da rede de cidadania pelas Águas.
- Organizar feiras de flores, mudas de árvores, agricultura orgânica e plantas medicinais.
- Organizar festivais e concursos de música, poesia, gastronomia e arte sobre temas ambientais.

Ações institucionais de organizações governamentais e/ou não-governamentais com recursos públicos

Um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão cidadã de Águas, de gestão de recursos naturais e de gestão de projetos sociais de resultados transformadores por cidadãos envolvidos emocional intelectual, burocrática, profissional, política ou comercialmente com a cultura de dominação e infantilização da maioria dos contribuintes deve começar pela revisão de suas posições por uma razão óbvia e extremamente prática e concreta: os jeitos usuais de ver, sentir e cuidar à custa de muito dinheiro, muita burocracia e muito autoritarismo estão esclerosados e não favorecem a obtenção de resultados proporcionalmente ao tanto de recursos empregados (dinheiro, funcionários públicos, técnicos contratados, infra-estrutura, tempo, voluntários, viagens, investimentos de empresas, etc.)

Exemplos de iniciativas e ações de cidadãos em organizações governamentais e/ou não-governamentais em gestão cidadã de águas que estimulem, animem, possibilitem e favoreçam a participação da "sociedade civil não organizada", de "pessoas comuns":

- Levantar, organizar e facilitar a circulação de informações sobre zonas de recargas e sobre Águas subterrâneas.
- Premiar, reconhecer e valorizar iniciativas, atitudes e ações de cidadãos autônomos ou de instituições que sejam desenvolvidas em favor das Águas sem dinheiro de Governos.

- Produzir e incentivar a produção e divulgação de textos, fotos, vídeos, músicas, artes plásticas, etc., que valorizem abundância e beleza na gestão de Águas.
- Produzir e incentivar atividades econômicas adequadas à preservação e à revitalização de Nascentes, córregos, ribeirões, rios, cachoeiras, zonas de recargas e Águas subterrâneas, com destaque para piscicultura, plantas medicinais, ecoturismo, criação de animais e de aves silvestres em projetos legalmente credenciados, etc., etc.
- Viabilizar viveiros de mudas, laboratórios de alevinagem, coleta e seleção de sementes e outras condições de apoio a produtores independentes.
- Ter coerência, consistência, conseqüência, presteza, critérios, justiça e muito respeito em fiscalizações e punições.
- Incentivar ações cidadãs autônomas.
- Articular e oferecer apoios governamentais e empresariais a ações cidadãs autônomas com foco em "empowerment" (fortalecimento, energização e empoderamento: isto EU POSSO) e não em dominações sutis ou vulgares que infantilizam e condicionam a participação, desmobilizando e desencorajando empreendedorismo.
- Produzir e disponibilizar mapas municipais que localizem Águas, para distribuição a crianças e adolescentes.
- Organizar e incentivar atividades de sacralização em Nascentes e cachoeiras (visitas de crianças, plantio de flores, missas católicas, cultos ecumênicos, cultos evangélicos, rituais espíritas, etc.).
- Incluir preservação e revitalização de zonas de recargas, de Águas subterrâneas e Águas superficiais na legislação municipal sobre uso e ocupação de solos.
- Viabilizar programas permanentes de análises e monitoramento da qualidade e quantidade de Águas em todos os córregos, ribeirões e rios.
- Levantar e fazer circular informações sobre sabões, detergentes e xampus mais adequados, sobre materiais recicláveis e não recicláveis, sobre produtos biodegradáveis ou não biodegradáveis, sobre agrotóxicos e sobre práticas agressivas e práticas conservacionistas no uso de solos, no manejo de Águas superficiais e na preservação de zonas de recargas e de Águas subterrâneas.
- Articular a participação de Igrejas de todos os credos, Lions, Rotary, Lojas Maçônicas, Sindicatos, etc., na rede de gestão cidadã de Águas.
- Viabilizar programas de trabalho artesanal e geração de rendas com resíduos do lixo.
- Viabilizar a implantação de estações de tratamento de esgotos.

- Produzir e incentivar a produção de textos, de cartazes, de adesivos e de outras peças que favoreçam a disseminação do imaginário e do sonho possível de córregos, ribeirões e rios com peixes, cascalhos e crianças se banhando em águas puras.
- Viabilizar mutirões e excursões de crianças e adolescentes de baixa renda.
- Viabilizar a elaboração e se empenhar na aprovação de projetos de cidadãos autônomos, de grupos informais e de ONGs que sejam bons de idéias e de trabalho, mas não tenham estrutura e experiência para as formalidades de um projeto adequado aos códigos dos financiadores.
- Priorizar apoio a iniciativas de resultados efetivamente estruturantes e transformadores.
- Produzir e disponibilizar mapas das áreas de recargas do município para os moradores.
- Proteger as áreas de recargas do município criando no local parques ou alternativas econômicas ecológicas.
- Criar concursos de meio ambiente para "o quintal mais bonito", "o jardim mais florido", "a gentileza ambiental do ano", "a mais nova atitude ambiental", etc., etc.
- Articular e facilitar ações para que se crie uma cultura de se ver o lixo como valor econômico.

"O Homem não é um sujeito oposto ao Mundo para transformá-lo; ele está no Mundo fazendo de sua existência no Mundo a ocasião de uma autotransformação constante."

Erich Fromm

O Espírito de Liberdade – pág. 49





Meia dúzia de toques para quem quer ser articulador e reeditor nesta rede de inovação e transformação da gestão de Águas

"O mundo não nos foi presenteado por nossos antepassados, mas emprestado por nossos filhos."

Provérbio africano

Uma das principais razões da redação e publicação deste livro, ao reunir o conjunto de informações, de conceitos e de sugestões sobre o que fazer e como fazer, é possibilitar a disseminação deste jeito diferente de ver, sentir e cuidar a quem achar que esta Metodologia precisa ser conhecida e praticada mais amplamente.

Quem tiver interesse em repassar uma síntese deste livro para outras pessoas deve lembrar-se que um bom repasse não é só reprodução ou multiplicação, mas uma reedição. Reproduzir e multiplicar é tentar o impossível: repassar igual, em conteúdo e forma. **Reeditar é editar outra vez, mantendo a essencialidade da edição, os resultados que foram sua razão de existir, mas flexibilizando o conteúdo e a forma em função das circunstâncias (tempo, espaço, público, códigos).** Um aspecto interessante da reedição é que o reeditor pode melhorar a edição, a intenção original, enquanto a melhor hipótese da reprodução e da multiplicação é ficar o mais semelhante possível do que era o modelo.

Por isso, quem for repassar deve se preparar para várias circunstâncias, de uma breve resposta a uma rápida pergunta a um ciclo de estudos que exija dias e dias, ficando como formatos intermediários palestras de dez a sessenta minutos ou "workshops" (trabalhos/reuniões que resultam em "produtos") de quatro a oito horas.

Quanto ao público, para tratar de gestão de Águas e evolução de pessoas, melhor é prestar atenção nos códigos de civismo, ética, solidariedade, fraternidade, espiritualidade e motivação para transformações do que prestar muita atenção em faixas etárias, escolaridade, categorias profissionais e outros critérios convencionais utilizados para enturmações em atividades de "dominação".

Daí, mais uma vez, a conveniência de falar com as pessoas onde elas cuidam de virtudes e valores (igrejas, centros espíritas, maçônicas, Lions, Rotary, Ordem Rosacruz, templos budistas, movimentos esotéricos, etc., etc.) e falar menos onde elas cuidam, por obrigação, de interesses profissionais, de interesses econômicos de interesses acadêmicos, de "progresso", de competição, de dominação.

Para facilitar ao reeditor a escolha de informações e conceitos mais relevantes e que, por isso, podem compor uma escala de prioridades, a seguir estão algumas sugestões de temas para entrevistas, palestras, "workshops" e ciclos de estudos.

Sem rigidez de "plano de trabalho", mas apenas como uma referência facilitadora, aqui estão as sugestões de abordagens por situações:

1. Em caso de um depoimento de poucas linhas ou de uma entrevista de poucos segundos, a expressão mais sintética deste jeito diferente de ver, sentir e cuidar de gestão de Águas é falar dos conceitos "Inclusão", "Empowerment", "Complementariedade" e "Resultados como compromisso ético" em uma única e simples idéia: donas de casa, empregadas domésticas, fazendeiros, sitiante e trabalhadores rurais sendo "autorizados" como ambientalistas para escolher bem seus sabões e detergentes, para fazer mudas das sementes das boas frutas que consumissem e para reduzir o lixo que produzem.

2. Em caso de palestras e entrevistas, vai depender do tempo. Mas qualquer que seja o tempo, é bom começar pelo que "dá pé" a um "cidadão comum" da "sociedade civil não organizada" para ele dizer "Isto faz sentido", "Isto EU POSSO fazer", "Isto EU VOU fazer". Depois disso, que é "Empowerment" (empoderamento, energização, fortalecimento), é hora de mostrar como é também "Inclusão", "Participação de novos agentes sociais", "Complementariedade" e "Resultados". Este jeito de caminhar torna mais visível o caminho de "Libertar para potencializar", de Autonomia com Interdependência", de "Autogestão e Auto-sustentabilidade" (detalhes sobre esses conceitos estão no Capítulo VIII, por ordem alfabética).

Em gestão de Águas, de recursos naturais e de projetos sociais todos sabemos que o "incêndio" aumenta a cada dia. Agora, a novidade é que cresce o número de cidadãos desconfiados de que assegurar resultados como compromisso ético depende de filosofia, conceitos, Metodologias e ações coerentes, consistentes e conseqüentes, e não de campanhas salvacionistas, de cestas básicas, de educação infantilizadora, de exacerbação de culpas, de derrotismos, de espera dos outros, de falta de humor, de muito interesse material e pouca transcendência.

3. Para um "workshop" de quatro horas é preciso ter muito cuidado com a forma de repasse, que deve levar em conta conforto emocional dos

participantes, conforto corporal, nível de homogeneidade ou de heterogeneidade do grupo, nível de interesse ou de rejeição pelo assunto ou por certas abordagens.

E esse cuidado começa pela ambientação do espaço e pelo clima de ajustamento dos participantes ao "espírito" do trabalho previsto. Faixas, bandeiras, "banners", cartazes e produtos naturais relacionados ao tema e não conflitantes com a linha filosófica devem ser utilizados como peças de decoração e de ambientação.

O clima de "sintonização", de "afinação" e de "desmaterialização" pode ser construído com manifestações de civismo (cantar o Hino Nacional), de espiritualidade (uma prece ecumênica redigida especialmente para a ocasião), de fraternidade (cantar e orar, de mãos dadas), de harmonia e reverência às Águas e à Natureza (um poema, uma declaração de direitos da Água, etc.).

Sugestões sobre textos de uma prece/oração, de uma declaração de Direitos da Água e de um poema ou letra de música podem ser vistos entre os anexos, no final deste Capítulo. Quanto ao Hino Nacional, cantado, legendado e lindamente ilustrado, a idéia é copiar uma fita da produção que a rede Cultura de TV veicula toda manhã como abertura de sua programação diária (uma fita cantada e legendada também é um exercício de "empowerment", de libertação, de inclusão, de zelo).

A passagem deste início, na "linha emotiva", para a parte final, que deve ser muito racional, concreta, indicativa de papéis, oportunidades e ações, fica bem "acolchoada", intermediada, quanto mais tratar de forma interessante do posicionamento dos participantes em seu cotidiano de cidadãos, de eleitores e de gestores).

Neste ponto do "workshop" é oportuno trabalhar com o Teste de Cidadania, que está entre os anexos deste Capítulo para que os participantes se sintam em empreendedorismo, em autonomia e em civismo. Em seguida a este teste, um exercício sobre Complementariedade estimula uma boa reflexão sobre as diferenças de papéis dos "cidadãos comuns" da "sociedade civil não organizada", dos cidadãos estruturados no que se convencionou chamar de sociedade civil organizada e dos cidadãos que estão nos Governos como técnicos, como dirigentes ou como burocratas (ver neste Capítulo o quadro "Complementariedade: os papéis de cada um").

A abordagem genérica sobre mudanças de paradigmas é o "gancho", a entrada, para a abordagem específica em mudanças de paradigmas em gestão de Águas: os participantes costumam ficar menos presos a mitos, clichês e verdades absolutas quando lêem, ouvem, ou dramatizam os textos A Verdadeira Segurança, Onde estamos? Para onde vamos? e Fábula dos porcos assados (Capítulo VI).

Outra sugestão para tratar de mudanças de paradigmas com leveza é recorrer aos quadros do Capítulo VII e fazer um trabalho em grupos, no qual cada grupo seleciona e marca, em cada quadro, um fator conservador que mais explica, que mais sustenta, que mais reflete, que mais causa o que há de ruim, hoje, impactando a decrescente quantidade e qualidade na gestão de Águas. Da mesma forma, em cada quadro será escolhido um fator inovador que pode fazer significativa diferença numa gestão de Águas geradora de efetivos, amplos e imediatos resultados.

Feita esta preparação para uma abordagem diferente (Inovadora? Polêmica? Distoante? Libertadora? Caórdica? Cósmica? Naturalista? Evolucionista?) sobre o jeito de ver, sentir e cuidar de Águas, é hora de reeditar uma síntese dos Capítulos I, II, III, IV e V, incluindo os revolucionários e fantásticos textos sobre Água como um Ser portador de emoções e de sentimentos.

Ao final, considerando tudo o que foi dito como jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Águas, é o momento de definir ações, atores, tempos, espaços e dinâmicas básicas de inclusão dos participantes que queiram se incluir na rede de cidadania pelas Águas.

Esta parte do trabalho marca e define uma das grandes diferenças entre uma palestra, que nem sempre resulta em próximos passos, e um "workshop", que necessariamente se compromete com resultados no próprio tempo de realização dele e em desdobramentos como "filhotes" do evento.

Por isso, a importância de dedicar um mínimo de meia hora para preencher o quadro "Quem faz o quê, onde?", a partir dos seguintes dados básicos na permanente construção e manutenção dessa rede de Cidadania pelas Águas: quem está fazendo o que, quem conhece outras pessoas que também fazem, quem se interessa por qual tema/assunto ambiental.

4. No caso de haver condições para oito horas de "workshop" (melhor que sejam oito horas seguidas; se não puder, o recomendável é não deixar espaçar muito: quatro horas à noite e quatro na manhã seguinte ou quatro numa noite e quatro na próxima), valem as sugestões do item anterior, relativo a quatro horas, aproveitando-se as horas duplicadas para mais trabalhos em grupos e, se houver tempo, para inclusão de mais conceitos do Capítulo VIII ou para mais reflexões sobre os textos dos Capítulos V e VI.

5. No caso de um ciclo de estudos sobre este jeito diferente de ver, sentir e cuidar, a programação deve ser especialmente elaborada, considerando-se o interesse dos participantes e as condições gerais de realização dos trabalhos.

"Uma nova civilização está nascendo, uma mutação de consciência está em curso"

Conclusão do

I Congresso Holístico Internacional

*"Abençoar é criar espaço para a
existência dos outros."*

Jean Claude Obry

Prece

Agradecemos a DEUS pela oportunidade de trabalharmos na revitalização dos Rios, dos Ribeirões, dos Córregos e das Nascentes.

E pedimos a DEUS que os participantes deste Encontro tenham Humildade e Serenidade pelo êxito dele em nome do SENHOR e pela construção de um Mundo onde haja abundância de AMOR, VIDA, PAZ, JUSTIÇA, HARMONIA e PROSPERIDADE.

SENHOR de todo o UNIVERSO, cuida de nós, participantes deste Encontro, para que em nossos trabalhos de hoje não nos percamos em fraquezas da vaidade, do ciúme e da competição.

E que, em palavras, atitudes e orações, as ÁGUAS sejam respeitadas como elemento essencial ao HOMEM e como sinal da presença do SENHOR no Planeta TERRA.

Planeta Água

Guilherme Arantes

Água que nasce da fonte serena do mundo
e que abre o profundo grotão...

Água que faz inocente riacho
e deságua na corrente do ribeirão.

Águas escuras dos rios
que levam a fertilidade ao sertão.

Águas que banham aldeias
e matam a sede da população.

Águas que caem das pedras
no véu das cascatas, ronco do trovão
e depois dormem tranquilas
no leito dos lagos....

Terra, planeta Água.

Água dos igarapés,
onde lãra, Mãe d'Água, é misteriosa canção.

Água que o sol evapora
e pro céu vai embora virar nuvens de algodão.

Gotas de água da chuva,
alegre arco-íris sobre a plantação.

Gotas de água da chuva,
tão triste são lágrimas da inundação.

Águas que movem moinhos,
são as mesmas águas que encharcam o chão
e sempre voltam humildes
pro fundo da terra.

Declaração Universal dos Direitos da Água

A presente Declaração Universal dos Direitos da Água foi proclamada tendo como objetivo atingir todos os indivíduos, todos os povos e todas as nações para que todos os homens, tendo esta declaração constantemente presente no espírito, se esforcem, através da educação e do ensino, em desenvolver o respeito aos direitos e obrigações nela anunciados e assumam, com medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e aplicação efetiva.

Art. 1º – A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada religião, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável aos olhos de todos.

Art. 2º – A água é a seiva de nosso planeta. Ela é a condição essencial de vida de todo ser vegetal animal ou humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou agricultura. O direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à vida, tal qual é estipulado no art. 3º da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Art. 3º – Os recursos naturais de transformação da água em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.

Art. 4º – O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Este equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos, por onde os ciclos começam.

Art. 5º – A Água não é somente uma herança de nossos predecessores; ela é sobretudo um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como uma obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.

Art. 6º – A água não é uma doação gratuita da natureza, ela tem um valor econômico; precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

Art. 7º – A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.

Art. 8º – A utilização da água implica o respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado.

Art. 9º – A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

Art. 10º – O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

George Ifrah
Histoire de l'eau.
Paris, 1992.

*“Não é apropriado ver como separadas,
coisas que não se podem distinguir”*
Albert Einstein

Teste de Cidadania

“É preciso resgatar o espírito de que nós todos, como um conjunto de pessoas, constituímos e somos o País. Temos condições de ser o que decidimos ser. Depende de cada um de nós, em primeiro lugar. E de todos por decorrência...”

“Exercer cidadania implica – antes de mais nada – descobrir como nossos talentos podem contribuir para construir uma sociedade cada vez melhor.”

“Cidadania representa generosamente no dar, no oferecer ao outro.

Representa quebrar círculos viciosos – cada um esperando que o outro comece – que mantêm as pessoas isoladas e alienadas.”

“Exercer cidadania plena exige revisão de missões e objetivos. Exige posicionamento honesto e profundo perante questões de base como: Por que precisa ser assim? Para que agimos dessa forma? O que estou fazendo para melhorar as coisas?”

“Cidadania implica influir no ambiente em que se vive, em vez de se deixar levar por ele”.

Qualquer pessoa pode ajudar a transformar a realidade. Não importa a posição social ou o nível de escolaridade. Todos podem contribuir efetivamente para resolver as principais questões do País. A arte de fazer as coisas acontecerem depende de nossa capacidade de agir imediatamente e da nossa fé no processo natural de encadeamento (sementes que geram redes de conseqüências imprevisíveis, levando-nos a objetivos maiores).

O importante é agir, não apenas discutir e criticar. Não dependemos de ninguém para começar a agir, dar o primeiro passo. Isso depende apenas da iniciativa e dos valores de cada um. O agir gera um movimento positivo e reflete-se no grupo ao redor, criando novas ações. Como cidadãos envolvidos, seremos capazes de enfrentar todo e qualquer desafio, tanto em termos de qualidade quanto em termos de velocidade/tempo.

Também nas empresas, muita gente passa tempo considerável em avaliações, diagnósticos, críticas, esperando soluções de cima (como os que esperam que o governo faça tudo em um País), sem arriscar nada em termos de uma ação efetiva.

Cidadania implica compromisso e participação. Cidadania envolve os direitos e responsabilidades de cada um como membro da sociedade.

Cada pessoa, no entanto, se posiciona de uma forma diferente diante dos seus direitos e responsabilidades e em relação ao seu meio social. Em relação aos **direitos dos cidadãos**, identificamos cinco tipos de postura:

- o **inocente**, que desconhece seus direitos;
- o **acomodado**, que espera passivamente que tudo se resolva;
- a **vítima**, que só sabe se queixar;

- o **chato**, que vive cobrando de forma errada; e
- o **cidadão consciente**, que está comprometido com os direitos da cidadania e sabe cobrar bem, com responsabilidade.

Em relação às **responsabilidades para com a sociedade** identificamos, também, cinco tipos de postura:

- o **destrutivo**, que rejeita qualquer participação e envolvimento;
- o **alienado**, que se omite de responsabilidade;
- o **burocrático**, que cumpre só o que é legal;
- o **teórico**, que se sente responsável mas nada faz efetivamente; e
- o **cidadão envolvido**, que se sente responsável e atua para mudar e melhorar o estado geral das coisas.

Como tem sido seu comportamento como cidadão? Que ações você tem se comprometido a realizar? Qual sua postura frente a seus direitos e responsabilidades? O teste a seguir propõe uma reflexão sobre a relação do indivíduo com a sociedade. Veja como você se insere nesse contexto.

No bloco "**Direitos dos Cidadãos**", escolha as cinco frases com as quais você mais se identifica. Faça também cinco escolhas no bloco "**Responsabilidades dos Cidadãos**". Depois, confira no final as tendências de seu comportamento como cidadão, identificando os grupos nos quais você se inclui.

Direitos dos Cidadãos

1. "Direitos do cidadão? Já ouvi falar, mas..."
2. "É assim que as coisas funcionam. Faz parte do sistema."
3. "O que importa é que cuidem do meu! O resto..."
4. "Cobrar nossos direitos num País como o Brasil requer, antes de tudo, nova postura educativa."
5. "Não temos direitos neste País..."
6. "Espero que um dia me expliquem quais são meus direitos de cidadão..."
7. "Antes de cobrar nossos direitos devemos perguntar se estamos respeitando o direito dos outros."
8. "Pra falar a verdade, não sei exatamente quais são meus direitos como cidadão..."
9. "Este é um País onde só tem direitos quem está por cima."
10. "Não adianta tentar os caminhos normais e esperar. É preciso cobrar o tempo todo."
11. "Nunca me interessei em conhecer meus direitos."
12. "O pouco de direitos que temos está diminuindo a cada dia."
13. "Temos que fazer valer nossos direitos, nem que seja à força!"
14. "Direito é coisa pra advogado. É muito complicado para o leigo."
15. "Não adianta fazer nada. Nunca teremos nossos direitos prá valer."
16. "O respeito aos direitos do cidadão depende de todos nós."
17. "Cobrar direitos é uma atitude política sadia, que exige não deixar passar nada que viole os direitos de qualquer um – não só os seus."

18. "Um dia as coisas vão melhorar. Até lá, o negócio é ir tocando a vida..."
19. "Só temos obrigações a cumprir. Direito que é bom, nada..."
20. "Se você não cuidar dos seus direitos, quem é que vai fazê-lo?"
21. "Exigir o cumprimento de nossos direitos através do uso rigoroso das instituições é o melhor meio."
22. "Deve ter muita gente cuidando disso..."
23. "Quem reclama mais consegue primeiro..."
24. "A escolha consciente de nossos legisladores e executivos é a base fundamental para fazer valer nossos direitos."
25. "No momento em que todo cidadão do País tiver plena consciência dos seus direitos, estes se farão valer, como decorrência natural."
26. "Não há nada que eu possa fazer. Está além de minha capacidade..."
27. "Deixe estar. Se mexer, pode piorar."
28. "Respeitar o direito de cada um é saber valer o direito de todos."

"Ser cidadão pleno é lutar por seus direitos, suas convicções e seus valores, pensando também nos direitos, convicções e valores de todos."

"Ser cidadão é discutir menos e fazer mais; é se preocupar menos com o que os outros deveriam estar fazendo e se concentrar naquilo que se poderia fazer pelos outros."

Responsabilidade dos cidadãos

1. "O negócio aqui é salve-se quem puder. Se você não garantir o seu..."
2. "Sou um cidadão exemplar. Cumpro tudo que a lei manda. É a minha contribuição para com a sociedade."
3. "Concordo em contribuir para atender a essas necessidades, desde que haja algo em troca."
4. "Num sistema como esse, não adianta fazer nada."
5. "O caminho mais viável é... Só não começo porque..."
6. "Sinto-me também responsável pelo que está acontecendo. Estou buscando ajuda por meio de..."
7. "Tudo que você faz, alguém destrói. Não vale a pena gastar seu tempo..."
8. "Não me envolva nisso. Não é comigo."
9. "A gente vai ter que fazer... algum dia! Assim não pode ficar."
10. "Se todos fizerem a sua parte da melhor forma possível, a sociedade como um todo evoluirá..."
11. "Se os outros estão fazendo, não sei... Eu sei do meu compromisso com o País e ajo conforme minha consciência..."
12. "Neste País nada funciona. Prá que fazer papel de bobo, de D. Quixote?"
13. "Já tenho tantas obrigações para com a sociedade. Tem gente fazendo bem menos do que eu!"

14. "Não sei se este é o melhor caminho. Mas os resultados já se fazem sentir..."
15. "Já tenho tanto com o que me preocupar! Preciso garantir o pão de cada dia. Não posso ajudar."
16. "Na minha opinião, todos nós deveríamos contribuir..."
17. "O que mais posso fazer para ajudar a..."
18. "Já pago impostos. O Governo que faça a sua parte."
19. "Em outros países, o cidadão típico ajuda a comunidade... Temos que fazer que no Brasil também as coisas funcionem dessa forma."
20. "O problema deste País são as pessoas. Só substituindo todo mundo..."
21. "Prá que se preocupar e se envolver? Isso é arranjar sarna para se coçar e você ainda pode sair machucado."
22. "Quem sabe sabe se, com este meu exemplo, outras pessoas também se animarão a ajudar..."
23. "Você ainda acredita em Papai Noel? Isso não vai mudar nunca. Pra que se envolver?"
24. "Fazer mais do que faço? Bem, se for desejo da maioria e for exigido por lei..."
25. "Somos todos responsáveis pela construção de uma sociedade cada vez melhor. Não podemos ficar esperando que alguém comece a dar os passos necessários. É preciso agir..."
26. "Concordo em ajudar, desde que o Governo crie algum tipo de incentivo fiscal."
27. "A coisa não funciona porque... Minha tese é..."
28. "A vantagem de fazer o que é necessário é seu efeito multiplicador."
29. "Não temos nada a ver com isso. Cabe ao Governo."
30. "Não fui eu quem fez esta bagunça. Não me sinto responsável..."
31. "Há muito tempo tenho pensado em começar algo para ajudar a melhorar..."

"Ser cidadão é criticar menos os outros e ser mais crítico consigo mesmo."

"Cidadania exige assumir riscos pessoais. De ser incompreendido. De ser criticado. De ser atacado, até. Cidadania exige estar acima do que os outros querem que você faça, para estar livre para fazer o que sua cons-

ciência e sua essência estão lhe mostrando continuamente."

"Construir em vez de apenas reagir passivamente àquilo que ocorre em torno."

"Se todas as pessoas – sem exceção – resolverem fazer algo produtivo e necessário para o todo, o País se tornará rapidamente aquilo que sonhamos."

Assinale as cinco frases que você selecionou em relação aos **direitos dos cidadãos**:

Frase	Postura
1, 6, 8, 11, 14	Inocente
2, 18, 22, 26, 27.....	Acomodado
5, 9, 12, 15, 19.....	Vítima
3, 10, 13, 20, 23.....	Chato
4, 7, 16, 17, 21, 24, 25, 28.....	Cidadão consciente

E veja qual tem sido sua postura em relação às **responsabilidades dos cidadãos**:

Frase	Postura
4, 7, 12, 20, 23.....	Destrutivo
1, 8, 15, 21, 29, 30.....	Alienado
2, 3, 13, 18, 24, 26.....	Burocrático
5, 9, 16, 19, 27, 31.....	Teórico
6, 10, 11, 14, 17, 22, 25, 28.....	Cidadão envolvido

Talvez você esteja em vários grupos ou se concentre mais em um tipo de comportamento. O mais importante é reconhecer que só teremos uma sociedade melhor quando nos posicionarmos como cidadãos conscientes de nossos direitos e comprometidos com as necessidades do Brasil.

Fonte: *Amana-Key*

Complementariedade: os papéis de cada um

Numa visão de complementariedade, quais devem ser as atitudes e ações de cidadãos no Governo, de cidadãos em empresas e ONGs e cidadãos autônomos da "sociedade civil não organizada" em situações como estas:

Situação	Cidadãos no Governo (O que eu posso ou devo EXIGIR deles)	Cidadãos em empresas e ONGs (o que eu posso ou devo OBTER deles)	Cidadãos autônomos (o que eu posso ou FAZER)
Cuidar de Nascentes			
Preparação de mudas e plantio de árvores, individualmente ou em pequenos grupos			
Plantas medicinais			
Produção de alevinos			
Criação e engorda de peixes			
Criação de animais silvestres cadastrados pelo Ibama			
Artesanato a partir do lixo			
Produção de adubo orgânico com lixo			
Redução, reutilização e reciclagem do lixo			
Prevenção e contenção de assoreamento e de erosão (mata de topo, barraginhas, mata ciliar, curvas de nível, etc.)			
Alternativas em tratamento de esgoto			
Áreas de recargas (identificação e proteção)			
Coleta e aproveitamento de Águas de chuva			
Cuidar de quintais e/ou lotes			
Silvicultura			
Circulação de informações para visibilidade na Rede de Cidadania pelas Águas			
Alternativas ao uso de agrotóxicos			
Identificação e preservação de Águas subterrâneas			
Conhecimento, apropriação, aprofundamento, adequações, aplicações e reedição da Metodologia que caracteriza um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Águas			
Ecoturismo e turismo rural			
Apicultura			
Produção de fotografias, poesias, "clips", etc. que valorizem a Água			
Monitoramento da quantidade e da qualidade das Águas			
Outras formas de gestão de Águas			

Quem faz o quê, onde?

É fundamental identificar, dar visibilidade e incentivar pessoas e/ou organizações que já estejam fazendo um trabalho pelo Meio Ambiente e pelas Águas no seu próprio município. O objetivo é reunir estas pessoas em rede, de forma que o trabalho de cada um complemente e encoraje ações dessa natureza. Se você já faz ou conhece alguém que faça ou algo ou se interesse por alguns dos seguintes temas, é importante dizer e disponibilizar uma forma de contato (telefone, e-mail, endereço, etc.)

Nome:		Telefone:	
Endereço:			
Cidade:	Estado:	CEP:	
E-mail:			
Assunto		Estou fazendo	Estou interessado
Cuidar de Nascentes			
Preparação de mudas e plantio de árvores, individualmente ou em pequenos grupos			
Plantas medicinais			
Produção de alevinos			
Criação e engorda de peixes			
Criação de animais silvestres cadastrados pelo Ibama			
Redução, reutilização e reciclagem do lixo			
Artesanato a partir do lixo			
Produção de adubo orgânico com lixo			
Prevenção e contenção de assoreamento e de erosão (mata de topo, barraginhas, mata ciliar, curvas de nível, etc)			
Alternativas em tratamento de Esgoto			
Áreas de recargas (identificação e proteção)			
Coleta e aproveitamento de Águas de chuva			
Cuidar de quintais e/ou lotes			
Silvicultura			
Circulação de Informações para visibilidade na Rede de Cidadania pelas Águas			
Alternativas ao uso de agrotóxicos			
Identificação e preservação de Águas subterrâneas			
Conhecimento, apropriação, aprofundamento, adequações, aplicações e reedição da Metodologia que caracteriza um jeito diferente de ver, sentir e cuidar de Águas			
Ecoturismo e turismo rural			
Apicultura			
Produção de fotografias, poesias, peças de teatro, "clips", etc que valorizem a Água			
Monitoramento da qualidade e da quantidade de Água			
Outras formas de gestão cidadã de Águas			

"A evolução é uma ascensão para a consciência."

Teilhard de Chardin

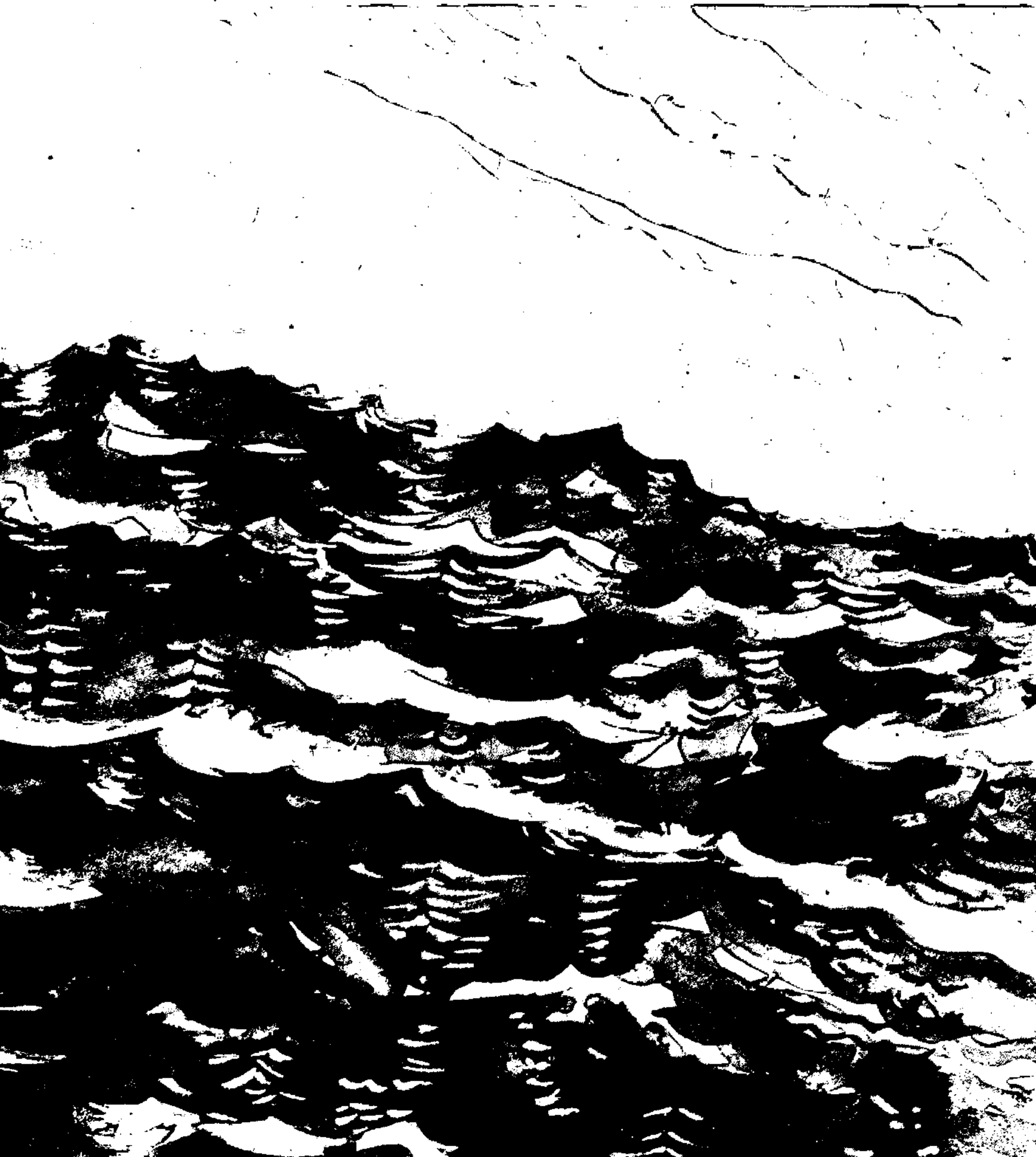


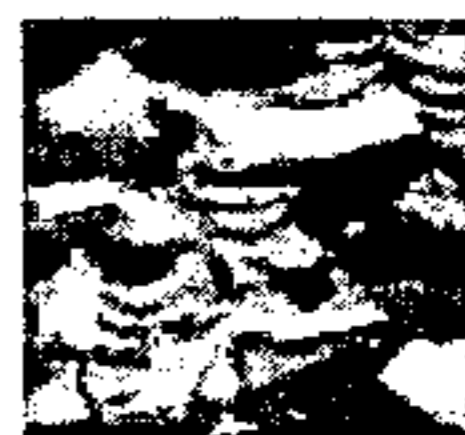
PARTE VI

Rede de Cidadania pelas Águas: ponto de encontro para sonhos possíveis

Sete aprendizagens básicas para a convivência social, segundo Bernardo Toro:

- *Aprender a não agredir o semelhante: fundamento de todo modelo de convivência social*
- *Aprender a comunicar-se: base da auto-afirmação pessoal ou do grupo*
- *Aprender a interagir: base dos modelos de relação social*
- *Aprender a decidir em grupo: base da política e da economia*
- *Aprender a cuidar de si: base dos modelos de saúde e seguridade social*
- *Aprender a cuidar do entorno: fundamento da sobrevivência*
- *Aprender a valorizar o saber social: base da evolução social e cultural*





**Um abrigo novo neste jeito diferente
de ver, sentir e cuidar**

“Não opor e não mesclar são dois princípios fundamentais da visão holística, evitando assim os riscos do sectarismo, do pseudosincretismo e de todas as formas redutivas da identidade dos seres e das culturas.”

Trecho da Carta do
I Congresso Holístico Internacional

Diz o cientista Masaru Emoto que “no mundo das bactérias existem 10% de bactérias boas, 10% de bactérias ruins e a maioria de 80% é composta de bactérias oportunistas que podem ir em qualquer uma das duas direções. Olhando para os vários assuntos ambientais com que nos deparamos e as tarefas que precisamos cumprir para o Planeta, se nós pudermos ter mais de 10% das pessoas, eu acredito que poderemos trazer os 80% nesta direção.”

Aqui, na gestão de Águas, “bactérias ruins” são não apenas os poluidores, mas também as pessoas, organizações e instituições, governamentais ou não-governamentais, que usam leis “esclerosadas” para inibir a autonomia de “cidadãos comuns” da “sociedade civil organizada”; que abusam de sua autoridade ao criar constrangimentos a cidadãos contribuintes que não querem tutela governamental; que mentem ao falar que a “Água vai acabar”, quando eles próprios conhecem o “ciclo hidrológico”, como um sistema fechado e estável em seu volume total; que usam argumentos de valorização da escassez como estratégia de terrorismo, de ameaça e de dominação, em detrimento da valorização de abundância como fator libertador; que se estruturam para se autovalorizar, com dinheiro do cidadão contribuinte, ao invés de valorizar, fortalecer, energizar e empoderar as ações ambientalistas dos cidadãos; que sonegam ou fingem ignorar informações sobre a importância e urgência de priorizar ações ambientais de cuidados com Nascentes, zonas de recargas e Águas subterrâneas.

Ser “bactéria boa” em gestão cidadã de Águas e em gestão de projetos sociais de resultados transformadores é sair da

mesmice, ter opinião própria, ser minimamente liberto, cuidar explicitamente de sua evolução, optar pelo que é transformador, procurar o transcendente.

Mas só quem já passou ou está passando pela experiência de viver assim sabe como é difícil ficar na "mão da história" e na "contra-mão da conjuntura".

○ Homem é um dos raríssimos animais, senão o único, que não quer a autonomia dos seus filhos biológicos e até de quem não é seu filho: é o seu jeito de se manter autoridade, de ser dominador, de competir, de se afirmar E DE SOFRER, POR NÃO CONSEGUIR.

Enfim, o Homem quer ombro e abrigo quando a decisão é sua e não quando o "aconchego" o faz refém de quem o aprisiona.

Por tudo isso, a idéia de articular numa rede de cidadania pelas Águas que abrigue pelo menos 10% de pessoas de determinada área geográfica (veja o conceito de Nucleação e de Rede no Capítulo VIII), que pode ser 10% de toda uma bacia hidrográfica, de um município, de um povoado, de uma Escola, de um Lions, de um Rotary, de uma Loja Maçônica, de um Centro Espírita, de um Sindicato, de uma Igreja, de uma empresa, etc., etc., etc.

Um dos mais relevantes motivos para a articulação de cidadãos nessa rede é dar um sentido de "movimento", de "tribo", de "aliança", de "conjunto", de "coletivo" a quem cuida de Águas, isoladamente ou com outras pessoas, por razões semelhantes aos cuidados que alguém também dispensa às Águas, às vezes as que estão longe, às vezes anonimamente.

Atuar em rede reconforta, traz um sentido de pertencimento, traz um sentimento de que aquilo que eu faço está sendo feito, compreendido, complementado por outros, com os mesmos propósitos e sentidos.

Segundo Bernardo Toro, atuar em rede faz com que "as pessoas sintam-se seguras quanto ao reconhecimento, valorização e respeito à sua forma de pensar. Além do que, ninguém está disposto a correr riscos de ser, incompreendido, rejeitado".

Atuar em rede é praticar interdependência na missão e autonomia na ação e também ser complementar a outros, interagindo e integrando a outros que estão fazendo.

O que você achar muito bom deve ser passado às pessoas para ser preservado, reconhecido, valorizado, continuado, reeditado, referenciado. A sua vitória, a sua realização, a evolução do que você fez, o jeito que você encontrou, o que você observou, o que você conseguiu, significam um avanço seu, um avanço da rede, um avanço na Metodologia e um avanço neste objetivo de cuidarmos de gestão social e de gestão de Águas. Repartir

assim é repartir a colheita e oferecer sementes de esperança, de possibilidade, de crença, de autogestão, de auto-sustentabilidade.

Também o que você achar muito ruim deve ser passado a outras pessoas para ser cuidado como indesejado, para ser corrigido, para ser entendido como lição. E muitas vezes a explicitação do seu desconforto vai possibilitar a erradicação do desconforto de outro que, isolado e solitário, pode estar pensando que o desconforto é só dele.

"Perguntar não ofende" e "Quem tem boca vai a Roma". Quando estiver atuando, dificilmente você estará fazendo algo inédito. Então, perguntar, pesquisar, conversar, estudar, ler, considerar, reconsiderar, aprender e, principalmente, desaprender são verbos que devem ser internalizados, praticados, vivenciados. Se a experiência do outro foi interessante, é importante você saber por que e como. Se a experiência do outro não foi interessante, também é importante você saber por que e como. Da mesma forma que é bom o outro saber do resultado da sua experiência.

Em suma, "O que deu para rir ou para chorar" deve ser repartido para que amanhã você, ele, nós possamos fazer cada vez melhor.

Agora, se o que você está fazendo é realmente inédito, necessariamente, deve ser contado a todos.

Não deixe de fazer, de experimentar, só porque outros não estão fazendo, experimentando. Mas conte, conte a todos que puder os seus passos, as suas dúvidas, as suas dificuldades, os seus resultados.

Ao seu lado podem existir pessoas interessadas no que você está fazendo. É, com certeza, do outro lado do mundo existem pessoas com as mesmas dúvidas, dificuldades e resultados.

Nas inúmeras possibilidades de intercâmbio de informações, você vai escolher entre mais divulgar o que você faz, o que você sabe e o que você oferece ou mais garimpar o que você quer no mundo de idéias, de projetos e de realizações dos outros.

O mais prático é você começar pela consulta ao Capítulo XIII, onde estão muitos exemplos de ações, e decidir em que você quer se aprofundar, por puro Amor às Águas ou também por legítimos e saudáveis interesses econômicos.

Como acontece em quase tudo na vida, quando você firmar seu interesse você vai ver e ouvir que outras pessoas também se interessam pelo assunto e que algumas delas estão avançadas, para você não reinventar a roda (roda é sempre roda, mas elas sempre podem ser diferentes, no tamanho, no material que a compõe e em acessórios).

Você vai perceber, em qualquer "mundo novo", que novo mesmo neste mundo é você. E isto facilita sua entrada na rede: é só ir colhendo as

informações, às vezes mais perto do que você imagina. Um exemplo do que não custa dinheiro é a TV, que hoje tem canais especializados ou pelo menos programas especializados sobre o que você quiser. Outra opção, gastando algum dinheiro, é uma boa banca de revistas e jornais: a maioria tem mais títulos atualizados e mais informações para utilização imediata do que muitas bibliotecas.

Informação é o que não falta.

Mas o mundo ao seu alcance você tem é na internet. E mesmo para quem não tem computador ou não possa ter acesso a um de parente ou amigo, isto já não é problema: cada vez mais este serviço é oferecido, gratuitamente ou a preços simbólicos, em bibliotecas e "bureaux" de serviços públicos.

É importante você não considerar pequeno o que está fazendo e que, por isso, não precisa e não deve ser divulgado. Pequenas ações e gentilezas como fazer mudas, conseguir uma solução diferente para o jardim, disponibilizar uma receita de um detergente não poluente, um novo tipo de vaso ou até mesmo uma receita nova de uma guloseima feita com uma fruta da época são notícias importantes que podem ser disponibilizadas.

Quando você for trabalhar com alternativas econômicas ecológicas, além de trocar informações com quem já faz esse tipo de trabalho, é importante considerar, além das pesquisas e inovações na área, os compradores, os fornecedores, a qualidade do produto, a distribuição, o seu valor no mercado.

Hoje em dia, tirar do lixo o seu sustento já é uma realidade. Existem no Brasil várias cooperativas, artistas e organizações que ministram cursos sobre reciclagem do lixo e sua transformação em peças de arte, vestuário, móveis, bijouteria, etc.

A propósito de internet, para facilitar seu conforto nesta rede de cidadania pelas Águas, aqui vão alguns poucos endereços eletrônicos entre as centenas que você pode garimpar depois:

Águas subterrâneas e zonas de recargas ou áreas de recargas

- Paulo Martins, do CETEC – Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais.
Tel: (0xx31)3489 2250. pmartin@cetec.br
- Josiane Cristina Martins, do IGAM – Instituto Mineiro de Gestão das Águas.
Tel: (0xx31) 3337 3355. josianecm@hotmail.com
- Wagner Geraldo da Silva, da COMIG – Companhia Mineradora de Minas Gerais.
Tel: (0xx31) 3213 8925. wagnersilva@comig.com.br
- Jarbas Lima Dias Sampaio, da COMIG – Companhia Mineradora de Minas Gerais.
Tel: (0xx31) 3213 8942. jarbasdias@comig.com.br
- Jayme A.L. Cabral, da Terra – Tecnologia em Meio Ambiente.
Tel: (0xx31) 3681 3961. terramg@uai.com.br
- Celso Loureiro, da ABAS – Associação Brasileira de Águas Subterrâneas.
Tel: (0xx31) 3250 1632. abasmg@gold.com.br
- Maria Antonieta Alcântara Mourão, da CPRM – Serviço Geológico do Brasil.
Tel: (0xx31) 3261 0384. castanheira@cprmbh.gov.br

Barragens de contenção de Águas de chuvas

- Luciano Cordoval Barros, da Embrapa Milho e Sorgo. Tel: (0xx31) 3779 1000. cordoval@cnpms.embrapa.br

Visões pouco convencionais / Novos paradigmas sobre Águas e Natureza

- www.culturabrasil.pro.br/cartaindio.htm
- www.thank-water.net/ – Projeto de Amor e Gratidão às Águas
- <http://www.geocities.com/Vienna/2809/ecologia.html>
- <http://www.terra.com.br/planetanaweb/> (Revista Planeta)
- www.leonardoboff.com
- www.hado.net – Masaru Emoto e outros cientistas (site em inglês)
- www.wellnessgoods.com – Dan Stewart, Denise Routledge, Jeanne Manning e outros (em inglês)
- www.spiritofmaat.com (em inglês)
- franklinf@painet.com.br – Franklin Frederick – Acupuntura da Terra
- <http://www.pogacnikmarko.org> – Acupuntura da Terra – Marko Pogacnik
- ernst.zuercher@swood.bfh.ch – dr. Ernst Zürcher, da Universidade de Ciências Aplicadas (Berne Fachhochschule), engenheiro especialista em manejo florestal. (em inglês e francês)
- <http://www.cde.unibe.ch/centre/index.html> – dr. Stephan Rist, PhD and dr. Hans-Peter Liniger – Center for Development and Environment (CDE) of the University from Bern (em inglês, francês e espanhol)
- http://www.helvetas.ch/english/ehel_main.html – dr. Franz Goehwieler, de Helvetas – Swiss Association for International Cooperation (NGO) (em inglês)
- <http://www.unipaz.org.br> – Unipaz – Universidade Holística Internacional

Informações gerais sobre “quem está fazendo o quê em Águas”

- ANA – Agência Nacional das Águas. www.ana.gov.br
- Ministério do Meio Ambiente: www.mma.gov.br
- Secretaria de Recursos Hídricos: www.mma.gov.br
- IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. www.ibama.gov.br
- Informativo Fonte D’Água – agendas, atividades, conceitos e lista de discussão <http://www.ces.fau.edu>
- Revista Água On Line. www.aguonline.com.br
- Ambiente Aquífero Guarani- www.ambiente.sp.gov.br/aquifero/principal_aquifero.htm
- Fórum Nacional da Sociedade Civil nos Comitês de Bacias Hidrográficas. fonasc.cbh@yahoo.com.br
- Universidade Livre do Meio Ambiente. Tel: (0xx41) 3353443. www.unilivre.org.br
- Banco de Tecnologias Sociais. www.tecnologiasocial.org.br
- Banco de Boas Idéias do Jornal Estado de São Paulo na Internet, no caderno de Ciência e Meio Ambiente. www.estadao.com.br/ciencia/banco/
- Association française pour le Contrat Mondial de l’Eau – touly@peoplepc.fr
- Association québécoise pour le Contrat Mondial de l’Eau – sergeroy2001@hotmail.com
- Attac France – t-adam@club-internet.fr
- Ceplag – UMSS – mdelafuente@hotmail.com
- CEVI/Italian Water Campaign – cevi@mail.nauta.it
- Comitato italiano per il CMA – info@contratoacqua.it / cipsi@cipsi.it
- Coordenadora-Fobomadie – gabriherb@yahoo.com
- Corsan Brazil – dieter@corsan.com.br

- Council of Canadians – jdunn@canadians.org
- Federacion Funcionarios OSE (Uruguay) – ffose@adinet.com.uy
- Fundacao Agua Viva Florianopolis – cheaubet@yahoo.com.br
- Fondation pour le Progrès de l'Homme (France) – ruellan@peoplepc.fr
- Foro Boliviano Medio Ambiente – mafar90@hotmail.com
- Fundacion Solon (Colombie) – wsolon@caoba.entelnet.bo
- Institute For Agricultural and Trade Policy – mritchie@iatp.org
- IEDECA (Equador) – ivanc@andinanet.net
- International Rivers Network/Rios Vivos – glenns@superig.com.br
- MAB – mmob@terra.com.br
- PIPAL TREE (India) – sidd@vsnl.com
- PSIRU – e.lobina@gre.ac.uk
- Public Citizen, Us Global Water Group – whauter@citizen.org
- Water Rights (India) – vshiva@vsnl.com
- CNCR (Senegal) – cnccr@televcomplus.sn
- FONGS (Senegal) – fongs@televcomplus.sn
- Iniciativa Pantanal Everglades – <http://epi.ces.fau.edu>
- Lista de Discussão Cidadania e Água – <http://groups.yahoo.com/group/cidadaniaeagua>

Alternativas Econômicas Ecológicas

Reciclagem

- Centro de Informações sobre reciclagem e meio ambiente, com endereço de empresas que compram materiais para reciclar – www.recicloteca.org.br
- TOMRA LATASA – reciclagem de PET e alumínio. <http://www.tomra.com.br>
- ABEPET – tudo sobre as garrafas PET, da fabricação à reciclagem. www.abepet.com.br
- Cempre – Empresas que trabalham com reciclagem. Contém banco de dados de empresas que compram resíduos www.cempre.org.br
- Idhea – produtos ecológicos, recicláveis e tecnologias sustentáveis. www.idhea.com.br
- Empresas e órgãos que trabalham com reciclagem – <http://sucotas.com/links.shtml>
- Curso de reciclagem – Núcleo Interdisciplinar de Estudos Ambientais e Desenvolvimento – NIEAD. Tel: (0xx21) 2270 8547. niead@ccmn.ufri.br
- ASMARE – Associação de Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável – Tel. (0xx31) 3201.0717. asmare@asmare.org.br – www.asmare.org.br
- SLU – Superintendência de Limpeza Urbana – Tel. (0xx31) 3277.9355 – acsslu@pbh.gov.br – www.pbh.gov.br

Agrotóxicos

- Manejo de embalagens: INPEV. (0xx11) 30694415; ANDEF. (0xx11) 30815033
- Alternativas ao uso de agrotóxicos: REDE – Intercâmbio de Tecnologias Alternativas www.rede-mg.org.br

Há cerca de trinta, quarenta anos, era "normal" matar passarinhos. Hoje em dia, falar para um menino que um dos brinquedos preferidos destes anos que se passaram era o bodoque chega a ser assustador e, convenhamos, esse menino de hoje tem todo o direito de achar que os meninos de antigamente eram, no mínimo, insensíveis.

O que aconteceu para que as pessoas parassem de matar passarinhos?

Certamente, começou um movimento com um número pequeno de pessoas, os 10% de "bactérias novas" iniciaram um processo de mudança de paradigma, de comportamento que, aos poucos, formou uma rede que agregou os 80% de "bactérias oportunistas" e provocou um novo jeito de olhar e tratar os pássaros.

Portanto, é importante, necessário, primordial, vital que 10% de "bactérias boas" em gestão cidadã de Águas se complementem em rede para tornar este mundo melhor, pela Vida e pelas Águas que existem nas Vidas.

A tese de que 10% de um conjunto pode alterar todo o conjunto não está confirmada só na Biologia e só no que se costuma chamar de Ciências Exatas. Existem experiências de comportamento coletivo em que 10% de comunidades locais impactaram e "cooptaram" quase a totalidade dos 90%, mudando o jeito de ver, sentir e cuidar de Segurança, Saúde, Educação e Paz (um exemplo registrado dessa situação ocorreu num bairro de Los Angeles, por iniciativa de um grupo de meditação).

No livro Ponto de Ruptura e de Transformação os autores George Land e Beth Jarman abordam esse tema com uma "aritmética" um pouco diferente. Eles relatam uma pesquisa feita na Universidade de Harvard sobre a dinâmica de comportamentos em processos de mudanças, constatando que uma nova ordem, um novo jeito de ver, sentir e cuidar, acontece e se explicita em três movimentos: 1º) numa área geográfica, num grupo social ou econômico, em função de um mesmo assunto (por exemplo: gestão cidadã de Águas no Brasil ou gestão cidadã de Nascentes na Bacia do Ribeirão da Mata ou alternativas econômicas ecológicas num município); as mudanças significativas costumam começar quando os pioneiros, os inovadores, os transformadores, conseguem chegar a 5% (é a fase mais difícil, porque muitos pioneiros vacilam antes dos 5%); 2º) no segundo movimento do processo de mudança, de acordo com a pesquisa de Harvard, os 5%, geralmente desvalorizados como "xiitas", "charlatões", "raizeiros", "radicais", etc., etc., precisam da credibilidade, da respeitabilidade e da generosidade de 15% de líderes formais e informais que avalizem as novidades ou pelo menos façam o discurso de apoio ao que é novo ("eles são malucos, mas são sérios" ou "eles são malucos, mas o que os move não é maluquice"); 3º) depois do apoio "air-bag" dos 15% que complementam respeitabilidade à ousadia dos 5%, os menos atrasados dos 80%, como no caso das "bactérias oportunistas", passam a adotar as mudanças e a promovê-las.

Então, seja pela força de atração de 10% de "bactérias boas" que mobilizam as 80% "oportunistas" ou seja pela constatação de Harvard sobre os 80% que entram na onda mudancista por modismo, FICA A LIÇÃO DE FAZERMOS O QUE ESTÁ AO NOSSO ALCANCE, DO INDIVIDU-

AL PARA O COLETIVO, DO MICRO PARA O MACRO, DO LOCAL PARA O UNIVERSAL, DE 1% PARA 5%, DE 5% PARA 10%, DE 10% PARA 15%, DE 15% PARA 20%, DE 20% PARA 80%.

Assim caminha a Humanidade

É nas voltas que o mundo dá, existe uma teoria altamente favorável a mudanças na gestão de Águas e na gestão de Gente, porque pessoas sérias, éticas, cidadãos, espiritualizadas e empenhadas em Evolução estão em franco processo de rompimento com a ruindade, com a maldade, com a ineficácia, com a hipocrisia, com a exacerbação da antropocentria.

Esta teoria às vezes é identificada com o sofisticado nome de "Resonância Mórfica" ou "Sincronicidade Mórfica", mas comumente é chamada de "Teoria do Centésimo Macaco" ou "Síndrome do Centésimo Macaco" (há quem a coloque como uma experimentação do "Inconsciente Coletivo" de Jung).

Talvez confirmando a própria teoria, muitos estudiosos de comportamento humano, no final do século passado, falaram, ouviram, leram ou escreveram sobre macacos isolados em suas ilhas e adotando atitudes semelhantes a iniciativas de macacos que também estavam isolados em outras ilhas.

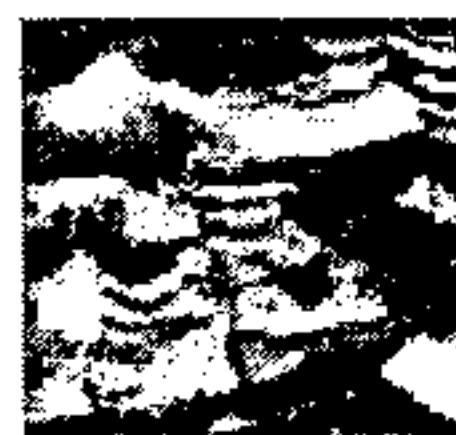
Alguns estudos falam de batatas que foram lavadas e outros falam de cocos que foram quebrados com pedras, mas todos se convergem para o fundamental: um dia, ao mesmo tempo, sem se comunicarem, macacos de todas as ilhas deixaram uma velha prática, um jeito antigo de ver, sentir e cuidar (comer batatas sujas de terra e ficar cuspidando ou quebrar cocos com os dentes e se machucarem) e passaram a praticar uma forma que não foi ensinada nem por humanos e nem por alguém da sua espécie. É COMO SE CADA UM (E POR ISSO TODOS) DÍSSESSEM: "CHEGA", "TÔ FORA", "FUI!", "MUDEI".

Aí está a grande probabilidade de êxito de uma rede cidadã pelas Águas: parece que chegou a hora, que tudo conspira a favor, que estamos no 99º macaco e que o 100º macaco completa os 5% da pesquisa de Harvard e os 10% das "bactérias boas".

"É preciso reunir religião e ciência, matemática e música, medicina e cosmologia, corpo, mente e espírito em uma inspirada e luminosa síntese."

Johannes Kepler





Sugestões de leitura e de endereços

(livros recomendados pelos autores para complementar e aprofundar o que foi exposto neste livro)

- Alice no País do Quantum – Robert Gilmore – Zahar Editores
- A Águia e a Galinha – Leonardo Boff – Vozes
- A Água nossa de cada dia – Ziraldo – Ministério do Meio Ambiente
- A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen – Eugen Herrigel – Editora Pensamento
- A Arte da Felicidade – Dalai-Lama – Martins Fontes
- A arte de viver em Paz – Pierre Weil – Editora Gente
- A conspiração Aquariana – Marilyn Ferguson – Record
- A Evolução Futura do Homem – Sri Aurobindo – Cultrix
- A Grande Síntese – Pietro Ubaldi – Ed. Lake
- A Linguagem Esquecida – Erich Fromm – Zahar Editores
- A Linguagem no Pensamento e na Ação – S. I. Hayakawa – Livraria Pioneira Editora
- A mudança de sentido e o sentido da mudança – Pierre Weil – Rosa dos Tempos
- A produção do fracasso escolar – Maria Helena Souza Patto – TAQ Editor
- A Quinta Dimensão – Vera Stanley Alder – Cultrix
- A Quinta Disciplina – Peter M. Senge – Best Seller
- A Teia da Vida – Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos – Fritjof Capra – Cultrix
- A Última grande lição – Mitch Albom – Sextante
- Ação Local – Augusto de Franco – Ágora
- Aion – Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo – C. G. Jung – Vozes
- Além do Ego – Roger N. Walsh e Frances Vaughan – Cultrix/Pensamento
- Alô senhor Deus: aqui é Ana – Fynn – Editora Martins Fontes
- Amando uns aos outros – Leo Buscaglia – Record
- Autogestão: uma mudança radical – Alain Guillermin e Yvon Bourdet – Zahar Editores
- Bíblia Sagrada – Edições Paulinas
- Caderno de Princípios de Proteção à Vida – Ministério do Meio Ambiente
- Ciência e Comportamento Humano – B. F. Skinner – Editora Universidade de Brasília
- Conceito Marxista do Homem – Erich Fromm – Zahar Editores
- Conversando com Deus – Neale Donald Walsch – Ediouro
- Criando Prosperidade – Deepak Chopra – Editora Best Seller
- Da riqueza das nações à ciência das riquezas – Renato Caporali – Editora Loyola
- Dalai-Lama uma Autobiografia – Dalai-Lama – Sextante
- Desenvolvendo a consciência para o Terceiro Milênio – Marsha Simetar – Nova Era
- Desenvolvimento ao Ponto Sustentável – Novos Paradigmas ambientais – Ricardo Braun – Vozes
- Desenvolvimento como Liberdade – Amartya Sen – Cia das Letras
- Ecologia: uma estratégia para a sobrevivência – Anne Chisholm – Zahar Editores
- Ecologia: política, teologia e mística – Leonardo Boff – Vozes
- Ecologizar, Pensando o Ambiente Humano – Maurício Andrés – Rona Editora

- Em Busca do Rosto do Homem – Luigi Giussani – Editora Nova Fronteira
- Eneagrama – J. G. Bennett – Editora Cultrix
- Energia Cósmica – Joseph Murphy – Nova Era
- Ensinando o Elefante a Dançar – James A. Belasco
- Espaço – Tempo e Além – Bob Toben e Fred A. Wolf – Editora Cultrix
- Espírito de Liberdade – Erich Fromm – Zahar
- Espiritualidade um caminho de transformação – Leonardo Boff – Sextante
- Ética & Educação – Renato Caporali – Gryphus
- Ética e Cidadania – Herbert de Souza e Carla Rodrigues – Editora Moderna
- Ética nas Empresas – Laura L. Nash – Makrou Books
- Eu Robô – Isaac Asimov – Editora Expressão e Cultura
- Evolução da Vida – Catherine Jarman – Editora Melhoramentos
- Guia Ecológico Doméstico – Maurício Waldman, Dan Schneider – Contexto
- Guia para o Planeta Terra – Art Sussman – Cultrix-Amana-Key
- Indivíduo na Organização – Jean-François Chanlat – Atlas
- Introdução à Visão Holística – Roberto Crema – Ed. Summus Editorial
- Introdução ao Zen-Budismo – D. T. Suzuki – Editora Cultrix
- Liberdade para Aprender – Carl R. Rogers – Interlivros
- Lições sobre amar e viver – Morrie Schwartz – Sextante
- Livro da Sabedoria – Dalai-Lama – Martins Fontes
- Livro das Revelações – Eduardo Castor Borgonovi – Editora Alegre
- Massa e Poder – Elias Canetti – Cia. das Letras
- Megatrends 2000 – John Naisbitt e Patrícia Aburdene – Amana-Key Editora
- Mensagem do outro lado do mundo – Marlo Morgan – Rocco
- Mobilização Social – José Bernardo Toro e Nísia Werneck
- Mundo, Homem e Deus – Pierre Teilhard de Chardin – Editora Cultrix
- Nascimento da Era Caórdica – Dee Hock – Cultrix-Amana-Key
- O Amor é contagioso – Patch Adams – Sextante
- O Amor pode dar certo – Leo Buscaglia – Record
- O Caminho da Tranquilidade – Dalai-Lama – Sextante
- O colapso do Universo – Isaac Asimov – Livraria Francisco Alves Editora
- O Corpo fala – Pierre Weil – Editora Vozes
- O Espírito de Liberdade – Erich Fromm – Zahar Editores
- O Espírito vem pelas Águas – Marcelo Barros – Editora Rede
- O Homem e seus campos energéticos – Rui Vaz da Costa – Ediouro
- O Paradigma Holográfico – Ken Wilber, Karl H. Probram, Fritjof Capra e outros – Cultrix
- O Poder do Mito – Joseph Campbell – Associação Palas Athena
- O Ponto de Mutação – Fritjof Capra – Cultrix
- O Sentido da vida – Dalai-Lama – Martins Fontes
- O Tao da Física – Fritjof Capra – Editora Cultrix
- O Universo numa casca de noz – Stephen Hawking – Arx
- Organizações e Tecnologias para o Próximo Milênio – Pierre Weil – Rosa dos Tempos
- Os Ciclos de Vida das Organizações – Ichak Adizes – Editora Pioneira
- Os donos do Poder – Raymundo Faoro – Editora Globo
- Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos – Leonardo Boff – Vozes
- Palavras de Sabedoria – Dalai-Lama – Sextante
- Passos de Gigante – Anthony Robbins – Record
- Pequeno Tratado das Grandes Virtudes – André Comte-Sponville – Editora Martins Fontes
- Ponto de Ruptura e Transformação – George Land, Beth Jarman – Cultrix
- Profecia Celestina – James Redfield – Editora Objetivas
- Quatro Gigantes da Alma – Mira y Lopes – Livraria José Olímpio
- Recursos hídricos: Uma questão de cidadania – Paulo Afonso Romano – Ministério do Meio Ambiente

- Rumos à Nova Transdisciplinaridade – Pierre Weil , Ubiratan D’Ambrosio, Roberto Crema – Summus Editorial
- Sabedoria Incomum – Fritjof Capra – Editora Cultrix
- Saber Cuidar – Leonardo Boff – Vozes
- Seis Propostas para o Próximo Milênio – Italo Calvino – Companhia das Letras
- Senso de Deus e o Homem Moderno – Luigi Giussani – Nova Fronteira
- Sobre a brevidade da vida – Sêneca – Nova Alexandria
- Tecnologias e Organizações para o Século XXI – Pierre Weil – Rosa dos Tempos
- Tempo de Transcendência – Leonardo Boff – Sextante
- Todas as vezes que dissemos adeus (Orê Awê Róiru’a ma) – Kaka Werá – Fundação Phitoervas
- Transformando a Mente – Dalai-Lama – Martins Fontes
- Tudo que eu devia saber na vida aprendi no Jardim-de-Infância – Robert Fulghum – Editora Best Seller
- Um novo referencial para a Ação Social do Estado e da Sociedade – Ruth Cardoso, Augusto de Franco e Miguel Darcy – Comunidade Solidária
- Um Sentido para a Vida – Viktor Frankl – Editora Santuário
- Uma Ética para o Terceiro Milênio – Dalai-Lama – Martins Fontes
- Uni em-verso – Jean Claude Oby e Andréa Mundim Veloso – Be One
- Viagem à Cidade do Conhecimento – Daniel Hakin – Projeto ômega-Alfa
- Viver, amando e aprendendo – Leo Buscaglia – Record

Sugestões de Internet

(extraídas do “Livro das Revelações”, de Eduardo Castor Borgonovi, editora Alegro)

- www.berkeley.edu
- www.mysticfire.com
- www.globalvillage-it.com
- www.gravity.org.br
- carina.astro.cf.ac.uk/pub/Miguel.Alcubierre
- www.ozemail.com.au/~jpi/issue4/ar192.html
- www.sheldrake.org
- enfolded.net/morphic_resonance.htm
- www.metatron.se/asith.html
- www.greatdreams.com/gem1.htm
- www.greatdreams.com/mayan.htm
- www.mind.net/maps/htmlb/hunab.htm
- www.via-rs.com.br/joaoXXXIII/maias.htm
- www.dreamscape.com/morgana/thalass2.htm
- www.dnai.com/~gtt
- www.quiron.com.br/ciencia.htm
- www.ediblebrain.com/pageone.htm
- www.geocities.com/Vienna/2809/psicho.htm
- www.stradrive.org
- www.lerc.nasa.gov/WWW/PAO/warp.htm
- www.math.tu-berlin.de/~frommlet/bohm.html
- www.stanford.edu
- www7.zaz.com.br/portodoceu
- www.usd.edu/~tgannon/jung.html
- www.astrology-world.com/kepler.html

- www.kepler.arc.nasa.gov/johannes.html
- www2.jst.go.jp/erato/project/ihh_P/ihh_p.html
- www.stanford.edu/dept/news/relaged/930210Arc3408.html
- jilawww.colorado.edu/bec/
- cnn.com/TECH/9801/07/black.hole/
- www.pufori.org/news/pressrelease39.htm
- www.dorsai.org/~mkaku/mk-faq.html#FAQ
- www.fireplugnet/~rshand/reflections/vietnam/su mover.html
- www.muc.de/~heuvel/bohm
- www.igc.org/shavano/html/bohm.html
- www.phys.port.ac.uk/fpweb/index/htm
- www.panspermia.com
- www.farshore.force9.co.uk/riap.htm
- www.admin.uiuc.edu/NB/96.08/20archaea.html
- earthsky.worldofscience.com/1996/es961001.html
- www.accessexcellence.org/WN/SUA08/arch896.html
- www.ufo.com.br
- virtualand.net/ufo/ufo1.html
- www.angelfire.com/fl/ufomiami
- www.iands.org
- www.iipc.org.br
- www.arrakis.es/~epujol/ufo/ufo-es
- www.science.nasa.gov/newhome/headlines/prop06apr99_2.htm
- www.science.nasagov/newhome/headlines/prop20apr99%5F1.htm
- www.science.nasa.gov/newhome/headlines/prop15apr99%5F1.htm
- www.vigilia.com.br
- www.lachatre.com.br/alquimi3.htm
- www.facim.org
- nen.sedona.net/circleofa
- www.spacesbetweenthings.com
- www.xs.4all.nl/~wichm/presence.html
- www.miracles-course.org/Miracles5ab.html
- www.geocities.com/TelevisionCity/Set/2259
- victorian.fortunecity.com/carmelita/548/sjoao.htm
- www.vtf.de; www3.eu.spiritweb.org/
- www.epiic-2007.com/paranormale
- www.xs4all.nl/~wichm/fearon.html
- www.psisci.force9.co.ukcome.to/Seip
- www.asahi-net.or.jp/~QRT7S/TMYM
- perso.club-internet.fr/piouini/
- lienpwebcamgb.htm
- www.geocities.com/Athens/Acropolis/9045/index.html
- www.seti-inst.edu
- www.jpl.nasa.gov/galileo
- angels4peace.com
- www2.uol.com.br/her/ani
- www.avesta.org/angels.html
- www.bibleinfo.com/~bibline/info/angels.html
- www.jcf.org
- www.hvf.org.uk
- www.sathyasai.org

- www.valoreshumanos.org
- www.ozemail.com.au/~barelds/index.html
- www.anomalous-images.com
- www.skyenet.net/~teash/life.html
- cannon.sfsu.edu/~augustine/arch/frear/rutler97.htm
- www.phy.syr.edu/courses/modules/SETI/SEARCH/index.html

"Se o Senhor/não guarda a cidade, em vão vigiam os sentinelas."
Salmo 127



Endereços para mais informações relacionadas a este livro:

Telefax: (0xx31) 3481-1188

E-mail: central@voluntarios-mg.org.br

www.voluntarios-mg.org.br



Instituto de Resultados
em Gestão Social



*Gente
cuidando
das águas.*

CENTRO DE INFORMACION DE RECURSOS HIDRICOS



3 5617 00011 8653